

UNIOESTE – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PR
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS – CCA
PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM DESENVOLVIMENTO RURAL
SUSTENTÁVEL

ALESSANDRO FARIA ARAÚJO

ESPAÇO HEDÔNICO:
CONVERGÊNCIAS UTÓPICAS ENTRE A ECONOMIA SOLIDÁRIA
E O TURISMO RURAL

MARECHAL CÂNDIDO RONDON

2024

ALESSANDRO FARIA ARAÚJO

**ESPAÇO HEDÔNICO:
CONVERGÊNCIAS UTÓPICAS ENTRE A ECONOMIA SOLIDÁRIA
E O TURISMO RURAL**

Tese apresentada à Banca de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável do Centro de Ciências Agrárias da Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Desenvolvimento Rural Sustentável.

Linha de pesquisa: Inovações Sócio-Tecnológicas e Ação Extensionista

Orientadora: Professora Doutora Rosilene de Fátima Fontana

Coorientador: Professor Doutor Rosalvo Schütz

MARECHAL CÂNDIDO RONDON

2024

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

FARIA ARAÚJO, ALESSANDRO
ESPAÇO HEDÔNICO: CONVERGÊNCIAS UTÓPICAS ENTRE A ECONOMIA
SOLIDÁRIA E O TURISMO RURAL / ALESSANDRO FARIA ARAÚJO;
orientador Rosislene de Fátima Fontana; coorientador Rosalvo
Schütz. -- Marechal Cândido Rondon, 2024.
216 p.

Tese (Doutorado Campus de Marechal Cândido Rondon) --
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências
Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural
Sustentável, 2024.

1. Economia Solidária. 2. Turismo Rural. 3. Convergências
Utopias. 4. Sustentabilidade. I. de Fátima Fontana,
Rosislene, orient. II. Schütz, Rosalvo, coorient. III.
Titulo.



ALESSANDRO FARIA ARAUJO

ESPAÇO HEDÔNICO: CONVERGÊNCIAS UTÓPICAS ENTRE A ECONOMIA SOLIDÁRIA E O TURISMO RURAL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento Rural Sustentável, área de concentração Desenvolvimento Rural Sustentável, linha de pesquisa Inovações Sociotecnológicas e Ação Extensionista, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Rosislene de Fátima Fontana'.

Orientador(a) - Rosislene de Fátima Fontana

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Evandro Alves Barbosa Filho

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Romilda de Souza Lima

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Alvori Ahlert

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Bortolo Valle
Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Manoela Salau Brasil
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Marechal Cândido Rondon, 30 de setembro de 2024

Esta tese é dedicada a
Hamza Mustafa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Capes pela Bolsa de Demanda Social, que tornou possível a realização desta tese. Trabalho, em sua origem, coletivamente organizado por um projeto universitário e intersetorial, para a construção de uma rota de turismo rural, dentro do programa de 'Desenvolvimento do Turismo Rural Regional no Oeste do Paraná'. Inicialmente organizado como uma pesquisa de campo. No entanto, essa possibilidade de trabalho de campo, extensivo e de pesquisa-ação, seria atravessada pela pandemia de Covid-19, delatada em 2019. Tornando *online* o programa stricto-senso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável da Unioeste, iniciado em março de 2020. Desta forma, deixaria a orientação da excelentíssima Profa. Dra. Luciana Fariña, a qual, junto ao Prof. Dr. Jerry Johann, eram responsáveis pelo projeto da rota, aos quais agradeço a deferência com o projeto. A excelência multidisciplinar desta farmacêutica e engenheira de alimentos, docente e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas, a tornaria responsável pelos exames da Covid-19, executadas no laboratório farmacêutico universitário, dentro da cidade universitária da Unioeste de Cascavel, impossibilitando a continuidade de sua orientação.

Ora, o encontro das sociotecnologias da economia solidária e do turismo rural já se fazia evidente nos trabalhos executados dentro da propriedade. Com espaço museológico a rituais de medicina indígena. A pesquisa elaborada para a construção do projeto da rota, mostraria a necessidade prática dessa interseção, dadas as carências de gestão e associatividade relatadas nos projetos de turismo rural desde 2008. Nesse sentido, o roteiro de campo tornar-se-ia um roteiro teórico sobre a interseção entre a economia solidária e o turismo rural.

Enfim, seria demasiado auspicioso a orientação de uma professora da área de Turismo e Hospitalidade, docente do curso de Turismo Rural dentro do PPG.DRS, de

Marechal Cândido Rondon, Profa. Dra. Rosislene de Fátima Fontana. Sempre uma lição de hospitalidade e carinho, à qual agradeço profundamente. E, não menos decisivo para encaminhar este novo roteiro, seria aliar a coorientação do Professor Rosalvo Schütz, também filósofo como o autor, com atuação e bibliografia consolidada sobre economia solidária, mas também sobre utopia.

Desta forma podendo ter a honra de trabalhar com dois expoentes das diferentes ciências da interseção aferida. Ainda quando não imaginava que a utopia pudesse entrar neste trabalho. Dado que o mais importante para a tese era trazer as sociotecnologias da economia solidária e do turismo rural, que pudessem oferecer apoio solidário e sociotécnico aos proprietários e seus empreendimentos na região. Bem como trazer novas pesquisas sobre turismo rural e economia solidária, sendo que esta última, aparece somente uma vez nas teses e dissertações desenvolvidas pelo programa.

Portanto, a tese não deixaria de abordar a linha das inovações sócio-tecnológicas, mesmo porque, no desenvolvimento dos estudos sobre estas ciências, puderam ser evidenciadas outras interseções e convergências entre a economia solidária e o turismo rural. Relações que no estudo de princípios e conceitos histórico-filosóficos do turismo e do turismo rural, da economia ou da economia solidária, não deixaram de trazer suas inspirações e figurações utópicas, que acabariam por definir as convergências utópicas que unem estas ciências. Finalmente, o espaço hedônico, na verdade, não passa de um truísmo para validar esta convergência num outro plano de interseção, como espaço coletivo, afetivo e multidisciplinar, qual se apresentou no discurso do turismo de base comunitária.

Isto posto, em primeiro lugar devo agradecer à Professora Doutora Luciana Oliveira Fariña, responsável, junto com o Professor Dr. Jerry Johann, pela rota de turismo rural. Agradecer à pessoa do Mestre Artesão Ronaldo José Moreira, ex-conselheiro nacional de economia solidária, devido ao entendimento da prática da utopia da economia solidária dentro do espaço do turismo rural, a partir de políticas públicas

de estado de direito. Agradecer minha orientadora e meu coorientador já nomeados, para agradecer o Professor Wilson João Zonin, coordenador do programa à época, o qual possibilitou todas as mudanças de orientação e direcionamento teórico do trabalho de forma hedônica. Todas nossas conversas foram demasiadamente animadoras, não havia como fugir deste roteiro inesperado, mas igualmente profícuo. Agradecendo o Professor Zonin, estendo minha profunda gratidão à secretária do programa Lizete, uma verdadeira amiga nesta batalha. E, agradeço ao seu orientando de doutoramento Fábio Corbari, cujos trabalhos em conjunto com o Professor Zonin, contribuíram para a construção do último artigo deste autor dentro deste doutoramento, *Agroecologia, autofagia e reciclagem*. Dentre os outros cinco artigos elaborados neste espaço de tempo do programa.

Gratidão imensa às pesquisadoras da Unioeste e das diferentes universidades, que fizeram o trabalho de varredura histórica dos processos ligados ao turismo rural no oeste do Paraná e, desta forma, estruturaram o caminho dessa rota de turismo rural. Agradeço à Fernanda Cristina Sanches, Mestre em Ciências Ambientais pela Unioeste e sua coorientadora, Dra. Carla Maria Schmidt, docente do curso de graduação em Secretariado Executivo da Unioeste. Agradeço à Marinalva Tomio, doutora em Engenharia da Produção e docente do Programa de Pós-graduação em Administração e Ciências Contábeis da Universidade Regional de Blumenau, que escreveria, junto com a Profa. Dra. Carla Schmidt, o artigo *Governança e ações coletivas no turismo regional: a experiência dos empreendedores da região oeste do Paraná*. Gratidão à turismóloga Jéssica Becker da Luz, a qual em sua dissertação *Análise do potencial turístico agroindustrial familiar rural: implantação de rotas*, para o PPG.DRS, apresenta os caminhos de pesquisa necessários para a construção dessa rota, desde o georreferenciamento, emplacamento das propriedades com as insígnias turísticas, além das entrevistas com alguns empreendedores da rota, registrados por estes trabalhos.

Para contribuir com o esforço de tantos colegas acadêmicos na estruturação desta rota, escreveria o artigo *Perfil socioeconômico e estrutural em rota de turismo rural*, ao qual me reporto, para agradecer à colega de doutorado Marcia Hanzen, que realizou a estruturação dos questionários *online*, única maneira de colher estes dados naquela época de pandemia. Dentro do meio acadêmico ainda agradeço ao Professor Alvory Ahlert, suplente da coordenação deste programa, pessoa agradabilíssima, sempre disposto a ajudar com textos riquíssimos. Assim agradeço seu orientando Emerson Ferreira da Silva, por sua pesquisa inspiradora e necessária a este trabalho *Entre ideologias e utopias: visões de mundo dos agricultores agroecológicos do Assentamento Celso Furtado em Quedas do Iguaçu-PR*. Gratidão aos docentes e ao Prof. Dr. Armim Feiden, atual coordenador do PPG.DRS. Fora do corpo docente, mais *supra familiares*, quero ter a honra de agradecer dois docentes que tornaram tudo mais fácil no caminho deste roteiro de doutorado. Os amigos de turma, o *Hermano* Gustavo Apablaza e Márcio Lopes, que não só confiaram no meu trabalho, mas puderam confiar e respeitar minha amizade, melhor que eu poderia ter feito por eles. Esses utópicos!

E, finalmente, fora do âmbito acadêmico, quero agradecer profundamente cinco pessoas demasiado especiais, sem às quais neste último momento difícil da concretização deste doutorado', me possibilitariam uma estrutura familiar e afetiva mínima para que pudesse chegar ao fim deste trabalho. Dado que, diferentemente do 'ambiente familiar afetivo' de um Ricardo Abramovay, somente no período deste doutorado, sofreria duas tentativas de agressão e duas ameaças contra a minha vida e de meu parceiro na época, por homofobia. Agradeço ao excelentíssimo Professor Bortolo Vale, professor e coordenador de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, amigo sempre fiel e generoso. E gratidão à figura histórica do umuaramense Augusto Silva Leber, executando a correção ortográfica de minha tese, iluminando meus vícios de linguagem e aceitou, com a alegria que lhe é peculiar, compor a apresentação

desta tese. Por último agradeço a toda utopia que conduz, raspando no asfalto, a vida de todo excluído.

“Enquanto não estivermos compromissados, haverá hesitação, a possibilidade de recuar e, sempre, a ineficácia. Em relação a todos os atos de iniciativa (e de criação), existe uma verdade elementar – cuja ignorância mata inúmeros planos e ideias esplêndidas: que no momento em que definitivamente nos compromissamos, a providência divina também se põe em movimento.

Todos os tipos de coisas ocorrem para nos ajudar, que em outras circunstâncias nunca teriam ocorrido. Todo um fluir de acontecimentos surge a nosso favor. Como resultado da decisão, todas as formas imprevistas de coincidências, encontros e ajuda material, que nenhum homem jamais poderia ter sonhado encontrar em seu caminho. Qualquer coisa que você possa fazer ou sonhar você pode começar. A coragem contém, em si mesma, o poder, o gênio e a magia.”
Goethe¹

“A natureza deve ser o espírito visível e, o espírito, a natureza invisível.”
Schelling²

“El reto del bien vivir, que en gran medida estará asociado al tema del trabajo, tendrá que resolverse por el lugar que se otorga ao trabajo humano no simplemente para producir más, sino para vivir bien.”
Corragio³

¹ IRVING, Marta de Azevedo; AZEVEDO, Julia. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002, p. 13.

² GORRESIO, Zilda. **Da natureza e do inconsciente coletivo**. São Paulo: JUNGUIANA, v. 35, n. 2, 2017, p. 4.

³ CORAGGIO, José Luis. **Economía social y solidaria: el trabajo antes que el capital**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2011, p. 20.

RESUMO

ARAUJO, Alessandro Faria. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Dezembro – 2024. **Espaço Hedônico: Convergências Utópicas Entre a Economia Solidária e o Turismo Rural.** Orientadora Prof.^a Dr.^a Rosislene de Fátima Fontana, Coorientador: Prof. Dr. Rosalvo Schütz.

A tese investiga a interseção entre a economia solidária e a ruralidade do lazer, explorando suas convergências sociotecnológicas e utópicas, com foco no turismo rural e em projetos de economia solidária, como iniciativas no Oeste do Paraná e intercontinentais, incluindo o Sibateando, paróquias rurais, turismo voluntário e adoção de terraços. Partindo de bases conceituais como solidariedade e ruralidade, o estudo analisa a relação entre utopia e ruralidade, recorrendo a referências mitológicas e literárias, como o Enuma Elish, Trabalhos e Dias de Hesíodo, e as Bucólicas e Geórgicas de Virgílio, além de pensadores como Polanyi, Thomas More, Owen e Kautsky, que discutem a utopia como um “real que falta”. A pesquisa também aborda o conceito de espaço hedônico e locus amoenus, conectando-o ao Desenvolvimento Rural Sustentável (DRS) e ao Turismo de Base Comunitária (TBC), propondo reflexões sobre a construção de espaços de prazer e bem-estar no contexto rural. Os resultados destacam a viabilidade e os impactos das práticas de economia solidária e turismo rural, apontando para a necessidade de políticas que integrem esses conceitos como ferramentas para o desenvolvimento sustentável e a promoção da ruralidade. Conclui-se que a convergência entre economia solidária e ruralidade do lazer oferece caminhos promissores para sociedades mais justas e sustentáveis, alinhadas com princípios utópicos e hedônicos.

Palavras-chave: Economia Solidária; Turismo Rural; Convergências Utópicas; Sustentabilidade.

ABSTRACT

ARAUJO, Alessandro Faria. State University of Western Paraná – UNIOESTE, December – 2024. **Hedonic Space: Utopian Convergences Between Solidarity Economy and Rural Tourism. Advisor.** Prof. Dr. Rosislene de Fátima Fontana, Co-advisor: Prof. Dr. Rosalvo Schütz.

This thesis investigates the intersection between solidarity economy and the rurality of leisure, exploring their sociotechnological and utopian convergences, with a focus on rural tourism and solidarity economy projects, such as initiatives in Western Paraná and intercontinental efforts, including Sibateando, rural parishes, volunteer tourism, and terrace adoption. Starting from conceptual foundations like solidarity and rurality, the study analyzes the relationship between utopia and rurality, drawing on mythological and literary references such as the Enuma Elish, Hesiod's Works and Days, and Virgil's Eclogues and Georgics, as well as thinkers like Polanyi, Thomas More, Owen, and Kautsky, who discuss utopia as a "missing reality." The research also addresses the concept of hedonic space and locus amoenus, connecting it to Sustainable Rural Development (SRD) and Community-Based Tourism (CBT), proposing reflections on the construction of spaces of pleasure and well-being in rural contexts. The results highlight the feasibility and impacts of solidarity economy and rural tourism practices, pointing to the need for policies that integrate these concepts as tools for sustainable development and the promotion of rurality. It concludes that the convergence between solidarity economy and the rurality of leisure offers promising pathways for more just and sustainable societies, aligned with utopian and hedonic principles.

Keywords: Solidarity Economy; Rural Tourism; Utopian Convergences; Sustainability.

Índice de ilustrações:

Figura 1.: New Lanark e os ODS	8
Figura 2.: Arado figurado em Geórgicas de Virgílio.....	15
Figura 3.: Localização e algumas propriedades do projeto 'Desenvolvimento do Turismo Rural Regional no Oeste do Paraná'	48
Figura 4.: Localização de Sibateando.....	53
Figura 5.: Parroquia rural San José.....	58
Figura 6.: Ilhas do Havaí	62
Figura 7.: Terraços de Valstagna.....	68
Figura 8.: Paisagem arcade com divindades, de Thomas Barker.....	133

Índice de quadros:

Quadro 1.: Situação dos ODS.....	8
Quadro 2.: Estrutura da tese e procedimentos metodológicos	78
Quadro 3.: Conceitos espelhados na economia solidária.....	194
Quadro 4.: Turismo alternativo.....	195

Índice de tabelas:

Tabela 1.: Parâmetros e artigos da WOS	180
Tabela 2.: Etnias e coletivos do Turismo de Base Comunitária.....	188

Lista de abreviaturas e siglas:

AGRO - Agronegócio

CUT – Central Única dos Trabalhadores

ECOSOL - Economia solidária

EUA – Estados Unidos da América

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

FAO – Food and Agriculture Organization

LIBERSOL - Rede Libersol de Economia Solidária e Saúde Mental

MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens

MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário

MINTUR – Ministério do Turismo

MPA – Movimento dos Pequenos Agricultores

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra

ONU – Organização das Nações Unidas

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

PAA – Programa de Aquisição de Alimentos

PIB – Produto Interno Bruto

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

PPG.DRS - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
 PT – Partido dos Trabalhadores
 PUC/PR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná
 PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
 SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária
 TBC – Turismo de Base Comunitária
 TV – Turismo Voluntário
 UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 UFPR – Universidade Federal do Paraná
 UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
 WOS – Web of Science
 WWOOF – World Wide Opportunities on Organic Farms

Sumário:

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I SOLIDARIEDADE DA ECONOMIA E RURALIDADE DO LAZER	20
PARTE 1 Solidariedade da economia e ruralidade do lazer	23
Solidariedade	23
PARTE 2 Convergências sociotecnológicas.....	39
2.1 Turismo rural e economia solidária em projetos no Oeste do Paraná	42
2.2 Economia solidária e turismo rural intercontinental.....	49
2.2.1. Parâmetros Sistêmicos.....	50
2.2.2 Sibateando.....	53
2.2.3 Parroquias rurales	58
2.2.4 Turismo voluntário	62
2.2.5 Adoção de terraços	67
.....	67
PARTE 3 Metodologia	72
3.1. Contingências da pesquisa	74
3.2. Procedimentos metodológicos.....	75
CAPÍTULO II CONVERGÊNCIAS UTÓPICAS.....	81
PARTE 1 Utopia rural	83
1.1 Mitologia, literatura, trabalho e descanso	84
1.1.1 <i>Enuma elish</i>	86
1.1.2 Trabalhos e dias	91
1.1.3 Bucólicas e Geórgicas	97
PARTE 2 Questão agrária e utopia.....	105

2.1 A utopia é o real que falta.....	107
2.2 Polanyi e More	112
2.3 Owen e Polanyi	118
2.4 More e Kautsky	123
2.4.1 A conjuntura antes de More.....	124
2.4.2 Mais de More.....	126
2.4.3 Utopia por Kautsky	127
CAPÍTULO III ESPAÇO HEDÔNICO	130
PARTE 1 Espaço hedônico e <i>locus amoenus</i>	133
PARTE 2 Utopia, DRS e TBC	136
RESULTADOS E DISCUSSÕES	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS	190
REFERÊNCIAS	204

APRESENTAÇÃO

CONVERGÊNCIAS ENTRE VIDA E OBRA

No fim dos anos 80, mais precisamente em 1989, eu tinha uma banca de Revistas na área central de Umuarama, Pr. E passava os dias vendendo livros, revistas e periódicos, teclando minha máquina de escrever em escritos da juventude. No período noturno eu estudava na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Umuarama. Foi nessa época que eu conheci o Alessandro Faria Araújo. Ele estava em férias de seus estudos e em visita à família; minha banca de revistas ficava em frente à residência dos pais dele. Conversamos entusiasmados, principalmente sobre Literatura, numa identificação própria dos que seguem o caminho das artes e do conhecimento. E emprestei a ele o romance de formação “Demian” do escritor Herman Hesse. E ele leu muito rápido, devolvendo-me o exemplar no dia seguinte, ocasião em que conversamos sobre nossos gostos literários e referências essenciais.

Fiquei décadas sem saber do Alessandro. Até reencontrá-lo morando novamente em Umuarama, maduro e aguerrido, materializando, através de sua atuação na economia solidária e em seus estudos de convergências utópicas, todo um caminho de luta. Sua história como pesquisador estava mais que consolidada e pudemos retomar nossos colóquios sobre Arte, Cultura e Educação.

Na história do Alessandro Araújo é imprescindível lembrar que o coletivo DASDOIDA, em São Paulo, foi o movimento social, através do qual em sua militância, ele pode reprogramar sua nova vida a partir do trauma de um espancamento sofrido por homofobia. Um espelho real e trágico em que ele se refletiu como o intelectual e professor que viria a ser. A OAB tinha aberto o primeiro curso de direito homoafetivo de São Paulo. E o Alessandro, inspirado na obra de Hélio Oiticica, fez impressões através de serigrafia em lençóis de um hospital psiquiátrico e, trajando-se com esse parangolé, ministrou a aula inaugural em 2008.

Mas foi na Estância Faísca, 2019 até 2021, em Cascavel -Pr. a experiência utópica de aplicação destes estudos. A Estância Faísca, firmara-se como uma pousada e empreendimento de turismo, enquanto projeto da UNIOESTE, compondo uma rota de turismo rural. Durante 2 anos, a propriedade passou por todo o processo de georreferenciamento, emplacamento, cadastro de rota de turismo rural e museu do inconsciente. Toda essa experiência foi determinante no avanço do trabalho que o leitor hora tem em mãos.

E o que mais importa dizer, nesta breve apresentação do percurso do Alessandro, é que ele manteve aquela mesma gana pelas informações mais pertinentes à nossa época, a saber: água limpa, alimentos sem veneno e comprometimento com as lutas sociais. E ao fim de seu Doutorado, ele devolve à Academia um percurso de indagações e respostas fundamentais sobre Espaço hedônico: convergências utópicas entre economia solidária e turismo Rural.

Vejo agora, sob o bom augúrio daquela primeira conversa que tive com o Alessandro Faria Araújo, há mais de 3 décadas, que o amor ao conhecimento, à literatura, às artes e à humanidade, em nós só fez aumentar. E, num processo natural, desejo que este trabalho desperte em outros alunos e pesquisadores esta mesma sede por saberes.

Augusto Silva Leber (Escritor, Poeta e Roteirista de Histórias em Quadrinhos)

INTRODUÇÃO

“Esse alargamento do horizonte marítimo responde aliás a uma exigência muito imperiosa: o desenvolvimento demográfico dispõe os problemas dos cereais de maneira tão mais ampla que a agricultura helênica tende doravante a favorecer as culturas mais lucrativas, como a vinha e a oliveira, cujos produtos podem ser, por sua vez, exportados e trocados” (Vernant, 2000, p. 57).

Trabalho e lazer

Não muito diverso do momento atual, tenha em mente que o período arcaico grego, após o período homérico, portanto entre os séculos VIII e VI a.C., acontecia um excedente no desenvolvimento demográfico que demandava uma agricultura eficiente e lucrativa. Em uma sociedade que possuía “a concentração de propriedade territorial em pouquíssimas mãos” (op. cit., p. 58). Já a partir do século XX, a humanidade, em geral, sobrevive aos estertores do que foi chamado de ‘explosão demográfica’, que se estende até o momento sob diversas formas.

Nesta toada, de acordo com a Agência de Transporte do Estado de São Paulo (Artesp), somente na Páscoa de 2022, em torno de 4 milhões de veículos trafegaram pelas rodovias de São Paulo e o Ministério do Turismo informou que mais de 1,3 milhão de pessoas passaram pelos principais aeroportos do país. Deixando claro e evidente que *trabalho* e *lazer* são condicionantes inexoráveis da dinâmica do movimento de massa, nessa civilização em que, historicamente, apenas um por cento da população ‘trabalha brincando’. E, se esta ‘quadratura do círculo’ é estruturalmente elitista, para todo o resto, a dicotomia é acirrada, oposicionista e, numa acepção hodierna: polarizada, quadrática e burocrática.

“A Revolução agrícola conseguiu historicamente resolver a quadratura do círculo que consistia em aumentar a produção com uma contribuição cada vez menor do trabalho humano e por isso foi exaltada como verdadeiro modelo de progresso econômico e técnico. Seu vertiginoso declínio, a partir de 1870, e com ele a redução do imenso poder até ali detido pela aristocracia fundiária revela o calcanhar de aquiles do próprio modelo tripartite de organização social da agricultura” (Abramovay, 1992, p. 171).

O trabalho agrícola tentou, mas não ter ido por um caminho sustentável fez o caldo de qualquer empreendimento, literalmente, entornar quadrado. Estabelecendo-se, portanto, no cotidiano, nos serviços, na mídia, no marketing, na novela, uma noção de trabalho, em completa oposição a tudo que é relativo ao prazer. E, em uma época de trabalho remoto, as fronteiras se esvanecem e a desproporção entre o tempo de trabalho e descanso se amplia, mormente em detrimento do lazer, trabalha-se sempre muito mais por cada vez menos ganhos ou momentos de sossego.

“Uma estranha loucura se apossou das classes operárias das nações onde reina a civilização capitalista. Esta loucura arrasta consigo misérias individuais e sociais que há dois séculos torturam a triste humanidade. Esta loucura é o amor ao trabalho, levado até o esgotamento das forças vitais do indivíduo e da sua progenitora. Em vez de reagir contra esta aberração mental, os padres, os economistas, os moralistas sacrossantificaram o trabalho” (Lafargue, 1977, p. 15).

“Para aceitar como uma boa chance a chegada de um mundo onde a produção de alimentos e de objetos necessários possa ser facilmente providenciada pelas máquinas com alto nível de automação, é preciso superar a loucura do trabalho, aquela que Paul Lafargue via como a doença do tempo burguês.” (Albornoz, 2004, p. 95)

Neste sentido, pode-se argumentar, arrazoar ao menos, que a superação do trabalho como doença e sintoma, pode encontrar na economia solidária em associação com o turismo rural, representando respectivamente, e de forma distinta, trabalho e lazer. E, assim, remediar o trabalho e reconfigurar uma espécie de resolução da ‘quadratura do círculo’, na leitura do ‘trabalho com o lazer’, retomando a questão clássica e metafórica, cara aos gregos. Ainda que, tendo sido provada a ‘transcendência

de π , por um matemático alemão em 1882 e mostrada a impossibilidade da irrisolução do caso, como formulado à época (Quadratura do círculo, 2024). De toda forma, a questão é resolvida de outras maneiras e a metáfora continua intacta. Dado que, de um lado, o trabalho na economia solidária não deveria abdicar de momentos de satisfação e reconhecimento dos limites pessoais. E, do outro lado, o lazer do turismo rural, se não é mesmo uma outra forma de trabalho, é certamente estruturado sobre intensiva lida cotidiana.

“O sertanejo, diante da inclemência do tempo, vive, permanentemente, com a atenção voltada para chuvas, invernos, açudes cheios, saída de rama, nascimento de babugem, crescimento de pastos, [...] o pescoço fica duro de tanto espiar pro céu procurando relâmpago.” (Ferreira, 1999, p. 87)

De alguma forma se apresenta que, para estas duas ciências a oposição radical entre trabalho e lazer não determinaria, por assim dizer, limites tão bem definidos. Como também parece apontar o fascinante aforisma do economista argentino, escritor do livro *Economía social y solidaria*, José Luiz Coraggio (2011, p. 20), usado como epígrafe desta tese, “El reto del bien vivir, que en gran medida estará asociado al tema del trabajo, tendrá que resolverse por el lugar que se otorga ao trabajo humano no simplemente para producir más, sino para vivir bien”. E é incrível como ‘ressoa’ que esse lugar, poderia ser, sobretudo, um lugar turístico.

“O Bem Viver, que surge de visões utópicas, está presente de diversas maneiras na realidade do ainda vigente sistema capitalista – e se nutre da imperiosa necessidade de impulsionar uma vida harmônica entre os seres humanos e deles com a Natureza: uma vida centrada na autossuficiência e na autogestão dos seres humanos vivendo em comunidade.” (Acosta, 2016, p. 51)

Pode-se inferir, a partir das suas especificidades que, a economia solidária como forma de produção de valor não capitalista, configura em si, uma forma distinta de trabalho. E, por sua vez, o turismo rural, distinto do turismo em geral, trabalha com a

construção de um espaço ideal de lazer. Ademais, se não há problemas em se relacionar a noção de trabalho ao turismo rural, de outra maneira, a experiência da economia solidária não reflete diretamente sobre o conceito de lazer. No entanto, parte de princípios como a noção de autogestão, divisão de sobras, redução do tempo de trabalho ou mesmo de utopia que, inegavelmente, podem desembocar em alguma relação com a questão do lazer, ou relativo ao uso do ‘tempo livre’, sobre o qual Lafargue (1977, p. 30), cunhado de Marx, o poderia afirmar. E, de outra forma o bem coletivo promovido pela autogestão em Pinto (2006, p. 108), o afirma de forma semelhante.

“Estas misérias individuais e sociais, por muito grandes e numerosas, desaparecerão como a hienas e os chacais à aproximação do leão, quando o proletariado disser: “Quero isso.” Mas para que ele venha a ter consciência de sua força, é preciso que o proletariado calque os pés os preconceitos da moral cristã, económica, livre-pensadora; é preciso que ele regresse aos seus instintos naturais, que proclame os *Direitos da Preguiça*, milhares de vezes mais nobres e sagrados do que os tísicos Direitos do Homem, digeridos pelos advogados metafísicos da revolução burguesa; que ele se obrigue a trabalhar apenas três horas por dia, a mandriar e a andar no regabofe o resto do dia e da noite.”

“O próprio estabelecimento das regras e normas que determinam a repartição da responsabilidade e os procedimentos de tomada de decisão deve ser objeto da manifestação da diversidade. Isso favorece não apenas a circulação de informação, como também a maior extensividade do bem coletivo a ser produzido.”

Bem estar, também expressado em sua forma atual, como apresentado na tese *A produção social das utopias: uma análise a partir da economia solidária*, em que Brasil (2011, p. 201), traz discursos de usuários que afirmam a necessidade desta conotação prazerosa do trabalho com a economia solidária, a qual mostra-se em um exemplo colhido em entrevista.

“esse modelo é aquele que a gente valoriza em primeiro lugar a pessoa humana, a gente não visa, não pensa somente no econômico como a chave da solução, mas a gente vê a realização integral da pessoa humana, que é a realização pessoal, econômica, social e de

uma forma geral aquela pessoa que sente que tem sentido a vida.”
(Entrevista n. 17)

Deste modo então, partindo de um fenômeno mais abrangente e de conceitos mais amplos, pode-se ter uma ideia da relação que, em princípio, parece fortuita ou circunstancial, entre a economia solidária e o turismo rural, mas, que ao fim e ao cabo, permitem correspondências esclarecedoras sobre trabalho e lazer. Ora, para estas duas ciências, trabalho e lazer são conceitos fundamentais e correlatos que, como já enunciado, reúnem autores e teorias diversas, em toda forma de publicação da área. No entanto, se podemos objetivamente relacionar a economia solidária com trabalho e lazer, pelos quais perpassam seus princípios fundamentais e, por sua vez, turismo rural com lazer e trabalho, que denotam sua estrutura característica, de outra forma, contudo, é bastante incomum e denotadamente raro, relacionar economia solidária ao turismo rural e vice-versa.

Convergências

Desta forma, no seu limite, este trabalho apresenta o desenvolvimento de conceitos originários relativos aos movimentos registrados que unem aspectos da economia solidária e do turismo rural, que se justificam também, ao buscar superar essa falta existente na apresentação de estudos produzidos na interseção espacial, sociotecnológica, conceitual e filosófica, dessas duas disciplinas. O potencial realizador e inovador dessas correspondências, parece estar condizente também com a condição local, regional e global em que se colocam hoje as discussões sobre trabalho e lazer, na sociedade e na cultura, entrementes dentro do espaço extensionista do desenvolvimento rural sustentável. De outra forma justificando e reivindicando este espaço interdisciplinar, ou mesmo a autonomia e identidade das duas disciplinas. Como

quando Paulo Petersen fala sobre agroecologia, na Apresentação do livro de Altieri (2012, p. 08), e clama por “um espaço para a construção de convergências e identidades na elaboração e na defesa de um projeto alternativo para o mundo rural brasileiro”. Literalmente, o espaço de convergências que se pretende apresentar.

Por outro lado, olhando sob o ponto de vista da apropriação tecnológica, o que é acrescentado da economia solidária ao turismo rural, refere-se ao trabalho coletivo, autogestionário, à renda justa, inclusão social e proteção ambiental. Desta forma, o que se reforça ao turismo rural da economia solidária é justamente o que Jost Krippendorf (2001, p. 7), reclama em toda a extensão de seu livro *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*, quando afirma: “na teoria, são todos unânimes: como linha de pensamento, o turismo social e ecologicamente responsável é evidente e altamente desejável”. Portanto, o requerido pelo turismo à época relaciona-se aos princípios da economia solidária. E Krippendorf apresenta esta preocupação em meados dos anos 80, alguns poucos anos antes da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU declarar, em 1987, no seu relatório final *Nosso Futuro Comum*. Dado a conflagração antecipada de desastres ambientais que se transformavam em maiores tragédias sociais, que “o desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades” (Afonso, 2006, p. 11; Pinheiro 2021, p. 118-119; Carrera, 2005, p. 7-8). Ainda que a crítica ao conceito de ‘desenvolvimento’ esteja, atualmente, bastante acirrada.

“O Bem Viver – isto é fundamental – supera o tradicional conceito de desenvolvimento e seus múltiplos sinônimos, introduzindo uma visão muito mais diversificada e, certamente, complexa. [...] O Bem Viver revela os erros e as limitações das diversas teorias do chamado desenvolvimento, transformada em uma enteléquia que rege a vida de grande parte da Humanidade.” (Altieri, 2016, p. 36)

“O neologismo ‘desenvolvimento’ surgiu em 20 de janeiro de 1949 como uma ordem mundial no programa Ponto Quatro do discurso de Harry Truman. Foi substituído no centro pela sustentabilidade e na periferia há o híbrido caricato ‘desenvolvimento sustentável’, retórica, atualização da questão ambiental, industrial moderna, mas insuficiente para cobrir os impactos negativos e atender aos interesses financeiros na agricultura.” (Pinheiro, 2021, p. 185)

E, de uma forma mais preocupante, sobre o ‘desenvolvimento’, importa a fala do cientista sueco Johan Rockström, quando afirma que “somos a primeira geração a saber que estamos minando a capacidade do sistema terrestre de sustentar o desenvolvimento humano” (Raworth, 2019, p. 66). Ademais, como exposto em Krippendorf, anos antes da formatação do conceito de *desenvolvimento sustentável* pelas Nações Unidas, quase 40 anos atrás, a *Sociologia do Turismo* já havia começado a se dar conta da necessidade inescapável da sustentabilidade socioambiental, tão intrínseca à economia solidária.

Neste sentido, de busca pela sustentabilidade, os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) 10, 3, 11, respectivamente, *redução das desigualdades, saúde e bem-estar, cidades e comunidades sustentáveis*, aparecem nas buscas da revisão de literatura, justificando suas referências. No entanto, são duas ciências que em convergência denotam carências e potencialidades, expressas na conscientização da proteção ambiental, na questão da complementaridade de renda, o empoderamento feminino ou a justiça social.

Aspectos compreendidas em outros ODS como 1. Erradicação da pobreza, 4. Educação de qualidade, 5. Igualdade de gênero, 8. Trabalho decente e crescimento econômico, 12. Produção e consumo sustentáveis, 16. Paz, justiça e instituições eficazes, e 17. Parcerias e meios de implementação, apresentados na Figura 1. O turismo podendo propiciar geração de trabalho e renda, não pode dispensar a necessidade de parcerias, meios públicos e privados que tenham consciência dessa urgência.

E, a situação relativa aos trabalhos efetivados, em andamento e com ausência de dados desses ODS, são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1.: Situação dos ODS

ODS	PRODUZIDO	EM ANDAMENTO	SEM DADOS
1	35%	48%	17%
3	47%	45%	21%
4	40%	15%	45%
5	25%	6%	31%
8	43%	37%	20%
10	52%	33%	15%
11	50%	6%	44%
12	30%	17%	53%
16	17%	45%	38%
17	25%	45%	30%

Fonte: autor

Figura 1.: New Lanark e os ODS



Fonte: autor

Lacuna epistêmica

Partindo da estrutura dos objetivos do desenvolvimento rural sustentável, o trabalho se justifica pelo argumento da premência dos estudos nesta área interdisciplinar entre turismo rural e economia solidária. Posto que mesmo não relacionada como tal, esta interseção e lacuna epistêmica, permeia importantes trabalhos acadêmicos e artigos científicos dentro do PPG.DRS. E, por sua competência e replicabilidade, também são ciências reconhecidas como disciplinas do programa. Ainda que a economia solidária esteja atrelada ao cooperativismo corporativo.

Pois bem, se o turismo rural é indissociável da indústria e do mercado ligado ao turismo, o mesmo acontece com a economia solidária em relação à economia em geral. No entanto, de forma sucinta, o turismo rural difere essencialmente do turismo convencional, porque este último faz uso do espaço rural improdutivo, também divergindo do turismo ecológico ou do turismo de aventura. Por sua vez, denotado por Tulik (2003, p. 30), estes dois últimos se equivalem ao turismo rural enquanto turismo alternativo.

“O ponto em comum entre aqueles que adotaram Turismo Alternativo, expressão que mais de perto interessa ao Turismo Rural, é entender essa forma como oposta ao Turismo Convencional, principalmente o litorâneo, internacional e massificado. Inúmeros tipos, identificados com diferentes atividades e segmentos da demanda, despontam como relacionados ao Turismo Alternativo: Ecoturismo, Turismo Cultural, de Aventura, entre muitos outros e, inclusive, o próprio Turismo Rural.”

Turismo rural

Desta forma, acompanhando a definição proposta por Fontana (2014, p. 15)), tem-se por referência que, em síntese, o Turismo Rural, desenvolve atividades em espaços rurais produtivos envolvendo a comunidade local, com obras construídas sobre estruturas rurais de pequena escala, com acesso à herança cultural delineadas em suas práticas tradicionais e recursos próprios, ainda constituindo um complemento de renda em relação às atividades agropecuárias. Então atendendo expectativas de evasão do campo e, nesse sentido, mais se notabilizando pelo aspecto social de sua origem, do que na evolução de alguma extensão mercadológica do seguimento do turismo.

Portanto, o turismo rural propriamente dito, não atende exigências do mercado do turismo, mas demandas do campo. Reforçando este entendimento, a socióloga portuguesa Graça Joaquim (Rodrigues, 2001, p. 35), afirma, através do pioneirismo da França quanto ao turismo rural, que remonta ao início da década de setenta, quando foi publicado o *'Manifesto do turismo no espaço rural'*, em que se formalizou um discurso revolucionário e preciso, o qual preconizou o turismo rural como um “instrumento de reanimação dos campos na óptica da complementaridade entre a agricultura, o turismo e o artesanato, sublinhando que não deve contribuir para a colonização dos campos”.

“Já este primeiro manifesto revela, no plano ecológico, a necessidade de contribuir para a proteção do ambiente e para a conservação do patrimônio histórico, arquitetônico e cultural. Um outro aspecto pioneiro e significativo neste Manifesto é a utilização da expressão 'vacances vertes' que devem promover a cooperação de base local, a animação assente na autenticidade rural e a comercialização de produtos específicos.”

Economia solidária

De forma análoga, a economia solidária diverge e se contrapõe à economia em geral por desconsiderar o objetivo deletério do mercado financista, que age pela normatização de um absurdo 'moto-perpétuo' da evolução dos lucros globais, em detrimento da natureza, da humanidade ou da espiritualidade, estabelecendo uma espécie de financeirização e virtualização ideológica da vida. Por sua vez, a ECONOMIA SOLIDÁRIA, conforme sintetizado em Pinto (2006, p. 36), além de sua obra teórico-científica, é formada por organizações coletivas e suprafamiliares. Constituindo associações de prestação de serviços, cooperativas de crédito para pequenos produtores, clubes de troca ou produção, bem como empreendimentos da agricultura familiar. Formadas por trabalhadores do meio urbano ou rural que exercem autogestão das atividades e da alocação de seus bens ou resultados. Quer dizer, discutem coletivamente e em assembleias, sobre a organização do trabalho ou de eventos, bem como da distribuição equânime de seus dividendos, favorecendo uma economia circular e local, a reciclagem ou a reutilização dos recursos, a inclusão social e a proteção da natureza.

Portanto, como a economia solidária constitui um nicho deslocado da economia formal, mas transita na economia como um todo, o turismo rural tem conotações muito próprias que o diferenciam do turismo convencional ou de massa e, ainda que se sirva deste. De qualquer forma, o espaço que une estas duas ciências, efetivamente, seria bem mais específico.

Delimitação

Assim, como proposta de formatação da delimitação desta interseção, a partir do turismo rural, seria definido o espaço rural, sem tomar em conta, portanto, as formações da economia solidária relativas ao ambiente urbano. E a economia solidária seria definida, ao menos, pela autogestão coletiva de atividades e bens, excluindo formações patronais ou empresariais do turismo rural. Então, a partir deste momento, pode-se vislumbrar, um primeiro recorte ou delimitação do espaço hedônico relativo à economia solidária e ao turismo rural, como o espaço da *economia rural e local* que se une ao espaço de *hospitalidade autogestionária e solidária*.

Nesta delimitação são acrescentados os aspectos essencialmente convergentes, como o complemento de renda e a defesa do ambiente natural, mostrando a origem em questões socioeconômicas ou climáticas da posse da terra, além do cuidado com os povos originários, os quais também fazem parte de suas bandeiras. Ainda pode-se destacar o “envolvimento local” enunciado na definição de turismo rural construída por Fontana (2014, p. 15), justamente por marcar o espaço do rural como espaço de produção e circulação de bens e produtos, financeiros e culturais. Mas, sobretudo, locais atrelados ao conceito de ‘economia circular’, que não deixam de ser uma forma de economia solidária.

Dado que nenhum estudo afirmava que houvesse qualquer convergência que fosse, entre a economia solidária e o turismo rural, parecia importante denotar a proficuidade deste encontro social. Primeiramente, a literatura nunca deixou claro que a economia solidária pudesse ter uma fenomenologia anterior à da sua fundação ‘oficial’, comumente relacionada com o “cooperativismo revolucionário”, como diria Singer (2002, p. 35). Mas também não se esperava encontrar, na história relacionada à economia solidária, tantas crianças abandonadas, as primeiras creches ou escolas

infantis, como na obra de Almeida (2010, p. 36), encontra-se um relato do próprio Robert Owen sobre a tarefa com essas crianças.

“Estes princípios requerem apenas que sejam conhecidos por outros para se estabelecerem: O esboço dos nossos procedimentos futuros torna-se então claro e definido, e eles não nos permitirão doravante desviar-nos do caminho certo. Eles dirigem o poder governante de cada país para estabelecer planos racionais para a educação e formação do carácter geral dos seus súbditos. Estes planos devem ser concebidos para treinar as crianças, desde a mais tenra infância, em todos os tipos de benefícios (cujos hábitos, é claro, os impedirão de adquirir os da falsidade e do engano). Depois disso, devem ser educados racionalmente e o seu trabalho dirigido de forma útil. Tais hábitos e educação irão impressioná-los com um desejo activo e ardente de promover a felicidade de cada indivíduo, e isto sem sombra de excepção para seita, partido, país ou clima. Eles também garantirão, com o mínimo de exceções possível, saúde, força e vigor corporal; pois a felicidade do homem só pode ser construída sobre os fundamentos da saúde corporal e da paz de espírito.”⁴

Por outro lado, não era esperado que Cook, “considerado por Fúster, o pai do turismo moderno” (Pires, 2002, p. 17), pudesse ter uma relação contemporânea com o “espírito profético de Robert Owen”, como dito por R.M. MacIver, na Apresentação do livro de Karl Polanyi (2000, p. 09), *A grande transformação: as origens da nossa época*. Muito menos fora publicizado que Owen e Cook, estivessem em sintonia na busca de diferentes meios de combate contra o alcoolismo, o flagelo da época.

⁴ “These principles require only to be known in other to establish themselves: The outline of our future proceedings then becomes clear and defined, nor will they permit us henceforth to wander from the right path. They direct that the governing power of all countries should establish rational plans for the education and general formation of the characters of their subjects. These plans must be devised on train children from their earliest infancy in good habits of every description (wich will of course prevent them from acquiring those of falsehood and deception). They must afterwards be rationally educated, and their labour be usefully directed. Such habits and education will impress them with an active and ardent desire to promote the happiness of every individual, and that without shadow of exception for sect, party, or country, or climate. They will also insure, with the fewest possible exceptions, health, strength, and vigour of body; for the happiness of man can be erected only on the foundations of health of body and peace of mind.” (tradução do autor)

Questão agrária

Não menos inesperado foi encontrar o espaço rural como espaço originário e essencial de todas as importantes utopias. Ademais, encontrar o rural na utopia ou, para dizer melhor, a utopia no rural, tinha sido um resultado demasiado estimulante dentro de um programa de desenvolvimento rural sustentável, já valeria ao menos essa convergência. No entanto, mais inefável ainda, seria dar de encontro com a ‘questão agrária’ no fulcro da formação do ‘protesto’ da utopia. Desta forma, este trabalho também poderia se apresentar como uma verdadeira sociotecnologia para o entendimento do envolvimento da questão agrária nos desafios rural/urbano. Questão agrária que parece ser tão antiga quanto a filosofia, nascendo suas controvérsias quase numa mesma época.

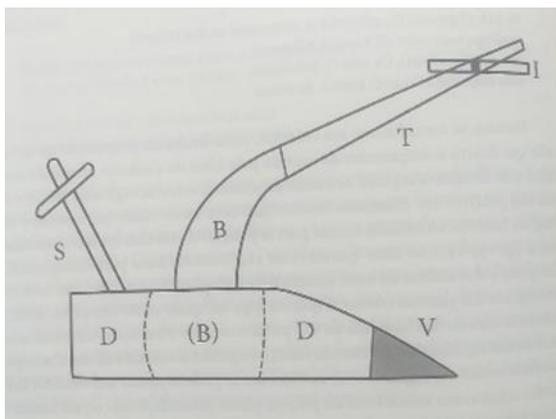
Afinal, como denotado por Vernant (2000, p. 58), “a concentração da propriedade territorial em pouquíssimas mãos, o avassalamento da maior parte do demos, reduzido ao estado de ‘sesmeiros’, fazem da questão agrária o problema capital desse período arcaico” grego. Assim, na delimitação do espaço do turismo rural com a economia solidária exercida no espaço rural, pela história da economia solidária, a utopia já seria tema desta convergência. Mas que fosse revelado que a luta da economia solidária, ou que o lugar ideal que se relaciona com o turismo rural, pudessem de alguma forma figurar na formulação do ideal utópico, e, que a questão agrária fosse a espinha dorsal das maiores utopias, isso nenhuma distopia hipermediática atual deixaria claro. Nesse sentido foi essencial o estudo dos fundamentos conceituais ou histórico-filosóficos das duas ciências, dado que, se num primeiro momento, o lugar ideal e a economia ideal se encontram no desenvolvimento do conceito de ‘utopia’, num segundo momento desvela-se que a utopia é sobretudo, uma utopia no espaço rural.

“A tradição conhecida como Arcádia, cujo nome vem de uma região no Peloponeso grego famosa por sua suposta calma, data de uma

literatura pastoral estabelecida, por volta do século IV a.C., na obra de escritores gregos como Teócrito. Continuou com autores romanos, incluindo Ovídio e Virgílio, e foi reinventada na forma de um idílio rural idealizado.” (Claeys, 2013, p. 22)

E dado a expressiva e alienante veiculação cotidiana da ‘utopia’ relacionada à exposição de mirabolantes recursos tecnológicos, então a inusitada relação da *utopia* com a *ruralidade*, torna-se uma efetiva questão pedagógica para o desenvolvimento rural sustentável.

Figura 2.: Arado figurado em Geórgicas de Virgílio



Fonte: autor

Poderia corroborar o fato, simbolicamente, a figura de um arado, na Figura 2, tornar-se uma ferramenta denotada dentro de uma obra de poesia clássica, fundamental nas construções literárias utópicas ulteriores, ou pode-se também observar no sentido utópico deixado por Teixeira Coelho (1992, p. 12).

“Há sempre um excedente utópico a funcionar como mola de um novo ciclo imaginativo, há sempre algo de irrealizado que busca realizar-se numa nova projeção. A imaginação utópica se impõe, quer desenrolar-se.”

TBC

Por sua vez, mesmo os documentos relacionados às políticas públicas com base no turismo de base comunitária, apesar de apresentarem atividades turísticas onde exercem gestão coletiva com transparência no uso e destinação de recursos. É apenas citado que ‘dialogam’ com a economia solidária quanto à conservação da biodiversidade e a valorização da cultura local. Pode ser argumentado, que não é o caso discutir se essa união seria deflagrada na sua ‘origem’ ou na sua ‘nomeação’. Importa mais a afirmação de que turismo rural e economia solidária não aparecem num mesmo nível, horizontais ou efetivamente ‘conversando’, em nenhuma literatura popular, acadêmica ou científica. Um caso específico desta relação, teria sido quase que inteiramente observada, mas nomeou-se apenas ‘turismo e economia solidária’. No entanto, ainda como “uma aproximação relutante”, apesar de mostrar que essa união somente se daria através de alguma explanação sobre o turismo de base comunitária (Conti; Antunes, 2020, p.01).

Portanto, a pesquisa em torno desta interseção problemática, permite tornar evidente a convergência espacial e tecnológica entre economia solidária e turismo rural, enunciada na literatura acadêmica, científica, mormente nos projetos atuais do turismo de base comunitária, ampliando o campo de reconhecimento e atuação de ambas, esclarecendo suas interseções sociotecnológicas.

Ademais, na extensão do estudo dessa tese, na metade do ano de 2023, na revista DYNA, publicada pela *Universidad Nacional de Colombia*, o artigo de Jorge Alexander Mora-Forero e Alvelayis Nieto-Mejia, intitulado *Análise da economia solidária no turismo rural*, trouxe à tona a importância e a evidência desta profícua interseção, com todas as suas letras, também apontando para o turismo de base comunitária. Ora, esse artigo somente teria sido encontrado devido à busca realizada em site de referências e, o texto original estar listado na busca realizada sobre a interseção entre

a economia solidária e o turismo rural, ainda que diferentemente nomeado. E, ao realizar a busca pelo artigo dos professores, especificamente, apareceram os dois artigos, que enfim, são os mesmos, a dizer, tratam do mesmo assunto, mas nomeados de forma diferente. Tendo sido executados por uma revista referenciada na Web of Science e outra executada pela universidade pública colombiana.

No entanto, ainda que se possa afirmar a existência de coletivos solidários, como os da agricultura familiar que se abrem ao turismo rural e, por outro lado, organizações comunitárias de turismo rural que apresentam gestão coletiva e transparência no uso e destinação de recursos. Mesmo nomeando o espaço rural ou citando a importância do diálogo com a economia solidária, ainda assim não se enuncia esta união. Parece que a complementaridade de renda ou a preservação ambiental não explicam sozinhas todo este esforço e diversidade de propostas, que não se resumem a atributos econômicos ou rurais. Portanto, o que estaria na raiz desta convergência e que impulso a moveria?

Ora, o espaço rural não teria sido somente espaço de poesias por sua formosura pastoril, mas também foi refletido como um espaço de lutas para camponeses, escritores, poetas e filósofos, que sofreram na pele os ditames da *questão agrária* e, nesse sentido, advém uma maior problematização desta interseção de espaços que fora, primeiramente, um espaço de conflitos.

Enfim, que espaço é esse, que favorece tais convergências aprazíveis, num espaço de lutas pela posse da terra? Portanto, se parecia evidente o problema da nomeação de um espaço aprazível na interseção entre economia solidária e turismo rural, ainda bem menos evidente e problemático, se mostraria o grito de luta e protesto por trás desta convergência hedônica, como exposto na fala de Oswald de Andrade (1966, p. 76).

“Como vemos na mentalidade pré-utópica como da utópica, todos os sonhos de mudança e transformação social se forram não somente de

sonho, mas de protesto. A utopia é sempre um sinal de inconformação e um prenúncio de revolta.”

Esta revolta pode advir de um futuro construído ou destruído na ancestralidade, o qual inverte a utopia na fala de Krenak (2022, p. 61).

“Isto me fez imaginar que o planeta inteiro vai virar uma espécie de hospital geral, e que a polícia, em vez de caçar terroristas, vai perseguir quem não está bem sanitizado. Vai olhar debaixo da unha, e se tiver sujo vai matar o cara. Chegamos a uma distopia em que o que não é cidade, o que não é saneado, o que não é limpinho, a gente elimina ou mata.”

A interdisciplinaridade e a complexidade revelada nas tecnologias sociais e suas convergências histórico-filosóficas e utópicas, reconhecidas na interseção entre a economia solidária e o turismo rural, pode não somente afirmar o espaço hedônico delimitado por este trabalho. Mas ajudar a fornecer ferramentas para a produção popular e extensiva de sistemas complexos de bem viver e proteção ambiental.

Estrutura da tese

Tema complexo e diverso, o trabalho de sustentação teórica e metodológica desta requerida interseção, configura-se a partir da estrutura de uma tese monográfica, constituída através de pesquisas bibliográficas de cunho exploratório, que têm por objetivo principal *analisar o espaço de interseções entre a economia solidária e o turismo rural*. E, para dar conta desta análise, a estrutura desta tese está dividida em três capítulos, após a *Introdução*, que apresenta o assunto em questão.

O primeiro capítulo: *solidariedade da economia e ruralidade do lazer*, fundamenta-se num estudo de caráter exploratório, com fontes mais atuais, explorando evidências das convergências sociotecnológicas entre a economia solidária e o turismo rural, utilizando-se de dois artigos escritos pelo autor. Esta primeira parte é finalizada com o capítulo que explana a metodologia reconhecida e replicável. O segundo capítulo:

convergências utópicas, foi realizado um estudo bibliográfico e descritivo, de corte longitudinal, com fontes mitológicas, antigas, clássicas, modernas, contemporâneas e, do período pós-guerra. Tendo sido executado um artigo sobre o assunto, pelo autor. Este primeiro capítulo é iniciado com a junção e a disjunção entre o trabalho e o lazer ou descanso, na mitologia e na literatura, que satisfazem a convergência aferida. E, o segundo capítulo traz a questão agrária e a utopia, no desenvolvimento das convergências utópicas da interseção aferida.

O terceiro capítulo: *espaço hedônico*, faz um estudo de caráter descritivo de corte longitudinal, que passa do período pós-guerra até o atual. Descrevendo o conceito de 'espaço hedônico'. Faz uma análise da utopia em relação ao DRS, e desenvolve um estudo sobre o Turismo de Base Comunitária, o TBC. Apresentando-o como este espaço utópico e hedônico configurado na interseção entre a economia solidária e o turismo rural. Tendo sido trabalhado dois artigos escritos pelo autor na composição desta parte. Na continuidade faz-se um trabalho de análise do material exposto e algumas sínteses formais no capítulo *Resultados e discussões*. E, enfim, as *Considerações finais* que têm por objetivo pontuar controvérsias e perspectivas de pesquisa.

Em síntese, o roteiro desta tese reflete a extensão do seu título *Espaço hedônico: convergências utópicas entre a economia solidária e o turismo rural*, ainda que de forma invertida. Primeiramente dá-se conta da solidariedade da economia e da ruralidade do lazer, dado que, dessa profícua interseção entre a economia solidária e o turismo rural, surgiram importantes convergências sociotecnológicas. E, desde estes estudos da primeira parte, surgiram as convergências utópicas que fazem parte da segunda parte do título. E, finalmente, o espaço hedônico como *locus amoenus* da interseção entre a economia solidária e o turismo rural, representado pelo turismo de base comunitária.

Enfim, partindo das afirmações de Umberto Eco (2007, p. 10), esta é uma Tese monográfica, não panorâmica. Neste sentido este trabalho não tem a intenção de esgotar o tema ou a obra da economia solidária, do turismo rural ou do turismo de base comunitária, nem da utopia. Muito menos resolver as questões conceituais ou estruturais dessas ciências, há trabalhos bem mais competentes que realizam esta tarefa. Este trabalho tem apenas a intenção de dar conta do espaço desta interseção, mesmo dentre suas dificuldades e limitações, sem deixar de contar com a devida metodologia, suas evidências, replicabilidade e refutabilidade.

Mas também uma expressão de diversidade cultural e conscientização ambiental, ligados por profundos laços de solidariedade, que possuem evidências na afetividade comunitária.

CAPÍTULO I SOLIDARIEDADE DA ECONOMIA E RURALIDADE DO LAZER

Economia solidária e turismo rural parecem ter seguido caminhos paralelos, ainda que díspares, dado que a primeira experiência coletiva de economia solidária teria surgido na área rural e, em um espaço socioambiental tão aprazível que se tornaria um inusitado alvo de visitas, o qual seria muito provável estar no roteiro das primeiras manifestações sociais do agenciamento de viagens. Neste sentido, poderiam ser apontadas mais convergências que divergências entre estas disciplinas e, devido ao cenário das crises planetárias, supostamente pós-pandêmicas, transmitidas em tempo real, a tecnologia reconfigurou o isolamento social no espaço rural, resultando um horizonte fértil onde trabalho e lazer, enfim, poderiam se encontrar de forma mais solidária.

“O turismo rural, mais do que nunca, agora nessa época de pandemia, está sendo procurado pelo pessoal da cidade que está preso, sem ter para onde ir e o turismo regional surgiu como alternativa. A gente está

muito contente, esperamos unir esforços para dar mais um passo nessa busca do turismo rural (CGN, Cascavel, 20/05/2021).”

“O turismo rural responde às exigências das pessoas e contribui para as novas tendências estabelecidas pelo turismo, em parte devido a pandemia COVID-19 que consolidou o turismo em espaços abertos e se tornou uma forma de lazer para quem procura originalidade e estar longe das multidões (Mora-Forero; Nieto-Mejia, 2023, p. 76).”

“En momentos de incertidumbre, como los que ha suscitado la pandemia, el turismo rural se presenta como um destino obligado para miles de personas. Para cita um exemplo, en la televisión argentina y mundial, muchos programas dedicados a los viajes Internacionales presentan hoy al turismo rural o de estancia como alternativas válidas a una nueva normalidad (Korstanje, 2020, p. 190).”

Quer dizer, em última instância, o turismo rural tem se aproveitado para oportunizar ações solidárias e sustentáveis, evidentemente, tomando consciência de um momento real e propício, para afirmar suas potencialidades locais e acessíveis. Afinal, de uma forma clara e evidente, a solidariedade é o quinhão dourado que fez nascer o turismo, quando Pires (2002, p. 17-18), ressalta o memorável ano de 1841. Três anos antes da abertura de Rochdale, a primeira cooperativa, inspiradora da economia solidária.

“1841, ano memorável para o turismo, pois nele surgiu o que seria o embrião da primeira agência de viagens. Seu fundador foi Thomas Cook. [...] Este inglês, ao que parece, começou suas atividades de uma forma bastante curiosa. Missionário e agente de uma Associação Batista, para assegurar o êxito de um congresso antialcoólico em Leicester, arrendou um trem para transportar 570 pessoas em uma viagem de 22 milhas entre Leicester e Loughborough.”

“A primeira experiência coletiva de economia solidária teria surgido na área rural e, em um espaço socioambiental tão aprazível que se tornaria um inusitado alvo de visitas, que seria muito provável estar no roteiro das primeiras manifestações sociais do agenciamento de viagens.”

Esta primeira parte da tese está subdividida em dois capítulos, que estão relacionados a este 'cruzamento' da economia solidária com o turismo rural, que foi chamado de solidariedade da economia e ruralidade do lazer. Além destes 'neologismos', deixarem claras as suas referências, parecem delimitar melhor este espaço de interseccionalidade, ao qual este trabalho está inteiramente submetido. Neste sentido, o primeiro capítulo apresenta um desenvolvimento mais teórico desta questão, mostrando um caminho provável desta interseção, a exposição de princípios e personagens que, em solidariedade ao outro, se colocaram à frente de si mesmos e de toda uma sociedade. E, no segundo capítulo, são expostas as evidências reais deste encontro, em um projeto executado no oeste do Paraná e em projetos de artigos colhidos em revisão de literatura, no site de busca referencial da Web of Science. Sendo que no começo da primeira parte, são expostas as definições de *tecnologia convencional* e *tecnologia aplicada* em diferença à *tecnologia social*, que será a tecnologia buscada nos projetos citados. E, antes de serem expostos os trabalhos colhidos em site referencial, serão brevemente expostos os parâmetros sistêmicos, que serão utilizados na interpretação dos artigos e, portanto, da síntese do material colhido online.

PARTE 1 Solidariedade da economia e ruralidade do lazer

“O Solidarismo na economia nega a base do capitalismo que é a separação entre trabalho e posse dos meios de produção. Se os sócios têm a propriedade do negócio, devem autogerir-se; portanto as relações precisam estabelecer-se num outro patamar. Essa chamada à autogestão é uma das dificuldades centrais dos trabalhadores com ela envolvidos, egressos de formas heterogestionárias, muitas vezes autoritárias, de trabalhar.”
(Veronese, 2008, p. 42)

Solidariedade

Pode-se argumentar sem receio que a ruralidade do turismo e a solidariedade na economia são igualmente fenômenos consolidados dentro da Revolução Industrial, de um lado pela pujança daquele momento, de outro pela crise que se impunha. A pobreza e a fome de artesãos, crianças órfãs e operários tudo causado pela substituição de milhares de pessoas por maquinários industriais, numa época em que a vida dos mais pobres já era demasiada aviltante, fez com que as pessoas se unissem em

coletivos, desde para ajuda mútua até formarem-se as primeiras associações cooperativistas que estariam na origem da economia solidária.

“Sem dúvida, uma narrativa das condições que prevaleciam naqueles primeiros tempos de trabalho em fábricas é tão horrenda que faria os cabelos de um leitor moderno se arrepiarem. Em 1828, *The Lion*, uma revista radical para a época, publicou a incrível história de Robert Blincoe, uma das oito paupérrimas crianças que haviam sido enviadas para uma fábrica em Lowdham. Os meninos e as meninas — tinham todos cerca de dez anos — eram chicoteados dia e noite, não apenas pela menor falta, mas também para desestimular seu comportamento preguiçoso. E comparadas com as de uma fábrica em Litton, para onde Blincoe foi transferido a seguir, as condições de Lowdham eram quase humanas. Em Litton, as crianças disputavam com os porcos a lavagem que era jogada na lama para os bichos comerem; eram chutadas, socadas e abusadas sexualmente; o patrão delas, um tal de Ellice Needham, tinha o horrível hábito de beliscar as orelhas dos pequenos até que suas unhas se encontrassem através da carne. O capataz da fábrica era ainda pior. Pendurava Blincoe pelos pulsos por cima de uma máquina até que seus joelhos se dobrassem e então colocava pesos sobre seus ombros. A criança e seus pequenos companheiros de trabalho, viviam quase nus durante o gélido inverno e (aparentemente apenas por pura e gratuita brincadeira sádica) os dentes deles eram limados.

Sem dúvida essa brutalidade revoltante era mais exceção do que regra, e acreditamos que um pouco do zelo reformador coloriu mais a história. Porém, com amplo desconto para exageros, de qualquer maneira este fato é ilustrativo do clima social em que as práticas das mais impressionantes desumanidades eram aceitas como dentro de uma ordem natural dos acontecimentos e, o mais importante de tudo, não era da conta de ninguém. Dezesseis horas de trabalho por dia era coisa comum, com os operários começando a trabalhar nas fábricas às oito horas da manhã e só voltando para casa às dez da noite. E como que para coroar tanta indignidade, muitos dos capatazes não permitiam que os trabalhadores entrassem na fábrica com relógios, e o único relógio existente no local, que regia tudo, tinha a estranha tendência a andar mais depressa durante os períodos de parada do trabalho para alimentação. Os industriais mais ricos e mais previdentes poderiam até deplorar tais excessos, mas os dirigentes de suas fábricas ou competidores que estavam precisando de dinheiro olhavam-nos com indiferença.” (Heilbroner, 1996, p. 101-102)

Por seu turno, o turismo, primeiramente ancorado em propósitos sociais, surge num espaço eminentemente rural, na esteira do processo alavancado pelas inclementes demandas de transformação da circulação urbana, construção das rodovias e estradas desse novo mundo de alvenaria, cimento e vapor. Redesenhando territórios para dar

completa vazão à infinidade de mercadorias características da reprodução do capital em escala industrial, suas crises e diferenças socioculturais pertinentes. Diria Polanyi (2000, p. 215), que “já no início do século XIX surgiu o capitalismo industrial, que tanto na França como na Inglaterra, foi basicamente rural e precisava de locais para seus moinhos e alojamento dos trabalhadores”. De outra forma, em sua obra *Raízes do Turismo no Brasil*, Pires (2002, p. 21) evoca este mesmo movimento.

“Com o movimento proporcionado pelas ferrovias, a atividade conheceu um desenvolvimento sem precedentes. Procurou-se então, adaptá-la ao gosto de uma clientela exigente. Os hotéis, aos poucos, começaram a superar em conforto, os grandes palácios. O refinamento entra em tudo. Era pouco frequente, por essa época, encontrar nas capitais europeias banhos nos domicílios. Bastou pouco tempo para que hotéis de luxo tivessem água e banheiro em todos os quartos. Mais tarde, o telefone e outros elementos de conforto surgiram para agradar e tornar mais cômoda a vida de quem pagasse bem.”

Nesse sentido, mais se apropriando dos elementos de conforto sempre renovadamente disponíveis, que evidenciando algum aspecto cultural mais local, a capilaridade necessária à circulação global daquele momento, pode ter configurado um episódio singular. Ocorre que, um determinado espaço da construção dos princípios da economia solidária, poderia ter sido atravessado pela extensão da expansão viária, da qual se aproveitou o turismo na área rural. E por que não, representando algum primórdio do turismo rural?

Entretantes, para dar conta deste episódio, deve-se lembrar, que em grande parte da literatura sobre o assunto, a história da economia solidária está comumente relacionada ao nascimento da *Cooperativa dos Pioneiros Equitativos de Rochdale* em Manchester, na Inglaterra, que teria sido fundada em 1844 por 28 operários. Metade deles eram *owenistas*, com diversas qualificações, unidos para superar a derrota em uma greve debelada no mesmo ano (Singer, 2002, p. 39-42). Se João Roberto Lopes

Pinto (2006, p. 32) fala em “pioneiros de Rochdale”, André Ricardo de Souza (2003, p. 36), enuncia “um grupo de operários do setor têxtil, owenistas, e também militantes do movimento cartista, residentes na cidade inglesa de Rochdale, formaram uma cooperativa de consumo”. Segundo Arnaut (1976, p. 01), ‘cartistas’ eram também operários, que escreveram uma carta ao Parlamento Britânico, pedindo pelo sufrágio universal, buscando a representatividade de suas demandas, além de implorarem contra a escravidão, a escassez de alimentos e a falta de dinheiro disponível.

Owen

Por sua vez, Veronese (2008, p. 39)), cita o tecelão e industrial inglês Robert Owen e o filósofo francês Charles Fourier como referências dos princípios da economia solidária ligados ao socialismo utópico, “que tentaram enfrentar, no século XIX, a precariedade social que a Revolução Industrial imprimira na sociedade europeia”. Já Brasil (2011, p. 119), enuncia que Owen, “protagonizou as mais consistentes experiências que hoje são referenciais para a economia solidária”. De uma forma ou de outra, estes autores situam a cooperativa de Rochdale e a influência de Robert Owen como preponderantes nos primórdios da economia solidária. Paul Singer (2002, p. 26), que fora professor da FEA/USP e ‘Ministro’ da Secretaria Nacional da Economia Solidária, sepultada após o governo Dilma, justifica que “o raciocínio de Owen era impecável, porque o maior desperdício, em qualquer crise econômica do tipo capitalista

(devido à queda da demanda total), é a ociosidade forçada de parte substancial da força de trabalho”. E Singer claramente reconhece o contexto deficitário de trabalho na época. Por outro lado, no entanto, quando fala do ‘nascimento’ da economia solidária, Singer (2002, p. 24), parece anteceder o fato mais um pouco, quando afirma que a economia solidária nasce com o “capitalismo industrial” no século XVIII e, que se fortalece na revolução industrial do século seguinte.

“O surgimento do capitalismo industrial se deve em grande parte ao desenvolvimento tecnológico. As empresas evoluíram de manufatureiras para mecanizadas. O Capitalismo Industrial é uma fase da história do capitalismo que ocorreu de 1780 a 1870, na qual as classes sociais dividem-se em: trabalhadores assalariados, proprietários de terra arrendada e a burguesia industrial.” (Capitalismo Industrial, 2024)

Atualizando a expressão do capitalismo, Antônio Cruz, no livro *Economia solidária: questões teóricas e epistemológicas*, organizado por Pedro Hespanha e Aline dos Santos (2011, p. 62), enuncia que novas formas associativas, nem sempre satisfatórias, ressurgiram na periferia do capital, respondendo a diferentes ameaças contra o velho cooperativismo.

“Neste sentido, a economia solidária - assim como o velho cooperativismo - também nasce geminada à contestação social. Assim, também, ela propõe valores antagônicos aos valores individualistas do liberalismo, contrapondo-se à hegemonia vigente. Entretanto, a economia solidária nasce, numa situação histórica diferente, em que o problema da pobreza já não está mais apenas vinculado à exploração direta do capital sobre o trabalho, senão que aparece como uma resposta à sua ausência: está vinculada ao desemprego, à saturação do mercado informal autônomo, à disseminação de formas ilegais (e até mesmo violentas) de sobrevivência econômica; está vinculada às tradições rurais transmitida à periferia das grandes cidades através dos migrantes, de solidariedades várias em meio às dificuldades cotidianas, das ajudas e dos auxílios recíprocos, etc.”

Rosalvo Schütz (2008, p. 24-25), em seu texto para o *Le Monde Diplomatique*, publicado em 2008 pela *Editora e Livraria do Instituto Paulo Freire*, pontua que o cooperativismo teria seus princípios consolidados a partir de 1844, mas não identifica completamente a ‘economia popular solidária’ com o cooperativismo surgido à época.

“A Economia Popular Solidária (EPS) não se identifica – pelo menos não de modo completo – nem com o cooperativismo nem com a Economia Popular, embora existam aspectos comuns entre os três. Na EPS, a autogestão econômica é concebida como complementar e integrante da autogestão social. Ao se articular em redes solidárias de produção, de consumo, de comercialização e de serviços, ela cria circuitos econômicos não submetidos à dinâmica produtiva capitalista, sem, no entanto, se isolar da mesma dinâmica. [...] Por isso, identificar a EPS com Economia Popular ou cooperativismo significa aniquilar sua novidade específica, seu potencial revolucionário.”

Como citado, o período nomeado por Paul Singer (2002, p. 35 e 39), na sua obra *Introdução à economia solidária* de “cooperativismo revolucionário”, deu-se quando “operários qualificados em diversos ofícios” nutrem a ideia da criação de uma “colônia autossuficiente” para apoiar outras sociedades. E, que teriam estabelecido os princípios fundamentais do cooperativismo, sem a literatura da economia solidária revelar muito sobre a figura extemporânea e paradigmática de Robert Owen. Bastando referi-lo ao cooperativismo ou ao socialismo utópico, como sentenciado por Engels (1970, p. 37 e 38), em 1880, no livro *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. Que se Owen não era um ‘revolucionário’ para Engels, era certamente, um “reformador”.

“De 1800 a 1829 orientou no mesmo sentido, embora com maior liberdade de iniciativa e com um êxito que lhe valeu fama na Europa, a grande fábrica de fios de algodão New Lanark, na Escócia, da qual era sócio e gerente. Uma população de até 2.500 almas, recrutada a princípio entre os elementos mais heterogêneos, a maioria dos quais muito desmoralizados, converteu-se em suas mãos numa colônia modelo, na qual não se conheciam a embriaguez, a polícia, os juizes de paz, os processos, os asilos para pobres nem a beneficência pública. Para isso bastou, somente, colocar os seus operários em condições mais humanas de vida, consagrando um lugar especial à educação da prole. Owen foi o criador dos jardins de infância que funcionaram pela primeira vez em New Lanark. [...] Quando uma crise algodeira obrigou o encerramento da fábrica por quatro meses, os

operários de New Lanark que ficaram sem trabalho, continuaram recebendo suas diárias integrais.”

Deve ser, ao menos lembrado, que se Engels, neste livro, ainda coloca Owen como um socialista utópico em contraposição ao que seria o socialismo científico. Engels poderia ao menos ter criado uma categoria de socialismo utópico-político, que realmente explicasse, uma atuação excepcional de um homem somente lembrado, na literatura da área, por ‘inspirar’, os pioneiros de Rochdale. Evidentemente, Owen sabia que a utopia não era realizada com idealismo, romantismo ou frugalidades surreais. De uma forma talvez melhorada, desde a mais diáfana concretude até o mais sólido abstracionismo, poderia ser considerado aqui, o papel político-pedagógico da utopia.

O tratamento de Owen com crianças e adultos teve origem no pensamento de Jean-Jacques Rousseau, filósofo genebrino falecido sete anos após o nascimento de Owen, cujas teorias virtuosas começam a levantar algumas revoluções na educação. Dado que o individualismo e o capitalismo estavam afirmados na sua época. Rousseau (2012, p. 11), daria “um grito de alerta sobre a exploração do homem pelo homem”, em sua obra *A origem da desigualdade entre os homens*. Ora, o título faz menção ao desafio que Rousseau teria respondido à Academia de Dijon, que faria esta pergunta: qual a origem da desigualdade humana? Antes de lançar a primeira causa, Rousseau (2012, p. 25) antecipa, que não existiria nada mais verdadeiro que o “zelo ardente e legítimo de um homem que não almeja maior felicidade para si mesmo do que aquela de vê-los todos felizes”. Inspirando a obra de Owen:

“Felizmente para a pobre natureza humana negociada e degradada. O princípio pelo qual agora defendemos rapidamente, a despojará de todo o mistério ridículo e absurdo com o qual foi até agora envolvido pela ignorância dos tempos anteriores: e todos os motivos complicados e contrários a uma boa conduta, multiplicados quase até o infinito, serão reduzidos a um único princípio de ação, que, por sua evidente operação e suficiência, tornará desnecessário esse intrincado sistema:

e finalmente o substituirá em todas as partes da terra. Esse princípio é a felicidade do eu, claramente entendida e praticada de maneira uniforme; o que só pode ser alcançado por uma conduta que deve promover a felicidade da comunidade.”

E quanto à primeira causa da desigualdade entre os homens, Rosseau (2012, p. 28) diz o seguinte:

“Enquanto uns aperfeiçoaram ou deterioraram e adquiriram diversas qualidades, boas ou más, que não eram inerentes à sua natureza, outros permaneceram mais tempo em seu estado original e essa foi, entre os homens, a primeira fonte da desigualdade, mais fácil de demonstrar, de modo geral, do que assinalar com precisão suas verdadeiras causas.”

Se desigualdades humanas seriam ditas inevitáveis, originais, ou numa acepção hodierna: fatalidades. Rousseau não deixou de responder à questão de que essas diferenças desproporcionais entre a humanidade e os ‘deuses’ do mundo, acontecem devido a ‘propriedade privada’. Em um texto citadíssimo, sutil e clássico:

“O primeiro que, cercando um terreno, decidiu dizer ‘Isto é meu’ e encontrou pessoas bastante simples para acreditar nele, foi o primeiro fundador da sociedade civil. Quantos crimes, guerras, assassinatos, misérias e horrores não teriam sido poupados o gênero humano por aquele que, arrancando as estacas ou tapando o fosso, tivesse gritado aos seus semelhantes: ‘Não escutem esse impostor! Vocês estarão perdidos se esquecerem que os frutos pertencem a todos e que a terra não é de ninguém.’” (op. cit., p. 61)

Com essas novas ideias democráticas e comunitárias, evidentemente mais políticas que utópicas, Owen consegue mais do que visitantes, mas adeptos ao seu pensamento revolucionário, como por exemplo o filósofo utilitarista Jeremy Bentham ou o famoso químico John Dalton, ambos britânicos. Dado que enfim, somado à uma revolução na indústria, Owen também fornece uma notável revolução na educação, quando abriu uma escola para quinhentas crianças na vila rural de New Lanark. Embora

não seja o objetivo da tese esclarecer o fato, mas antes trazer elementos da construção da economia solidária, na interseção com o turismo rural.

“Assim, muito influenciado por Pestalozzi, o seu sistema educativo preconizava paciência, bondade e a necessidade de ajudar os outros a serem felizes. A curiosidade das crianças devia ser suscitada através de materiais interessantes e do contato com a natureza.” (Almeida, 2010, p. 37)

“Johan Heinrich Pestalozzi (1746-1827), nasceu em Zurique. [...] Em 1775, fundou uma escola onde começou a experimentar métodos inovadores baseados nas teorias de Rousseau. Nessa escola as crianças eram encorajadas a observar, a argumentar e a desenvolver o interesse pelos estudos. [...] Opunha-se a memorização e à punição corporal, reforçando o amor e a compreensão pelo mundo das crianças. Para Pestalozzi a educação era um instrumento para a reforma social.” (op. cit. p. 37)

É importante dizer que Owen foi o criador do que se tornariam as ‘creches’, e o ‘jardim de infância’. E que o funcionamento de sua escola permitia a convivência de alunos de várias idades, pertinentes às suas deficiências estudantis. Neste sentido, Owen abre uma cozinha e um refeitório público, para alunos, moradores e trabalhadores da vila rural de New Lanark (Davies, 1907, 23). Além de construir umas das primeiras escolas infantis, Owen inspira os pioneiros de Rochdale a fundar a primeira cooperativa e, de acordo com Davies (1907, p. 36), também fundou o primeiro jornal cooperativista da época, o *The economist*. Sem falar de todas as ‘frentes políticas’, as quais Owen não pode evitar, sempre lutando pelo trabalho justo e o bem comum.

Entretanto, apesar de adotar seus princípios, a cooperativa de Rochdale aconteceu sem interferência direta de Owen, e, neste sentido, ainda é dito que teria sido o projeto que ele menos pôde apoiar, no entanto, o único que vingaria. Afinal, como a educação, era um projeto autonomista. Ainda assim, o que se poderia salientar é que estes princípios associacionistas e autogestionários, que, segundo Singer (2002, p. 35), passam pelo direito ao voto independente do quanto pôde ser investido na cooperativa,

a diminuição das horas de trabalho, a abolição do trabalho infantil, ou ainda a ideia de se estabelecer uma aldeia comunitária. Seriam elementos imortalizados nos oito princípios universais do cooperativismo.

1. Nas decisões cada membro tem direito a voto, independente da cota investida;
2. O número de membros da cooperativa estava sempre aberto, o princípio da 'porta aberta';
3. Sobre o capital emprestado, a cooperativa pagaria uma taxa de juros fixa;
4. Sobras distribuídas em proporção às compras feitas na cooperativa;
5. Vendas sempre à vista;
6. Venda de produtos puros, não adulterados;
7. Educação cooperativa integral;
8. Neutralidade religiosa e política.

Ora, estas seriam ideias e projetos sustentados originalmente por Robert Owen, então um jovem operário tecelão, que teria acumulado décadas de trabalho e inovações na indústria têxtil. E, ainda bem no início do século XIX, tornou-se um grande empresário, ativista do cooperativismo e do trabalho comunitário. Conforme enunciado, se os pioneiros de Rochdale, além da cooperativa, também queriam estabelecer uma “colônia autossuficiente” (Singer, op. cit., p. 39), Robert Owen, mais de quarenta anos antes da cooperativa equitativa dos pioneiros, havia erguido duas grandes comunidades experimentais, que antecipariam pelo menos alguns princípios da economia solidária já citados, dentre outros.

“Ao lado destas cooperativas operárias havia sociedades de propaganda owenista, que tinham como objetivo fundar Aldeias Cooperativas, atualmente chamadas ‘cooperativas integrais’, pois

organizavam integralmente produção e consumo. [...] Todos os movimentos sociais, todos os progressos reais, que surgiram na Inglaterra, estão ligados ao nome de Owen. [...] Ele presidiu o primeiro congresso em que *trade unions* (sindicatos) de toda a Inglaterra se uniram numa única central sindical.” (Singer, op. cit., p. 29)

Portanto, a efetiva melhoria do ambiente e das condições de trabalho, escola para crianças até os dez anos, pagamento de operários por hora de trabalho, ainda ajudando-os a se afastarem do álcool, o flagelo social daquela época. Constituindo uma primeira experiência coletiva e sistêmica de princípios da economia solidária, poderia ter sido configurada em New Lanark Mills. Uma vila rural formada em torno dos galpões de uma indústria de tecelagem movida à força d’água, próxima a Glasgow na Inglaterra, que teve suas instalações adquiridas em 1799 por Owen, com apoio de alguns sócios, meses antes do seu casamento com a filha do dono da propriedade David Dale.

“Foi estabelecido em 1785 por David Dale e Richard Arkwright. A energia hídrica fornecida pelas cataratas do rio Clyde transformou sua operação de fiação de algodão em uma das maiores da Grã-Bretanha. Cerca de 2000 pessoas estiveram envolvidas, 500 delas crianças trazidas para a fábrica com cinco ou seis anos de idade, provenientes de asilos e instituições de caridade de Edimburgo e Glasgow. Dale, conhecidos por sua benevolência, tratava bem as crianças, mas a condição geral dos residentes de New Lanark era insatisfatória.” (Stringfixer.com.RobertOwen, 2021)

“New Lanark, o ‘laboratório’ onde Robert Owen pretendia testar as ideias que estariam na base de sua visão de um ‘novo mundo moral’, foi fundada por David Dale. Talvez mereça a pena retroceder um pouco no tempo para se perceber que o papel reformista de Robert Owen terá tido como precursor o seu sogro, que se evidenciou pelo seu papel humanitário no tratamento dado aos seus trabalhadores e aos pobres, em geral. [...] dono paternalista de uma comunidade que atraía as atenções nacionais e internacionais, sobretudo pelo tratamento dado às crianças e indigentes. David Dale foi considerado o responsável pela transformação desta cidade no centro mais importante da revolução industrial da Escócia.” (Almeida, 2010, p. 28)

“Quanto mais Owen explicava seu ‘plano’, mais evidente se tornava que o que ele propunha não era simplesmente baratear o sustento dos pobres, mas uma mudança completa no sistema e uma abolição da empresa capitalista. Com isso Owen perdeu seus admiradores da

classe alta e, desiludido, partiu para os Estados Unidos.” (Singer, 2002, p. 26)

Desiludido, mas resiliente, ainda animado com sua primeira experiência, em 1824, como forma de testar a viabilidade de suas ideias, Owen viaja para o meio-oeste americano, e, em 1825, “comprou 30.000 acres de terras férteis em Illinois e Indiana, às margens do rio Wabash, e fundou ao custo de 40.000 libras, dele mesmo, New Harmony, uma comuna modelo” (Davies, 1907, p. 40). A partir da compra de uma comunidade inteira com 180 edifícios, como um projeto de comunidade utópica, baseado em crenças socialistas, que logo tornaria o lugar em um centro de reforma educacional, pesquisa científica, expressão artística e trabalho predominantemente agrícola (Stringfixer.com.RobertOwen, 2021). Contudo, apesar da soma de inovações sociais e trabalhistas, de uma forma ou de outra, em poucos anos, apesar de não abandonadas, essas comunidades foram dissolvidas como projetos associativos autossuficientes.

Ainda assim, estas comunidades conquistaram um fluxo extraordinário de pessoas para a época, sendo que havia um trânsito ininterrupto de visitantes que deixaram consignadas mais de 20 mil assinaturas num livro de registros de New Lanark no período entre 1815 e 1825, mormente dentre as multidões de viajantes de várias partes do mundo, incluíam figuras ilustres como o Duque de Holstein e seu irmão, O Grão-Duque de Oldenburg, the ambassador of Saxony Baron Just, e muitos outros embaixadores, além do Grão-Duque Nicolau, que iria se tornar Czar da Rússia, os príncipes austríacos John e Maximilian, uma infinidade de entidades paroquiais, escritores, reformistas e negociantes da era vitoriana (Heilbroner, 1966, p. 103; Davies, 1907, p.19).

Cook

Do outro lado, reconhecido como um dos fundadores do turismo moderno, e nomeado por Fúster como 'pai do turismo moderno'. Thomas Cook, em 1841, teria percorrido um trajeto considerável de mais de 20 quilômetros a pé para se reunir com um grupo que lutava contra o alcoolismo. E, num segundo encontro desta nascente liga contra o alcoolismo, Cook resolve alugar um trem para levar amigos, chegando a vender bilhetes de passagens para 570 pessoas, configurando a primeira viagem agenciada da história. Histórias já relacionadas às questões sociais e solidárias.

Mas além disso, como afirmado por Pires (2002, p. 18), em 1846, dois anos depois de aberta a cooperativa equitativa de Rochdale, Cook agencia um serviço de guias de turismo para 350 pessoas viajarem de Londres a Glasgow, na Escócia. E, próximo ao seu destino, menos de 43 quilômetros do centro de Glasgow, ladeando a estrada de Lanarkshire, muito provavelmente não poucos tripulantes teriam no roteiro uma passagem por New Lanark. A vila já era um importante local de visitação, muito tempo antes de Owen, permitindo mais essa aproximação original entre turismo, solidariedade, economia e ruralidade.

“Atento às transformações que se processavam no ato de viajar e, ao mesmo tempo, dotado de incrível capacidade empreendedora, Thomas Cook soube, como ninguém, usar sua criatividade de forma a criar facilidades a quantos se utilizassem de seus serviços. Foi assim que elaborou, em 1876, o cupom de Hotel, que hoje se conhece com o nome de *voucher*.”

Na atualidade, ambas as comunidades de New Lanark e New Harmony se transformaram em importantes polos de turismo, sendo que se pode ler em um libreto do hotel *New Harmony Inn* (New Harmony Inn, 2006), que a comunidade ainda oferece um lugar sereno, um verdadeiro santuário de estimulação intelectual e relaxamento físico, que teria feito *New Harmony* ser conhecida nos circuitos da área como a 'Atenas

do leste', afirmando uma referência inquestionável enquanto destino turístico. E esse é o ponto que se pretende reiterar. Estes espaços comunitários baseados no tratamento mais humano a operários e crianças de chão de fábrica, que antecipam a obra social da economia solidária, alcançariam um impacto profundo por sua imagem comunitária, em contraste com a depravação da vida industrial que se impunha pela ordem do capital. Assim, trazendo hordas inteiras que saíam dos grandes centros urbanos e industriais, para a visitação deste espaço hedônico de trabalho, indissociável de alguma referência ao turismo na área rural.

Interseção

A ideia principal desta tese nasce de uma relação aparentemente circunstancial, mas que mostrou a realidade desta interseção a partir da experiência coletiva continuada de economia solidária com inclusão cultural, produção artesanal sustentável, manejo agroecológico e proteção ambiental, realizada em uma propriedade na área rural de Cascavel. Espaço que integraria, com outros 47 empreendimentos de agricultura familiar, o programa 'Desenvolvimento do Turismo Rural Regional no Oeste do Paraná'. Projeto que implanta uma rota de turismo rural na região, projeto coordenado pela UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, a partir de projetos de alunos e professores do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável, envolvendo importantes relações interinstitucionais, demandas intersetoriais e pesquisas interdisciplinares (Da Luz, 2020, p. 04).

Assim, parecia fundamental a necessidade de estudos teóricos para desvelar aspectos elementares desta eminente convergência entre as duas ciências. E nesse

sentido, mais especificadamente, com base em literatura especializada, as pesquisas também mostraram uma anterioridade filosófica correspondente entre princípios fundamentais, caros tanto para a economia solidária, quanto para o turismo rural.

De forma bastante sintética, além das convergências histórica, espacial e acadêmica, a bibliografia apresenta que, se por um lado os princípios autogestionários e cooperativistas pertinentes à economia solidária são comumente associados aos movimentos do socialismo utópico. E, a ideia da 'utopia' desta época remete ao surgimento da literatura deste gênero, através da obra *Utopia* de Thomas Morus, então inspirada no estado ideal, e na Kallípolis, exposta na *República* de Platão. Por outro lado, a concepção de 'lazer' aliada ao turismo é conduzida à noção de 'prazer' epicurista que teria sido antecipada por Aristipo de Cirene, mestre da escola cirenaica ou hedônica, conterrâneo, contemporâneo e aluno de Sócrates. Sobre o qual só conhecemos tão somente através da obra platônica, denotando, também, outra forma possível de convergência conceitual destas disciplinas dentro da filosofia.

E na extensão desta anterioridade conceitual elaborada, baseada na literatura do turismo, pode-se perceber que desde Aristipo, passando por Dumazedier até Krippendorf, o conceito de 'lazer' se refere ao termo 'tempo livre', em contraponto à imposição do trabalho na sociedade capitalista. Nesse sentido, a sociologia do lazer afeita ao turismo perpassa pelas discussões de militantes socialistas como Paul Lafargue (1977, p. 16-17), que além do 'tempo livre' apresenta o 'direito à preguiça' contra a exacerbação do trabalho.

Ora, tudo isso também não escapa às lentes de Marx ou mesmo ao socialismo utópico de Proudhon, que se afiguram como teóricos reconhecidos, precursores de princípios revolucionários fundamentais, extensamente denotados na literatura da economia solidária. Assim, oportunamente, este trabalho desvelaria que, além de uma anterioridade histórica ou geográfica que se enunciava na pesquisa bibliográfica; seria possível ainda vislumbrar, a partir do discurso relativo a estes personagens históricos,

uma inusitada convergência conceitual, filosófica, e porque não dizer utópica, propriamente dita, entre os fundamentos da economia solidária e do turismo rural a ser verificada. A qual demanda por si só uma investigação, que se dará no segundo capítulo.

Porque não acrescentar também, uma ‘anterioridade revolucionária’, que se posiciona chegando a uma certa forma de resistência em relação às formas agônicas de trabalho, dado que a ‘utopia’ enquanto desejo e projeto de um mundo melhor, nasce e cresce da adversidade, mas sobretudo, nas palavras de Oswald de Andrade (1966, p. 76), “a utopia como transformação social não se forma somente de sonho, mas de protesto”.

Desta forma, acrescenta-se à correspondência espacial e à anterioridade histórico-filosófica, o conceito de ‘utopia’ que traz consigo a imagem de um espaço ‘idealizado’ de relações sociais melhoradas baseadas no trabalho coletivo, educação e respeito ambiental. Que poderia representar um *espaço hedônico* comum à economia solidária e ao turismo rural, delimitando assim, um campo interdisciplinar de estudos que se relacionaria, em princípio, às correspondências fundamentais entre estas distintas ciências.

Se a utopia estaria ligada a um espaço ideal específico ou a uma relação perfeita com a economia, Endlich (2016, p. 03), em sua resenha do livro de Gregory Claeys *Utopia: a história de uma ideia*, o autor trabalha este texto “fixando-se na ideia de que utopia deve vincular-se menos à ideia de perfeição e mais à de sociedade melhorada”. No entanto, ao final de seu livro Claeys indica por onde pode vir essa melhoria.

“Nosso mundo ideal não pode ser a Nova Jerusalém ou a Esparta de Licurgo. Não pode ser definido pelos devaneios de Karl Marx, mas se aproximará dos sonhos de Adam Smith? Os antigos mundos ideais podem nos dar esperança, inspiração, uma ideia do que ambicionar e também do que evitar. Mas nosso mundo ideal deve ser nossa própria criação, e teremos de enfrentar uma séria prestação de contas com o destino se não o criamos.” (Claeys, 2013, p. 213)

A conta chegou, Edmund Burke já deixou claro que quem não conhece a história, está condenado a repeti-la, ou se afundar nela. E Marx, completa a facada, acrescentando que na primeira vez, a história se repete como tragédia, e depois, como farsa. Porque o que ocorre hoje em dia é que a tragédia é dedicadamente, e conservadoramente, conduzida pela farsa.

Nunca foi mais difícil tomar um roteiro melhor, mais sustentável.

PARTE 2 Convergências sociotecnológicas

Para iniciar o trabalho com estas convergências, fez-se necessário neste capítulo, elaborar uma síntese sobre alguns aspectos da tecnologia social, para poder diferenciá-la da tecnologia convencional ou da tecnologia aplicada, e para melhor compreender o uso da terminologia. O que não quer dizer que não se farão necessários, oportunamente, outros esclarecimentos sobre o conceito. E, num segundo momento, serão executadas as leituras das formas e usos da tecnologia social aplicados a projetos na interseção da economia solidária e do turismo rural, a partir de uma pesquisa quantitativa e de uma revisão de literatura em artigos executados pelo autor.

Por sua vez, baseado nos conceitos produzidos no capítulo *A tecnologia social e seus desafios*, para a obra coletiva *Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento*, Renato Dagnino (Lassanse *et al*, 2004, p. 190 e 193), explica que é necessário entender a diferença entre a tecnologia convencional (TC) e a tecnologia social (TS).

COMO É A TC?

- Mais poupadora de mão de obra do que seria conveniente;
- Possui escalas ótimas de produção sempre crescentes;
- Ambientalmente insustentável;
- Intensiva em insumos sintéticos e produzidos por grandes empresas;
- Sua cadência de produção é dada pelas máquinas;
- Possui controles coercitivos que diminuem produtividade.

Dagnino (op. cit., p. 195), expõe que a questão não é somente o caso da “organização do processo de trabalho, como supõe a maior parte dos autores [...]. Mas é da tecnologia *lato sensu* e, mais do que isso, da forma como se faz e se concebe a ciência”. De forma incisiva, Dagnino explicita a necessidade do fomento à formação e pesquisa acadêmica. E neste sentido, reforça Dagnino (op. cit., p. 187), que a Tecnologia Social, “explora o processo recente [...] de conceber tecnologias para a inclusão social (IS)”. Quer dizer, explora o processo recente e democrático de fornecer a qualquer pessoa, o espaço para a sua valorosa diferença social, acadêmica, profissional, de gênero, mental, étnica, dentre outras.

COMO É (OU COMO DEVERIA SER) A TS?

- Adaptada a pequeno tamanho físico e financeiro;
- Não discriminatória (patrão x empregado);
- Orientada para o mercado interno de massa;
- Liberadora do potencial e da criatividade do produtor direto;
- Capaz de viabilizar economicamente os empreendimentos autogestionários e as pequenas empresas.

Enquanto o que se mostra na tecnologia convencional (TC), não é difícil de observar em qualquer comércio, dado que é excludente pela forma com que poupa e

seleciona a mão de obra e tem seu ritmo de produção dado pelas máquinas, mesmo as humanas. Imperativamente, possuindo controles coercitivos que interferem na produção, tornando qualquer ambiente duplamente insustentável.

No esclarecimento da definição de tecnologia social, faz-se importante revelar um outro conceito de tecnologia que também se diferencia da tecnologia social, que é o conceito de tecnologia aplicada. Conceito atrelado a um importante momento e movimento histórico, ocorrido entre os anos de 1924 e 1927, no momento em que Ghandi teria se dedicado à criação de programas públicos de fiação manual, que visava o uso da Charkha, uma espécie artesanal de roda de fiar. Um aparelho artesanal que teria sido a primeira ferramenta de tecnologia apropriada, então utilizada “como forma de lutar contra a injustiça social e o sistema de castas que a perpetuava na Índia”. No entanto, dado que a “imensa maioria dos grupos pesquisadores de TA está situada nos países do Primeiro Mundo”, apesar de uma certa difusão destas tecnologias, esses grupos teriam recebido críticas ferrenhas baseadas na “neutralidade da ciência local”, e no “determinismo tecnológico” (Lassanse *et al*, 2004, p.19, 27 e 25), decorrente do uso de aparelhos que dependiam de insumos externos. De qualquer forma, era uma ferramenta única, sem outra opção, o que acarretava os seus percalços.

“As ideias de Gandhi foram aplicadas também na República Popular da China e, mais tarde, influenciaram um economista alemão – Schumacher – que cunhou a expressão ‘tecnologia intermediária’, para designar uma tecnologia que, em função de seu baixo custo de capital, pequena escala, simplicidade e respeito à dimensão ambiental, seria mais adequada para os países pobres.” (Dagnino, 2010, p. 75)

Entenda-se que este conceito de ‘tecnologia intermediária’ define um protótipo na mesma dimensão socioeconômica desenvolvida pela ‘tecnologia aplicada’, relativa ao caso citado.

De outra forma, além de comungar da proteção ambiental, a tecnologia social que se afina à economia solidária ou ao turismo rural, divergiria da tecnologia apropriada, justamente pelas questões postas acima. Tanto sobre a ‘neutralidade da ciência’, quanto de sua decorrência, através do ‘determinismo tecnológico’ demandado. Dado que, de acordo com o que fora enunciado, a economia solidária e o turismo rural, são ciências que primam pela economia circular ou local, buscando zelar pela utilização de recursos próprios, abstendo-se de insumos externos e, cuidando da diversidade socioambiental. É nesse sentido que o conceito de tecnologia social (TS), está atrelado, inexoravelmente, ao conceito de inclusão social (IS), como pontuado por Dagnino e, dessa forma, indubitavelmente, construindo uma cultura local. Pertinente às demandas das ciências citadas.

Portanto a tecnologia social, mesmo parecendo redundante no momento, permite cumprir um papel sociotécnico, afinal, como afirmado em Lassanse *et al* (2004, p. 57), a tecnologia social como inovação tecnológica “não pode ser pensada como algo que é feito num lugar e utilizado em outro, mas como um processo desenvolvido no lugar onde essa tecnologia vai ser utilizada, pelos atores que vão utilizá-la”. Condições de trabalho coletivo que estão na base da interseção entre a economia solidária e o turismo rural.

2.1 Turismo rural e economia solidária em projetos no Oeste do Paraná

Ainda na *Introdução* desta obra, foi aventada a premência dos estudos na interseção da economia solidária com o turismo rural, dado que, por mais que essa união aconteça e seja insinuada em diversos artigos e trabalhos acadêmicos, infelizmente, essa convergência entre disciplinas em um programa de pós-graduação, não é designada, reconhecida ou requisitada como tal. Fala-se do turismo rural como disciplina e ciência, enquanto a economia solidária aparece como um apêndice de um

modelo de cooperativismo, não aparece como uma tecnologia social reconhecida, mas como um processo econômico local e limitado. Esquecendo até mesmo da cotidianidade da solidariedade na economia, tão premente ao mundo rural.

E, próximo ao final do *Primeiro capítulo*, foi explicitado que a ideia principal desta tese nasce de uma experiência coletiva, aparentemente circunstancial, da economia solidária com o turismo rural, mas que se mostrou real a partir do trabalho universitário e solidário. Provocando inclusão cultural, produção artesanal, manejo agroecológico, na área rural de Cascavel, dentro de uma propriedade da família do autor. Espaço que integrou, junto com outros 47 empreendimentos, uma rota de turismo rural na região, dentro de um programa de ‘Desenvolvimento do Turismo Rural Regional do Oeste do Paraná’, coordenado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, “a partir de projetos de alunos e professores do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável, envolvendo importantes relações interinstitucionais, demandas intersetoriais e pesquisas interdisciplinares” (Da Luz, 2020, p. 04). Executado dentro da linha de pesquisa *Inovações Sócio-Tecnológicas e Ação Extensionista*, coordenada pela Dra. Luciana Fariña. Projeto para o turismo rural, que confirmaria pelo menos uma interseção ativa entre a economia solidária e o turismo rural, no total de empreendimentos da rota.

Na verdade este projeto de uma ‘rota de turismo’ teria sido inspirado em outro projeto que acontecera pelo menos 10 anos antes, executado pelo Ministério do Turismo no Oeste do Paraná, chamado ‘Turismo Sustentável de Base Comunitária’. No qual, entretanto, uma interrupção abrupta deste projeto, iniciado em 2008 e finalizado em 2009, não deixaria marcas só para inspiração. Demandas não atendidas e feridas no turismo rural regional poderiam ser sanadas com alguma solidariedade interinstitucional, como na fala de um empreendedor, à época. Mas também Sanches, Schmidt e Tomio ressaltam outras dificuldades como a falta de políticas públicas e parcerias intersetoriais.

“Eles investiram um dinheiro alto nisso aí, daí as menina que tava ajudando nós falaram, é agora nós paremo, e agora vocês vai aprende a anda com as próprias perna de vocês, quem nem criança, e ninguém mais se interesse (...) nunca mais ninguém volto depois (...) então tem que ter a continuidade pra ajuda nós, é tudo muito difícil (EMPREENDEDOR G)” (Sanches e Schmidt, 2016, p. 9).

“Para além deste estudo, enfatiza-se ainda a escassez de políticas para a formação de conselhos setoriais de áreas ligadas ao turismo sustentável, como o meio ambiente, desenvolvimento rural e econômico sustentável e cultural” (Sanches e Schmidt, 2016, p. 11). “Todavia, existem alguns desafios, entre eles, a falta de liderança, o que está prejudicando o encaminhamento das iniciativas. Há que se considerar que houve um reconhecido fortalecimento individual dos empreendimentos, o que é essencial, porém representa apenas o início de um processo de amplitude regional. A parceria com os demais setores da sociedade, do governo e da sociedade civil é uma questão que vem sendo considerada emergencial. Se isso de fato ocorrer, a construção de um conselho regional para o turismo é fator importante, mas deve contemplar a participação dos três setores. Os esforços coletivos para atingir tal objetivo não são difíceis, uma vez que os empreendedores já possuem experiências coletivas junto ao desenvolvimento do turismo” (Schmidt e Tomio, 2016, p. 736-737).

Por sua vez, no período de final de 2018 e início de 2019, a Turismóloga Jéssica Becker Da Luz apresenta, na sua dissertação, a pesquisa sobre o projeto, ‘Desenvolvimento do Turismo Rural Regional no Oeste do Paraná’. Projeto organizado através do trabalho conjunto com a coordenadora da linha de pesquisa e o Dr. Jerry Johann e seus orientandos, responsáveis pelo georreferenciamento e posterior emplacamento das propriedades. Seriam então afixadas placas com as insígnias interinstitucionais do projeto, envolvendo propriedades de três cidades do oeste paranaense, Cascavel, Guaraniaçu e Ubitatã, confirmando a execução da rota proposta. No entanto, somente 45 seriam emplacadas, sendo que as outras duas propriedades, recusaram-se ao emplacamento.

E, dessas 45 propriedades emplacadas, além da propriedade citada, envolvida com economia solidária, artesanato, hospedagem, e então turismo rural, haveria nesta rota pelo menos 16 propriedades com restaurantes, 13 delas com agroindústria, 7 propriedades envolvidas com pesca, 6 hospedagens e 4 hotéis, sendo que todas

estariam de alguma forma envolvidas com o turismo rural. Denotadamente, mesmo que poucas tenham aparelhos específicos para o turismo, em uma pesquisa quantitativa que conseguiu uma amostra de 16 das 45 propriedades, apenas duas afirmaram que seus maiores rendimentos advinham diretamente do turismo rural. Ainda que no total das propriedades da rota estejam denotados quatro hotéis e seis hospedagens.

E, antes de apresentar as tecnologias sociais envolvidas no projeto, citam-se aqui dois enunciados da dissertação de Becker Da Luz, que, além da apresentação de toda a estrutura do desenvolvimento do projeto executado, a turismóloga também executou uma pesquisa qualitativa que se tratava do potencial turístico de cinco propriedades com agroindústria familiar da rota de turismo rural, situadas na cidade de Cascavel.

“De acordo com Ruschmann(2000) o turismo rural é mais do que um simples complemento da atividade agrícola tradicional, pois contribui para o desenvolvimento regional e faz com que a estrutura produtiva se torne local de lazer para a população, servindo de estímulo para atividades produtivas no meio rural, como produtos agrícolas, alimentação, artesanato, dentre outros.” (Da Luz, 2021, p. 16)

“É necessário constituir formas para que se mantenha a sustentabilidade dos empreendimentos, como por exemplo, os programas ambientais, a coleta de lixo tradicional e seletiva no meio rural, os estudos de caso para a verificação dos tipos de resíduos gerados pelas agroindústrias e sua transformação, dentre outras, são opções que refletem no uso sustentável dos recursos naturais.” (Da Luz, 2021, p. 66)

Assim, primeiramente, através das falas trazidas por Sanches, Schmidt e Tomio, sobre o projeto executado em 2008, mostra-se a dificuldade de um empreendedor, que se sentiu deixado sozinho, em um negócio novo pra ele, que em suas palavras é, pelo menos, ‘difícil’. Depois é reclamado da falta de políticas públicas para o setor, de conselhos setoriais e do cuidado com a sustentabilidade dos

processos. No último discurso na primeira parte desta seção, é requisitado pelas parcerias interinstitucionais que executariam programas ambientais, coletas seletivas ou a transformação de resíduos, já que a experiência coletiva apesar de muito satisfatória não teria sido acompanhada ou continuada. E aqui apresentam-se as oficinas executadas no ano de 2008, findadas no ano seguinte.

- Oficinas sobre hospitalidade;
- Viagens técnicas interestaduais para reconhecer outras iniciativas;
- Mostras de turismo sustentável;
- Participação em feiras especializadas.

Todas tecnologias sociais de um programa de governo, supostamente usadas para o desenvolvimento regional, que foram deixadas de ser acessadas pelos 12 proprietários, usuários da rota, apenas um ano após criada. Importante verificar a natureza das oficinas, com mostras em feiras especializadas e viagens de reconhecimento, que não teriam um custo baixo. Nesse sentido, essa dissolução do programa federal no oeste do Paraná, melhor desenvolvido em outros estados, deve ter tido influência de um governo retrógrado e recrudesciente, entre governo, capital e cidades reacionárias e pouco afeitas à diversidade ou o trabalho social.

Aqui é um estado de primeiro damismo. E, denotadamente, pela irresponsabilidade da falta de retorno das mantenedoras, a escassez de políticas públicas municipais favoráveis aos empreendimentos e a falta de parcerias interinstitucionais permanentes. Mostrando ainda a impossibilidade de se realizar efetivamente o 'Turismo Sustentável de Base Comunitária', conforme requerido pelo governo, no período 2008-2009.

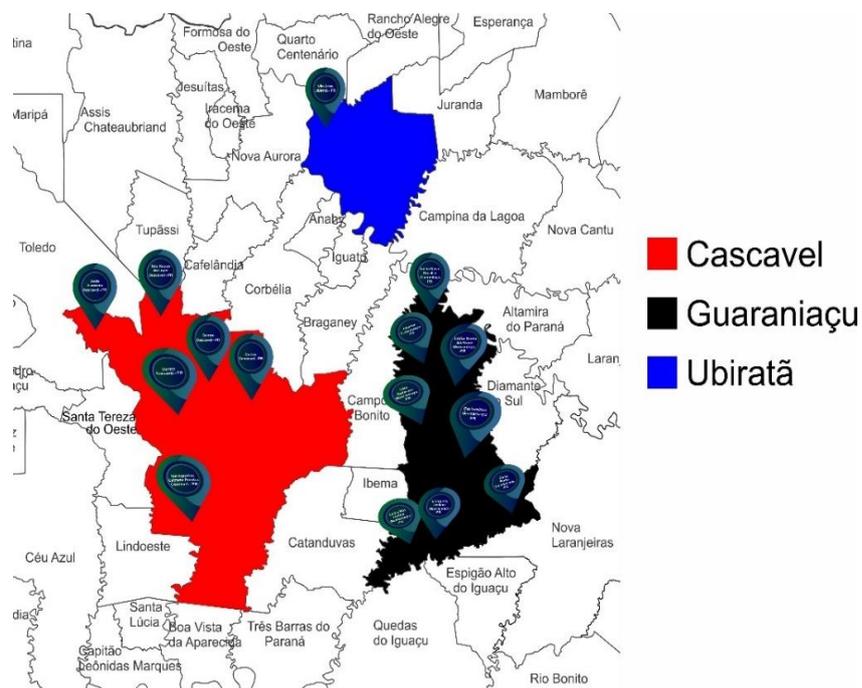
Todavia, dentro do projeto ‘Desenvolvimento do Turismo Rural Regional no Oeste do Paraná’, iniciado entre 2018 e 2019, apresentado na dissertação da turismóloga Jéssica Becker Da Luz (2021, p. 21 e 22). Foram formatadas tecnologias sociais através da participação interdisciplinar e intersetorial, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, em conjunto com a Fundação Parque Tecnológico de Itaipu – PTI, o Programa Regional de Formação para o Desenvolvimento Local e Inovação – ConectaDEL, a Agência de Desenvolvimento do Turismo no Oeste do Paraná – Adetur Oeste e, as secretarias do desenvolvimento dos três municípios. Assim, para a formatação da rota foram apresentadas estas ferramentas sociotecnológicas.

- Formulário de Inventariação Turística sobre: infraestrutura, apoio, serviços e equipamentos;
- Formulário de percepção do agricultor quanto ao potencial turístico do empreendimento;
- Georreferenciamento;
- Inventariamento;
- Estabelecimento da Rota;
- Emplacamento com as insígnias turísticas pertinentes ao local.

Então tecnologias sociais, dado que foram trabalhadas interinstitucionalmente para o desenvolvimento sustentável local e regional. No entanto, assim como o projeto executado dez anos antes, não havia nenhum plano de manutenção, comunicação ou manejo sustentável da rota. E, desta forma, além das propriedades que ainda sustentam as placas com as insígnias interinstitucionais e o georreferenciamento em QR Code, boa parte das propriedades nem mais placas têm, além daqueles proprietários que nem querem mais o contato com a universidade pública, responsável

pelo projeto. Nem mesmo o site que manteria informações atualizadas sobre os empreendimentos, conseguiu se sustentar, depois de todo desmonte público que este país sofreu.

Figura 3.: Localização e algumas propriedades do projeto 'Desenvolvimento do Turismo Rural Regional no Oeste do Paraná'



Fonte: autor

Ao menos, o que se mostra acima na Figura 3, é que a tecnologia social utilizada para o turismo rural para o desenvolvimento local ou regional sustentável, comporta uma série de ferramentas tecnológicas, que sem o fomento adequado e o espaço de 'experiências coletivas' devidamente sustentado, nada permanece. Como disse Becker Da Luz, "é necessário constituir formas para que se mantenha a sustentabilidade dos empreendimentos". Para tanto, se não houver o envolvimento do estado, do município ou o fomento federal às universidades públicas, abrindo programas de extensão com pesquisas interdisciplinares e trabalho direto nas

comunidades vulneráveis, gerando trabalho e renda, como diria Ruy Braga (2023, p. 09), resta a “angústia do precariado”, e pior, a constituição reativa da violência social.

2.2 Economia solidária e turismo rural intercontinental

Dentre as oportunidades de encontrar evidências sobre a interseção entre a economia solidária e o turismo rural, não se poderia apenas ter uma visão local ou regional do fato, como mostrou o projeto ‘Desenvolvimento do Turismo Rural Regional do Oeste do Paraná’. Era necessário ampliar o campo de buscas para encontrar outras formas em que esta convergência se afigurasse em toda sua potência e complexidade, utilizando-se de ferramentas diversas. Desta forma foi executada uma busca no site de referências da *Web of Science* em que, na ‘busca avançada’ foi usado o protocolo TS = (solidarity economy AND rural tourism). Portanto, a busca foi executada sob o rótulo de campo ‘tópico’, relacionando os conceitos com o operador booleano ‘AND’, que restringe a busca, ainda se utilizando de todas as bases de dados, sem tempo determinado, resultando em oito trabalhos, dos quais somente quatro eram artigos, utilizados como critério de exclusão/inclusão. E, portanto, somente estes quatro artigos foram utilizados como fontes das evidências da interseção entre a economia solidária e o turismo rural, e na amostragem de tecnologias sociais, no desenvolvimento desta seção.

Com origem intercontinental, os resultados trouxeram projetos interdisciplinares, intersetoriais e interseccionais da Colômbia, Equador, Estados Unidos e Itália. E, nesta ordem tentaremos unir uma leitura interdisciplinar e complexa, baseada na teoria de sistemas, dentre os parâmetros de Jorge Albuquerque Vieira, para sintetizar o conteúdo dos artigos, ainda trazendo suas tecnologias sociais exemplares. Afinal, como afirma Cor van Dijkum (2001, p. 291), “early researchers who were influenced by those ideas and who tried to practice an interdisciplinary social science were associated with System

Theory (von Bertalanffy, 1932–1942; Lewin, 1948, Bateson, 1972)”.

2.2.1. Parâmetros Sistêmicos

A partir dos parâmetros sistêmicos, originários da Teoria Geral de Sistemas, somadas a teorias de auto-organização e complexidade, pelo astrofísico Jorge Albuquerque Vieira, pode-se ter uma visão mais geral da complexidade do empreendimento de turismo rural quando aliado à economia solidária.

São dez os parâmetros sistêmicos, divididos em dois grupos: ‘parâmetros básicos’ ou ‘fundamentais’ e, ‘parâmetros evolutivos’. Os três parâmetros básicos a todo sistema são: *permanência*, *ambiente* e *autonomia*, que se seguem dos parâmetros evolutivos: *composição*, *conectividade*, *estrutura*, *integração*, *funcionalidade* e *organização*. A *complexidade* aparece como um parâmetro ‘livre’, o qual pode figurar em quaisquer outros parâmetros, conforme Vieira (2000, p.15-19 e 2006, p. 89). Como os ‘parâmetros’, representam conceitos relativamente comuns ao discurso científico e, não menos ao discurso sobre essa interseção, os textos a seguir, sobre os artigos, desenvolvem estes parâmetros no seu enunciado.

No entanto serão denotados elementos do parâmetro da complexidade, o qual, enquanto um ‘parâmetro livre’, não parece ser tão evidente. Neste sentido, faz-se uma tentativa de esclarecê-lo com algumas definições referenciais, como a de Vieira (2006, p. 33).

“O problema trazido à consciência acerca da complexidade não se resume só nessas questões naturais, ou seja, na chamada complexidade ontológica. Reside também na complexidade semiótica (Bunge, 1963). Ou seja, além dos confrontos surgidos com a realidade, surgem aqueles gerados pela nossa dificuldade em estabelecer adequadas representações da realidade.”

Em um artigo publicado online, intitulado *Organização e sistemas*, texto que introduz os ‘parâmetros sistêmicos’, Jorge Albuquerque Vieira (2000, p. 18), acrescenta:

“Nosso interesse é congregar as contribuições de desenvolvimentos mais recentes na área de sistemas, como por exemplo a termodinâmica dos sistemas abertos longe do equilíbrio (Prigogine, 1984), ou as recentes descobertas na área dos sistemas dinâmicos não lineares em processos de caos determinista, ou ainda as ideias do *princípio de organização a partir do ruído* (Atlan, 1992). Nas últimas décadas muitas ideias e conceitos têm sido propostos, apontando para um clímax que caracteriza o reconhecimento e a necessidade do estudo da *complexidade*, com uma conseqüente teoria sistêmica.”

Citado por Vieira, Ilya Prigogine (1996, p. 12), químico russo naturalizado belga, vencedor do Nobel de Química de 1977, no livro *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*, expõe que, “essa física tradicional unia conhecimento completo e certeza: desde que fossem dadas condições iniciais apropriadas, elas garantiriam a previsibilidade do futuro e a possibilidade de retrodizer o passado”. Ficaria sempre a pergunta: condições apropriadas para quem? Se não falamos da indústria armamentista, falamos da indústria alimentícia, raiz do turismo rural, essencial aos projetos de economia solidária do país. Esta última, incrivelmente melhor a cada pior tragédia.

Mas Prigogine enunciaria, logo adiante esta denúncia citada, ainda no prólogo intitulado *Uma nova racionalidade*. Uma elaboração que lembra o conceito de ‘socialismo utópico-político’ ou o ‘papel político-pedagógico’ da utopia, que foi relacionada a Owen, para contrapor a oposição construída por Engels entre o que seria o estritamente utópico e o estritamente científico. Assim, sob “o ideal humanista de responsabilidade e liberdade” das ciências, Prigogine assegura e assevera:

“A democracia e as ciências modernas são ambas herdeiras da mesma história, mas essa história levaria a uma contradição se as ciências fizessem triunfar uma concepção determinista da natureza, ao passo que a democracia encarna o ideal de uma sociedade livre. Considerar-nos estrangeiros à natureza implica um dualismo estranho à aventura das ciências, bem como a paixão de inteligibilidade própria do mundo ocidental.”

Portanto, este cientista mais que laureado e progressista, deixa bastante claro que o ideal da democracia passa pela ciência que sai de si mesmo e se encontra com o outro, em sua natureza. Prigogine sabe muito bem do que se constitui o conceito de ‘ideal’, senão de muito trabalho.

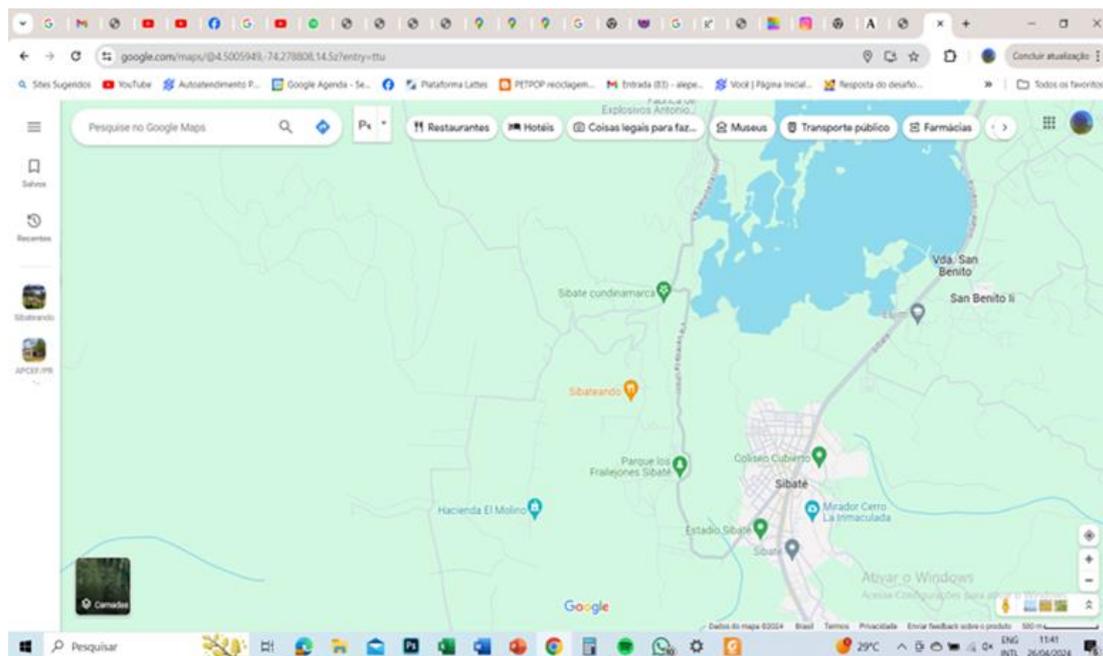
2.2.2 Sibateando

MORA FORERO, Jorge Alexander; NIETO MIEJA, Alvelayis. Economía Solidaria Y apropiación del turism rural comunitário: studio de caso Sibateando. Colômbia. **LA RAZÓN HISTÓRICA**, Revista hispano-americana de Historia de las ideas, v.56, p.194-208,2002.

Este artigo foi executado pelos Professores Investigadores da Universidade Uniaugustiana de Bogotá, na Colômbia. Desenvolvido através de um estudo de caso realizado no Agroparque Sibateando, que é uma comunidade agrícola indígena. O artigo fala sobre o caminho de apropriação do território e o interesse da população local pelos princípios da economia solidária. Comunidade situada no município de Sibaté, na Colômbia, conforme a Figura 4.

Esta comunidade local rural fica a noroeste do pequeno município de Sibaté e, a sudoeste do Reservatório de Muña. Tomando em consideração que 'atrás' deste reservatório, encontra-se a megalópole de Bogotá, que quase chega a encostar no Reservatório pelo sudoeste da cidade.

Figura 4.: Localização de Sibateando



Fonte: autor

Desta forma, pode-se entender que Sibateando é uma comunidade próxima à sede de seu município e bastante próxima à capital do país, Bogotá. Portanto, uma pequena comunidade ladeada por um imenso reservatório que ‘esconde’ do seu outro lado, talvez a maior cidade do país. Tornando-se um espaço acessível a um grande e diverso número de visitantes ‘locais’. Como afirmado por Mora Forero e Mejia (2022, p. 203), o espaço conta com um manejo ambiental digno.

“con una riqueza natural vasta y de gran importancia. Ofrecen un producto diseñado principalmente para población de estudiantes, en el cual se enseñã a jóvenes y niños las actividades agrícolas y pecuárias”.

A partir destes dados, pode-se entender que é uma comunidade diferenciada, que tem um produto turístico desenhado e adequado a um público-alvo bastante específico. Assim, Sibateando caracteriza-se por ser formada por um grupo comunitário indígena, que tem interesse na *permanência* sustentável dos atributos de um *ambiente* rural natural. Mostrando uma forte união coletiva, com tradições seculares, oficinas de capacitação, manejos de resíduos e a preservação do espaço num sentido histórico,

cultural e ambiental, que lhe garantem memória e *autonomia*. São comunidades indígenas ancestrais que detêm uma *composição* étnica única e *conectividade* exemplar, dado que além de suas características típicas imemoriais, ainda possuem uma governança política de caráter inclusivo, receptiva e participativa.

“La apropiación del territorio por partes de las personas es crucial en los procesos de desarrollo comunitario y cuidado del ecosistema, teniendo en cuenta el sentido de pertinencia y de unión que se genera en las comunidades para emprender proyectos en pro del crecimiento común y buena gestión de recursos” (Mora-Forero; Nieto-Mejia, 2022, p. 204).

Se no artigo não estão expressos os números da população ou de comunidades em Sibateando, dificultando observar sua *estrutura*, dado que seja um parâmetro que denota o número de conexões do sistema. Por sua vez, dada a alta *integralidade* obtida pela profunda relação do turismo rural com a economia solidária e o poder comunitário coletivo, pode-se inferir que a estrutura seja condizente e, como já afirmado, desenhada para o objetivo a que se propõe. Então, a partir da composição diversificada, da autonomia ancestral e uma conectividade singular, mostra-se que o artigo praticamente executa um diagnóstico da boa *funcionalidade* do empreendimento. Todos estes parâmetros em conjunto, devem se somar aos *fatores de consolidação* do projeto, identificados por Mora Forero e Mejia (2022, p. 204).

FATORES DE CONSOLIDAÇÃO

- Interesse da comunidade pelo projeto;
- Potencial turístico;
- Organização comunitária;
- Impacto Sociocultural;
- Impacto Ambiental;
- Impacto Econômico.

Assim, a partir dos parâmetros sistêmicos apresentados e dos fatores listados,

refletidos na comunidade, dos quais seus itens alcançaram médias superiores a 70%, chegando a 100% no Impacto Sociocultural e na Organização comunitária. Pode-se concluir que se trata de uma *organização* com governança e *complexidade* sistêmica. E afirma esta complexidade a partir dos 'fatores de consolidação', listados por Mora Forero e Mejia (2022, p. 201-203), como *tecnologias sociais* trabalhadas pela comunidade.

- Las personas asisten a talleres o capacitaciones para el desarrollo del proyecto;
- El proyecto contempla la inclusión en la participación de la actividad turística;
- Se desarrollan actividades educativas para afianzar la cultura local;
- La comunidad cuenta con su propia normativa de uso y manejo del territorio;
- La comunidad contempla un adecuado manejo de desechos sólidos;
- La actividad turística genera empleos directos e indirectos;
- El producto turístico presenta elementos innovadores y autenticidad, hay facilidad de acceso al mercado consumidor;
- Prelación de los intereses colectivos sobre los individuales;
- Asociatividad de acuerdo con la identidad cultural;
- Conocimiento del sistema económico y solidario por parte de la comunidad;
- Control democrático por los miembros;
- Distribución equitativa de utilidades;
- Rendición de cuentas o excedente.

No entanto, além dessas tecnologias sociais relacionadas no artigo, que demonstraram a complexidade do comprometimento de uma comunidade indígena com o turismo rural e sua apropriação coletiva da economia solidária. A pesquisa de Mora-Forero e Mejia (op. cit., p. 202), ainda apontaria algumas dificuldades em implantar tecnologias mais sustentáveis, atreladas a programas sociais, em ambientes

vulneráveis, mostrando as carências sociotecnológicas diagnosticadas.

- El proyecto no contempla el uso de fontes renovables de energia;
- No hay materiales de construcción amigables y adecuados con el entorno;
- El proyecto contempla combustibles contaminantes.

Como esta seção tem por objetivo apresentar as tecnologias sociais enunciadas pelos artigos, pode ser observado, distintamente, que as comunidades reconhecem e refletem, suas próprias dificuldades. Além de claramente reconhecerem a apropriação do turismo rural em relação à economia solidária. Mostra-se aqui os caminhos que os profesores colombianos Mora Forero e Mejia (2022, p. 205), apontam para o fortalecimento e o empoderamento do projeto Sibateando.

“Algunas de las líneas de investigación se deben orientar hacia reflexiones sobre el capital social y empoderamiento comunitario en iniciativas turísticas; economía solidaria y seguridad alimentaria en territorios campesinos; cohesión social y agencia comunitaria; el rol del turismo en la defensa del territorio campesino; modelos socio-antropológicos para el turismo comunitario y política pública y gobernanza en la gestión y desarrollo del turismo de base comunitaria.”

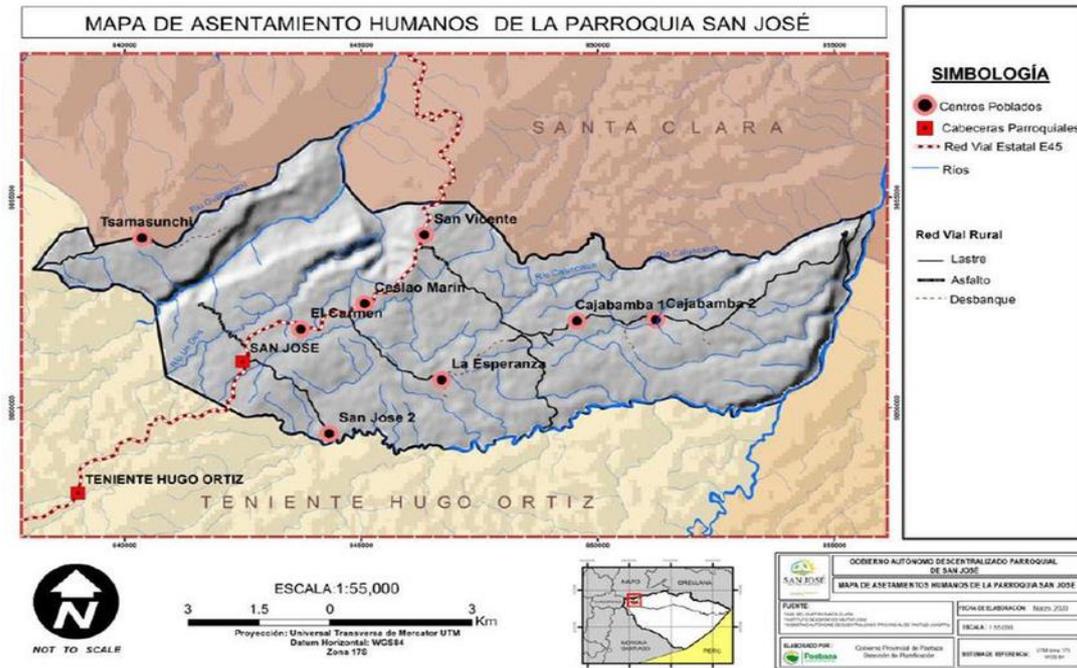
2.2.3 Parroquias rurales

BELEMA, Luis Armijo A.; BRAVO, Elsa Flor Q.; CUESTA, Patricio Alejandro A.; VELÁSQUEZ, Alex Vladimir; ORDÓÑEZ, Álvaro Andrés. Los emprendimientos gastronómicos en las parroquias rurales de Ecuador, a través de la economía popular y solidaria. Caso de estudio. **ESTUDOS DEL DESARROLLO SOCIAL: CUBA Y AMÉRICA LATINA**, v.7, n. 3, sep-dec, Universidade Estadual Amazonia, Puyo, Pastaza, Ecuador, 2019.

Este artigo foi executado por cinco docentes de quatro diferentes instituições. Universidad Estatal Amazónica, Universidade Nacional de Chimborazo, Escuela Superior Politécnica de Chimborazo e Instituto de Postgrado y Educación Continua. O artigo está fundamentado em pesquisas realizadas na comunidade rural de San José, cantão Santa Clara, província de Pastaza, no Equador, conforme a Figura 5.

No Equador existem 1.399 comunidades, sendo que 609 são urbanas e 790 rurais. As comunidades rurais estão situadas nas periferias das comunidades urbanas. Neste caso da comunidade de San José, não difere muito de Sibateando, na sua forma de localização.

Figura 5.: Parroquia rural San José



Fonte: autor

Dado que diferente de Sibateando, ao invés de um grande reservatório de água que o coloca do lado oposto da capital Bogotá, neste caso da comunidade de San José, há o Parque Nacional Llanganates. O qual também situa esta comunidade em oposição à capital do país, Quito, mais ao norte, sendo que a comunidade se encontra no sentido sudeste da capital. Portanto, como Sibateando, também acessível a um grande e diverso público, em um local privilegiado pela natureza. No entanto, diferentemente da comunidade agrícola indígena colombiana citada, além da pouca oferta de atributos turísticos e a carência de tecnologias sociais relativas à economia solidária, o espaço expõe as grandes dificuldades econômicas da comunidade, como o subemprego e grande porcentagem de desempregados.

“Las fuentes de trabajo son escasas en las parroquias rurales del país y el caso de estudio, lo que no les permite a sus habitantes a generar ingresos con los cuales adquieran bienes y servicios, y satisfagan sus necesidades básicas, a fin de que mejoraren su calidad de vida y alcancen el Buen Vivir” (Belema *et al*, 2019, p. 219).

E, de acordo com os dados do artigo, a população da comunidade rural de San

José chega a 735 habitantes e, esta pequena população se divide em apenas 19% de pessoas empregadas, 21% de pessoas em situação de subemprego e 59% de desempregados. Neste sentido, observa-se uma população carente, bem menos envolvida com seus atributos turísticos, com sérias deficiências estruturais ou ambientais. Das 25 propriedades pesquisadas, apenas 1,92%, menos de 2% das propriedades, serviam aos visitantes pequenos 'tours guiados'. E, a partir de uma pesquisa qualitativa, a qual apontava a gastronomia através da economia popular e solidária, como uma alternativa para o turismo rural, executada na comunidade. Foi diagnosticado que 84% dos proprietários rurais estão insatisfeitos com seus empreendimentos. Apontando que até 82,7% pensam em mudar de negócio e pelo menos 76% aceitariam investir em empreendimentos gastronômicos, para poderem aproveitar melhor os atrativos turísticos do lugar, contando com até uma dezena de cascatas naturais.

Quer dizer, apresenta-se uma dura realidade de *permanência* enfraquecida, dentre um *ambiente* de profundas carências pessoais ou interpessoais, além de necessidade básicas comunitárias pouco satisfeitas. Os povos andinos, que constituíram a formação destas comunidades, remontam há mais de dez mil anos, no entanto, este artigo mostra a tentativa de uma união entre universidades e técnicos acadêmicos, em contribuir com a 'proposta gastronômica', na tentativa de apresentar uma memória trabalhada economicamente pela população, frente a uma *autonomia* esmaecida devido às adversidades do local e à escassez de trabalho e oportunidades.

Infelizmente, a única composição e conectividade efetivadas, foram dos professores, que através de um trabalho acadêmico, tentaram ajudar com que a comunidade se apropriasse de seus bens culturais e naturais. A comunidade não tem uma *composição* que seja compromissada com um programa cultural ou ambiental, e sua falta de *conectividade* ressentida da falta de núcleos coletivos autogestionários. Como

foi apontado por Veronese (2008, p. 42), “essa chamada à autogestão é uma das dificuldades centrais dos trabalhadores com ela envolvidos, egressos de formas heterogestionárias, muitas vezes autoritárias, de trabalhar”.

Fora a precária estrutura econômica, por sua vez, a deficitária *estrutura* turística do local, mostrou que menos de 2% da população usufrui dos atrativos turísticos do local. O que, sem dúvidas resulta em uma difícil *integralidade* de seus membros, nem ao menos uma *organização* eficaz. Como parâmetro livre, não se pode deixar de reverenciar a *complexidade* do esforço acadêmico que colocou juntos um importante conjunto de universidades, professores, orientandos e alunos, dentro de uma comunidade rural local. Ainda que este esforço não tenha sido espelhado em seus atores comunitários.

De uma forma bem mais sintética que o empreendimento anterior, é esclarecido que, dos 25 empreendimentos, 21 são agrícolas e 4 pecuários. Sendo que dentre outras atividades, não enunciadas no artigo, denotam até 2,88% de atividades e, 1,92% destas, correspondem aos ‘tours guiados’, então, praticamente a única tecnologia social que se aproveita das belezas naturais e cascatas locais. Por outro lado, de acordo com as pesquisas, nenhuma propriedade aproveita sua gastronomia, deixando atrativos intactos. E como afirmado pelos professores Belema *et al* (2019, p. 219).

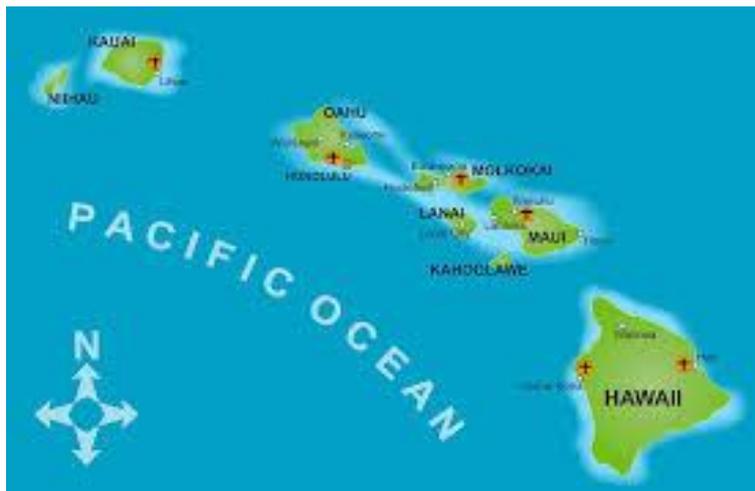
“La falta de empleo ha ocasionado que la pobreza por necesidades básicas insatisfechas se mantenga en las parroquias rurales del país y en las localidades de la parroquia rural San José; por lo que, continúa siendo un problema para sus habitantes.”

2.2.4 Turismo voluntário

MOSTANEZHAD, Mary. Turismo voluntário como participação de movimento social: Uma análise da economia polanyiana de oportunidades mundiais em fazendas orgânicas (WWOOF). Do Haváí, Depto. de Geografia JOURNAL OF SUSTAINABLE TOURISMO, v.24, Ed. 1, p. 114-131, 2016.

Este artigo sobre turismo voluntário foi realizado por uma professora do Departamento de Geografia da Universidade do Hawaii, em Honolulu, na Ilha do Haváí, Figura 6. A pesquisa examina motivações que levam fazendeiros e *woofers*, a se tornarem participantes da WWOOF – World Wide Opportunities on Organic Farms.

Figura 6.: Ilhas do Haváí



Fonte: autor

Quer dizer, o trabalho informa sobre o que leva pequenos agricultores orgânicos do Havaí a aceitarem os chamados *woofers*, que são ‘turistas voluntários’, que trocam alimentação e acomodação por quatro a seis horas de trabalhos diários, nestas fazendas orgânicas. Fornecendo mão de obra gratuita aos pequenos fazendeiros. Apesar de contar até 300 pequenos produtores orgânicos em todas as ilhas do Havaí, as entrevistas foram realizadas com apenas 12 fazendeiros que participam da WWOOF – World Wide Opportunities on Organic Farms (Oportunidades Mundiais em Fazendas Orgânicas), no Havaí.

Levando-se em consideração que no ano de 2024, somam 130 países participantes, com mais de doze mil fazendeiros e mais de cem mil *wooffers* inscritos como turistas voluntários. Só nas ilhas do Havaí, passam, por ano, três mil *wooffers*. Desta forma, observamos uma ampla plataforma de turismo alternativo globalizada, que já possui 53 anos de funcionamento, e contava com 45 na época desta pesquisa executada. Mostrando que os fazendeiros estão satisfeitos com seus visitantes e suas diferenças pessoais, relevantes para um aprendizado de via dupla.

“The intention with our community is to create a social melange that supersedes or transcends individualism. Not that individuality is bad but

there is a social fabric that we need to plug into places. Not just as members of a nation or the state or a town or even a neighbourhood but on a daily basis. It's something more than just myself or me and my wife and my kids. It's our belief about human nature fundamentally and so that's what we are attempting to re- create in our community so we took kind of a fun weak definition of no body, no one owns it. It's no one's place it's everyone's place" (Mostafanezhad, 2016, p. 124)⁵

Inicia-se o trabalho pela síntese produzida na leitura da complexidade deste sistema único do turismo alternativo. Em que, apresenta-se uma plataforma tão ampla e com um trabalho tão específico, mas profícuo, que se estende de forma global, com uma *permanência* consolidada. Por outro lado, o ambiente é mais complexo, dado que se fala de um dos paraísos turísticos mais reconhecidos no mundo. Assim, apesar do ambiente natural ser o mais aprazível possível, o *ambiente* socioeconômico em que estão inseridos os fazendeiros do WWOOF é muito restrito e demasiado competitivo. Como aponta Mostafanezhad (2016, p. 16), “apesar da solidariedade dos fazendeiros com as novas agendas do movimento social, a WWOOF também opera [...], no contexto de um complexo agroindustrial cada vez mais neoliberalizado”.

Ainda assim, com 53 anos de permanência dentro de uma plataforma etnicamente global, o programa demonstra uma história, *autonomia* e *composição*, faustosas. A potente *estrutura* e *conectividade* se apresenta na atual participação de 130 países, mais de doze mil anfitriões e mais de cem mil *woofers* inscritos em um site online, mundialmente acessável e acessível. Estes números demonstram também a grande *integralidade* do programa, com a formação de ‘ilhas’ de turismo voluntário, em diversos locais do planeta, como exposto em Vieira (2000, p. 18): “essa estratégia de

⁵ “A intenção de nossa comunidade é criar uma mistura social que supere ou transcenda o individualismo. Não que a individualidade seja ruim, mas há um tecido social que precisamos conectar aos lugares. Não apenas como membros de uma nação, estado, cidade ou mesmo bairro, mas diariamente. É algo mais do que apenas eu ou eu e minha esposa e meus filhos. É nossa crença sobre a natureza humana fundamentalmente e é isso que estamos tentando recriar em nossa comunidade, então pegamos uma definição divertida e fraca de nenhum corpo, ninguém o possui. Não é o lugar de ninguém, é o lugar de todos.” (Mostafanezhad, 2016, p. 124)

gerar ilhas altamente conectadas no interior do sistema significa que este permitiu a emergência de subsistemas”, na verdade, a integralidade se exprime pela configuração de subsistemas emergentes.

O turismo voluntário pesquisado no Havaí fornece mão de obra barata aos pequenos produtores orgânicos da ilha, em troca de acomodação e alimentação natural, caseira, orgânica. Portanto a acessibilidade da *funcionalidade* da WWOOF, explica por que um projeto tão específico tem se multiplicado de forma praticamente global. E, vencendo todos estes parâmetros com números impressionantes, o projeto tem uma organização consolidada. A *organização*, portanto, é clara e evidente, sendo que a *complexidade* atravessa todos os momentos desse programa, mostrando tecnologias sociais de alta complexidade, que se unem à economia solidária como ferramentas para o turismo rural orgânico. Nesta pesquisa não há elementos que nomeiem essas ferramentas de tecnologia social utilizadas, então pode-se ter uma ideia delas na apresentação seguinte.

Assim, além de toda diversidade que se pode contemplar numa fazenda orgânica, de suas produções às peculiaridades do pequeno produtor, ainda se torna inevitável afirmar sobre este programa, da sua capacidade de unir diferentes movimentos sociais e relações pessoais com a utilização da cultura agrícola. Sem dúvidas, a partir da estreita relação estabelecida entre tecnologias sociais favoráveis da economia e do turismo rural, oferecida pela WWOOF.

- Turismo voluntário;
- Mão de obra acessível como interação socioeconômica;
- Movimento de resistência à expansão neoliberal do complexo agrícola industrial, que ameaça pequenos produtores;
- Pessoas que buscam experiências mutualmente benéficas;

- Agenda social descomodificada⁶;
- Movimentos sociais orgânicos;
- Movimentos sociais espirituais;
- Movimentos sociais educacionais.

Um desses voluntários relatou a Mostafanezhad (2016, p. 09), o que os *woofers* costumam expressar sobre essas oportunidades.

“Uau, como você faz isso crescer? E não estou cultivando nada. Sou apenas uma testemunha de tudo, sou apenas um servo. Não tenho nada a ver com aquela árvore crescendo, estou apenas vendo ela crescer, estou maravilhada com ela. Estou me preparando para pegar a comida e comê-la. E me sinto abençoado enquanto estou sentado fazendo isso. Então, é uma coisa linda sobre a agricultura é estar conectado, isso é muito bom.”

Enfim, Karl Polanyi é citado pela professora americana Mary Mostafanezhad, de forma notável, para trazer o conceito de ‘duplo movimento’. Conceito relativo aos movimentos de proteção social ambiental, educacional e espiritual que se aliam aos *woofers* e produtores-anfitriões, opondo-se à lógica do consumo e da produção em escala sem limites, desde a relatada na revolução industrial, por Polanyi. Mas foi surpreendente, que em sua obra *A grande transformação*, Polanyi, tenha um extenso material sobre o trabalho e as ações de Robert Owen, aparecendo em praticamente toda a obra, do início ao fim, como um exemplo da atitude anticapitalista, nos limites do século XVIII para o XIX, notificando ações e princípios da economia solidária, que ainda se fazem reconhecer em um projeto de turismo rural alternativo e voluntário.

⁶ “Embora às vezes seja conhecido por sua agenda ‘descomodificada’ este artigo examina como, em vez de uma forma descomodificada de turismo, o WWOOF representa uma alternativa ao intercâmbio econômico formal, onde a economia da transação do WWOOF é obscurecida. No entanto, as motivações de ambos os participantes são, pelo menos em parte, motivadas financeiramente.” (In. MOSTAFANEZHAD, Mary. Organic Farm volunteer tourism as social movement participation: a Polanyian political economy analysis of World Wide Opportunities on Organic Farms (WWOOF) in Hawaii. Havaí: **Journal of Sustainable Tourism**, 24:1, p. 114-131, 2016)

“Como Owen fez fortuna dirigindo suas fábricas na linha de uma filantropia consciente; e como uma série de outras experiências, que pareciam envolver a mesma técnica de autoajuda esclarecida, fracassaram redondamente, causando imensa perplexidade a seus autores filantrópicos. [...] Owen afirmou, com muita justeza, que a menos que a interferência e a direção legislativas contrabalançassem essas forças devastadoras, ocorreriam grandes e permanentes males.” (Polanyi, 2000, p. 147 e 157)

O que realmente parece não ter perdido o sentido na nossa época atual, tal a soma de calamidades que vivemos cotidianamente, globalmente.

2.2.5 Adoção de terraços

VAROTTO, Mauro; LODATI, Luca. Novos agricultores familiares para terras abandonadas: adoção de terraços nos alpes Italianos (Vale do Brenta). **MOUNTAIN RESEARCH AND DEVELOPMENT**, v. 34, ed. 4, Universidade de Pádua, Depto. de História e Geografia, Ciência e Mundo Antigo, Pádua, p. 315-325, 3014.

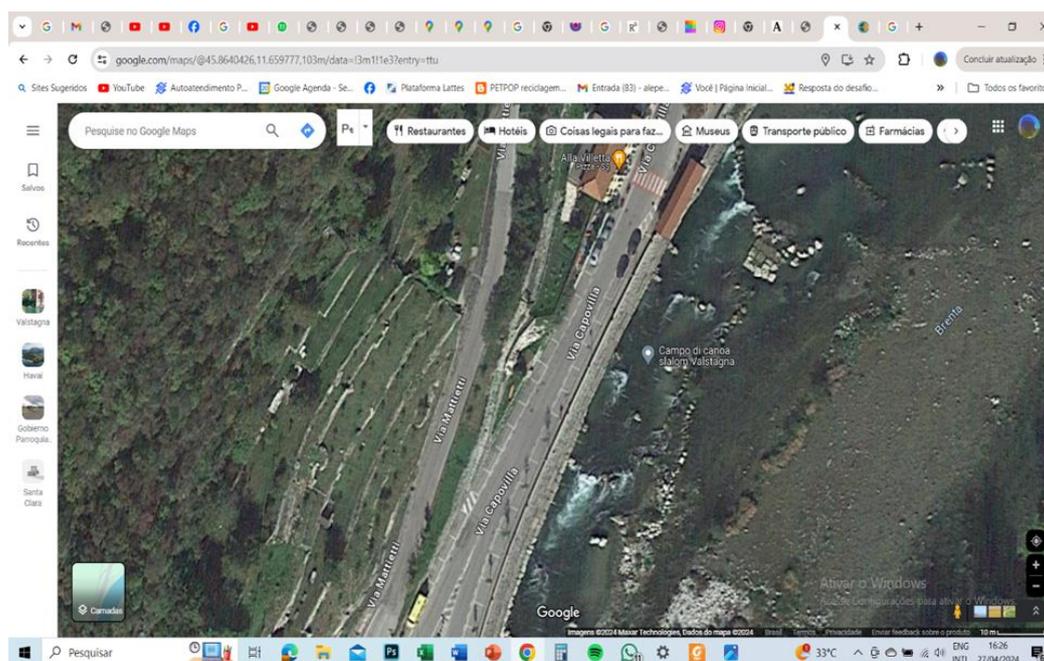
Este artigo foi produzido pelo trabalho de professores e profissionais do Departamento de Geografia, Ciência e Mundo Antigo, da Universidade de Pádua e, do Departamento de Planejamento Urbano e Paisagístico da cidade de Veneza, na Itália. Baseado em um projeto, que promove a *adoção de terraços abandonados* no Vale do Brenta, na região do Veneto. Pois desde a década de 90, a UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, declara muitos destes ambientes periurbanos de montanha peculiares, como Patrimônios Mundiais.

Desta forma, numa tentativa inusitada, mas impactante, de revitalizar uma paisagem tradicional por meio de novas formas de gestão social, foi criado “um comitê denominado *Adote um terraço no Vale do Brenta*”. Um comitê que une as instituições universitárias, o Município de Valstagna e o Clube Alpino Italiano, no ano de 2010.

Portanto, um projeto extensivo de revitalização periurbana, que envolve socalcos de pedra, transformados nas áreas rurais, de alguns municípios do Vale do Brenta, que cobre uma área de 30 quilômetros. Ladeando o Rio Brenta, a poucos quilômetros da cidade de Bassano del Grappa, de onde vem a maioria dos adotantes.

“O comitê interinstitucional, além de coordenar as designações de terras, fornece suporte técnico e de extensão agrícola. Também organiza esforços cooperativos para apoiar as atividades mais exigentes, mantendo assim um contato constante com os participantes e monitorizando eventuais problemas que surjam com as adoções”. (Varotto; Lodatti, 2014, p. 322)

Figura 7.: Terraços de Valstagna



Fonte: autor

Em 2014, quando executado o artigo, o projeto de adoção de terraços contava com mais de cem pessoas envolvidas, formadas por pelo menos vinte e sete casais, um grande número de grupos de amigos, escoteiros, professores aposentados, membros de associações ou cooperativas vindos, majoritariamente, de Bassano. Sendo que os terraços estão em torno de 20 a 30 quilômetros desta cidade. Até a publicação do artigo, mais de 100 terraços foram recuperados, cobrindo uma área de 4 hectares, mostrando o tamanho da reviravolta num declínio de décadas.

É importante entender que a adoção dos terraços não envolve somente o uso das plataformas para um plantio diversificado, mas, sobretudo, visa um trabalho coletivo de recuperação das paredes de pedra seca, que sustentam plataformas de plantio históricas, fazendo parte do patrimônio cultural e ambiental do lugar. Além disso, há uma grande diversificação de cultivos em torno de quatro quintos dos terraços recuperados. São utilizados como tecnologias sociais, porque são sempre desempenhados de forma coletiva ou em mutirão. Programas de horticultura, apicultura, criação de ervas aromáticas e floricultura, dentre outras produções locais. Como a hortelã marroquina plantada num dos terraços adotados, por uma família de marroquinos. Como apresentado por Mostafanezhad (2014, p. 322).

As tecnologias sociais utilizadas no projeto de adoção de terraços estão formatadas dentro da metodologia do projeto. Nesse sentido também há um sistema de monitoramento do projeto, que inclui o registro das adoções e um banco de dados digital com informações geográficas sobre os terraços adotados.

- Adoção de terraços abandonados do Vale do Brenta;
- Identificar terras não utilizadas e potencialmente adotáveis;
- Entrar em contato com eventuais proprietários ou governo local;
- Gerenciar a atribuição de terras aos candidatos;

- Avaliação ambiental (visando manejo sustentável e proteção ambiental);
- Fortalecer o papel do público com novos modelos de governança;
- Promover atividades do terceiro setor;
- Adotar instrumentos jurídicos que sustentem a permanência dos participantes;
- Pesquisar e investir em inovação social e partilhar boas práticas;
- Promover acesso aos programas de Política Agrícola Comum;
- Promover o desenvolvimento regional.

Desta forma as tecnologias sociais utilizadas partem das tarefas do comitê interinstitucional, que produzem avaliações quali-quantitativas sobre adotantes e as condições dos terraços, conforme listados.

A partir de uma visão sistêmica, o projeto de adoção de terraços provê a *permanência* de uma paisagem montanhosa peculiar e histórica, construída de forma artesanal no magnífico *ambiente* dos alpes italianos. Iniciado em 2010, em 2014 foi publicado o artigo dos professores Varotto e Lodatti, projeto que estava no seu quarto ano de funcionamento. E, sobre estes históricos socalcos de pedra, o trabalho interinstitucional dos professores italianos fomentou a produção de um filme chamado *Small Land*. Filme produzido por Michele Trentini e Marco Romano, no qual, de forma muito perspicua, soma-se um documentário produzido em 1963 por Giuseppe Taffarel, chamado *Fazzoletti di terra*. Mostrando antigos moradores na difícil lida com os socalcos ainda na metade do século passado.

“Queste sono le prime parole che ci hanno detto questi due contadini, li abbiamo incontrati lungo la Valle del Brenta a Varsugana, ci eravamo fermati per conoscere qualcosa della loro vita, dei loro pensieri. Volevamo sapere cosa lega due anziani a un luogo così arido, che nega tutto, ma li abbiamo visti lavorare e abbiamo capito: miseria” (Taffarel, 1963).⁷

⁷ “Estas são as primeiras palavras que estes dois agricultores nos disseram, encontramos-os ao longo do Vale do Brenta em Varsugana, paramos para conhecer algo sobre as suas vidas, os

Esta diversidade metodológica, leva em consideração o consórcio interinstitucional. Trabalho coletivo enquanto provedor e mantenedor da memória e da história geográfica da região, garante a *autonomia* do projeto.

Além do caráter interinstitucional para possibilitar um projeto desta magnitude, há a diversidade de adotantes, com grupos constituídos por amigos, casais de professores aposentados, famílias estrangeiras, executando cultivos diversificados. A participação de escolas e alunos da região, além da conscientização desse ambiente histórico e majestoso, conferem a *composição* complexa deste projeto. E, como menos de 10% dos adotantes são moradores do Vale, a maioria destes vêm da cidade mais próxima de Bassano, ligando associações sociais e estudantis, mostrando a eficiente *conectividade* do projeto. Com pelo menos 200 pessoas empenhadas neste trabalho, além das instituições citadas e moradores locais, a *estrutura*, o número de relações estabelecidas pelo projeto é um de seus valores mais caros e produtivos.

Subsistemas interinstitucionais, educacionais, adotantes, subsistemas ambientais, coletivos e familiares formam, no dizer de Vieira (2000, p. 18), “ilhas altamente conectadas no interior do sistema”, que conformam a *integralidade* do projeto, provendo sua flexibilidade estrutural. Além do projeto executado, apresentando a adoção de terraços ligada às instituições universitárias e civis. O projeto também apresentou um filme, que efetivamente declara a *funcionalidade* desse sistema de adoção de terraços nos alpes italianos e o quanto as pessoas e instituições envolvidas entendem o processo histórico e a continuidade pertinente a esta iniciativa. Com todos esses atributos, apresenta-se um projeto coerente na sua composição, estrutura ou conectividade. Tendo lhe conferido uma significativa *organização*, em que a

seus pensamentos. Queríamos saber o que liga dois idosos a um lugar tão árido, que nega tudo, mas os vimos trabalhando e entendemos: miséria” (Taffarel, 1963).

complexidade emerge da diversidade e quantidade de relações e ações coletivas, para que um projeto tão rico, mas trabalhoso, continue com seus bons resultados.

“O novo uso do solo não possui requisitos de produção rígida, ao contrário de muitas iniciativas de adoção que apoiam as atividades comerciais. [...] O papel da identidade do regresso à terra, a aquisição e transmissão de conhecimentos, a vontade de experimentar, o valor social das reuniões e do trabalho coletivo. O prestígio simbólico de cuidar de uma paisagem e paredes centenárias de pedra seca, o contato relaxante com a natureza. [...] Esses fatores demonstram o significado profundo do retorno à terra, que não encontra meios adequados de apoio e representação dentro do setor político (seja agrícola ou urbano) e que é incapaz de abraçar as implicações complexas da relação da terra e o fenômeno de um retorno à agricultura camponesa.” (Varotto e Lodati, 2014, p. 321)

PARTE 3 Metodologia

Dois trabalhos foram fundamentais para o ‘fechamento’ da estrutura metodológica desta pesquisa. Não desfavorecendo a excelência de Sandra Mara Coltre ou Roberto Jarry Richardson, nem as decisivas contribuições de Karl Popper, que inundam esta e tantas outras obras acadêmico-científicas expostas provenientes do PPG.DRS. Efetivamente pela segurança e síntese que oferecem à pesquisa em metodologia. No entanto, expõe-se aqui dois outros autores. Um também relacionado à metodologia e o outro, que teve sua tese premiada por extrema habilidade descritiva, no ‘Prêmio “Melhor Tese de Doutorado’, em 1991.

Desde o mestrado em São Paulo, também como bolsista Capes e representante dos alunos da 'Semiótica da PUC', como era reconhecido o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP. Dada a convivência com a excelência de professores e alunos de mestrado, doutorado e colegiados, era fundamental estar com Eco na ponta da língua e na tecla do computador, não só por *Como se faz uma tese*, mas sobretudo, pelo seu *Tratado geral de semiótica*, por razões evidentes. Já o segundo livro, Ricardo Abramovay permitiu uma mundivisão singular das questões agrárias, 'abrindo o campo', pela delicadeza e gentileza do léxico, sintaxe familiar e a composição metodológica peculiar, tão estimulantes às ciências agrárias, que não toma muitas horas devorá-lo, diria Lacan. Sua desenvoltura dignifica a honraria recebida.

Isto posto, no quarto capítulo de *Como se faz uma tese*, Eco desenvolve um curtíssimo subcapítulo, com menos de duas páginas, no qual discorre sobre o que chama de 'a humildade científica', em contraposição ao que seria o 'orgulho científico', que ele elaboraria apenas no final do quinto capítulo. De qualquer forma um lado expõe o outro e a lição é 'curta e grossa'. Para Umberto Eco (2003, p. 112-113), "nem sempre as melhores ideias nos vêm dos autores maiores" e, decorre disto que, "quando queremos fazer uma pesquisa não podemos desprezar nenhuma fonte, e isto por princípio. Aí está o que chamo humildade científica". Por outro lado, diverso do sentido metodológico, Abramovay (1992, p. 115 e 160), em *Paradigmas do capitalismo agrário em questão* diz, "há ocasiões em que fatores étnicos, religiosos, são decisivos em sua moldagem. Em outras – foi o que observei em meu estudo sobre o sudoeste do Paraná" e, mais adiante na tese ele expõe, "não foi nosso objetivo aqui explicar as razões de tal estrutura da produção agropecuária".

Ora, a frase de Eco lembra o 'menos é mais' de Ludwig Mies Van der Rohe, arquiteto estudado no tempo em que autor fora aluno de Arquitetura e Urbanismo na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Mies era um arquiteto que se privou de

ornamentos e acabamentos externos, deixando aparecer a estrutura, tubos ou conexões funcionais, e mesmo o interior de suas obras ‘transparentes’ e, nada disso fez sua obra menor ou com menos valor agregado. Por sua vez Abramovay (1992, p. 07), nos agradecimentos da tese, declara que sob um “ambiente familiar afetivo”, uma tese acaba por se transformar numa espécie de produção familiar. Mas certificando esta fala, dentro do seu trabalho, como acima citado em suas frases, ele não deixa de afirmar sua individualidade, da mesma forma com que se apresenta parte de um coletivo de pesquisadores. Portanto seu discurso, aparece na primeira pessoa do singular e do plural. Em momento algum pretendeu ser mais impessoal ou menos técnico que precisasse ou exigissem.

Enfim, como parte de um corpo de colegiado universitário, parece que o ponto mais importante e recrudesciente, dentre as reuniões, era sempre encontrar meios de garantir a liberdade conceitual dos trabalhos aceitos. Dado que na Semiótica da PUC, mesmo um espetáculo de dança, poderia ser aferido por uma banca de mestrado ou doutorado. O que não poderia excluir a clareza semiótica ou a lógica do trabalho, pautado num referencial pertinente. A ‘metodologia’, em resumo, fazia parte da trajetória da pessoa, bem como de seu roteiro acadêmico. O que parece ter sempre garantido à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sua frente de resistência estudantil e intelectual.

Todas estas questões foram importantes para um melhor desenvolvimento da tese, na certeza de um bom desenvolvimento dessa complexa interseção, sem desprezar fontes ou redes de informação. Sem preconceito com suas diversidades conceituais ou expressivas.

3.1. Contingências da pesquisa

Como antecipado na *Introdução*, esta tese nasce na experiência prática da interseção entre tecnologias sociais da economia solidária e do turismo rural. Em uma propriedade de lazer com manejo agroecológico em áreas de plantio, oficinas de permacultura e espaço museológico, medicina indígena, dentre outros atrativos naturais como trilhas e lago. A propriedade integraria um projeto de turismo rural regional ligado à universidade pública. Em um primeiro momento, iria ser desenvolvido um projeto de campo com pesquisa-ação, dado que era um trabalho a ser desenvolvido dentro de um coletivo de pesquisadores, com representantes das propriedades e bolsistas da universidade. Em um trabalho interdisciplinar e intersetorial, de acordo com o projeto desenvolvido em 2019. No entanto, ainda no final de 2019, no início do ano letivo de 2020, ocorre a pandemia da Covid-19, impedindo todo tipo de trabalho em campo. Resultando em um outro roteiro de pesquisa, não menos auspicioso.

Por sua vez, a tese já procurava analisar o contexto da interseção entre a economia solidária e o turismo rural, dada a efetiva interseção de suas ciências no roteiro de atividades da propriedade. Assim, seria decisiva a construção de um referencial teórico condizente com as duas disciplinas. E, neste sentido então, a tese deixaria de ser participativa ou *aplicada* e toma o rumo de uma tese monográfica, também devido à mudança de orientação, que permitiria um roteiro mais teórico e bibliográfico, menos técnico, mais sociotécnico e cultural.

3.2. Procedimentos metodológicos

Umberto Eco (2007, p.10) em sua obra *Como fazer uma tese*, faz a distinção entre ‘tese monográfica’ e ‘tese panorâmica’, evidenciando o caráter de síntese da primeira, quando enuncia, “quanto mais se restringe o campo, melhor e com mais segurança se trabalha” e, finaliza afirmando, “uma tese monográfica é preferível a uma tese panorâmica”. Ora, a restrição é caso, porque não se trata mesmo de uma ou outra

ciência, mas do espaço gerado na interseção entre duas ciências. Posto que sobre a completude destas ciências, há bibliografia o suficiente, o que não poderia ser dito desta convergência.

Na delimitação apresentada na qualificação, a partir do turismo rural, definimos o *espaço rural*, não se tomando em conta, portanto, as formações da economia solidária relativas ao ambiente urbano. E, do lado da economia solidária definimos, pelo menos, a autogestão coletiva de atividades e bens, excluindo formações patronais ou empresariais do turismo rural. Pode-se vislumbrar um primeiro recorte e delimitação do espaço hedônico relativo à economia solidária e ao turismo rural, como o espaço da ‘economia rural e local’ que se une ao espaço de ‘hospitalidade autogestionária e solidária’.

Nesta delimitação somam-se ainda os aspectos essencialmente convergentes destas ciências, como a questão do complemento de renda e a defesa do ambiente natural, mostrando sua origem em questões socioeconômicas ou climáticas, além do respeito aos povos originários. Podendo ainda destacar o ‘envolvimento local’ da definição de turismo rural construída por Fontana que, justamente por marcar o espaço do rural como espaço de produção e circulação de bens e produtos, financeiros e culturais, pode ser atrelada ao conceito de ‘economia circular’, que é, enfim, um outro modo de falar em economia solidária.

Entretanto, neste sentido de ‘recorte epistemológico’, portanto, “é melhor que a tese se assemelhe a um ensaio do que a uma história ou a uma enciclopédia”. A ‘monografia’ para Eco faz uma abordagem de *um tema só*, quer dizer, no caso, o tema desta tese não é a economia solidária, nem exclusivamente o turismo rural, propriamente dito, mas a relação produzida no espaço de suas convergências. Fala-se, portanto, do estudo sobre uma relação entre duas ciências provendo uma epistemologia interdisciplinar única, e exequível para uma tese monográfica. De outra forma,

Richardson (1999, p.17) fala deste mesmo uso do conceito de 'relação' no seu livro *Pesquisa social: métodos e técnicas*.

“O desenvolvimento das Ciências Sociais é recente; portanto, existe uma quantidade de pesquisas de natureza exploratória, que tentam descobrir relações entre fenômenos. Em muitos casos, os pesquisadores estudam problemas cujos pressupostos teóricos não estão claros ou são difíceis de encontrar. Nessa situação, faz-se uma pesquisa não apenas para conhecer o tipo de relação existente, mas sobretudo para determinar a existência de relação.”

Justamente, o 'processo' executado até então, na consecução da tese, na construção de fichamentos, relatórios, artigos, devido à sua natureza interseccional, interdisciplinar. Quanto ao caminho da construção de uma bibliografia interdisciplinar, ainda pra entender a interseção entre diferentes ciências, Richardson (1999, p. 37), denota sobre o 'método dedutivo', expondo que “aplicando o método dedutivo, o cientista avança do conhecimento de um fato”. Nesse sentido trago as contribuições de Popper (1978, p. 18), quando em seu livro *Lógica das ciências sociais*, pontua sobre “o mito do caráter indutivo do método das ciências naturais, e do caráter de objetividade das ciências naturais”. Neste sentido, traz-se os enunciados do livro de Popper (1978, p. 26-27) com 27 teses, expondo algumas delas que 'explicam' o caráter dedutivo da pesquisa científica.

“Décima quinta tese: A função mais importante da pura lógica dedutiva é a de um sistema de crítica”. “Décima sexta tese: A lógica dedutiva é a teoria da validade das deduções lógicas ou da relação de consequência lógica.[...] se as premissas de uma dedução válida são *verdadeiras*, então a conclusão deve também ser *verdadeira*”. “Décima sétima tese: [...] a lógica dedutiva é não só a teoria da *transmissão da verdade* das premissas à conclusão, mas é, também, ao mesmo tempo, a teoria da *retransmissão da falsidade* da conclusão até, ao menos, uma das premissas”. “Décima oitava tese: Desta forma a lógica dedutiva torna-se uma teoria crítica racional. “Vigésima tese: [...] A importante ideia metodológica que podemos aprender de nossos erros não pode ser entendida sem a ideia reguladora da verdade.”

Enfim, wittgensteinianamente, Popper ainda afirma “denominamos ‘verdadeira’ uma proposição, se ela corresponde aos fatos, ou se as coisas são descritas pela proposição” enunciada.

São mesmo essas proposições elementares que se somam a cada parte e capítulo da tese, para se ter ideia mais ampla do espaço hedônico aferido no cruzamento destas duas ciências. Contudo, a construção metodológica tem que estar segura de sua exequibilidade, preparada para sua replicabilidade e suficientemente exposta à sua refutabilidade, como nos lembra Richardson (1999, p. 36), quando afirma que “a ciência não tem o poder de alcançar a verdade ou falsidade. Os enunciados científicos somente podem alcançar graus de probabilidade. Para Popper, a única maneira de testar um argumento científico é comprovar sua refutabilidade empírica”. Refutabilidade somente exequível com um desenvolvimento claro e conciso dos procedimentos metodológicos e suas nuances.

No Quadro 2, mostra-se, portanto, a divisão da estrutura da tese, buscando explicitar as partes, os capítulos e subdivisões do trabalho. Além dos elementos de metodologia implicados e artigos executados, grande parte publicados, que auxiliaram como conteúdo bibliográfico.

Quadro 2.: Estrutura da tese e procedimentos metodológicos

ESTRUTURA DA TESE	METODOLOGIA	FONTES	BIBLIOGRAFIA	objetivos específicos	ARTIGOS
PARTE I: SOLIDARIDADE DA ECONOMIA E RURALIDADE DO LAZER CAPÍTULO 1. Solidariedade da economia e ruralidade do lazer CAPÍTULO 2. Convergências sócio-tecnológicas CAPÍTULO 3. Metodologia	Estudo de caráter exploratório, de corte transversal, realizado por pesquisa bibliográfica, pesquisa quantitativa e revisão de literatura	Primárias e Secundárias	1950-2000 / 2001-2024 Pós-guerra e atual	Explorar as evidências das convergências sócio-tecnológicas entre a economia solidária e o turismo rural	Perfil socioeconômico e estrutural em rota de turismo rural: uma pesquisa quantitativa / A interseção entre a economia solidária e o turismo rural, sob uma perspectiva sistêmica.
PARTE II: CONVERGÊNCIAS UTÓPICAS CAPÍTULO 1. Trabalho e lazer CAPÍTULO 2. Questão agrária e utopia	Estudo de caráter descritivo, de corte longitudinal, realizado por pesquisa bibliográfica	Primárias e Secundárias	1100ac-476dc-1453 / 1453-1789 / 1950-2000 Antiga e clássica, moderna, contemporânea e pós-guerra	Descrever as convergências histórico-filosóficas e mesmo utópicas entre a economia solidária e o turismo rural	Owen e Cook: um pequeno ensaio sobre a origem da economia solidária e do turismo rural
PARTE III: ESPAÇO HEDÔNICO CAPÍTULO 1. Espaço hedônico e <i>locus amoenus</i> CAPÍTULO 2. Utopia, DRS e TBC	Estudo de caráter descritivo, de corte longitudinal e transversal, realizado por pesquisa bibliográfica e revisão de literatura	Primárias e Secundárias	1950-2000/ 2001-2024 Pós-guerra e atual	Descrever o conceito de 'Espaço hedônico', analisar a utopia em relação ao desenvolvimento rural sustentável e verificar o TBC como uma união de princípios da economia solidária e do turismo rural	A interseção entre a economia solidária e o turismo rural, sob uma perspectiva sistêmica / Agroecologia, autofagia e reciclagem

Fonte: autor

Assim, de acordo com Eco (2007, p.10, 36) e Richardson (1999, p. 66), este trabalho apresenta-se como uma tese monográfica, que parte de uma extensa pesquisa bibliográfica, revisões de literatura, estudos bibliométricos e pesquisa quantitativa, perfazendo um estudo interdisciplinar de cunho exploratório, em grande parte estruturado sobre a descritividade de suas evidências, através de fontes primárias e secundárias, com diferentes cortes temporais, relativos aos objetivos específicos que orientam cada capítulo. Com o objetivo geral de analisar a interseção entre a economia solidária e o turismo rural.

Segundo Coltre (2021, p. 14), “os estudos bibliométricos são realizados por revisão de assunto em artigos publicados em revistas científicas, qualis, altos níveis de

revistas nacionais e internacionais”. E, dentre a estrutura da tese há pelo menos dois artigos do autor, executados no período de doutoramento, realizados através de revisão de literatura, feito em site de buscas referenciais, mostrados pelo Quadro 1. Que devem se referir, ao menos, a revistas de alto nível nacional e internacional.

Em síntese, o ‘roteiro’ desta tese, porquanto da sua metodologia, parte do enunciado do título, *Espaço hedônico: convergências utópicas entre a economia solidária e o turismo rural*, mesmo que de forma invertida. Mostrando que, na *Primeira parte*, seriam colhidas evidências da interseção entre a economia solidária e o turismo rural. E, a partir desta primeira pesquisa exploratória, mostraram-se importantes frutos de suas convergências históricas, conceituais, filosóficas ou mesmo utópicas. Que acabaram por definir as convergências utópicas da Segunda parte. E, se a utopia faria parte da literatura das duas ciências e desta convergência, seria natural pesquisar suas origens. Mas, mais auspicioso teria sido encontrar o ‘nascimento da utopia’, devedor do espaço rural, cumprindo o honroso dever de levar este desvelamento ao desenvolvimento rural sustentável. Enfim, o espaço hedônico, finaliza o trabalho, buscando trazer experiências do turismo de base comunitária que nomeadamente e efetivamente, trabalham a interseção entre a economia e o turismo rural. No entanto, o conceito ‘hedônico’ também traz o histórico do trabalho do mestrado na Comunicação e Semiótica da PUC/SP, da mesma forma como bolsista da Capes, orientado pelo hedônico astrofísico Dr. Jorge Albuquerque Vieira (2007, p. 111-112).

“E todo processo de desvalor é na direção da morte, envolve um nível de necrofilia. Já os líderes hedônicos, que trabalham com o prazer, irão valorizar seus comandados, permitindo assim seu crescimento, resultando disso um movimento biófilo. [...] Mas parece inegável que em um sistema hedônico o nível de produção é maior e de melhor qualidade, assim como a permanência do sistema é maior. Sistemas hedônicos possuem uma notável forma de autonomia, as reservas de valor, que permitem que sobrevivam a muitas crises que, para um sistema hedônico são fatais.”

Ademais, no caso desta tese, esta pesquisa não envolve somente o conceito de hedonismo trabalhado por Jorge Albuquerque. Dado que o conceito pode ser atrelado ao conceito de 'hedonismo', por sua vez, afeito ao conceito de 'lugar ideal' ou 'utopia', a partir da literatura do turismo, mas estudado por Aristipo de Cirene, da escola hedônica, no século IV antes de Cristo. E também explanado por autores do pós-guerra e atuais, desde fontes primárias e secundárias.

Enfim, os conceitos de 'fontes primárias e secundárias', são relativos à definição pontuada por Umberto Eco (2007, p. 35), quando afirma, "diremos então que, nesse caso, os escritos de Adam Smith constituem as fontes primárias e os livros sobre Adam Smith, constituem as fontes secundárias, ou a literatura crítica", ou resenhas. De acordo com o apresentado na banca de qualificação, este trabalho possui maior fontes bibliográficas primárias, além das fontes primárias executadas nos artigos citados, executados pelo autor.

CAPÍTULO II CONVERGÊNCIAS UTÓPICAS

“Mesmo não sendo possível que uma comunidade seja capaz de se isolar do mundo mercantilizado, alheio, de fora, essa utopia permite a produção de tensões necessárias ao enfrentamento da dependência. Para a construção de um modelo de desenvolvimento, que começa na comunidade, nos grupos de base, com seu conjunto de famílias tendo o controle social, alguns pressupostos teóricos e

metodológicos são necessários, como o resgate e a reconstrução de valores éticos e culturais, na relação entre si e com a natureza.”
(Guterres, 2006, p. 133)

Esta epígrafe, trazida do livro *Agroecologia militante* de Ivani Guterres, executado em homenagem a seu marido, o qual, como disse João Pedro Stedile, “pagou com a vida a irracionalidade de nosso sistema de transporte”. E, este texto lembra que, sempre que possível, acusam o militante de sonhador, romântico, idealista. Chegam a dizer que se arrisca por não perceber os limites ou ainda que devia ser trazido à terra. Mas Popper, traz esses ‘limites’, mais pra perto do humano.

“A base empírica da ciência objectiva não tem, portanto, nada de ‘absoluto’. A ciência não se baseia em rocha sólida. A estrutura ousada de suas teorias ergue-se, por assim dizer, acima de um pântano. É como um edifício erguido sobre estacas. As estacas são cravadas de cima para dentro do pântano, mas não até qualquer base natural ou “dada”; e se pararmos de cravar as estacas mais fundo, não é porque atingimos terreno firme. Simplesmente paramos quando estamos convencidos de que as estacas estão suficientemente firmes para suportar a estrutura, pelo menos por enquanto.” (Karl Popper. *The logic of scientific discovery*. In. Popper, Karl. *Quotes*. In. Goodreads, 2024, tradução livre)⁸

Realmente, pode-se entender que as pessoas que prezam por harmonia ou austeridade, pouco conhecem entropia ou dissipação, pela qual talvez importasse algum debate ontológico. Há quem controle a cultura ou a letra, mas a base desse estudo está na terra. E se a utopia nasce e morre na terra, a gente só aprende a reconhecer esse desvalor de quem não milita, não luta, não morre algumas vezes, antes

⁸ Tradução do texto original: “The empirical basis of objective science has thus nothing ‘absolute’ about it. Science does not rest upon solid bedrock. The bold structure of its theories rises, as it were, above a swamp. It is like a building erected on piles. The piles are driven down from above into the swamp, but not down to any natural or ‘given’ base; and if we stop driving the piles deeper, it is not because we have reached firm ground. We simply stop when we are satisfied that the piles are firm enough to carry the structure, at least for the time being” (Goodreads, 2024).

de poder ser, ou dizer, algo relevante. Assim, a utopia é o diáfano do 'não lugar' onde o sangue e a terra estão sendo expropriados agora mesmo, neste momento, então ainda há pelo que lutar, a utopia não descansa, 'mesmo não sendo possível', concreta, abstrata ou semiótica. Dado que nunca se fez somente de imaginário, mas de muita contenda familiar, encarceramentos e decapitações.

Enfim, na sequência vem o primeiro capítulo, denotando as convergências mitológicas e literárias que expressam a posição do trabalho, do lazer ou do descanso, desde uma época anterior a Assurbanipal II, Rei do Império Assírio, no período de 849-859 a.C., até a poesia clássica grega e romana, em torno de 700 a.C. Trabalhos preponderantes na inspiração e representação dos aspectos das construções utópicas posteriores, trazidos pelo estudo da interseção entre a economia solidária e o turismo rural. E, encerra com o segundo capítulo que traz o cruzamento dos caminhos combativos da questão agrária em relação aos aspectos utópicos, expostos no espaço desta interseção interdisciplinar.

PARTE 1 Utopia rural

O cultivo ou a cultura de cantos alegóricos em épocas e festivais imemoriais, representados pela poesia e a mitologia, seriam os primeiros suportes das questões da vida, do trabalho e do descanso, expostos em festivais anuais, entre as mais antigas

civilizações. Aliás, resolvendo arbitrariamente a ‘quadratura do círculo’, exposta ainda nas primeiras linhas desse trabalho, naqueles tempos mais remotos, pelo descanso dos deuses, seria a humanidade posta a trabalhar, pior que isso, a humanidade teria sido ‘criada’ para trabalhar para o descanso dos deuses. Também um descanso de ‘deuses agrícolas’.

“A Revolução Agrícola conseguiu historicamente resolver a quadratura do círculo que consistia em aumentar a produção com uma contribuição cada vez menor de trabalho humano e por isso foi exaltada como verdadeiro modelo de progresso econômico e técnico.”
(Abramovay, 1992, p. 171)

Ora, nesse sentido, o trabalho agrícola e o espaço agrícola, já estariam de alguma forma ligados a esse desgostoso fardo entregue aos homens. Que, como se verá na questão agrária, fermenta-se algum protesto neste espaço de servidão, que vai formar a estrutura de praticamente todo pensamento, literatura e prática utópica. E, desde a interseção entre economia solidária e o turismo rural, denotados como a *economia ideal*, unida ao *lugar ideal*, esse espaço utópico, desde sempre teria sido, sobretudo, o espaço rural. Ainda que, com a vertiginosa exposição hipermidiática da utopia como um lugar hipertecnológico beirando o surreal, não era de se esperar que a utopia e seus princípios, teriam nascido, justamente, sob questões e tensões do espaço rural. O que poderia conformar um espaço prazeroso de estudos, ao menos, para o desenvolvimento rural sustentável.

1.1 Mitologia, literatura, trabalho e descanso

A questão do trabalho e do lazer perpassa a interseção entre conceitos e princípios históricos da economia solidária e do turismo rural. E, ademais, uma

economia ideal demandada por um espaço ideal, como já reiterado, por definição, não poderia deixar de apresentar suas convergências ideais, no sentido utópico da palavra. Sem exceção, a utopia, enquanto conceito ou expressão, encontra-se na literatura, nas falas acadêmicas ou nos discursos de usuários tanto da economia solidária, quanto do turismo rural. Mormente sem algum sentido fantasista, mas como expectativa de muito trabalho a ser realizado.

Afinal, como dito por Claeys, mais amplo que o uso do conceito de ideal ou de utopia, é a busca por uma civilização melhor. Lembrado por Endlich (2016, p. 03), em sua resenha do livro de Gregory Claeys, *Utopia: a história de uma ideia*, quando comenta que o autor está “fixando-se na ideia de que utopia deve vincular-se menos à ideia de perfeição e mais à de sociedade melhorada”. Ainda que esta sociedade melhorada não possa prescindir do trabalho em suas dimensões coletivas e culturais, portanto, em suas dimensões mitológicas, literárias e utópicas.

“Desde esta perspectiva, no tendría sentido contraponer mitología clásica y antropología, si somos capaces de superar los límites que las pacatas especializaciones académicas imponen, sino que de lo que tendríamos que hablar es de diferentes concepciones del mito: una de carácter básicamente literario, que se desarrolla en la antigüedad clásica y es fruto del trabajo de los filólogos antiguos, y otra concepción, sin duda más amplia, en la que el mito es estudiado dentro del ámbito de la antropología y de las ciencias sociales y humanas, y que nos ayuda no a hacer una brillante composición literaria ni una exhibición de erudición más o menos puntillosa, sino a comprender la vida y el pensamiento de los seres humanos tanto en sus dimensiones individuales como colectivas.” (Bermejo, 1998, p. 347)

Neste sentido serão apresentados em seguida, o poema mitológico *Enuma Elish*, tido como *O poema mesopotâmico da criação*, o qual traz uma contenda familiar entre seres celestiais, que acaba por resolver a condição de trabalho e descanso dos deuses. A obra *Trabalho e dias* de Hesíodo, obra literária e mítica que, a partir de outra contenda familiar, traz uma concepção diversa da sina do trabalho e do descanso, entre deuses e homens. E, finalmente os trabalhos *Bucólicas* e *Geórgicas* de Virgílio, poeta romano,

clássicos da literatura utópica, evidentemente intrincados pelas condutas do trabalho e do lazer. Mas mostrando e ilustrando aspectos essenciais do cultivo agrícola e agropecuário, sem deixar de falar da condição ‘duplamente utópica’, desses dois livros, em especial.

1.1.1 *Enuma elish*

Parece não haver dúvidas de que o trabalho mais prazeroso, conforma uma vida mais digna. No entanto, somente a aparição histórica dos conceitos de trabalho e descanso, desvelariam a configuração da separação mitológica entre os frutos do trabalho e as dádivas do lazer. E, até onde se pode verificar, essa questão teria aparecido pela primeira vez, perto da metade do século XIX, em 1849. Quando foi encontrado o *Enuma Elish*, chamado de *O poema mesopotâmico da criação*, publicado pelo assiriologista do Museu Britânico George Smith (1840-1876), em 1876, no ano de sua morte. Sendo que as 7 placas de argila cozida, onde estão sulcados o texto do poema, que estavam na biblioteca do Palácio de Assurbanípal II (tendo reinado entre 884 e 859 a.C.), teriam sido compiladas em torno do século VII a.C. Ainda que, conforme Bernard Frank Batto, a composição remonte a Idade do Bronze, alguns estudiosos antecipam sua origem, em uma data posterior a mil e cem anos antes de Cristo (Regino, 2019, p. 02 e 30; *EnumaElish*, 2023, p.01). Portanto, mesmo que tivessem sido ‘transcritas’ no século de Hesíodo, autor da próxima obra a ser exposta, a construção “mitopoiética” do *Enuma Elish*, conforme Lira (2015, p. 26), mostra-se “um estudo acurado da produção e composição do mito na própria literatura”, dos primórdios da literatura quando ainda sulcada em placas de argila.

“Ao analisar *mitopoieticamente* um conto, procura-se não apenas estudá-lo como objeto literário sincrônico, mas entender os percursos composicionais, traditivos e ficcionais diacronicamente. Os princípios

de tradição, linguagem, transmissividade, preservação, sentido, ficção, factualidade e comunicação estão relacionados com o nível cronológico e histórico-social do mito e sua aplicabilidade.” (op. cit., p. 27)

Na verdade, ‘*Enuma Elish*’ são as duas primeiras palavras do primeiro verso do poema da criação mesopotâmico, sendo traduzido por Sandars (2013), como apresentado:

ENUMA ELISH LA NABUSHAMAMU SHAPLITU AMMANTM SHUMA LA ZAKRAT

Quando do alto do céu não havia sido nomeado, e a firme terra abaixo não recebera um nome

O enredo da história mostra alguns deuses e suas criações, dentre elas a criação da própria humanidade, mas, sobretudo, apresenta uma batalha entre gerações de deuses. Mostrando que, mesmo temas ‘imemorais’, falam sintomática e pedagogicamente sobre adversidades de família, posse do espaço, perpassando admoestações, assassinato e vingança. E, este conflito foi resumido por Sueli Maria de Regino (2019, p. 174, 189 e 204), em seu livro, antes que apresentasse o poema em si. Desta forma, mantém-se aqui o formato, evidentemente, para melhor compreensão do poema original traduzido.

“A primeira tábua narra como os deuses das novas gerações, ruidosos e agitados, perturbaram os mais velhos, impedindo-os de dormir. O barulho insuportável levou Apsu a planejar a morte de seus filhos. Esses, porém, ao tomarem conhecimento do que os ameaçava, enviaram NUDIMMUD-Ea, que lançou um encantamento sobre Apsu, fazendo que caísse em sono profundo. Depois de matar Apsu, Ea ergueu sua casa sobre o corpo inerte do deus ancestral, acima do grande abismo de águas doces. Ali o deus Ea uniu-se a sua esposa Dankina, gerando um filho: o poderoso Marduk.

Instigada pelos velhos deuses, Tiamat decidiu vingar a morte de Apsu e, após criar um exército de seres monstruosos, escolheu seu filho Kingu para marido e comandante de suas hostes. Marduk foi até Tiamat, que o desafiou para um combate corpo a corpo. Depois de envolvê-la em sua rede, o Deus enviou o vento Inhulu para inflar seu ventre e atirou uma flecha, atravessando com ela as suas entranhas e

o seu coração. Após vencer Tiamat, Marduk capturou Kingu, matou os seres monstruosos que ele comandava e dividiu em duas partes o corpo da mãe ancestral, com uma das metades criou a terra e com a outra metade formou o céu, nele estabelecendo o lugar dos deuses.

Estabeleceu a cidade de Babilônia como o lugar de seu culto na terra e se dispôs a criar escravos que trabalhassem para os deuses.

A sexta tábua relata a criação dos seres humanos com o sangue e os ossos de Kingu. As tribos de cabeças negras, ou de cabelos negros, são criadas por Marduk para servir aos deuses.”

Traz-se, em seguida, algumas partes do poema que ilustram o resumo apresentado, traduzido do original em acadiano, “língua semítica, derivada do antigo sumério”, como exposto por Regino (2019, p. 30). Entrementes, para mostrar a sequência dos fatos como expressa pela tradução das placas de argila, do poema *Enuma Elish* (a placa 3 não foi traduzida).

Placa 1.

Quando não havia firmamento, nem terra, alturas, profundezas ou sequer nomes.

- O que ocorreu foi que com a chegada dos ventos, os outros deuses não tinham mais paz para descansar, atormentados pelas tempestades.

- Eles começaram a conspirar no segredo de seus corações e levaram a Tiamat a razão de suas tramas.

- Quanto a nós, não podemos descansar, tal é a dor.

- Ela soltou o míssil irresistível, ela gerou serpentes enormes com mandíbulas afiadas, cheias de veneno ao invés de sangue, dragões ruidosos que vestem sua glória como deuses (quem olhasse tais criaturas recebia o choque da morte).

- Onze destes monstros ela criou, entretanto, tomando dentre os deuses o trabalhador desastrado Kingu.

- Um dos da primeira geração para ser seu Capitão.

- Tal posto ela deu a Kingu.

Placa 2.

- Quando Anshar soube de como Tiamat estava se comportando, ele sentiu como se lhe tivessem atingido as entranhas.

- Quem dentre nós é impetuoso na batalha?

- Markuk, o herói!

- Meu filho, meu filho sábio, confunda Tiamat palavras cheias de força, vá rápido e agora, na tempestade que é tua carruagem.

- Criador de todos os deuses, aquele que decide os destinos, se devo ser teu vingador, aquele que irá derrotar Tiamat, salvando a vida de todos os deuses, chame a Assembleia.

Placa 4.

- Foi feito um trono para Marduk, e ele ali se sentou, face a face com seus ancestrais para receber o governo.

- MARDUK É REI!

- Ele seguiu na direção do som crescente da ira e Tiamat, com todos os deuses a seu lado, e os pais de todos os deuses.
- Então eles encontraram Marduk, o mais arguto dos deuses, e Tiamat engalfinhou-se com ele num combate corpo a corpo.
- Marduk lançou sua rede para prender Tiamat, e o implacável vento Imhullu veio por trás e bateu na face de Tiamat.
- Quando ela abriu a boca para engolir Marduk, o jovem deus empurrou Imhullu para dentro dela, de modo que a boca não se fechasse e que o vento rugisse na barriga da mãe original de todos os deuses, para que sua carcaça explodisse, entumescida.
- Tiamat escancarou sua boca, e então Marduk disparou a flecha que lhe cortou as entranhas, que atingiu seu estômago e útero da criação.
- Agora Marduk havia conquistado Tiamat, ele terminou com a vida dela.
- A líder da insurreição estava morta, seu corpo despedaçado, seu bando disperso.
- Mas Kingu, o usurpador, chefe de todos eles, Marduk prendeu e o matou, tomando as Tábuas do Destino, usurpadas sem direito por Kingu, e selando-as com seu selo, Marduk colocou-as no seu peito.

Placa 5.

- Quando todos vocês vierem das grandes profundezas para se juntarem ao Sínodo, todos encontrarão guarida e conforto para dormir à noite.
- Quando os deuses das alturas descerem até a assembleia, todos os deuses das alturas também encontrarão guarida e conforto para dormir à noite.
- Este lar será BABILÔNIA.
- O LAR DOS DEUSES.

Placa 6.

- Agora Marduk havia escutado o que os deuses haviam dito, surgiu dentro dele um desejo de criar um trabalho da mais completa de todas as artes.
 - Sangue com sangue, Eu junto, sangue a osso, Eu formo Algo original, cujo nome será HOMEM/MULHER, os seres [humanos] originais cuja feitura foi minha obra.
 - Todas as suas ocupações serão o serviço fiel, os deuses que caíram terão seu descanso.
 - Ea respondeu com palavras cuidadosamente escolhidas, completando o plano para o conforto dos deuses.
 - O rei falou aos deuses rebeldes: Declarem, sob juramento, que falem a verdade e respondam: quem instigou a rebelião?
 - Quem despertou Tiamat?
 - Quem liderou a batalha?
 - Foi Kingu quem instigou a rebelião, ele revoltou as águas da amargura e liderou a batalha por ela.
 - Eles declararam Kingu culpado, eles o prenderam e o fizeram se ajoelhar frente a Ea, eles cortaram suas artérias e do sangue de Kingu eles criaram os homens e mulheres.
 - Ea impôs a Kingu a servidão.
 - Anunaki: Agora que nos libertaste e fizeste menor nossa carga de trabalho, como devemos retribuir tal graça?
 - Que construamos um templo e que o chamemos
- O ALBERGUE DO DESCANSO DA NOITE. (Sandars, 2013)

Um complexo de Édipo mal resolvido na hora de dormir? As crianças estão dando trabalho na hora de dormir, então melhor matá-las? Parece que nunca foi a melhor opção para estes pais nervosos e perversos. Mas não é desta questão psicanalítica que se ocupa a pesquisa. Dado que, se por um lado, Johnson e Price-Williams (Mitologia Grega.com, 2014, p. 31), afirmam que “alguns pensadores freudianos [...] argumentam que estas histórias refletem as diferentes expressões do Complexo de Édipo nessas culturas”. Por outro, R. A. Segal (Mitologia Grega.com, 2014, p. 33), entende que “existem possíveis paralelismos entre as gerações divinas mais antigas (Caos e seus filhos)”. Ou como na mitologia grega, Chronos engolia os filhos, Tiamat tenta engolir Marduk na batalha descrita pelo poema *Enuma Elish*. Parece inevitável que a criação espelhe uma sexualidade atormentada.

Primeiramente, a partir do resumo exposto por Sueli Maria de Regino, na sua tradução do poema *Enuma Elish*, Regino relata, que a partir do corpo do filho de Tiamat, tornado marido e capitão de sua derradeira batalha, sangue e ossos formaram os seres humanos. De alguma forma, nesta tradução diz-se que a partir do total de ‘seres humanos’, as tribos de cabeças ou cabelos negros iriam servir os deuses. Em Sandars (2013, p. 16), o deus Ea, a partir da ideia de Marduk, cria das artérias, sangue e ossos do desastrado Kingu, os homens e as mulheres para a servidão dos deuses. Estes muito cansados e clamando por descanso. De outro modo, segundo Andrea Seri (2012, p. 25-26), da imolação de ‘Qingu’, foi modelada a ‘humanidade’, como um todo.

Traduções e interpretações à parte, fica claro que o trabalho não era algo de que os ‘deuses’ queriam dar conta, e, nada como uma boa briga em família, para afirmar quem vai dar as ordens, e aqueles que exercerão a servidão. Como diria Albornoz (2004, p. 23), “é velho o sonho dos homens com uma terra abençoada onde não seja mais preciso trabalhar”. Ou, pelo visto, que se possa por alguém pra trabalhar em seu lugar. No entanto, apesar desse trabalho da humanidade ligar-se à sua servidão, de

outra forma 'o trabalho dos deuses', que não parece pequeno nem pouco, faz parte de uma escolha 'democrática'. Pois acontecia no espaço democrático de uma *assembleia*, quando Marduk exorta por Anshar: "Criador de todos os deuses, aquele que decide os destinos, se devo ser teu vingador, aquele que irá derrotar Tiamat, salvando a vida de todos os deuses, chame a Assembleia." (Sandars, 2013, p. 6)

Esta acepção de 'assembleia', deixa claro que os 'deuses' sabiam como todos poderiam ser livres ou trabalhar de forma digna, mas não é difícil entender que, não se trata de uma assembleia de cooperativa popular ou de sindicato militante. Mas, sobretudo, recrudesce o modelo contra a humanidade, a imperialista e perpétua 'assembleia de deuses'. Mais ou menos como disse Albornoz, se fica clara a oposição do trabalho com o descanso, dá até mesmo para criar uma raça inferior que dê conta do serviço, garantindo o descanso de quem pode. Ao menos, pode-se evidenciar que a questão da oposição entre trabalho e descanso, é algo muito antigo e que dependia de se registrar em barro, as primeiras palavras escritas na história, para deixar claro esse destino implacável.

1.1.2 Trabalhos e dias

Diferentemente das narrativas épicas com super-homens e lugares surrealmente aprazíveis ou escabrosos, expostos em Homero (Hesíodo, 2013, p. 09), até a construção mitológica mesopotâmica. Por sua vez, a poesia clássica grega hesiódica, na simplicidade do ambiente campestre, enaltece a justiça de um rei zeloso pela sua comunidade. Nesse sentido, o agricultor não deve apenas trabalhar assiduamente para produzir a abundância da propriedade, ou dos deuses sossegados, mas, dar-se conta das regularidades e irregularidades climáticas, morais e religiosas (Hesíodo, 2013, p. 09). Abrindo um parêntese, essa antecipação das preocupações climáticas em Hesíodo

é, realmente, um ‘trabalho à parte’, afinal destaca o assunto 700 anos antes de Cristo. Com consequências funestas da sua não observância, em todos os governos mundiais, desde então. O que dizer das consequências nefastas da moral ou da religião mal trabalhados? Visto o neopentecostalismo que se alia à uma bancada ruralista aristocrática e armada.

Certamente, estes versos já não tratam tão somente de deuses, mas da questão sobre a posse da terra, seus cuidados e o trabalho. Trabalho dubiamente enaltecido pela criatividade humana, mas ainda sob a mira de enfrentar a pecha de ser apenas um fardo eterno. Dado que, na verdade, na *Introdução* ao poema *Trabalho e dias*, de Hesíodo, Christian Werner, revela que, “a tese do poema, portanto, torna-se clara: o trabalho é um mal, mas somente se se dedicarem a ele a humanidade poderá se reaproximar daquilo que perdeu para sempre, uma vida sem trabalho e outras aflições”. Em outras palavras, somente a *coletividade* pode tornar o trabalho justo, e não idealizar o seu fim.

De outra forma, e numa outra época, vamos nos remeter aos versos deste poema que também denota sobre trabalho, lazer e contendas familiares, sem abandonar as nuances do paradigma interdisciplinar e socioeconômico da interseção entre a economia solidária e o turismo rural. Afinal, logo no início de *Trabalho e dias*, Hesíodo exorta às musas se dirigindo a Zeus, reclamando justiça por seu irmão Perses ter se apropriado ilicitamente de propriedades da família, e ainda gasto o dinheiro que não era dele. Enfim, o poema faz parte de um trabalho de persuasão de Hesíodo ao seu irmão, “para que seja movido a adotar um modo de vida mais benéfico para si mesmo e para a sociedade da qual ele participa” (op. cit., 16). Assim como procura estimular o trabalho rural, de uma forma mais justa.

“Zeus troveja-acima, que a morada mais alta habita,
Atende, vendo e ouvindo, e com justiça endireita sentenças
tu, já eu, a Perses o que é genuíno poria num discurso.

Ei, uma só família de Disputas não havia, mas na terra há duas: a uma apreciaria quem a aprendesse, e a outra é censurável; e têm ânimo bem distinto. Pois esta guerra vil e a discórdia amplia, terrível; mortal algum dela gosta, mas, constrangidos, devido aos planos de imortais, honram a pesada Disputa.”

“Tu, ó Perses, isso deposita em teu ânimo, e a Disputa sádica, não te afaste o ânimo do trabalho, espreitando brigas de ágora como ouvinte. Pouco se preocupa com brigas e assembleias quem dentro não encerra suficiente sustento sazonal que a terra produz, o grão de Deméter.”

Por outro lado, reintroduz o conceito de *assembleia*, mostrando que, se se prover o sustento adequado, se houver ânimo no trabalho, nem as questões coletivas resolvidas em assembleia, poderiam empacar sua produção ou mirrar a satisfação. Como antecipado, desde quase o início dos versos, há uma contenda familiar que envolve propriedade familiar e, evidentemente, o trabalho a ser executado nesta ‘fazenda rural’. Deméter é nada menos que a Deusa da Agricultura. E, além de expor Deméter que, perpassa pelo poema, Hesíodo ainda fala sobre o mito de Prometeu. O artesão que ajudou o irmão a moldar em barro a humanidade, mas foi punido por roubar o fogo que só era permitido aos deuses.

No entanto, outro mito trazido por Hesíodo interessa mais à questão sobre o trabalho ou o lazer. E este, é o mito de Pandora, que se etimologicamente era a ‘possuidora de todos os presentes’, Zeus a entregou para ser o arдил dos homens, a fonte de todo seu mal. Afinal Zeus cria a mulher para fustigar o roubo de Prometeu e impor seus ditames aos homens recém-criados. Mas se Pandora é a possuidora de todos os presentes, nem ‘todos’, deveriam ser bons. No mito, em dado momento, é revelado a Pandora para não aceitar qualquer presente dos deuses.

No entanto, Epimeteu, irmão de Prometeu, se apaixona e casa com Pandora, sendo que recebem uma caixa de presente de casamento, sobre a qual os deuses

sabiam que continha todos os males do mundo. Lidell e Scott (Pandora.com, 2024, p.01), no *A Greek-English Lexicon*, mostram que Pandora também significava a partir do grego clássico, “a que tudo dá”, “a que possui tudo” e, “a que tudo tira”. Assim, tomada por uma ‘imensa curiosidade’, Pandora abre a caixa, e dela sai todos os males, findando ‘a idade de ouro’ da humanidade. Acabando com o que restava de vida boa para os homens e mulheres, evidentemente, restando alguma ‘esperança’.

“De ouro, a primeiríssima linhagem de homens mortais foi feita pelos imortais que têm casas olímpias. Existiram na época de Crono, quando reinava no céu: como deuses viviam, com ânimo, sem aflição, afastados de labor, longe de agonia. Nem a infeliz velhice havia, e, sempre iguais nos pés e mãos, para além de todos os males; morriam como por sono subjugados.” (Hesíodo, 2013, p. 37a)

“Pois antes sobre a terra as tribos de homens viviam afastadas de males e longe de duro labor e aflitivas doenças, as que dão morte aos varões. Mas a mulher tirou à mão a grande tampa do cântaro e espalhou; para os homens, agruras funestas armou. Lá mesmo só Esperança, na casa inquebrável, ficou.” (op. cit., p. 37b)

É sabido que na Grécia as mulheres não eram cidadãs, assim como os idosos ou as crianças. É perene os sofrimentos dessas três classes, a gente não consegue quantificar que governo foi pior para as mulheres, as crianças ou os idosos. Desta forma, além do poeta lançar mão do descuido de uma mulher, como a fonte de todo fardo humano, dado que “a mulher é um mal que se opõe ao homem trabalhador” (op.cit., p. 17). Também é exposto, o mito da ideia de que a mulher não só trabalha ‘mal’, mas deve ser menos remunerada. No entanto, Hesíodo só faz enaltecer o trabalho como ‘um mal necessário, mas, ao mesmo tempo, aliado da justiça’.

Desta forma, os dois primeiros versos citados, nas páginas anteriores, deflagram a disputa da questão agrária e os conselhos do poeta ao irmão, não sem antes clamar

por seu principal deus. Depois vemos a ‘mulher que possui todos os presentes’, pondo fim ao descanso humano, que existia numa primeiríssima era áurea da humanidade.

“Evita bancos sombreados e sono até a aurora
na estação da colheita quando o sol seca a pele;
nessa época te apressa e para casa o fruto leva,
de pé no nascente, para o sustento te bastar.”
(op. cit., p. 69)

O quinto e último poema citado acima, enuncia apenas o tema do cultivo. São dados conselhos aos homens que devem ter prevenção com a natureza, para garantir seus proventos diários. Afinal de contas, certos trechos, como dito por Werner (op. cit., p. 20), são um verdadeiro “almanaque agrícola”, para a época, ajudando os produtores, como visto, para um manejo rural sustentável. Portanto, é importante denotar que são obras históricas também na questão do manejo sustentável, assim como Hesíodo adiantou sobre as questões climáticas.

E por fim, traz-se uma outra tradução da idade de ouro relatada em Hesíodo (2013, p 37a), um tanto diversa da apresentada pelo trabalho de Christian Werner, em sua tradução mais formal, direta do Grego. Em 2013, três anos antes dos quinhentos anos da obra de Thomas More, Gregory Claeys (2013, p. 17), professor de História do Pensamento Político da Universidade de Londres, lança o livro *Utopia: a história de uma ideia*, em que convida a uma visão mais ampla deste momento áureo da humanidade, trazendo outras utopias inevitáveis à humanidade em geral.

“Assim como a nostalgia pela juventude de alguém, muitas sociedades têm mitos de criação que caminham lado a lado com a ideia de uma era de ouro, feita de pureza, harmonia e virtude. Na Grécia, Homero estabeleceu que esse período teria existido mil anos antes da Guerra de Troia, quando os primeiros homens eram feitos de ouro e governados pelo deus Cronos. A história foi ornamentada por, entre outros, Hesíodo (*Os trabalhos e os dias*, século VIII a.C.) que conta: [...] viviam como deuses, tendo o coração despreocupado, apartados de penas e misérias. Temível velhice não lhes pesava, mas, com mãos e pés inalterados, alegravam-se em festins, os males todos afastados, morriam como se tomados por sono. Todas as coisas boas eram deles, e o solo fértil, por sua própria vontade, dava seus frutos de ilimitada

fatura, enquanto eles, em seu lazer, colhiam em campos abundantes com alegria.”

Se essa imagem não expressa o espaço hedônico, difícil saber o que espelharia melhor tal estado de fatura e alegria, onde a morte não passaria de um sono bem dormido. No entanto, se Hesíodo traz a poesia áurea grega, Virgílio nos apresenta praticamente um trabalho pedagógico sobre o bom uso da terra. Dado que Virgílio teria escrito esses poemas por ter recuperado suas próprias terras, podendo então cultivá-las.

No entanto ainda há uma questão a ser apresentada sobre a obra de Hesíodo (2013, p. 11), dado que sua existência real, é um espaço em questão.

“Para muitos intérpretes, porém, nada impede que a representação de tudo aquilo que diz respeito ao poeta dos Trabalhos seja fruto não de sua existência histórica, mas intrínseco à tradição da qual o poema é dependente, que, por falta de material transmitido, é difícil ser reconstruída. Nesse sentido, Hesíodo seria um mito. Os eventos que perfazem um certo pano de fundo do poema não são, porém, uma ‘mentira’ ou uma ‘ficção’, mas sim, como defende Nagy (1990), uma componente que contribui para a autoridade do discurso como um todo, provido de eficácia no âmbito das sociedades em que ele foi apresentado e pelas quais foi assimilado, fazendo parte de um cânone. Dessa forma, Hesíodo e Perses não seriam nem realidades históricas, nem ficções, mas elementos de uma tradição mitopoiética em uma sociedade tradicional em que o conhecimento dependia de formas específicas, ligadas à oralidade, para ser apresentado e transmitido de geração em geração. Em última instância, e parafraseando Nagy, dificilmente saberemos um dia, com segurança, se foi um Hesíodo histórico que deu vida aos poemas ou se são poemas e tradições poéticas que deram vida à figura que passou a ser conhecida como Hesíodo.”

O interessante desta ‘trilogia do trabalho e do lazer’, é que, se existe um poeta documentado e histórico como Virgílio e, do outro lado, a inexorável construção mitológica do *Enuma Elish*. O qual nem se fala em autoria, mas em uma composição milenar. Enfim, temos essa figura de Hesíodo, num ‘espaço de transição’, entre o mito

e a literatura, a mitopoiética em toda sua extensão e auge. Dado que não só uma transição literária ou histórica, mas das concepções de trabalho, lazer e descanso.

Primeiramente, uma construção mítica, representada por uma luta entre deuses que, para se livrarem de suas atribuições, criam uma raça de serviçais. Em Hesíodo, apesar dessa construção mitopoiética identificada, os personagens principais são humanos, que por um lado desfrutam de uma vida de conforto e prazerosa e de outro, por falta dos devidos cuidados, têm um trabalho penoso e, ainda se desfaz de quem o possui por justiça. E, na próxima e última parte deste capítulo temos as obras de um poeta que, de alguma forma, fez sua própria reforma agrária. Reconquistando propriedades da família que haviam sido dadas como prêmios para chefes militares. Assim, em homenagem à reconquista de suas terras, faz a primeira obra *Bucólicas*, dedicada à pecuária e *Geórgicas*, dedicada ao cultivo agrícola. Além de serem obras consideradas por Claeys da literatura utópica, essas duas obras, especificamente *Bucólicas* e *Geórgicas*, ainda fazem uma aparição na utopia de Tomaso Campanella: *A cidade do sol*. Portanto, se se poderia dizer, são obras duplamente utópicas e falando sobre as realidades mais triviais do cultivo e do campo, do trabalho e do lazer.

1.1.3 Bucólicas e Geórgicas

Conforme Hasegawa (2011, p. 29-30), Vergílio, ou Virgílio na tradução de Odorico Mendes (2019), seria o primeiro poeta bucólico em âmbito latino e, de acordo com Ernst Curtius, desde o período imperial romano até a época moderna de Goethe, “toda educação latina começava com a leitura da primeira écloga. Não é exagerada a afirmação feita de que falta uma chave da tradição literária europeia a quem não saiba de cor essa pequena poesia”. O que não parece difícil entender é que a ‘tradição literário europeia’, sobrevive das questões da posse da terra e do gozo daqueles que não precisam trabalhar.

Assim, antes de trazer esse primeiro verso de *Bucólicas*, que por si só gerou uma história coletiva de expressões individuais e inspirações coletivas, acontecidas através de leituras pedagógicas seculares, Hasegawa (2011, p. 51), já pontua o motivo, a causa do poema. Afirmando que, segundo Sérvio, gramático do século VI d.C., Virgílio teria escrito *Bucólicas* por ter recuperado suas terras, recuperado propriedades da família que teriam sido desapropriadas e entregues como premiação a soldados de guerra. Terras que foram devolvidas pelo Imperador Augusto Otaviano, por conta da importância de sua obra para Roma, como a escrita de Eneida que enaltece o surgimento de Roma. Mas, enfim, o que se entende pelo ‘gênero bucólico’?

Para responder à questão, Hasegawa traz, o gramático do século V d.C., Filargírio, afirmando que “as *Bucólicas*, como dizem, foram chamadas a partir dos guardadores de bois, isto é, ἀπὸ τῶν βοηκόλων, pois, entre os rústicos, os principais animais são os bois” (op. cit., p. 35). Dentre os três estilos colocados por Hasegawa: o humilde, o médio e o grandiloquente, as *Bucólicas* seria de qualidade humilde, pois, “com efeito, aqui as personagens são rústicas, alegrando-se com a simplicidade e delas não se deve exigir nada de elevado” (op. cit., p. 39).

Ainda Filargírio, na tradução de João Pedro Mendes, para o livro de Hasegawa (op. cit. p. 36), vitupera. “Diga-se o que se disser, ficará bem provado que o poema bucólico tem origem em épocas remotas, quando se praticava a vida pastoril”. Também *Trabalho e dias*, de Hesíodo, não fugiria à regra como ‘almanaque agrícola’. Para completar o tema, pode-se enunciar quando Hasegawa (op. cit., p. 29) pontua que, “destacamos ‘avenas’ porque é o instrumento que caracterizará o gênero bucólico, como vimos em Camões, e chamamos a atenção que ‘cantavam de amor literariamente’ porque aponta para a um tema importante nas *Bucólicas*: o amor”. A solução do gado era o amor. É uma lição a ser recuperada, lembrando dos absurdos e sofríveis espaços de confinamento.

Nascido no berço de agricultores familiares, Virgílio passou por sua própria ‘desforma agrária’, tendo a sorte do talento para recuperar seus bens. Propondo em suas primeiras obras, quase um retrato de sua vida de filho de camponeses, pastores e agricultores. De qualquer forma, a colocação das versões em latim e português dessa primeira égloga, colegialmente lida, deixará mais acessível verificar as colocações relativas ao trabalho e o prazer contidas nessa pequena estrofe de *Bucólicas*, exposta por Hasegawa (op. cit., 62).

“*Meliboeus*

*Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi
silvestrem tenui Musam meidtaris ausena;
nos patriae finis e dulcia linquimus arua.
Nos patriam fugimos; tu, Tityre, lentus in umbra,
formonsam resonare doces Amaryllida siluas.”*

“*Melibeu*

Títiro, tu, reconstando-se sob o abrigo da copada faia,
silvestre canção compões na tênue avena;
nós deixamos os confins da pátria e as doces lavras;
nós fugimos da pátria: tu, Títiro, indolente na sombra,
ensinas os bosques ressoarem a formosa Amarílide.”

De acordo com Hasegawa (2011, p. 62), “logo no primeiro verso, temos o *locus amoenus* que abriga o pastor e é cenário para que se realize o canto bucólico. Melibeu encontra Títiro, ‘sob o abrigo da copada faia’ (v. 1), ou seja, à sombra de uma árvore”, tocando sua lira. Mas não só isso, “[sobre o abrigo da copada faia], que lhe proporciona sombra e comida sem esforço, dedicado a tocar sua música rústica na tênue avena”. E não menos ilustrativo desse lugar aprazível sob a copada faia, Hasegawa (op. cit., 63), lembra que “a faia também tem um valor alegórico por produzir glandes e alimentar assim os homens”. Só a estilística poderia enxergar glandes em nozes, afinal, conflito familiar e sexualidade estão no roteiro da utopia e, se alimentar da imagem do próprio membro sexual, é se alimentar da fertilidade da terra.

Desta forma, neste ambiente bucólico, prazeroso e idílico, o que se percebe é que a figura de Títiro, conforme Hasegawa (2011, p. 64 e), “não precisa trabalhar para comer e pode se dedicar ao ócio e ao divertimento, como se estivesse na Idade de Ouro, onde a terra produz tudo sem a necessidade do labor humano”. Fazendo um bom *turismo rural*. Mas também, lembrando Hesíodo, “graças à ajuda e proteção de um homem divino e poderoso de Roma” (op. cit., p. 75). Como, da mesma forma, graças à ajuda do Imperador Otaviano, Virgílio reconquista as propriedades da família. E, do outro lado, se encontra o pobre Melibeu, que significa aquele que cuida de bois, mas que perdeu suas terras e foi exilado, passando de boiadeiro a cabriteiro, o nível mais baixo da hierarquia do mundo bucólico, porque não tem uma terra fixa pra cuidar de seus animais (Hasegawa, 2011, p. 75). O sem-terra da poesia bucólica. No caso mais um ‘sem-noção’, por não cumprir seus deveres regularmente e ainda usurpar os outros. Ainda assim, alguma economia solidária da época, possibilitou-lhe conseguir alguns cabritos para pastar em pastos abertos.

Assim, se em um verso apenas sintetizam-se questões agrárias, implicitamente a interseção aferida, a definição do poeta-pastor e cantor sob os auspícios de sua copada faia, de outro lado, Hesíodo mostra o pecuarista ressentido que reclama a folga do sortudo. Hasegawa (2011, p.62), expõe Melibeu, como “um pastor que não canta nem pode ser cantado, pois está fora desta Arcádia ideal”, tendo de dar conta de suas cabras com esforço e trabalho dobrados, sem muito descanso ou qualquer lazer.

No entanto, como traz o título deste subcapítulo, aqui também se expõe, outra obra de Virgílio (2019, p. 9), *Geórgicas*. Obra que, nas palavras de seu mais reconhecido tradutor Odorico Mendes, “sendo as *Geórgicas* a obra mais acabada do autor, nela pus grande cuidado, e fiz um estudo especial dos termos agrários”. Palavras trazidas na *Apresentação* da obra, escrita por seu organizador Paulo Sérgio de Vasconcelos. E, na *Introdução*, Matheus Trevizam traz uma importante contextualização da obra:

“Ora, o plano focalizado pelas *Géorgicas*, [...] não poderia prescindir de privilegiar as searas como ambientes de metafóricos ‘combates’ de bravos agricultores... Certas condições práticas de realização dos trabalhos rurais antigos, por fim, fazem dos bois de arado, não mais, diríamos, ‘coadjuvantes’, mas diletos colaboradores do homem do campo em seus cotidianos esforços para sobreviver.” (op. cit., p. 13)

É incrível como o dito clássico, que remete uma leitura feita só por intelectuais, é numa palavra ‘campesino’. E como isso poderia ser obnubilado no ideal agrário do desenvolvimento rural sustentável? Afinal, seu primeiro livro fala sobre agricultura, o segundo, arboricultura, o terceiro, pecuária e, no quarto e último, sobre apicultura. É um manual técnico de agroecologia escrito em poemas. Coube ao autor de ‘Torto arado’, trazer à ‘fama’ estas palavras de Virgílio, mas nem Itamar Vieira Júnior pode remeter ao seu autor original, apenas lembrando ter lido as palavras que intitulam seu livro, em poemas do arcadismo brasileiro.

“Com torto arado o agreste o chão labora,
 Onde a pátria sustente e seus netinhos.
 Onde seus gatos e os bois merecedores,
 E ateima, até que ano abunde em crias,
 Pomos largueie e Cereais paveias
 Encha regos, celeiros sobrepuje.”
 (Virgílio, 2019, p. 1333-134)

De qualquer forma fica claro o ‘uso prático’ do poema, e suas alusões precisas a instrumentos e elementos do campo que deveriam ser conduzidos de uma ou outra forma. Como no curtíssimo poema seguinte, Virgílio nos traz uma técnica milenar de manejo sustentável, enunciada em várias formas, em diferentes épocas.

“Vário o plantio, assim descansa a terra,
 Sem que entanto inarada se desperdice.”

Este verso mostra, o que praticamente não se encontra no agronegócio, ainda mais naquele que se constrói à base de monoculturas. Tão curto o verso, é um ensinamento milenar, o qual, contrariamente às cartilhas do AGRO, fala-se sobre uma técnica que abunda na literatura sobre *agroecologia* ou *transição ecológica*, como uma técnica básica. Assim, afirma Altieri (2012, p. 16), “a sustentabilidade e a resiliência são alcançadas em função da diversidade e da complexidade dos sistemas agrícolas, por meio de consórcios, rotações, sistemas agroflorestais, uso de sementes nativas e raças locais de animais”, corroborado por Corbari (2020, p. 89) ou Zonin (2007, p. 46-47).

De outra forma, tratando de elementos e compostos sustentáveis, em Guterres (2006, p. 21) expõe-se que, “para corrigir isso, só com matéria orgânica, corretivos naturais (pós de rocha, por exemplo) e rotação de culturas que vão restaurar a microbiologia (as diferentes e numerosas formas de vida) do solo”. Karina Rosalen (2022, p. 06), no seu artigo *Agroecologia: o que é, como surgiu e qual a importância para a agricultura?*, explica que é necessário “diversificar as atividades na propriedade, buscando a integração entre elas para maximizar a utilização de recursos e diminuir a aquisição de recursos externos”, mostrando a permanência desta técnica.

Parece certo que mesmo na filosofia este petardo poderia valer a pena, a variedade produtiva garante uma farta colheita, porque descansa o solo, antes de dar descanso ao seu senhor. E poderia ser confirmado que falamos de uma ‘tecnologia social’, porque o poema acima está entre os mais belos da literatura romana e mundial.

Ainda assim, *Bucólicas* e *Geórgicas* não se encontram nesta pesquisa somente para termos uma visão do espaço bucólico e suas questões agrárias. Mas também porque estas obras inspiraram o pensamento e a literatura utópica posteriores. E, além disso, fizeram parte de uma importante obra utópica da época moderna. Mostrando, de forma evidente, de forma mais clara, como a questão da origem dos significados relativos ao trabalho, descanso ou lazer, configuram o espaço da utopia.

Sem precisar mais de qualquer verso de *Bucólicas* ou *Geórgicas*, este final de capítulo vincula Virgílio e sua obra à utopia, de uma forma surpreendente, mas demasiado profícua, fruto hedônico desta pesquisa. Dado que foi, no mínimo curioso, no estudo das utopias, que no livro de Tomaso Campanella, *A cidade do sol*, clássico reconhecido da literatura utópica moderna. O qual além de denotar a coletividade e a importância da produção agrícola e a pecuária na área rural. Convergentemente, senão sintomaticamente, nesta obra seminal da utopia, o personagem ‘Genovês’ relata ao seu anfitrião ‘Hospitalário’, dentre um viés onde léxicos do turismo se misturam com princípios solidários e utópicos. Este ‘Genovês’ fala sobre o naufrágio que o levou à ilha de *Civita Solis* e, em dado momento, após expor vários contextos ilustrativos da ilha, ele explica para o ouvinte, que a população toma dois livros fundamentais para a produção rural: *Geórgicas* para a agricultura e *Bucólicas* para a pecuária.

“Por isso nada acrescentam à terra, mas a trabalham com afinco e possuem segredos especiais para pronto crescimentos e multiplicação e para não perder a semente. Possuem um livro apropriado para essa arte, intitulado *Geórgicas*. [...] Cuidam também dos galos capões e de outros animais castrados, bem como do parto dos animais em geral e possuem um livro dessa arte intitulado *Bucólica*.” (Campanella, 2008, p. 52-53)

Mas antes mesmo o Genovês teria acrescentado para o Hospitalário:

“Já te falei que a arte militar, da agricultura e da pecuária, é o trabalho comum a todos; que todos são obrigados a conhecer essas artes, julgadas por eles como as mais nobres de todas; mas aquele que mais artes conhecer, mais nobre será e, no exercício de uma arte, é escolhido o que for mais competente.”

De qualquer forma o trabalho é distribuído proporcionalmente pelo número de pessoas disponíveis, de modo que nenhum serviço fique estressante para nenhum

habitante da ilha, sendo que as mulheres têm o direito de ocuparem cargos que exijam menor esforço.

No entanto, tem mais um fenômeno notável na exposição de Virgílio na obra de Campanella (2008, p. 9-14). Dado que, a obra deste, data do período moderno, tendo sido escrita em torno de 1602, mas as obras apontadas do poeta Virgílio, poeta romano que viveu no último século antes de Cristo, pelo menos dezesseis séculos antes da escrita da obra de Tomaso, revelam alguns fatos impescindíveis do contexto desse autor. Pois Tomaso ficou muito tempo exilado e preso pela luta em favor dos pequenos produtores, pelo direito à terra, pela distribuição equânime de bens e o trabalho em coletividade, enaltecendo o bem comum.

Ora, a sua *Cidade do Sol*, a sua utopia, seria escrita quando foi preso por 27 anos, condenado à prisão perpétua, mas libertado por intervenção do Papa Urbano VIII. Em 1633, é obrigado a fugir para Paris, onde é bem recebido por interesse do rei da França e do cardeal Richelieu, morrendo em 1639. Assim, a indicação de *Geórgicas* e *Bucólicas* numa época tão posterior, evidenciou a crítica de Tomaso ao modelo agrícola da época que, como denunciado por Morus (2006, p. 51-52), quase cem anos antes, inspira a denúncia que Campanella comporia.

“Mas não é tudo. Após a multiplicação dos pastos, uma horrorosa epizootia veio matar uma imensa quantidade de carneiros. Parece que Deus queria punir a avareza insaciável dos vossos açambarcadores com esta medonha mortandade que talvez fosse mais justo lançar sobre suas próprias cabeças. [...] É verdade que o número de carneiros cresce rapidamente todos os dias; mas nem por isso o preço baixou; porque se o comércio das lãs não é um monopólio legal, está, na realidade, concentrado nas mãos de alguns ricos açambarcadores e nada pode constrangê-los a não ser com altos lucros. [...] A estas causas de miséria ajuntam-se ainda o luxo e as despesas insensatas. [...] Se não remediardes os males que vos assinalo, não vos vanglorieis de vossa justiça; é ela uma mentira feroz e estúpida. [...] A corrupção emurchece, à vossa vista, essas jovens plantas que poderiam florescer para a virtude.”

Àquela época, as terras já eram tomadas para produção extensiva de algodão e, nesse sentido, usavam ‘produtos de corrupção’ na terra, sendo que a pecuária foi

sendo reduzida à ovinocultura de nobres proprietários, mais uma vez deixando claros alguns pormenores relativos à *questão agrária* na configuração do ideal utópico. Portanto, a mitologia e a literatura antiga e clássica dão conta da constatação da *ruralidade* relativa ao espaço configurado pela *utopia*. E, de forma mais perspicua, revela o quanto a *questão agrária* se constitui como ‘pano de fundo’ da escritura de obras seminais da *utopia*. Sempre relatos que se impõem pela diferenciação das formas ideais de trabalho e lazer, em suas comunidades ideais.

Talvez à frente, os próprios ‘utópicos’ possam revelar isso. Não antes de apresentar um pouco do comunismo de Campanella (2008, p. 26), que de alguma forma fala sobre ‘autogestão’, dentre um conjunto de conceitos e ideias, caros à interseção entre a economia solidária e o turismo rural.

“Todas as coisas são comuns, mas compete aos magistrados a equitativa distribuição; por isso não somente a alimentação, mas também as ciências, as honras e o lazer são comuns, de maneira que ninguém pode se apropriar de coisa alguma.”

Como lembrado por Eco na metodologia deste trabalho, esta não é uma tese panorâmica que pretende esgotar os diversos assuntos que deve comunicar. Mas, por ser uma tese monográfica que parte de um estudo interdisciplinar e complexo, procura delimitar este espaço de convergências que acontece a partir da economia solidária e do turismo rural. Este trabalho foi iniciado praticamente como se fosse um programa extensivo ou uma pesquisa-ação de campo, quando não se fazia ideia de que tantas interseções conceituais ou histórico-filosóficas, pudessem acontecer entre essas duas disciplinas. Ora, esse estudo instigador, que se tornou obsessivo e garantiria alguma certeza do caminho seguido, confiança da inovação sociotecnológica, do roteiro e de suas implicações metodológicas. Mesmo tendo abandonado o trabalho de campo, parece que, assim mesmo, não deixaria de se afigurar um horizonte rural próprio.

Enfim, no estudo da economia solidária e do turismo rural, a união de nomes tão importantes e ilustradores dessa interseção, como Owen, Cook, podendo citar More, Lafargue ou Kautsky, somente expô-los separadamente, conformaria uma pesquisa auspiciosa em si mesma. Mas as relações e interseções sobrepujaram seu espaço e conceitos, afinal estas pessoas citadas, somente puderam surgir através das convergências aferidas por esta tese. E, nesse sentido, ainda seria mais auspicioso, deparar com a figura de Robert Owen tão enaltecida na obra de Polanyi, Engels ou até mesmo Kautsky. Polanyi, trazido através do artigo sobre turismo voluntário, de uma professora universitária havaiana, que resultou da busca referencial e protocolar da relação entre a economia solidária e o turismo rural, na primeira parte deste trabalho.

Todas essas grandes figuras juntas, explicitariam, para além do objetivo principal da tese, um conjunto de convergências conceituais, filosóficas, temporais e, claro, utópicas, sobre as quais não se poderia ter ideia naquele início de 'trabalho de campo'. Não parecia, naquele momento, que se pudesse chegar tão longe com essa interseção. Por isso, é com profunda gratidão ao programa, professores, alunos e Capes/DS, com

que se cumpre essa tarefa, humilissimamente, tal a grandeza dos achados e os poucos recursos que este autor possui, mas o faz com a maior dignidade que lhe é possível.

2.1 A utopia é o real que falta

É uma utopia? Nem a concretude de qualquer utopia da economia solidária pôde ser completamente avalizada pelas palavras de Salau Brasil. Ela precisou, na última frase de sua Tese, *A produção social das utopias: uma análise a partir da economia solidária*, inspirada na ‘utopia concreta de Bloch’, denotar seu próprio desejo por quem lhe deu voz. Quando Brasil (2011, p. 260), então, sintomaticamente, cita, ‘Seu Eugênio’, que exclamou, “quando eu falava em economia solidária me diziam que isto era utopia. Agora posso dizer: é utopia sim, mas concreta”. No entanto, dezessete páginas antes, chegando ao final da tese, Brasil (op. cit., p. 243) já teria exclamado.

“Se inicialmente buscávamos legitimar a utopia na economia solidária desde que ela se mostrasse concreta, isto é, possível de realização, no decorrer da pesquisa adotamos outra postura, a de considerar que também as utopias abstratas são bem-vindas.”

Ora, se a tese de Brasil se refere a esta busca pela utopia concreta no contexto da economia solidária, sem buscar qualquer oposição com a tese de Brasil, esta pesquisa não tem dúvidas da concretude da utopia ou mesmo de sua abstração, ainda na exposição de uma interseção interdisciplinar. Afinal, como enunciado por Endlich, em sua resenha sobre o livro de Claeys, já anteriormente completamente citado no final do primeiro capítulo. Apesar de poder trazer os conceitos da economia solidária ligados ao conceito de *economia ideal*, assim como o turismo rural enunciou-se por *lugar ideal*. Ora, mesmo a utopia estando inegavelmente nos discursos sobre estas duas ciências, não se busca aqui por qualquer projeto idealizado, romântico tardio ou sem os pés no

chão, não se tem por onde. Porque o que se mostra aqui, nada foi construído nos ares, ou com alguma pretensão idílica, coisa de deuses literatos. Nem mesmo procura-se que algum projeto satisfaça condições de uma utopia abstrata, concreta, moderna ou semiótica.

Bastaria conseguir falar de uma sociedade ajustada, melhorada na sua estrutura, repensada no seu fim, por isso bem representada, dar-se conta de sua entropia, então aberta a sua desconstrução e futuro. Amplamente sustentável, em todas suas ciências e disciplinas, essencialmente inclusiva, porque é disso que é feita a interdisciplinaridade e a utopia. E, se há alguma delimitação do conceito de utopia, é porque tão somente ele perfaz o contexto da interseção entre a economia solidária e o turismo rural, dentre tantas outras ciências que a tiveram como princípio ou conceito, como se pode afirmar pela ciência agrária.

Ainda para este trabalho, a delimitação do conceito de 'utopia' em sua 'expressão mítica e rural', configura uma longa linha do tempo, que se estabelece desde o mito da criação mesopotâmica, mais de mil e cem anos antes de Cristo, até a contemporaneidade distópica. Ainda que neste capítulo importe apenas as utopias encontradas na interdisciplinaridade desta pesquisa, a partir do caminho rural solidário que segue até Owen, na contemporaneidade.

“Mas não resta dúvida que está aí a semente da utopia – ainda que esta palavra, senão este conceito, tenha sido proposta apenas no século XVI, quando um inglês, Thomas More, faz publicar em latim, em 1516, um livro onde se relata a vida melhor levada pelos habitantes de uma ilha situada em algum lugar, a ilha de Utopia, de ou-topos, o não lugar, lugar nenhum, nenhures. Não deixa aliás de ser curioso, e de ter um certo sabor amargo, que a designação daquela vontade de uma vida melhor, que sempre esteve e está espalhada por toda parte, acabasse fazendo referência exatamente a parte alguma, a lugar algum.” (Coelho, 1992, p. 16)

Nesta citação do grande mestre e esteta Teixeira Coelho, ele não só apresenta o criador da literatura utópica, mas denuncia esse ‘sabor amargo’ do discurso sobre a utopia ficar reduzida a um projeto insustentável, a nenhures. Apesar da ambiguidade ou bilateralidade do trabalho na literatura utópica, ‘o lugar nenhum’, desde o que se viu no *Enuma Elish*, os estudos dessas origens mitológicas e literárias trazem elementos da divisão tripartida realizada por Claeys (2013, p. 11). No seu livro *Utopia: a história de uma ideia*, ele divide a utopia em três domínios de estudo: “o pensamento utópico, a limitada literatura utópica e as tentativas práticas de encontrar comunidades melhoradas”. Ainda que deva ser lembrado, que o objetivo geral desta tese é dar conta do espaço de interseção entre distintas disciplinas e, como essa interseção, em princípio, espacial, expõe suas interseções conceituais ou científico-filosóficas. Não deveria ser contraditório dizer que também acontecem interseções entre grandes figuras da filosofia, da utopia ou da literatura, senão, agrônomos, astrofísicos, sociólogos e zootecnistas, horizontalmente necessários. Que se abrem ao conceito de espaço hedônico como espaços rurais, abertos ao lazer, autogestionários e mantenedores de sua cultura local.

Desta forma, os fundamentos do conceito de utopia desta tese estarão mais amplamente direcionados aos trabalhos de More, Owen e Polanyi e Kautsky. Dado que foi surpreendente verificar que importantes autores do pensamento, da literatura ou da prática utópica, todos eles tiveram suas obras impulsionadas de alguma forma pela ‘questão agrária’, inevitavelmente compartilhando seus saberes em diversos momentos. Ainda, por vezes, tratando dos espaços ideais do turismo, inspirados em atividades solidárias com o homem e a natureza.

Mas essa natureza solidária e democrática das instituições foi um projeto anterior a Platão, o grande inspirador de More. Neste sentido, a partir da literatura antiga, Licurgo, o legislador de Esparta, é lembrado na obra de Claeys (2013, p. 24).

“Licurgo foi um reformador do século IX a.C., que criou a monarquia dual e o senado em Esparta para equilibrar monarquia e assembleia popular e para aprovar toda a legislação. A fim de resolver os problemas de pobreza e desigualdade social em Esparta, a terra foi dividida e redistribuída de maneira justa e igual. Simplicidade na ornamentação pessoal e do lar, tornou-se norma; refeições comunais foram introduzidas, para que ricos, quando obrigados a se alimentar junto com os pobres, ‘não pudessem utilizar ou curtir sua abundância, nem tão pouco satisfazer sua vaidade por olhá-la ou esbanjá-la”.

Quando Claeys nos traz Licurgo, a importante obra deste “legislador semimítico – que alguns acreditavam ter sido membro da família real espartana”, também são apresentadas algumas tecnologias sociais que serão retomadas por Platão e mesmo por More. As assembleias, refeições comunais, redistribuição justa ou a simplicidade de ornamentação, são tecnologias sociais ‘de ponta’, desde então. Edson Bini, tradutor de *A República*, de Platão (2019, p. 16), enuncia que “A República: o segundo mais longo dos diálogos. [...] Platão expõe sua concepção de um Estado (comunista) no qual a ideia de justiça seria aplicável e a própria δίκη realizável e realizada”. Virgílio enfrentou a mesma causa de justiça agrária e, na literatura moderna, o próprio criador do conceito de ‘utopia’, Thomas Morus. Não fugiram à questão, Campanella ou Owen, denotadamente. Evidenciando, desta forma, como a questão agrária faz interseções recorrentes com a utopia, em geral.

Poderia ser provável que a questão agrária se ligasse ao conceito de utopia, como u-topus, lugar nenhum ou nenhures, porque More enfrentou o que seria feito do campo à época, sem a verdadeira concretização da ancestralmente desejada reforma agrária. More pode ter associado nenhures ao campo, porque o que se deu mesmo, foi a completa transformação do campo, em um lugar de ninguém, porque proporcionalmente, o campo ficou sendo o lugar de quase ninguém, *do campo*. Esse vazio da produção rural justa, é o lugar nenhum da utopia.

No entanto, as convergências aparecem. Apesar desta tese não se preocupar com uma definição precisa de *ideologia* ou *utopia*, em Silva (2018, p. 40), pode-se encontrar uma elaboração que diferencia *ideologia* de *utopia*, oriunda do trabalho de Mannheim, que pode trazer uma outra ideia do significado da palavra utopia, mas com certeza, relacionado a este trabalho.

“As motivações no modo de pensar dos grupos sociais seriam então divididas entre ideologia e utopia sendo que, no caso da ideologia, atuar no sentido de camuflar a realidade, promovendo assim a conservação das estruturas sociais, ou, no caso da utopia, de denunciar contradições da realidade social atuando no sentido de promover a transformação.”

Nesse sentido, quando Silva (2018, p. 41) coloca duas questões seguidas, implicando ideologia e utopia, em sua dissertação sobre o *Assentamento Celso Furtado*: “Qual ideologia (ou quais ideologias) atuam entre os assentados que aderem à agroecologia? A agroecologia é uma ideologia ou uma utopia?”. Ora, Silva mostrou em sua dissertação o sofrimento das famílias acampadas ligadas ao MST, que lutam por suas terras, tendo uma nítida visão ‘prática’ da utopia do MST. Um movimento visceralmente ligado à economia solidária, a qual ainda deve muito de sua expertise ao turismo rural. A utopia é o sangue correndo nas veias da construção coletiva.

No entanto, neste momento, lembrando a posição de Brasil buscando trazer a utopia para a concretude da economia solidária, e, com estas questões abertas acima, feitas por Silva. Foi inevitável fazer uma relação, do que fica evidente do espaço do agronegócio e do espaço da agroecologia. Certamente os que alimentamos são mais construídos no espaço da ideologia, do que no campo da utopia, dada a tragédia política, socioeconômica e ambiental do agronegócio, que mais ou menos resume a conclusão do trabalho de Silva.

Quer dizer, inevitavelmente, a sociedade é obrigada a consumir o produto agrotóxico da agricultura tradicional. Enquanto a agroecologia, por todos seus movimentos de valorização da vida humana e da diversidade ambiental, se se levar em conta só o Paraná, onde restou apenas 4,2% da Mata Atlântica (Chicarelli, 2014, p. 8). Fica claro que o real, aquilo que seria o melhor pra todos, é “aquilo que ainda não foi simbolizado, resta ser simbolizado ou até resiste à simbolização” (Fink, 1998, p. 44), tome-se o exemplo da própria Reforma Agrária, “o real enquanto o impossível de ser simbolizado”, legislado, tornar-se uma política de estado.

Assim como faz falta a agroecologia, como faz falta o real da Reforma Agrária, não poderia deixar de arrematar que ‘a utopia é o real que falta’. Enfim, como diria uma amiga excepcional, Roseli Penachi que colaborou na obra coordenada por Clara Regina Rappaport (1992, p. 94). *Psicanálise: introdução à práxis, Freud e Lacan*, a utopia seria “definida primeiramente como o impossível, o que ‘não cessa de não se escrever’”, como a própria verdade, a verdade da sustentabilidade, verdade da agroecologia e a verdade da utopia, que não cessam de não ser legisladas, apesar de escritas e, em medida desproporcional, negadas. O real que falta da utopia: só falta, não quer dizer que não exista ou deixe de ter toda a possibilidade de existência e permanência.

2.2 Polanyi e More

No capítulo anterior, Karl Polanyi (1886-1964) é citado pela professora americana Mary Mostafanezhad, no artigo sobre ‘turismo voluntário’, selecionado em busca referencial. Mostafanezhad traz o conceito de ‘duplo movimento’, de Polanyi, relativo aos movimentos de proteção social de cunho ambiental, educacional e espiritual, que se opõem à lógica do consumo e da produção em escala sem limites. Tanto na atualidade do ‘turismo voluntário’ havaiano, mas também estabelecendo uma relação destes com os movimentos autogestionários que se apresentaram ainda no

período da revolução industrial, na obra de Polanyi. Neste sentido, a obra *A grande transformação*, teria sido procurada para entender o conceito de ‘duplo movimento’ anti-hegemônico, trazido de Polanyi.

No entanto, no estudo da obra de Polanyi, encontram-se fatos sobre Owen, que vão muito além do socialismo utópico. Mas, para entender esta ‘formação’ de Owen em Polanyi, poder-se-ia antecipar em *Essência do cristianismo*, de Ludwig Feuerbach (1804-1872), o que se constituiu a construção ‘espiritual’ das pregações ‘antirreligiosas’, e quase psicológicas, owenistas, relatadas em Polanyi. Como afirmado no décimo oitavo capítulo do trabalho de Feuerbach (1998, p. 309):

“Mas a religião não tem a consciência da humanidade do seu conteúdo; ela antes se opõe ao humano ou pelo menos não confessa que seu conteúdo é humano. A mudança necessária da história é, portanto, esta confissão aberta, de que a consciência de Deus nada mais é que a consciência do gênero, que o homem pode e deve se elevar acima das limitações da sua individualidade ou personalidade.”

De forma bem menos extensa, Robert Owen (2021, p. 12), em seu texto, *A nova sociedade*, afirma que, se há algum princípio ao qual o homem deva se elevar, tal princípio deva se resumir em que “esse princípio é a felicidade do eu, claramente entendida e praticada de maneira uniforme, o que só pode ser alcançada por uma conduta que deve promover a felicidade da comunidade”. Quer dizer, a partir de Feuerbach e Owen, a felicidade ou a religião é a consciência de si próprio, que transcende sua individualidade e se conduz para a consciência do gênero humano e suas limitações. Sim, uma utopia, mas uma utopia possível. Uma utopia que no seu ápice transcende o individualismo. E, nesse sentido, Brasil, trouxe uma excelente contribuição de Michel Löwy e Sami Naïr.

“As visões individualistas do mundo – racionalistas ou empiristas – ignoram a aposta. Esta não acha lugar senão no cerne das formas de pensamento inspiradas por *uma fé em valores transindividuais*: aquilo que a aposta pascalina e a aposta dialética têm em comum é o *risco*, o

perigo de fracasso e a esperança de sucesso. O que as distingue é a natureza transcendental da primeira [aposta na existência de Deus] e puramente imanente e histórica da segunda [aposta no triunfo do socialismo na alternativa, oferecida à humanidade, da escolha entre o socialismo e a barbárie].” (LÖWY; NAÏR, 2008, p. 177. In. Brasil, 2011, p. 115)

Como já citado, devemos consolidar esse ‘ruído’, a partir da queda que a tudo constitui, então ontologicamente, dito em Vieira (2000, p. 11):

“Nosso interesse é congregar as contribuições de desenvolvimentos mais recentes na área de sistemas, como por exemplo a termodinâmica dos sistemas abertos longe do equilíbrio (Prigogine, 1984), ou as recentes descobertas na área dos sistemas dinâmicos não lineares em processos de caos determinista, ou ainda as ideias do *princípio de organização a partir do ruído* (Atlan, 1992). Nas últimas décadas muitas ideias e conceitos têm sido propostos, apontando para um clímax que caracteriza o reconhecimento e a necessidade do estudo da *complexidade*, com uma consequente teoria sistêmica.”

Voltando a Polanyi, o melhor teria sido mesmo o extenso material sobre o trabalho e as ações de Robert Owen (1771-1858), que a obra trouxera. Não menos que o grande tecelão da economia solidária, aparecendo praticamente em toda a obra, do prefácio ao fim, como um exemplo da atitude anticapitalista, nos limites do século XVIII para o XIX. E, em Polanyi (2000, p. 108), Owen aparece, primeiro, como um jovem e inovador tecelão, que se transforma em industrial bem sucedido e político, que teria discernido “a realidade emergente por trás do véu da economia de mercado: a sociedade”, construindo um empoderamento coletivo sem se utilizar de qualquer conversão religiosa ou mítica. Portanto, a obra de Polanyi já teria um grande espaço dentro desta tese, pela citação oportuna da professora americana e, por sua vez pelo profícuo aprofundamento histórico e sociológico e científico da obra de Owen.

Mas antes de trazer Owen em Polanyi. Por sua vez, falando em ‘utopistas’, de forma extraordinária, Polanyi evoca Thomas More (1478 – 1535) em sua obra, publicada

pela primeira vez em 1944. Na verdade, o livro de More, *Utopia*, é dividido em duas partes, sendo que a primeira parte, que toma um terço do livro, More (2006, p. 34) faz uma dura crítica à sociedade inglesa, como o abuso da propriedade privada e o desequilíbrio econômico, que pressionava à miséria da população e, na segunda parte, ele traz a descrição da ilha de Utopia, sua população e atributos. Por sua vez, no terceiro capítulo da obra de Polanyi (2000, 51), ele se pergunta: “Que moinho satânico foi esse que triturou os homens transformando-os em massa?” Acrescentando que no ‘coração da Revolução Industrial’, o extraordinário progresso técnico foi seguido de uma ‘catastrófica desarticulação nas vidas das pessoas comuns’.

Até aqui, pode-se observar, ao menos, alguma espécie de ‘enredo’ crítico coincidente entre More e Polanyi, no entanto, em suas obras, ambos denotam fatos bem mais específicos da Inglaterra. More, na primeira parte de *Utopia*, criticando a devastação provocada pelas ovelhas da Inglaterra de Henrique VIII, no século XVI. E, por sua vez, Polanyi, expondo a Inglaterra da Revolução Industrial, do século XVIII pro XIX, logo no início da segunda parte de seu livro, intitulada *Ascensão e queda da economia de mercado*. Mas são notáveis as convergências literárias, pelo menos, talvez mais claramente, coincidências de temas e consequências narradas. Considera-se impressionante que Polanyi não tenha se referido à More na construção desses parágrafos, já que fala sobre a época de More, quando denota o primeiro reinado Tudor. Ou, em outro momento, tendo citado More, como um dos ‘inventores do estado’ moderno, junto com Maquiavel, Lutero e Calvino, que teriam aberto caminho a Adam Smith.

No entanto, aqui More e Polanyi impõe retratos de suas épocas, evidenciando o deserto e o despovoamento, que comporiam esse lugar nenhum relegado à composição do conceito de utopia.

“Qual é?’ ‘Vossas ovelhas, Cardeal?’, disse eu, ‘que costumavam ser tão mansas e que eram alimentadas com tão pouco, puseram-se hoje, como se conta, a ser tão famintas e ferozes que devoram os próprios homens, campos e casas, e devastam e despovoam cidades. De fato, em todas as partes do reino onde se produz a mais fina lã, e por isso mesmo a mais preciosa, os nobres, os ricos e mesmo os abades e homens santos, não satisfeitos com suas rendas e com os frutos prediais que seus antepassados costumavam majorar, não tendo o bastante, por viverem no ócio e no luxo que de nada servem para o bem público, a não ser que sejam impedidos, não deixam nenhuma lavoura; cercam toda terra para pastagens, derrubam casas e vilas, deixando tão só o tempo para servir de redil às ovelhas. E, uma vez que os bosques de caça e os parques ocupam tanto do território do país, aqueles benditos homens transformaram todas as habitações e culturas em deserto.” (MORE, 2019, p. 45)

“O liberalismo econômico interpretou mal a história da Revolução Industrial porque insistiu em julgar os acontecimentos sociais a partir de um ponto de vista econômico. Para ilustrar este ponto, voltaremos a um assunto que poderá parecer remoto, a uma primeira vista: os cercamentos dos campos abertos (enclosures) e as conversões da terra arável em pastagem durante o primeiro período Tudor na Inglaterra, quando os campos e as áreas comuns foram cercados pelos senhores, e condados inteiros se viram ameaçados ao despovoamento. [...] Os cercamentos seriam um progresso óbvio se não ocorresse a conversão às pastagens. A terra cercada valia duas ou três vezes a não cercada. Nos lugares onde se continuou a cultivar a terra, não diminuiu o emprego e o suprimento de alimentos aumentou de forma marcante. O rendimento da terra elevou-se consideravelmente, principalmente onde a terra era alugada. Mesmo a conversão de terras aráveis em pastagens de carneiros não foi inteiramente prejudicial à circunvizinhança, a despeito da destruição de habitações e da restrição de empregos que ela acarretou.” (POLANYI, 2000, p. 52)

As similaridades são tão contundentes que levam este trabalho ao limite da interpretação do fato, como uma convergência, coincidência, sincronia, semiose, repetição ou sintoma. Assim, mesmo que se deva levar em consideração que ambas são traduções, aqui estão apresentados trechos pertinentes às respectivas obras e épocas, para uma devida *confrontação*. Mesmo que o que se afigure, apresente-se mais claramente como uma verdadeira *interseção* histórico-literária, que evidencia fatos recrudescentes. Formas que ainda podem se ‘repetir’ em outros parágrafos de More e Polanyi.

Textos que espelham situações hodiernas. Falando em desertificação, os cercamentos que ‘evoluíram’ para os gigantes e crudelíssimos confinamentos. Fora, como Polanyi traz ao final do seu texto. O diário abuso dos grandes proprietários que numa só palavras ‘infectam’ o ambiente e sua vizinha, arbitrariamente, impunemente.

“A essa mísera pobreza e à carestia, ajunta-se o luxo inconveniente. Pois também os lacaios dos nobres, os artesãos, praticamente todos os agricultores e todas as classes sociais exibem excessivo aparato nas vestes insolentes, e extraordinário luxo na alimentação. As casas de má fama, os covis, os lupanares, as tabernas de vinho, as bodegas de cerveja, e dos locais de desonestos jogos de dados, cartas, o frítilo, os dardos, bolas e discos, já que rápido exaurem o dinheiro de seus frequentadores, conduzem-nos direto ao roubo.” (MORE, 2019, p. 49)

“O tecido social está sendo destruído; aldeias abandonadas e ruínas de moradias humanas testemunhavam a ferocidade da revolução, ameaçando as defesas do país, depredando suas cidades, dizimando a população, transformando seu solo sobrecarregado em poeira, atormentando o povo e transformando-o de homens e mulheres decentes numa malta de mendigos e ladrões.” (POLANYI, 2000, p. 53)

“Os inumeráveis rebanhos de carneiros que cobrem hoje toda a Inglaterra. Estes animais, tão dóceis e tão sóbrios em qualquer outra parte, são entre vós de tal sorte vorazes e ferozes que devoram mesmo os homens e despovoam os campos, as casas e as aldeias.” (MORUS, 2006, p. 49-50)

O ‘progresso’ nunca teve limites. Dá pra entender a luta pela sobrevivência da utopia? De que esta luta se constituísse da mais real solidariedade econômica ou ruralidade do lazer? A cultura, como a economia solidária, o turismo rural ou o associativismo não acabaram nessa conjuntura política global sempre desfaçatada, porque a utopia, esse real que falta, consiste em salvar a vida do homem e do planeta. O que constitui o humano, salvar quem lhe trouxe à vida. Que não foi somente sua mãe, seu pai, sua vó ou família, mas a terra em que habitam e donde vieram os alimentos que os constituíram. A terra é a pele complexa e “ultrassocial”, diria Sebastião Pinheiro, que reveste o planeta. É simplesmente absurdo negar a própria constituição dessa pele,

como negar o próprio maior órgão humano. E o negacionismo impera tal qual o dito da anatomia em relação ao charlatanismo. Enquanto dar-se conta da própria constituição, como o foi da anatomia, parece impossível. Por sua vez, caminham do mais recôndito charlatanismo ao mais 'inovador' negacionismo 5G. Vivemos o sofrível, 1% sobe o tapete vermelho, de sangue dos outros 99% de humanos. E tudo isso é tão cansativo, tão velho quanto a própria história.

2.3 Owen e Polanyi

Só o economista David Ricardo e o utilitarista Jeremy Bentham seriam tão citados quanto Robert Owen em *A grande transformação* de Polanyi. E, como personagem que perpassa quase toda a obra, pelo menos duas frases de Polanyi, contextualizariam o aparecimento da figura de Owen tão bem demarcada. Enunciados tão contundentes para a época que foram citadas, no começo da Segunda Guerra Mundial. Primeiro Polanyi falando de Owen: “só um louco duvidaria de que o sistema econômico internacional era o eixo da existência material da raça humana.” Era mais um eixo arbitrário de acumulação, escravização e extermínio: a guerra sem fim.

E sobre o mesmo assunto Polanyi se posiciona de outra forma quando diz que “nossa tese é que a ideia de um mercado autorregulável implicava uma rematada utopia. Uma tal instituição não poderia existir em qualquer tempo sem aniquilar a substância humana e natural da sociedade” (Polanyi, 2000, p. 33 e 18). É quase que um 'louco' chamando o outro de 'louco', e não ser suficientemente louco, ou utópico, naquela época, foi o começo de um fim.

Nada parece ter saído do lugar, a realização é uma quimera tão inefável, que quem pode 'chegar lá', não o faz com as mãos limpas. Enquanto o extermínio é apenas um mercado.

Se Polanyi cita imensamente Robert Owen, como o baluarte da economia solidária e do cooperativismo que construiu suas próprias utopias bastante reais. Foi por sua posição contra esse neoliberalismo necropolítico, no termo de Mbembe. E, enfim o termo utopia, propriamente dito, em Polanyi, só seria usado no seu sentido negativo, porque sempre vinculado à “tentativa utópica do liberalismo de estabelecer o mercado autorregulável (baseado no lucro)” (Polanyi, op. cit., p. 46). O que evidencia a força expressiva do termo, em relação às verdadeiras ‘tentativas utópicas’, como enunciado por Claeys, ou o socialismo utópico de Owen, notabilizado por Polanyi.

Já no primeiro capítulo de *A grande transformação*, intitulado *Cem anos de paz*, Polanyi denota que alguma ‘Pax Britannica’ somente se mantém com as guerras, que associam o capital público. Podendo-se acrescentar tranquilamente o capital agrário ou das indústrias pesadas, o que levaria “Lenin a afirmar que o capital financeiro era responsável pelo imperialismo” (Ibid., p. 31). Sem contar que com a conversão de terras aráveis em pastagens de ovelhas, já antes reconhecidas por More, o progresso se tornaria um fenômeno de desmobilização social e, somente Owen discerniria “a realidade emergente por trás do mercado: a sociedade” (Ibid., p. 108). Mas deveria ser acrescentado que foi uma desmobilização social violenta no campo de uma sociedade que fora, eminentemente, agrária e artesanal.

Aliás, neste sentido, Polanyi (2000, p. 176), enunciaria o que poderia ser a fonte de todo o mal do mercado.

“Não fosse a aliança profana dos sindicatos profissionais e partidos trabalhistas com fabricantes monopolistas e os interesses agrários que, na sua ambição tacaña, uniram forças para frustrar a liberdade econômica, o mundo estaria gozando agora dos frutos de um sistema quase automático de criar bem-estar social.”

Desta forma, “o movimento owenista não foi originalmente nem político nem da classe trabalhadora. Ele representava os anseios do povo comum, esmagado

pelo surgimento da fábrica” (Ibid., p. 203). O qual apenas queria trabalhar e viver com alguma dignidade. Dado que, se no século XVIII, “surgiu o capitalismo industrial, que, tanto na França como na Inglaterra”, esse capitalismo industrial, “foi basicamente rural” (Ibid. 215), no entanto, teria sido muito pouco idílico. A Petição Cartista, de 1838, confeccionada por seus líderes, com a participação de Owen. Unia movimento owenista, movimento cartista, todos movimentos trabalhadores com reivindicações e críticas políticas, que parecem hodiernas. Como exposto no trabalho *Princípios educativos comuns e transcendentales em movimentos sociais de trabalhadores: owenista, cartistas britânicos e movimentos dos trabalhadores rurais sem-terra*, de Silva e Dal Ri (2019).

“Petição Cartista (1838)

Aos ilustres membros das Comunas da Grã-Bretanha e da Irlanda, reunidos em Parlamento, esta petição de seus abaixo-assinados concidadãos no sofrimento.

(...) Que nós, peticionários, que habitamos numa terra cujos negociantes são conhecidos pela iniciativa, cujos operários são muito habilidosos, e cujos trabalhadores são conhecidos, proverbialmente, por sua operosidade (...) temos gozado, há 23 anos, de uma profunda paz. Contudo, com todos os elementos de prosperidade nacional (...) nos encontramos oprimidos com o sofrimento público e privado. Estamos esmagados. sob uma carga de impostos que, apesar de tudo, ficam muito aquém das necessidades de nossos governantes (...) poucos governam no interesse de poucos, enquanto que o interesse da maioria tem sido estupidamente negligenciado.

Foi a esperança entusiástica dos amigos do povo que um remédio à maior parte para não dizer à totalidade de seus males, seria encontrado no *Reform Act* de 1832. Eles olhavam lei como instrumento de finalidades válidas que permitiria melhorar a legislação (...) Foram amargamente e profundamente decepcionados (...) Nossa escravidão foi trocada por um aprendizado da liberdade, e isto agravou a sensação penosa de nossa degradação social, acrescentando-lhe o sofrimento de uma esperança ainda adiada (...) Tal estado de coisas não pode prolongar-se. Não o pode sem perigo sério para a estabilidade do trono e da paz do reino (...) Nós dizemos à honrada Câmara que o capital do patrão não deve mais tempo ser privado de seu justo salário. Que as leis que criam a carestia dos alimentos e as que rareiam o dinheiro devem ser abolidas. Os impostos devem recair sobre a propriedade, não sobre a indústria. O bem-estar de grande número, único fim legítimo, deve ser a única preocupação também do governo. Como preliminar essencial a estas reformas e a outras para assegurar ao povo os meios pelos quais seus interesses poderão ser eficazmente defendidos e assegurados, pedimos que, na confecção das leis, a voz de todos possa, sem entraves, ser ouvida. Preenchemos os deveres de homens livres e queremos ter-lhes os direitos. Eis porque pedimos o sufrágio universal. Este sufrágio, para ser livre de corrupção dos ricos

e das violências dos poderosos, deve ser secreto. As relações entre deputados e o povo devem, para ser benéficas, ser íntimas (...) Eleições frequentes são essenciais: pedimos parlamentos anuais. Somos obrigados pelas leis existentes a escolher nossos representantes entre homens incapazes de apreciar nossas dificuldades, que não simpatizam muito com elas: comerciantes retirados dos negócios e que deles não ressentem mais os tormentos; proprietários de terras igualmente ignorantes dos males e dos remédios; juristas que procuram a notoriedade pública na Câmara somente para dela tirar vantagem nas cortes de justiça (...) Pedimos que a aprovação dos eleitores seja o único critério exigido e que todo deputado, receba, do tesouro público, uma remuneração justa e adequada, que o indenize do tempo que foi chamado a consagrar-se ao serviço da nação (...)

Agrade, pois, à respeitável Câmara, levar nossa petição em séria consideração e de esforçar-se, com vigor, por todos os meios constitucionais, em fazer promulgar uma lei que garanta a todo cidadão masculino maior, são de espírito e inocente de qualquer crime, o direito de votar para deputados do Parlamento, e que institua o voto secreto para todas as eleições parlamentares futuras, ao mesmo tempo que ordene a duração de um Parlamento não ultrapasse um ano, abolindo todos os critérios de propriedade de seus membros e lhes prevendo uma indenização durante o tempo de seu mandato.

E seus peticionários rogarão para sempre.” (Mattoso, 1976)

Enfim, para Polanyi (2000, p.273), “de fato, a natureza utópica de uma sociedade de mercado não pode ser mais bem ilustrada do que através dos absurdos com os quais a ficção mercadoria, em relação ao trabalho, envolve a comunidade” (Ibid., p. 269), assim, “o socialismo é, na sua essência inerente a uma civilização industrial de transcender o mercado autorregulável, subordinando-o, conscientemente, a uma sociedade democrática”.

“Ora, o fascismo foi uma tendência revolucionária dirigida tanto contra o conservadorismo como contra as forças revolucionárias competidoras do socialismo. Isto não impediu aos fascistas de procurar o poder na área política, oferecendo serviços à contrarrevolução. Pelo contrário, eles reclamaram a ascendência, principalmente pela suposta impotência do conservadorismo em cumprir a tarefa inevitável de impedir o socialismo.” (Ibid., p. 280)

Neste sentido, “a resposta fascista ao reconhecimento da realidade da sociedade”, contrária à resposta de Owen, “é a rejeição do postulado da liberdade”.

Sobretudo “a descoberta cristã da singularidade do indivíduo e a unicidade da humanidade é negada pelo fascismo. Aqui está a raiz da inclinação degenerativa” (Ibid., p. 300). Desta forma, Robert Owen teria sido, em Polanyi, o primeiro a reconhecer que o evangelho, mas também a política, ignoravam a realidade do trabalho do bem-estar necessários à sociedade.

O que, no capítulo anterior, foi chamado de ‘visões individualidades’ por Michel Löwi e Sami Naïr, Owen chamou de ‘individualização’ do homem por parte do Cristianismo”, afinal, “tudo aquilo que é realmente valioso no Cristianismo só seria incorporado ao homem numa comunidade cooperativa” (Ibid., p. 300). O Cristianismo só seria uma *religare* se fizesse tudo para unir as pessoas. Assim como os princípios da cooperativa de Rochdale, como *tecnologias sociais* que ainda são utilizadas, foram feitas para toda coletividade resistente.

1. O primeiro princípio garante a democracia e a primazia do trabalho sobre o capital, tendo todos direito a voto, independente da cota adquirida na cooperativa;
2. Princípio da porta aberta, a cooperativa está sempre aberta a novos sócios;
3. O princípio dos juros determinados, determinava isonomia nos negócios;
4. O princípio da divisão de sobras;
5. A venda à vista protegia a cooperativa da inadimplência;
6. O princípio da origem não adulterada dos produtos;
7. O princípio do empenho na educação cooperativa;
8. Neutralidade dos cooperados em questões políticas e religiosas.

A cooperativa que através do movimento owenista foi reconhecida como o primeiro empreendimento de economia solidária, dado que contava com seus princípios definidos. Poderia ser dito, o primeiro grande conjunto de tecnologias sociais, que

surtem na época contemporânea, formando os 8 princípios do cooperativismo popular, expostos em Singer (2002, p. 40-42). Que se não são mesmo princípios religiosos, tem o *religare* que compromete todos e cada um no sentido da confiança e da felicidade comum.

A questão agrária é inerente às utopias clássicas, diferentemente das distopias liberais atuais que fazem da agricultura um perfeito jardim simétrico, porque diferentemente destas, as utopias clássicas dependem de uma coletividade consciente do lugar do outro, e de todos e do ambiente que vivem. A utopia da economia solidária e o lugar ideal do turismo rural, devem dar conta de que o trabalho é longo, e neste tempo, podemos ter bons momentos. Melhores que os anteriores, desde que não precisemos repetir suas conjunturas hegemônicas, que deram e dão fim às suas realidades utópicas.

Esses princípios dos pioneiros de Rochdale, são princípios básicos até hoje para entender e construir o cooperativismo popular, o associativismo, e a estrutura da economia solidária, dado que o primeiro princípio já remete à autogestão. A utopia é a autogestão que falta.

2.4 More e Kautsky

Já teria sido ganho suficiente para os estudos da ruralidade, que More tenha denotado sua 'questão agrária', expondo seu comunismo revolucionário relacionado com uma reforma na produção agropecuária. Dado que, neste momento do Antropoceno enfrentamos os limites menos aprazíveis destas questões antigas não resolvidas. Mas uma outra convergência impressionante vislumbrava essa interseção. Teria sido mesmo o ápice da relação entre utopia e questão agrária, que se realizaria nos estudos da interseção entre a economia solidária e o turismo rural, verificar que Karl Kautsky, autor de *A questão agrária*, clássico da área, tenha escrito um livro sobre a

utopia de More. Um achado que complementaria os estudos dessa interseção e, mais notável, Kautsky (2002, p. 49), praticamente traz uma biografia de More, evidenciando-o como o “primeiro socialista moderno”.

Originalmente chamada *Thomas Morus und seine Utopie*, que se poderia livremente traduzir por *Thomas More e sua Utopia*, título também utilizado em sua versão inglesa. A utopia de More em Kautsky está dividida em quatro partes. A primeira dá uma ideia do contexto geral inglês, com uma citação no subcapítulo sobre Polanyi e More. A segunda parte é dedicada ao próprio More e as duas partes seguintes falam da Utopia de More, sendo a primeira parte mais descritiva e a última expondo mais suas sínteses sobre o livro de More. Assim, desta forma enunciada, será dividida estas quatro últimas partes do capítulo.

2.4.1 A conjuntura antes de More

Kautsky intitula essa primeira parte do seu livro *Thomas Morus und seine Utopie* de, *A era do humanismo e da reforma*, porque apresenta o contexto degradante em que surge o humanismo como uma necessidade popular e, por outro lado, discorre sobre o contexto religioso que envolve esta época. No entanto, deve-se observar, Kautsky traz a construção de sua crítica à Inglaterra da época, de uma forma muito similar às críticas apresentadas por More e Polanyi no capítulo anterior, evidentemente relacionadas ao tempo de More apenas.

De qualquer maneira, Kautsky (2002, p. 3-2), na primeira parte do livro, pontua que o capitalismo tem sede de agricultura e terras. E que isso fez o empobrecimento das massas quando a acumulação fundiária dos capitalistas retirou o homem do campo, para transformar produções agrícolas em pastagem de ovelhas. O flagelo da época. Kautsky apresenta o conceito de *pauperismo*, desde as propriedades privadas do

império romano e, posteriormente, é utilizado por Polanyi, no título do Capítulo 9 de *A grande transformação*, que se intitula: *Pauperismo e utopia*. Realmente não é o caso de se colocar o capítulo de Polanyi, dado que o próprio título já diz o que importa a esta tese. A utopia, feito aqueles terraços de pedra-seca executado por dois velhos produtores de tabaco, em 1963, mostra sua evidente concretude. Mas também deixa evidente, que essa concretude da utopia é executada, sobretudo, com o suor e o sangue do miserável, do paupérrimo. Como a gente ainda costuma dizer nesse país riquíssimo, daquele que 'não tem onde cair morto'. Não por fome cultural, mas por sede de acumulação.

Ao mesmo tempo, Kautsky fala sobre o comunismo primitivo que prezava uma boa relação com a natureza, contrários à submissão da natureza, posto que já provocava doenças em massa, naquela época. Doenças mal cuidadas num tempo em que a anatomia tomou passos de tartaruga, e, nas palavras de Kautsky, o charlatanismo tomou a velocidade da luz. Colocando ciências e leis naturais a serviço da exploração e da superstição. O que remete ao atual 'negacionismo científico', que tem sua raiz na acumulação financeira. Aliás, naquela época, coloca Kautsky, o comércio internacional sai do mediterrâneo e se volta para o atlântico, criando novas rotas comerciais, de ilusões. Quando então ele faz um retrato dos protestantes à época, não muito diversa dos evangélicos neopentecostais atuais, se aproveitando da ignorância e da indigência das pessoas, para construir fortunas ilícitas. Dado que também eram adversários ferrenhos da nova ciência e da nova arte da época. Portanto, como diz Kautsky, a 'lógica' do racionalismo primitivo do momento, impôs o 'ilógico', o *u-topus*, a Utopia. Nas palavras de Kautsky (2002, p. 36), "a lógica dos fatos impôs um pensamento ilógico aos humanistas". Nesse sentido, como denotado por Kautsky (2002, pg. 69), "More sentiu-se profundamente desiludido e, nesse estado de espírito, escreveu Utopia".

2.4.2 Mais de More

A segunda parte é denominada apenas *Thomas More*, na qual é evidenciada a amizade deste com Erasmo de Roterdã (1466-1536), que via em More (1478-1535), uma alegria gentil e amigável, sendo que Kautsky denotaria More como o primeiro socialista moderno, por seu projeto, de forma inovadora, incluir o povo. Kautsky fala da tolerância religiosa de More por não se opor completamente ao catolicismo sanguinário e opressor. Acrescenta que More estava profundamente desencantado, e não estaria enganado em sua desesperança. Mas, com espírito flamejante, escreve *Utopia*, que se tornaria a mais ousada crítica ao absolutismo vigente. As cartas estavam na mesa, era necessário 'jogar'.

“Todas as condições acima descritas fomentavam uma estranha aparente contradição. Em nenhum lugar da Europa o poder absoluto da monarquia era maior do que na Inglaterra do tempo de More, e talvez em nenhum país os sentimentos de amor à liberdade e autoconsciência dos cidadãos fossem mais fortemente desenvolvidos do que lá.” (Kautsky, op. cit., 66)

Kautsky afirma que, entre os gregos, Platão era o favorito de More, e cita uma passagem de *Utopia*, onde More diz que “torno-me mais favorável a Platão e não me admiro que ele tenha resolvido não fazer nenhuma lei para aqueles que não se submeteriam a uma comunidade de todas as coisas”. More comunista, Platão comunista. E, a ‘pedagogia da Utopia’, escrita por Kautsky, não fez somente referência a Platão, mas cita Owen, a questão agrária e a utopia.

“A educação do povo, não pelo prosseguimento da luta de classes, mas por métodos pedagógicos, era, portanto, um requisito principal dos socialistas utópicos. Como Robert Owen, More estava muito à frente de seu tempo como reformador educacional. Assim como o primeiro em sua fábrica, o último em sua família mostrou que resultados brilhantes poderiam ser obtidos por seus métodos. Os meios pelos quais ambos obtiveram esses resultados foram benevolência, clemência, consistência e superioridade mental.” (Kautsky, op. cit., p. 52)

Benevolência, clemência, consistência e superioridade mental ativas, devem ultrapassar qualquer abstracionismo, muito pelo contrário. Sem querer ser redundante, mas assertivo, evidenciam a constituição sólida, da solidez da solidariedade de toda utopia.

2.4.3 Utopia por Kautsky

Se na seção anterior, relativa a More, Kautsky já observara o sucesso que o livro *Utopia* fez à época, na terceira e quarta parte dedicadas ao livro, ele se questiona, com uma certa incredulidade: como que o socialismo conseguiria ter uma expressão teórica antes do capitalismo ou mesmo anterior ao materialismo teórico? A necessidade faz o momento. Kautsky também fala da decadência do artesanato e da Alemanha, e que a revolução industrial não colocava nenhuma divisão entre campo e cidade. Reforçando a questão da ruralidade/urbanidade. Escreveu como a propriedade privada se tornaria um câncer religioso, numa época em que o poder da igreja acumulava um terço de todas as terras do país. Ainda relatando a escravidão e a pirataria inglesa que mantinham os luxos estratosféricos da corte.

Por outro lado, a Utopia reduzia o trabalho em apenas seis horas, com limites ao prazer e a devida fruição de um certo gozo mental. O que parecia importante nesta ilha é que os utópicos confiavam em si mesmos, sendo que o magistrado nunca envolvia os cidadãos da ilha em trabalhos desnecessários, fazendo da agricultura e do artesanato, fontes de alegria e orgulho. Enfim, Kautsky revela que *Utopia* seria a Inglaterra se fosse justa e alternativa, e nomeia More como 'pai do socialismo utópico'.

“Thomas More é um dos poucos que foram capazes desse ousado salto intelectual; numa época em que o modo de produção capitalista estava em sua infância, ele dominou suas características essenciais

tão completamente que o modo alternativo de produção que ele elaborou e com ele se opôs como um remédio para seus males, continha vários dos ingredientes mais importantes da Modernidade. Socialismo. A deriva de suas especulações, é claro, escapou de seus contemporâneos e só pode ser devidamente apreciada por nós hoje. Apesar das imensas transformações econômicas e técnicas dos últimos trezentos anos, encontramos em Utopia uma série de tendências que ainda operam no Movimento Socialista de nosso tempo.” (Kautsky, op. cit., p. 84)

Ora, ‘tendências’, que poderiam ser chamadas de tecnologias sociais resilientes.

“E nada fala mais eloquentemente da grandeza do homem, nada mostra mais claramente como ele se elevou acima de seus contemporâneos, do que foram necessários mais de três séculos antes que existissem as condições que nos permitem perceber que ele estabeleceu objetivos que não são ociosos. Sonhando com uma hora de lazer, mas o resultado de uma visão profunda sobre o essencial das tendências econômicas de sua época. Embora Utopia tenha mais de quatrocentos anos, os ideais de More não foram vencidos, mas ainda permanecem diante da humanidade esforçada.” (Kautsky, op.cit., p. 133)

O texto então complementa o porquê aquilo que antes foi chamado de ‘tendências’ são, em realidade ‘tecnologias sociais’, como Kautsky evidencia neste texto: “objetivos que não são ociosos”. Afinal, desde o *Enuma Elish* até Kautsky, não se pode deixar mais claro que o grande, verdadeiro e vertiginoso ‘mito’, construído desde priscas eras, seria mesmo o mito do trabalho humilhante. Porque nada mais evidente aconteceu neste tempo do que a maior concentração de riquezas possível, em detrimento do trabalho, reunidas por um número cada vez menor de pessoas. Os tais verdadeiros ‘deuses’, que por vezes deixam um humano trabalhar para satisfazê-lo, cumprir o que não cumpriria porque é um deus minúsculo, um homúnculo. Um deus que não salva, apenas ‘se salva’.

“O conceito do homúnculo parece ter sido usado pela primeira vez pelo alquimista Paracelso para designar uma criatura que tinha cerca de 12 polegadas de altura e que, segundo ele, poderia ser criada por meio

de sêmen humano posto em uma retorta hermeticamente fechada e aquecida em esterco de cavalo durante 40 dias. Então, segundo ele, se formaria o embrião.” (HOMÚNCULO. **Wikipédia – A enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024)

E tantos homúnculos chegaram à vida. Nesta época não se poderia ter mais certeza deste disparate humano. A história não reconhecida é repetida, diz-se que tal reconhecimento seria utópico demais!

CAPÍTULO III ESPAÇO HEDÔNICO

“A formação de um cientista depende do entusiasmo, da paixão de seus professores e orientadores. A dimensão afetiva e emocional é importantíssima para a boa produção: afinal, só pessoas extremamente apaixonadas pelo que fazem conseguem produzir uma coisa tão difícil e complexa quanto a ciência.” (Vieira, 2006, p.46)

O astrofísico e semiótico Jorge Albuquerque Vieira (2006, p. 40), em seu livro *Teoria do conhecimento e arte: formas de conhecimento, arte e ciência – uma visão a partir da complexidade*, afirmou já neste século que “o que pode parecer inquietante e talvez exagerado é que a maioria dos nossos sistemas psicossociais humanos sejam agônicos, inclusos aí os sistemas psicossociais formados pelos cientistas”. A interseção ou a complexidade dos fatos podem parecer uma dificuldade para alguns cientistas, como se pôde reduzir o valor da eminentemente transdisciplinaridade e complexidade implacável da psicanálise à bobagem de uma pseudociência, com um discurso pseudocientífico. Assim se o espaço da convergência entre a economia solidária e o turismo rural é um espaço de difícil militância num mundo neoliberal, de outra forma, as suas interseções interdisciplinares, conceituais e histórico-filosóficas, são demasiado necessárias, realistas, replicáveis, socioculturais e resilientes.

E, se Joffre Dumazedier (1999, p. 95-96), em *Sociologia empírica do lazer*, um livro ‘didático’ usado regularmente no curso de Turismo, expõe que no “caráter hedonístico. [...] Na quase totalidade das pesquisas empíricas”, é visto que “o lazer é marcado pela busca de um estado de satisfação, tomado como fim”, mas acrescenta. Se “esta busca é de natureza hedonística. Certamente, a felicidade não se reduz ao lazer, ela pode acompanhar os exercícios das *obrigações sociais de base*”. Como quando Kautsky fala de Owen, no final do capítulo anterior, dizendo que este, apesar da posição sociopolítica relevante e de seu próprio imenso patrimônio imobiliário e de

inovações tecnológicas na tecelagem, “estabeleceu objetivos que não são ociosos”, não individualistas. Ainda que a tônica do prazer individual seja “um dos traços fundamentais do lazer da sociedade moderna”.

No mínimo o espaço hedônico é um espaço do coletivo e de biodiversidade, diferente de um espaço agônico e monocultural. Ora, a interseção multidisciplinar entre a economia solidária e o turismo rural, trazem configurações inovadoras no sentido da interseção com outras tantas ciências, como a antropologia, a sociologia, ou a filosofia. Assim, além de trazer a memória de um estudo anterior e sem repetir as epígrafes, este espaço hedônico resulta, também, na possibilidade de ser interpretado como um princípio fundamental do esoterismo, comum aos utópicos. Princípio exposto no livro *Meditações sobre os 22 arcanos maiores do tarô*, de autoria anônima, o qual diz: “desta forma aprendei primeiro a concentração sem esforço; transformai o trabalho em jogo; fazei com que o jugo que aceitastes seja suave e que o fardo que carregais seja leve”. Fica evidente que neste espaço hedônico não há falta de trabalho, mas há, sobretudo, um espaço de interseção multidisciplinar organizado no interior da própria consciência do indivíduo, na relação com a sociedade e o ambiente que o cerca, para o ‘exercício das obrigações sociais de base’, citado acima por Dumazedier. Ou ‘os objetivos não ociosos’ citados, sendo que uma das ‘obrigações’, é o bem-estar social.

De forma bastante sintética, além das convergências histórica, espacial e acadêmica, a bibliografia apresenta que, se por um lado os princípios autogestionários e cooperativistas pertinentes à economia solidária são comumente associados aos movimentos do socialismo utópico. E, a ideia da ‘utopia’ desta época remete ao surgimento da literatura deste gênero, através da obra *Utopia* de Thomas Morus, então inspirada no estado ideal exposto na *República* de Platão. Na outra ponta, a concepção de ‘lazer’ aliada ao turismo é conduzida à noção de ‘prazer’ epicurista que teria sido antecipada por Aristipo de Cirene, contemporâneo, contemporâneo e aluno de Sócrates, o qual só conhecemos tão somente através da obra platônica, denotando também uma

outra forma de convergência conceitual destas disciplinas dentro da filosofia, dentro desta interseção.

E, a Escola de Cirene tinha por hedonismo:

“Toda doutrina que tome por princípio único de moral que é necessário procurar o prazer e evitar a dor, considerando nestes fatos apenas a intensidade do seu caráter afetivo, e não as diferenças de qualidade que podem existir entre eles.” (Lalande, 1993, p. 460)

Desta forma, num primeiro momento, o capítulo *espaço hedônico* identifica a homenagem ao trabalho do orientador do mestrado do autor, depois é mostrada a origem do *locus amoenus*, que une idealismo e ruralidade na composição do espaço hedônico. E, ao final, busca-se mostrar como as convergências entre a economia solidária e o turismo rural podem se encontrar na estrutura do turismo de base comunitária. Portanto, como o reconhecimento dessa histórica interseção entre a economia solidária e o turismo rural pode acrescentar esclarecimento, ferramentas e tecnologias sociais ao recente conceito e espaço do turismo de base comunitária.

PARTE 1 Espaço hedônico e *locus amoenus***Figura 8.:** Paisagem árcade com divindades, de Thomas Barker

Fonte: autor

No livro *Os limites do gênero bucólico em Vergílio: um estudo das éclogas dramáticas*, dissertação publicada de Alexandre Pinheiro Hasegawa (2011), mestre e doutor em letras clássicas pela Universidade de São Paulo. Obra a qual logo iniciada a leitura, para dar conta do espaço campestre bucólico relativo às utopias, recorrentes na interseção entre os conceitos da economia solidária e do turismo rural. Já no *Proêmio* do livro, encontrava-se enunciado o termo *locus amoenus*. Um dos principais conceitos do arcadismo brasileiro, ilustrado na Figura 8, como esse lugar idílico e prazeroso, fértil e de lazer coletivo. Em princípio foi um verdadeiro espanto socrático, desvelar o que poderia ser a expressão em latim do termo ‘espaço hedônico’, enunciado no título da tese, tendo sido escolhido, primeiramente, para homenagear os estudos de mestrado do autor, sob a hedônica orientação de Jorge Albuquerque Vieira.

“Mas parece inegável que em um sistema hedônico o nível de produção é maior e de melhor qualidade, assim como a permanência do sistema é maior. Sistemas hedônicos possuem uma notável forma de autonomia, as reservas de valor, que permitem que sobrevivam a

muitas crises que, para um sistema agônico, são fatais.” (VIEIRA, 2007, p.111)

Jorge faz a exposição ontológica da questão hedônica no cotidiano de nossos sistemas sociais. Podemos discutir escolas militares, estupro, suicídio, negacionismo ou sionismo, como originados por sistemas agônicos, efetivamente *dis.tópicos*, quebram, ‘dividir para imperar’, o u-topus da utopia.

E, embora a expressão *locus amoenus* possa ser traduzida mais facilmente por ‘lugar ameno’ ou ‘lugar aprazível’, não poderia evitar de argumentar que a expressão ‘espaço hedônico’, talvez, se não traduzisse mais literalmente do latim, talvez figurasse *melhor* como conceito e paradigma. Como espaço de resiliência, solidariedade, afetividade, memória e produção cultural local e original. E, encontrar esse *locus amoenus*, se assim pode-se dizer, foi mais uma vez encontrar uma outra convergência configurada dentro do estudo dessa profícua interseção entre a economia solidária e o turismo rural. E, novamente, de alguma forma, certificar este inusitado roteiro de tese, o qual se afirmaria no título.

“Se na *Iliada*, portanto, encontramos essa contraposição entre o poeta-pastor e o soldado, que será tão frequente nos versos bucólicos, na *Odisseia* já encontramos a descrição do lugar aprazível (*locus amoenus*), que caracterizará o gênero pastoril, desde Teócrito até os *árcaes brasileiros*.” (HASEGAWA, 2011, p. 17)

Portanto, este *locus amoenus*, lugar aprazível que adorna o gênero pastoril que atravessou séculos, compondo literaturas e utopias até a contemporaneidade, adveio enfim, da poesia épica de Homero.

“Já do azul à insula apartada
voa, e à gruta caminha de Calipso:
De longe tuia recendia e cedro
ardendo no fogão: melífluas árias
ela entoava, a teia percorrendo
com lançadeira de ouro. Em torno à gruta.
Choupo, odoroso cipreste, alno viceja;
ali extensas no bosque aninham-se aves,

gaviões e bufos, linguareiras gralhas.
 Ao marinho bulício afeiçoadas.
 Fora, parreira de pubentes ramos
 floresce em uvas; quatro fontes regam
 de água pura, chegando-se e fugindo,
 aipos e violais em moles veigas;
 um deus pasmado ali se deleitava,
 E o fez Mercúrio assim (...).”
 (Homero. *Odisseia*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 126-127. In.
 Hasegawa, 2011, p. 17-18)

Comida no fogão e água pura, o suficiente para deixar um verdadeiro deus pasmado. De forma a corroborar com esta ideia, Gregory Claeys (2013, p. 21), autor de *Utopia: a história de uma ideia*, indica que, na mesma *Odisseia*, Homero ainda descreveria uma pequena “Ilha dos Abençoados, que recebia espíritos felizes; e na terra dos Comedores de Lótus, mastigar flores de lótus faz que preocupações desapareçam e visitantes percam todo o desejo de retornar para casa”, a *viagem* deve ser boa. Portanto, o *espaço hedônico*, além de representar o espaço de interseção entre princípios e ações da economia solidária e do turismo rural, espelha também o lugar aprazível do idílio rural, comum às antigas literaturas. Espaço formador do pensamento utópico, criador da literatura utópica e enfim, realizador de empreendimentos utópicos. E quanto à essas realizações utópicas, parece que agora teria sido possível entender que não há nenhuma contradição ou abstracionismo nessa ideia. Dado que se pode apreender que a utopia seja algo que procure o melhor de si em respeito ao outro e seu ambiente. Diz o ‘dono do conceito’, em *O que é utopia*, da Coleção Primeiros Passos.

“Contrariamente àquilo que insistem em divulgar os defensores do realismo responsável – cuja única realização, além da demagogia, é a defesa da estagnação. A imaginação utópica não é delirante nem fantástica. Ela parte sim, de fatos subjetivos produzidos, num primeiro momento, apenas no âmbito do indivíduo. Mas, a seguir, ela se nutre dos fatores objetivos produzidos pela tendência social da época, guia-se pelas possibilidades objetivas e reais do instante. [...] Seu lastro é o da realidade da própria antecipação visada, a única realidade plausível que existe.” (Coelho, 1992, p. 9)

Este trabalho não precisaria de nada mais tão contundente e real, quanto de uma utopia.

PARTE 2 Utopia, DRS e TBC

“A tradição conhecida como Arcádia, cujo nome vem de uma região no Peloponeso grego famosa por sua suposta calma, data de uma literatura pastoral estabelecida, por volta do século IV a.C., na obra de escritores gregos como Teócrito. Continuou com autores romanos, incluindo Ovídio e Virgílio, e foi reinventada na forma de um idílio rural idealizado.” (CLAEYS, 2013, p. 22)

Na atual situação de emergência climática, que idílio rural não seria idealizado? Mas Claeys se reporta a setecentos anos antes de Cristo, onde a degradação do solo e do homem, já preocupava demasiado. Assim, no segundo capítulo que descreve as convergências utópicas a partir da interseção literal e literária de elementos da economia solidária e do turismo rural, a utopia é evidenciada, sobretudo, por seu envolvimento original com o movimento trabalhador camponês e artesanal, dentro do espaço rural, que conformaria a questão agrária, em geral. Ora, esta é, definitivamente, ou mesmo disciplinarmente, uma interseção no espaço do desenvolvimento rural sustentável. O qual traria a utopia para evidenciar a historicidade e a sustentabilidade das tecnologias sociais pertinentes. E, como mostrado pela Professora Mostafanezhad, quando trouxe de Polanyi o conceito de ‘duplo movimento’, esta tese assim como o programa em que está inserida, devem dar conta da constituição de espaços de proteção das diferenças sociais e ambientais. Espaços protegidos, não distante do conceito “mercado protegido”, trazido por Singer (1996, P. 2), num dos primeiros textos em que aparece e se define o conceito de ‘economia solidária’. Contra o desemprego e a hegemonia do capital inconsequente, no que diz respeito às catástrofes diárias.

Desde o início deste trabalho, quando foram cortadas verbas para as incubadoras universitárias de empreendimentos econômicos solidários, encerrando também projetos intersetoriais ligados à universidade pública para o turismo rural. Não ficou difícil entender, que sem estado, universidades, extensão ou utopia, dificilmente

ainda aconteceriam as tentativas dessa interseção tão complexa. Convergência presente nos projetos acadêmicos do desenvolvimento rural sustentável, seu espelhamento nos pontos de cultura rurais ou no turismo de base comunitária. Que, se este último, não constitui uma união original entre a economia solidária e o turismo rural, não deixa de enunciar ou efetivar a interseção de seus mais importantes princípios e elementos.

Se nas publicações do jovem Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável, encontram-se seis trabalhos sobre o turismo rural e apenas um sobre economia solidária ou utopia (utopia não como tema), há mais de trinta trabalhos sobre a agricultura familiar, a qual comumente corrobora com os princípios da economia solidária. Mas foi interessante verificar que o segundo tema mais tratado, aparecendo mais que os trabalhos sobre a mulher e o empoderamento feminino no campo, está o desenvolvimento de indicadores e calculadoras de sustentabilidade. Se isso é tangível num universo entrópico e dissipativo. Em última instância, pareceria mais que a vida e sua complexidade são medidas a todo momento pelo tempo e, a sustentabilidade, não passaria por qualquer indicador, dada a situação que hoje todos sofremos, indiscriminadamente, em termos ambientais. A *tendência* desses indicadores parece somente favorecer o AGRO, que tem condições de adquiri-los e utilizá-los, para compor seus discursos monoculturais.

Neste sentido, se já havia uma falta de pesquisas para dar continuidade aos trabalhos sobre turismo rural desenvolvidos ou informados por este programa, a economia e a utopia parecem fazer mais falta ainda. E, na interseção da economia solidária com o turismo rural, a partir de suas convergências conceituais, histórico-filosóficas ou, enfim, utópicas, o espaço hedônico teria uma conformação real. Daquele que hoje é chamado de *turismo de base comunitária*. Citados os pontos de cultura rurais,

mas, simplesmente não há material condizente para apresentar estes aparelhos, dado que suas estruturas públicas ainda se encontram ‘difusas’.

E, desde a obra *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*, organizado por Roberto Bartholo, Davis Gruber Sansolo e Ivan Bursztyn, de 2009. Passando por *Turismo de base comunitária: articulando pesquisa, ensino e extensão no Cabula e entorno*, de 2013, outra obra sobre o TBC. Viria em 2014, o livro intitulado *Circuito Quilombola Vale do Ribeira: turismo de base comunitária*, livro organizado pelos Quilombos do Ribeira. Desta forma, pelo menos 10 anos se passaram sem outro qualquer importante compêndio sobre o trabalho de turismo de base comunitária.

No entanto, sintomaticamente ao acontecido neste país, somente em 2022, o Ministério do Turismo, lança o site com o *Mapa Brasileiro do Turismo Responsável*, realizado em parceria com o *Departamento de Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte*, no âmbito do projeto “Brasil, essa é a nossa praia”. Conjuntamente definindo o conceito de turismo responsável.

“O Turismo Responsável preza pelo respeito ao meio ambiente, a justiça social e a valorização da cultura e da economia local do destino, inserindo a comunidade como protagonista do desenvolvimento turístico do seu território.”

O turismo responsável seria considerado em três dimensões, relacionadas às ‘boas práticas’, como apresentado.

“Para o acolhimento de boas práticas em turismo responsável no Brasil, foram consideradas três dimensões que dialogam diretamente com uma prática de ação turística mais consciente, sendo elas: Turismo de Base Comunitária a Segurança Turística e o Turismo Sustentável. Cada linha de pensamento definiu parâmetros internos que consideraram as características de cada eixo, possibilitando um alinhamento mais intrínseco com as boas práticas de turismo responsável no Brasil.”

Desta forma, este mapa apresenta quarenta unidades que trabalham o turismo de base comunitária. E, num primeiro momento, viria a ideia de uma pesquisa qualitativa, portanto mais próxima às comunidades, para efetivar essa contribuição do TBC. No entanto, o próprio mapa apresenta, sob o título de ‘principais destaques’ e ‘descrição da boa prática’, discursos oriundos dessas comunidades. Expondo, cada um à sua forma e linguagem, mais de que uma descrição turística de seus aposentos e a disponibilidade de quartos ou acesso a pets. Nada disso, cada discurso aparece como uma lição que envolve de forma concreta, abstrata e semiótica, a interseção entre a economia solidária e o turismo rural, sem dispensar a veia utópica do trabalho comunitário.

Assim, nada parecia definir melhor o espaço hedônico formado na convergência da economia solidária e do turismo rural, que a utopia realista da lição do turismo de base comunitária, apresentada no discurso destes quarenta projetos de *Turismo de Base Comunitária*, listados no *Mapa Brasileiro de Turismo Responsável (2022)*. Onde é apresentada uma definição oficial do Ministério do Turismo do que seria o Turismo de Base Comunitária – TBC.

“Turismo de Base Comunitária é um modelo de gestão do turismo que preza pelo protagonismo das comunidades anfitriãs e em sua participação ativa nos processos de tomada de decisão referentes ao desenvolvimento do turismo em seus territórios, com o compromisso de gerar benefícios coletivos. Promover a solidariedade e a cooperação entre os envolvidos, valorizar a cultura local, proteger a natureza e proporcionar a troca de saberes, vivências e experiências interculturais entre visitantes e comunidades.” (MTur, 2022)

Seria muito ‘simples’ dizer, que esta poderia ser uma definição que une princípios autogestionários da economia solidária, com o compromisso de gerar benefícios coletivos para a cultura local a partir do turismo rural? Desta forma, em vez de construir mais um discurso sobre o turismo de base comunitária, dado que, o que importa para a tese é a complexidade da interseção entre a economia solidária e o

turismo rural. Assim, foi executada uma pesquisa documental no *Mapa Brasileiro do Turismo Responsável*, para apresentar as falas enunciadas pelos próprios empreendimentos de TBC. Discursos que literalmente apresentam a convergência aferida.

As falas foram divididas a partir dos estados com maior número de projetos, dentre os quarenta apresentados, até os estados com menor número de empreendimentos. Seria decisivo verificar que cada discurso estaria completamente alinhado com os principais temas desta tese do início ao fim, e suas relações com a necessidade da interseção entre o turismo rural e a economia solidária, unidos à utopia de um lugar de realidades e ruralidades sustentáveis, que se utilizam de tecnologias sociais.

São quinze estados que apresentam um total de quarenta projetos. Esta apresentação, relaciona conjuntamente, em primeiro lugar, os ‘principais destaques’ e, em seguida está a ‘descrição da boa prática’ dos projetos de turismo de base comunitária. São parágrafos que continuam espelhando sob diferentes formas os apelos reclamados pela tese.

“Foram consideradas boas práticas de TBC, no Brasil, as iniciativas que em alguma medida apresentam as seguintes características: participação das comunidades nos processos decisórios da gestão do turismo; gestão e transparência de informações; distribuição dos benefícios gerados pelo turismo para as comunidades; valorização e promoção da cultura e do modo de vida local; responsabilidade socioambiental; promoção de relações interculturais entre turistas e comunidades anfitriãs.” (MTur, 2022)

Mais uma vez, é decisivo verificar que as definições de *Turismo de Base Comunitária* e as *Boas Práticas*, que apresentam os projetos, são, evidentemente, construídos com conceitos que fazem esta interseção entre a economia solidária e muito especialmente o turismo rural, local, comunitário. E, finalmente, estes textos também

permitem esclarecer que não precisaria da manipulação, indicadores ou tabelamentos para apresentar de uma forma mais compacta ou sintética, um texto em que flui a convergência utópica da realidade do encontro da economia solidária com o turismo rural, no espaço hedônico do turismo de base comunitária. Mostrando a profícua diversidade dessa interseção nas suas diferentes expressões e linguagens, culturas e espaços hedônicos comunitários.

Mas mostrando também, de certa forma, pela luta e resistência de cada um destes grupos à sua maneira, evidenciando que a 'utopia é o real que falta'. E essa utopia relaciona-se com esta 'luta' na interseção interdisciplinar entre os mais valiosos princípios: a solidariedade econômica e a força do cultivo agropecuário do lazer rural.

Portanto, serão apresentados, o nome do projeto, a cidade, o estado a que pertence e o alcance do projeto. Todos os textos serão apresentados sem quaisquer alterações dos documentos originais. O que os tornam paradigmáticos para a conclusão desta tese.

AGÊNCIA VICEJAR

SÃO PAULO / SP

Abrangência: nacional

Trata-se de uma empresa com enfoque social, que incentiva o turismo responsável, empoderamento feminino e impactos positivos nas comunidades e destinos visitados. Incentivam o turismo responsável por meio de viagens imersivas nas comunidades e busca não somente visitar o local, mas compreender e apoiar suas ações e tradições por meio de conexões sociais e educativas. Buscam desenvolver positivamente comunidades tradicionais brasileiras e promover o Brasil como um destino de turismo responsável. Como boa prática: a organização desenvolve o turismo sustentável e de base comunitária no Brasil desde 2017, e sua atuação ocorre por meio de expedições

em unidades de conservação no país, com profunda interação com a natureza e comunidades tradicionais.

VIVALÁ

SÃO PAULO / SP

Abrangência: nacional

Atualmente, a Vivalá está presente em sete estados brasileiros, realizando expedições para Iranduba (AM), Flona Tapajós (PA), Aldeia Shanenawa (AC), Geoparque Seridó (RN), Chapada Diamantina (BA), Chapada dos Viadeiros (GO), e para o sertão de Minas Gerais. A Vivalá tem um pensamento holístico do turismo sustentável e de base comunitária, como ferramenta de impacto, com metas ambientais, sociais e financeiras. Do ponto de vista ambiental mensura o número de unidades de conservação e a equalização total do carbono gerado pela operação. No aspecto social, cataloga o número de negócios comunitários envolvidos e o número de horas de voluntariado nessas comunidades, em programas de voluntarismo. No âmbito financeiro, são realizadas análises sobre a quantidade de capital injetada em comunidades locais, pela compra de serviços de base comunitária, além do percentual total do faturamento da empresa que deverá ser repassado aos fornecedores comunitários. Como boa prática: a organização desenvolve o turismo sustentável de base comunitária no Brasil, desde 2017. E sua atuação ocorre por meio de expedições em unidades de conservação do país, com profunda interação com a natureza e suas comunidades tradicionais.

CASA DE CULTURA FAZENDA ROSEIRA / COMUNIDADE JONGO DITO RIBEIRO
CAMPINAS / SP

Abrangência: local

A Comunidade Jongo Dito Ribeiro, consiste em jongueiros, formados por um grupo de pessoas e familiares, que reconstitui a manifestação do Jongo em Campinas, através da memória de Benedito Ribeiro, de rodas de toque, canto e dança, com o objetivo de compartilhar e continuar com essa manifestação ancestral. Busca-se reescrever a história do Jongo de modo a possibilitar que a manifestação cultural seja expandida e respeitada nas suas mais variadas formas, utilizando elementos para atingir esse resultado, tais como a descontração, alegria, afeto, boas energias, paciência com o momento individual, melhoria da autoestima, mudança do indivíduo do interior para o exterior, autonomia e a preservação do toque, canto e dança de Jongo, praticada na comunidade, desde 2002. Vem se firmando, realizando trabalhos de reconstituição, composição e pesquisa, com o objetivo de manter viva essa descendência, trazendo uma importante manifestação da cultura popular afro-brasileira, elemento de resistência e união para as comunidades. Como boa prática: a missão da iniciativa é reconstituir a cultura ancestral do Jongo nos mais diversos espaços, para todas as pessoas, de diferentes credos, etnias e idades, priorizando as comunidades e os grupos que atuam no universo da cultura afro-brasileira.

QUILOMBO DE IVAPORUNDUVA

ELDORADO / SP

Abrangência: local

Os principais destaques consistem no contexto sócio-histórico de lutas, resistências e peculiaridades que o Quilombo representa para a história escravocrata da região. Trata-se de uma comunidade na qual suas principais fontes de sobrevivência consistem na plantação de bananas orgânicas e turismo ecológico e cultural, organizado pela

comunidade. Faz parte dos roteiros turísticos do Vale do Ribeira. Dentre as principais festas que marcam a cultura local, destacam-se festas juninas, festa de São Sebastião e a festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Como boa prática: é um Quilombo localizado no município de Eldorado (SP), com riqueza de espécies vegetais, é um dos mais antigos da região, e composto por, aproximadamente, 80 famílias, que vivem, principalmente, do cultivo de roça, artesanato e do turismo.

ACOLHIMENTO EM PARELHEIROS

SÃO PAULO / SP

Abrangência: local

Por ser uma área que vive um paradoxo entre a natureza e humanidade versus vulnerabilidades econômicas e sociais, o projeto tem como diferencial a promoção de transformações da realidade local através do agroturismo. Logo, almeja-se melhorar aspectos como: renda, educação, entretenimento e solidariedade participativa. O roteiro de turismo desenvolvido envolve diversas propriedades orgânicas, agroecológicas e sustentáveis que abraçam a missão da permacultura que é outro diferencial dessa iniciativa. Como boa prática: o projeto Acolhimento em Parelheiros é uma ferramenta de transformação da realidade socioeconômica local, que promove roteiros de agroturismo comunitário com foco na valorização do território, seus saberes, fazeres e sabores.

COMUNIDADE CULTURAL QUILOMBAQUE

SÃO PAULO / SP

Abrangência: local

A Comunidade Cultural Quilombaque é uma organização sem fins lucrativos que, desde 2005, tem contribuído para um movimento de luta na defesa de seu território que soma uma variedade de conquistas efetivas para a comunidade do Bairro de Perus (SP). Desenvolveu um espaço que funciona como polo cultural e educacional, viabilizando oportunidades para jovens moradores que têm sido alvos de constantes situações de violência, ao mesmo tempo em que movimenta a economia local através do fluxo de visitantes que participam dos eventos da comunidade. Dentre seus principais destaques estão empoderamento da comunidade na busca de melhoria da qualidade de vida e o fato de a iniciativa ter proporcionado o nascimento de um Quilombo dentro da periferia da cidade. Como boa prática: é uma comunidade que desenvolve um movimento político, étnico e de lutas pela garantia de sua cultura e território. Realiza atividades culturais e de lazer que funcionam como atratividade para o receptivo de visitantes através dos recursos endógenos.

TERRA INDÍGENA TENONDÉ PORÃ

SÃO PAULO / SP

Abrangência: local

Envolvendo sete comunidades (Tekoa Guyrapaju, Tekoa Kalipety, Aldeia Krukutu, Tekoa Kuarai Rexakã, Tape Mirî, Tenonde Porã, Yrexakã), a iniciativa oferece passeios diversos dentro da terra indígena Tenondé Porã, que vai desde passeios de barcos até trilhas que fazem ligações entre aldeias. Além disso, as atividades incluem vivências no cotidiano dos moradores, exposição e venda de artesanato, participação em jogos e brincadeiras Guaranis, palestra sobre cultura local, apresentação de coral infantil e degustação de gastronomia local. Para melhor controle de visitação e acesso às terras

indígenas, a iniciativa conta com um plano de conduta com diretrizes gerais para a visitação, solicitações e agendamentos de visitas gerenciadas via plataforma virtual. Como boa prática: são um conjunto de Aldeias Indígenas que ocupam uma área de aproximadamente 15.969 hectares no extremo sul do litoral de São Paulo e que promovem o turismo como alternativa viável para o desenvolvimento, valorizando suas tradições locais.

ROTA DA LIBERDADE

TAUBATÉ / SP

Abrangência: local

A Rota da Liberdade é um projeto que promove roteiros turísticos, mapeando a cultura africana e seus descendentes no Brasil, especialmente nos territórios do Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira, Serra do Mar e litoral norte do estado de São Paulo. Proporciona experiências afrocentradas e um conexão com a comunidade africana através e pessoas, lugares, fazeres e sabores. Desenvolve um turismo regenerativo, viabilizando a reconexão e os encontros entre pessoas e lugares. Foi considerado um dos 10 melhores “Projetos de Geoturismo do Mundo”, pela Geographic e Changemakers da Ashoka. Como boa prática: conforme evidenciado na página oficial da iniciativa, trata-se de uma agência de turismo focada na valorização das comunidades negras tradicionais através dos roteiros turísticos, com geração de renda e trabalho para os integrantes das comunidades.

OPERADORA DE TURISMO AMAZON SHARE

MANAUS / AM

Abrangência: nacional

Trata-se de uma operadora de turismo com atuação na Amazônia, que adota como premissa o turismo como um dos principais vetores de desenvolvimento econômico sustentável, e que esse desenvolvimento será realizado de forma responsável pelas pessoas que conhecem e respeitam a importância da Amazônia para a humanidade. A empresa atua especialmente em áreas protegidas e comunidades tradicionais, bem como em bases de pesquisas do Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas – INPA, para o desenvolvimento de roteiros científicos com pesquisadores do instituto. Apoiar as iniciativas locais do roteiro Tucorin. Com capacitações, desenvolvimento de projetos e produtos locais. Os roteiros são desenhados para oferecer uma experiência autêntica, sensorial e com trocas de saberes. Os principais destaques são as próprias comunidades e seus modos de vida, suas trilhas que na verdade são seus caminhos para outras comunidades, colheitas de frutas, roçados, hortas, escolas. Como boa prática: a Amazon Share está vinculada ao Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas – INPA, e tem como premissa desenvolver roteiros para uma 'Amazônia autêntica'. Atuando em áreas protegidas, especialmente no mosaico do Rio Negro.

POUSADA VISTA DO LAGO JUNGLE LODGE

IRANDUBA / AM

Abrangência: local

A Pousada é parte integrante da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Rio Negro, que proporciona o desenvolvimento do turismo sustentável e a preservação do meio ambiente, aplicando diversas regras que protegem tanto a natureza quanto os ribeirinhos que dependem dela para o seu sustento. Dentre as comunidades envolvidas nas atividades da Pousada, destacam-se: Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo

Socorro, Nossa Senhora de Fátima, São Tomé, Bujaru, Tiririca e 15 de Setembro. Um dos principais diferenciais é o envolvimento de integrantes das comunidades do entorno para a geração de renda. Outros diferenciais são a hospitalidade e a busca por transformar hóspedes em amigos. Além disso, incentiva a conservação dos meios naturais, atraindo para as comunidades eventos de organizações parceiras, voltados para os aspectos sustentáveis. Como boa prática: a vista do lago Jungle Lodge foca no turismo ecológico, demonstrando ao visitante como é possível conviver em harmonia com a natureza, tirando o máximo proveito da experiência local com o mínimo de impacto.

GRUPO DE MULHERES DE JULIÃO

MANAUS / AM

Abrangência: local

O início das atividades do roteiro Tucorin foi um 'divisor de águas' para essa iniciativa, que passou a receber um maior fluxo de visitantes e ações para promover o desenvolvimento do turismo na comunidade. Foram realizadas várias ações, tais como: curso de capacitação referentes à recepção turística e exposição sobre a comunidade e normas de conduta durante a visita. Atualmente a comunidade oferece hospedagem comunitária aos turistas e alimentação regional. A iniciativa possibilita a integração entre residentes e turistas, momento em que ocorre troca de ideias, saberes e aprendizado. O turista tem a oportunidade de conhecer a manipulação dos alimentos, como fazem o peixe na churrasqueira, entre outras receitas. O café é ofertado dentro do espaço do grupo, o almoço e outras alimentações são ofertadas dentro das residências das famílias. Os integrantes do grupo levam os turistas para conhecerem a comunidade. As trilhas são desenvolvidas pelo Seu Barú (Mateiro da Comunidade de Julião). Como boa prática: surge da articulação entre pais de crianças vinculadas à

Fundação Casa Grande, que passaram a receber visitantes em suas residências, oferecendo uma imersão na vida dos sertanejos, conhecendo suas histórias e estreitando os laços de amizade.

POUSADA ALDEIA DOS LAGOS

SILVES / AM

Abrangência: local

A Pousada Aldeia dos Lagos é fruto da colaboração e parceria entre o WWFBrazil e ASPAC (Associação de Silves para a Preservação Ambiental e Cultural), com o objetivo de viabilizar o primeiro empreendimento comunitário de ecoturismo da Amazônia. E está vinculado ao Plano de Desenvolvimento e Conservação da Várzea de Silves, AM, que se caracteriza como uma região cercada de lagos. Com renda utilizada em benefício da conservação dos sistemas de lagos da região, e para a melhoria da qualidade de vida dos ribeirinhos do município de Silves. Localizada no alto de uma colina na Ilha de Saracá (antigo nome de Silves), a 250km de Manaus, situa-se numa região de rara beleza, onde cruzam vários afluentes secundários do Rio Amazonas, dando vida a uma das bacias hidrográficas da Amazônia. Como boa prática: a Pousada foi criada para proporcionar o primeiro empreendimento comunitário de ecoturismo da Amazônia e está vinculado ao Plano de Conservação da Várzea de Silves, que se caracteriza como uma região cercada por Lagos.

UAKARI LODGE

TEFÉ / AM

Abrangência: local

A Pousada Uakari foi fundada no ano de 1988, e está situada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá que é a maior reserva em ecossistema de

várzea da Amazônia brasileira. Representa uma estratégia de conservação da biodiversidade nesta área, servindo também como uma alternativa econômica para as comunidades locais. Nela, os hóspedes podem conhecer uma natureza preservada, vivenciar a cultura local e contribuir para a preservação da biodiversidade. Possui uma gestão compartilhada entre o Instituto Mamirauá e a AAGEMAN (Associação de Auxiliares e Guias de Ecoturismo do Mamirauá), sendo esta última, uma associação criada pelos moradores para fortalecer o turismo local. A maioria dos funcionários da Pousada são membros das comunidades vizinhas, que atuam em sistema de rodízio, de modo que não haja dependência exclusiva do turismo e estes possam continuar a exercer outras atividades socioeconômicas. Ao longo dos anos, a Pousada vem se destacando ao ponto que já acumula uma série de prêmios importantes. Como boa prática: trata-se de uma Pousada Comunitária pioneira no país e que busca ser o melhor exemplo de ecoturismo da Amazônia. Coleciona uma série de premiações no âmbito da sustentabilidade, obtendo destaque nacional e internacional.

NÓS DA GUANABARA

MAGÉ / RJ

Abrangência: regional

O principal diferencial do turismo oferecido pelas iniciativas é o Manguezal com praias e vista para as serras, com acervo natural hídrico e história social. Os principais serviços de TBC pela Cooperativa Manguezal Fluminense e pela Cooperativa de Manguezais da Guanabara, que compõem a Rede NÓS DA GUANABARA de TBC são: passeios de caiaque pelos manguezais da Guanabara, despesca de currais de pesca artesanais tradicionais, sistemas agroflorestais, comunidade Quilombola do Feital, hospedagem em casa de moradores, culinária e artesanato local. Como boa prática: trata-se da

aliança entre duas cooperativas que juntas, fornecem experiências de TBC na APA de Guapimirim, que é a área de manguezal mais conservada de toda a Baía da Guanabara.

REDE DE TURISMO COMUNITÁRIO NHANDEREKO

PARATY / RJ

Abrangência: regional

As atividades do projeto buscam, sobretudo, fortalecer o protagonismo das associações locais, e com ações de busca mostrar que, além das paisagens exuberantes, há comunidades tradicionais, saberes ancestrais, povo lutando em busca da garantia de seus direitos ao território, cultura, educação e, sobretudo, pelo direito de continuar seus modos de vida em cada local. A iniciativa reúne diversas comunidades, empreendimentos coletivos, individuais e familiares, e consolida de maneira intensa, um turismo protagonizado pelos comunitários da região. O contato e a experiência com os costumes e valores dessas comunidades podem ser vivenciadas na gastronomia tradicional, nas danças, nos cantos, e nos artesanatos, nas vivências comunitárias com a pesca, canoa e a religiosidade. Como boa prática: Nhandereko é uma Rede de TBC do Fórum de Comunidades Tradicionais que funciona como uma ferramenta de luta dos povos e comunidades tradicionais de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba.

BRAZILIANDO

VOLTA REDONDA / RJ

Abrangência: nacional

A Braziliando está presente na região da Amazônia, atuando junto a grupos indígenas e ribeirinhos. Foi vencedora do Prêmio de Turismo Responsável WTM América Latina e do Prêmio BRAZTOA de Sustentabilidade, em 2002. As experiências de TBC presenciais e online foram coconstruídas com os comunitários que sugeriram o roteiro,

participaram na definição da remuneração e da criação do manual com o Código de Conduta dos visitantes, definiram a capacidade de participantes e de experiências, criaram o Plano de Mitigação de Riscos e demais atividades necessárias para a estruturação das experiências. As datas das experiências são sempre aprovadas com a comunidade e, depois da realização, compartilha-se com a comunidade as pesquisas de satisfação dos viajantes para avaliações conjuntas, sobre as melhorias necessárias. Para os viajantes as atividades/vivências possibilitam uma imersão na realidade amazônica, uma conexão com indígenas e ribeirinhos, para transformarem sua visão de mundo, valorizarem um estilo de vida simples. Como boa prática: a Organização desenvolve o TSBC no Brasil desde 2017 e sua atuação ocorre por meio de expedições em unidades de conservação no país, com profunda interação com a natureza e comunidades tradicionais.

COMUNIDADE DA PRAIA DO AVENTUREIRO – ILHA GRANDE

ANGRA DOS REIS / RJ

Abrangência: local

Local paradisíaco e deslumbrantes paisagens, localizado na Ilha Grande. Dispõe de estrutura básica incipiente, com poucas opções de transporte, saneamento, energia e meios de comunicação. A cultura local Caiçara é reproduzida em atividades básicas, como por exemplo, a produção de farinha da roça, atividade comum nas casas de farinha disponíveis na comunidade. O turismo é uma atividade que dinamiza a economia local, com interações entre turistas e comunidade em atividades rotineiras como o futebol de areia. A praia apresenta 500 metros de areia fina e prateada, água límpida e mar agitado. Alguns atrativos do local são: Coqueiro deitado (cartão postal do local), piscina natural e dois mirantes (Espia e Sundara). Não existe pousada, mas a

hospedagem pode ser feita em quartos simples ofertados pela própria comunidade. Durante o verão existe um controle pela fiscalização ambiental com relação ao número de visitantes, e as licenças para embarque são emitidas pela Turis-Angra. Como boa prática: a pequena vila localizada na Praia do Aventureiro, em Ilha Grande, município de Angra dos Reis, com aproximadamente 9.000 habitantes que vivem da pesca artesanal, pequena lavoura de subsistência e da atividade turística.

FAVELA EXPERIENCE

RIO DE JANEIRO / RJ

Abrangência: local

Localizada no Vidigal, no Rio de Janeiro, a organização atua como um facilitador do turismo comunitário em favela da cidade, viabilizando o desenvolvimento socioeconômico para essas localidades. Auxilia os visitantes a obterem experiências significativas a partir da realidade singular das favelas, diminuindo as barreiras entre organizações não faveladas com esses locais, de modo a aumentar a renda dos moradores de baixa renda, e promover projetos, ideias e serviços. Atua no intercâmbio entre comunidades internacionais que enfrentam problemas socioeconômicos semelhantes, facilitando o diálogo e a colaboração intercomunitária pra superar barreiras para seu crescimento. Parte da convicção de que é possível transformar o turismo em favelas do Rio de Janeiro em ações sustentáveis, mostrando a realidade desafiadora da vida dos comunitários. Como boa prática: empresa social que oferece passeios em favelas do Rio de Janeiro, incluindo hospedagem em casas de famílias, passeios e experiências culturais para viajantes e outros públicos que se interessem pela realidade peculiar destes lugares.

REDETUR – REDE DE APOIO INTEGRADO DO TURISMO QUILOMBOLA DE BASE COMUNITÁRIA DA ROTA DOS QUILOMBOLAS

BERILO / MG

Abrangência: regional

A Rota dos Quilombolas é um projeto de autogestão envolvendo 12 comunidades Quilombolas do Vale do Jequitinhonha, que oferta roteiros turísticos de base comunitária. Vinculado à Rede Redetur e operacionalizado tecnicamente pela NIZINGA TURISMO. O roteiro possibilita experiências personalizadas para diferentes públicos em comunidades Quilombolas dos municípios de Berilo, Chapada do Norte e Minas Novas, no estado de Minas Gerais. A iniciativa resulta de parcerias entre comunidades remanescentes de Quilombolas, gestores públicos e demais atores da região do Jequitinhonha. Trata-se do primeiro roteiro que interliga comunidades de origem Quilombola no estado. Alguns tipos de turismo contemplados são: o turismo cultural, ecológico, espiritual, gastronômico, rural e de saúde. Apresentação de artesanato, cultura local e hospedagens domiciliares também são alguns dos atrativos ofertados pela iniciativa. Como boa prática: a Rota dos Quilombos é um projeto de autogestão envolvendo 12 comunidades Quilombolas do Vale do Jequitinhonha, que oferta roteiros turísticos de base comunitária, com experiências únicas e diferenciadas dessas comunidades.

TURISMO ECOCULTURAL DE BASE COMUNITÁRIA DO MOSAICO SERTÃO VEREDAS PERUAÇU

FORMOSO / MG

Abrangência: regional

As comunidades que estão inseridas no Mosaico são de origem camponesa, Quilombola e extrativistas. Dentre elas, pode-se citar as comunidades de Ribeirão da Areia, Vão dos Buracos, Morro do Fogo, Brejo do Amparo, Comunidade Gaim e Comunidade de Olaria. Muitos trabalham com atividade de agricultura levados por agências parceiras e ajudam a dinamizar a economia, especialmente a venda de produtos de origem local. Os eventos culturais e de religiões são alguns dos atrativos da localidade, e permitem uma

maior difusão da cultura local. Outros atrativos naturais e culturais também compõem o produto turístico. Durante o período de 2012 a 2016, foi desenvolvido na região, o projeto TBC, através da valorização das riquezas naturais e tradições culturais, incentivando, para isso, o protagonismo das comunidades. Dentre as principais ações realizadas pelo projeto cita-se: 42 capacitações. Como boa prática: trata-se de um conjunto de comunidades tradicionais inseridas no Mosaico de áreas protegidas Veredas – Peruaçu, que se articulam para ofertar atividades de turismo, usando como base os seus atrativos naturais e culturais.

ACELERANDO O TURISMO SUSTENTÁVEL NO VALE DO PERUAÇU, MG

JANUÁRIA / MG

Abrangência: regional

O projeto “Acelerando o Turismo Sustentável no Vale do Peruaçu” é uma iniciativa do Instituto Ekos Brasil em parceria com o Fundo de Parcerias para Ecossistemas Críticos (CEPF, sigla em inglês), e do Instituto de Educação do Brasil (IEB). A iniciativa ofereceu capacitação a empreendedores e interessados no turismo sustentável, inclusive o TBC. O diferencial foi o uso da ‘Teoria U’, para criar conjuntamente aos 50 inscritos no projeto (representantes de todos os municípios envolvidos, com balanço de gênero, idade e etnia), com a cocriação de 5 protótipos de projetos, que receberam ‘seed money’ para seu início e posterior continuidade. Para o desenvolvimento dos protótipos, o projeto ofereceu capacitação em temas como, artesanato, financiamento de projetos socioambientais, hospitalidade e atendimento ao mercado turístico nacional, TBC, Turismo Sustentável, entre outros. O evento da pandemia também trouxe o desafio de transformar. Como boa prática: o projeto possui o objetivo de desenvolver, fortalecer e acelerar o turismo sustentável na região do Vale do Peruaçu, no estado de Minas Gerais,

por meio de qualificação das capacidades técnicas e gestão de organizações da comunidade local.

FESTA DO COCO CAIANA DOS CRIoulos / RESTAURANTE RITA DE CHICÓ

ALAGOA GRANDE / PB

Abrangência: local

As atividades contemplam música, dança, artesanato, contação de histórias e gastronomia tradicional quilombola. Há mais de 200 anos os segredos da culinária Quilombola vêm passando de uma geração para a outra. A mistura dos ingredientes e temperos naturais expressa a riqueza da cultura da comunidade de maneira sustentável. O restaurante Rita de Chicó utiliza as receitas tradicionais da culinária Quilombola, para oferecer uma experiência cultural e turística original, rica em troca de saberes, em um ambiente natural encantado. A iniciativa acredita no turismo criativo e sustentável como escolha viável para o desenvolvimento econômico de Caiana, valorização das pessoas e identidade local. A comunidade de Caiana dos Crioulos se organiza há muitos anos para receber os turistas em grupos e eventos culturais. Como boa prática: a Festa do Coco, desenvolvida através do Restaurante Rita de Chicó, é uma iniciativa de turismo comunitário realizada juntamente com o Coletivo Cultural Caiana do Crioulos, na comunidade Quilombola de mesmo nome, distante 13km de Alagoa Grande.

TURISMO RURAL DE EXPERIÊNCIA

AREIA / PB

Abrangência: local

A Chã de Jardim é uma comunidade rural de fácil acesso, dispõe de guias de turismo local, hospedagem com experiência no meio rural, como passeio a cavalo e ordenha de vaca leiteira. Também oferece turismo de experiência, através das trilhas ecológicas no último remanescente de Mata Atlântica do Brejo de Altitude da Paraíba, no Parque Estadual Mata do Pau-Ferro. O turista ainda pode desfrutar de piquenique na mata ou almoço com pratos da culinária regional elaborados com alimentos da agricultura familiar e sucos produzidos pela fábrica de polpas da comunidade. A fábrica produz polpa de frutas livres de conservantes e tem parte dos resíduos orgânicos transformados em adubos através da compostagem. No artesanato local, destaca-se o trabalho das mulheres que fazem artigos para casa com palha de bananeira. A comunidade oferece passeio guiado pela galeria de artes, com diversos tipos de pinturas que contam a história da comunidade. Está localizada na zona rural do município de Areia, cidade histórica, tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional. Como boa prática: a comunidade rural localizada em Areia, que através da criação da Associação para o Desenvolvimento Sustentável da Comunidade de Chã de Jardim, começou a empreender na área do turismo a partir da vivência dos turistas em experiências locais.

FUNDAÇÃO CASA GRANDE – MEMORIAL DO HOMEM KARIRI

NOVA OLINDA / PB

Abrangência: local

O TBC é gerenciado pela agência de turismo comunitário que surgiu da necessidade de organizar o receptivo de turistas, trabalhando na articulação do turismo, integrando moradores e visitantes através de um turismo de experiência que preza pela preservação do meio ambiente, valorização da cultura e identidade local. Sendo assim,

a missão da iniciativa é promover um turismo para fazer amigos pelo mundo e para o mundo, oportunizando vivências com o homem e o ambiente de forma participativa e colaborativa, beneficiando famílias e proporcionando experiências transformadoras para os visitantes. Dentre os serviços ofertados, cita-se: bilhete aéreo, hospedagem domiciliar, traslado terrestre de pessoas e/ou grupos, alimentação com gastronomia regional, passeio ciclístico, trilhas ecológicas aos sítios mitológicos e arqueológicos; roteiros turísticos em diversos segmentos na região do Cariri. Como boa prática: o projeto surge da articulação entre pais de crianças vinculadas à Fundação Casa Grande que passaram a receber visitantes em suas residências, oferecendo uma imersão na vida dos sertanejos, conhecendo suas histórias e estreitando laços de amizade.

ROTA DA LIBERDADE – TURISMO ÉTNICO DE BASE COMUNITÁRIA

CACHOEIRA / BA

Abrangência: local

O Núcleo de Turismo Étnico Rota da Liberdade (NUTERLI), oriundo do conselho quilombola da Bahia e Vale do Iguape, é formado por moradores das comunidades que buscam oferecer serviços e produtos de qualidade para os visitantes. O núcleo desenvolveu a Rota da Liberdade com intuito de oferecer um produto turístico capaz de trazer benefícios para as comunidades envolvidas, através de um conjunto de roteiros predeterminados pelo grupo, que apresenta aos visitantes a história, geografia, cultura e o modo de vida das comunidades reconhecidas como remanescente Quilombola às margens da Baía do Iguape. Como boa prática: o Núcleo de Turismo Étnico Rota da Liberdade é formado por representantes e moradores dos Quilombos Kaonge, Dendê, Kalemba, Engenho da Ponte e Santiago do Iguape, que oferecem roteiros nas comunidades quilombolas do Recôncavo Cachoeira.

TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NO CABULA E NO ENTORNO

SALVADOR / BA

Abrangência: local

A intenção da iniciativa é mobilizar comunidades dos bairros que fazem parte, para a formação e autogestão de redes sociais cooperadas e cooperativas. Tendo os bairros populares como LOCUS de produção, construção coletiva de soluções criativa e inovadoras, valorização do patrimônio material e imaterial, elaboração de conhecimento e TECNOLOGIAS SOCIAIS, tendo como referência os saberes e práticas de povos de etnias afro-brasileiras e de origens africanas. Compreende 17 bairros que estão distribuídos próximos da universidade e envolve moradores de todos eles. A vinculação do tema educação para o TBC é um dos diferenciais da iniciativa, no qual há uma relação do projeto às escolas disponíveis nessa região. Outros conteúdos interativos sobre a história das comunidades também são pontos de destaque, tais como o Museu Virtual Interativo, a WEB TV CABULA e o Mapa Interativo, todos transmitindo aspectos da cultura local. Como boa prática: o projeto elaborado por uma equipe da Universidade do Estado da Bahia, que vem desde 2010 construindo com as comunidades do antigo Quilombo CABULA, caminhos alternativos para o desenvolvimento local sustentável através do turismo.

“No desenvolvimento do projeto *Turismo de Base Comunitária na Região do Cabula e Entorno: processo de incubação de receptivos populares especializada em roteiros turísticos alternativos* vai ficando clara a possibilidade de evidenciar o local enquanto caminho metodológico para o fortalecimento das ações em torno do cooperativismo popular e economia solidária. Pelas suas características intrínsecas, que de acordo com o Ministério do Turismo (2008, p. 1):

[...] turismo de base comunitária é compreendido como um modelo de desenvolvimento turístico, orientado pelos princípios da economia solidária, associativismo, valorização da cultura local, e, principalmente, protagonizado pelas comunidades locais, visando à apropriação por parte dos benefícios advindos da atividade turística.

O TBC possibilita a redescoberta do local enquanto elemento que potencializa a recriação de atividades identitárias que foram

violentadas pelas ações de cunho mercadológico. Estas possibilidades vislumbradas numa ação de TBC vêm, assim, ao encontro das ações e princípios que fundamentam a ação da ITCP/UNEB, no âmbito da economia solidária.” (SANTOS DA SILVA, 2013, p. 33)

REDE BATUC – TURISMO COMUNITÁRIO DA BAHIA

VERA CRUZ / BA

Abrangência: estadual

A Rede BATUC do movimento de turismo comunitário, que discutia e trocava experiências e aprendizados do turismo protagonizado por comunidades e foi denominado como rede em 2019. As comunidades/povos organizados do campo e da cidade. Como quilombolas, indígenas, ribeirinhos, marisqueiros e pescadores, assentados da reforma agrária, comunidades de fundo de pasto, de bairros periféricos, têm trabalhado para gerir e planejar o turismo comunitário em prol do reconhecimento e da sustentabilidade de seus fazeres cotidianos. Assim, a Rede desenvolve organizacionalmente através dos grupos de trabalho de gestão, de articulação política, de comunicação, da capacitação e de comercialização. Assume-se que o turismo é mais um elemento que cria pontes, ao passo que pode gerar resultados positivos para a economia, se for gerido por suas próprias comunidades organizadas. Para isso, a rede enfatiza que o turismo comunitário é uma atividade auxiliar frente às diversas atividades do cotidiano das comunidades. Como boa prática: é uma articulação de comunidades que trabalham em prol do turismo pautado na sustentabilidade dos povos e comunidades tradicionais, da solidariedade, da ancestralidade como elementos de resistência dos saberes e fazeres tradicionais.

PROJETO TEKOA PIRÁ

FLORIANÓPOLIS / SC

Abrangência: local

O nome Tekoa Pirá é de origem indígena para representar os povos Guaranis que já viviam no litoral de Santa Catarina, caçando, plantando, pescando (peixe Pirá) e vivendo em Aldeias (Tekoa), quando colonizados chegaram à região há muitos anos. A iniciativa preocupa-se em representar uma população antepassada (os Guaranis), e seu modo de viver coletivamente. O projeto tem como foco perpetuar a história da Ilha e a cultura local (pesca artesanal da tainha Campeche, da agricultura familiar e do engenho de farinha), promovendo visibilidade local dentro do mapa da cidade. A partir do contexto, o roteiro de TBC foi criado por estudantes de um curso de Guia de Turismo da região, almejando a valorização das peculiaridades locais, com hospitalidade típica dos povos nativos e uma vivência exclusiva que vai ao oposto do turismo. Dentre os principais destaques do roteiro, cita-se um engenho de farinha de mandioca construído em 1960, uma trilha através da qual o turista tem a oportunidade de conhecer as várias comunidades. Como boa prática: o Roteiro de Turismo Comunitário dentro de Unidade de Conservação, no qual a comunidade através da dinâmica local voltada para atividades de pesca, busca uma alternativa para resguardar seu patrimônio ambiental e cultural através do turismo.

TURISMO COMUNITÁRIO BELEZAS DO PIRAJUBAÉ

FLORIANÓPOLIS / SC

Abrangência: local

O Roteiro de Turismo Comunitário BELEZAS DO PIRAJUBAÉ está inserido dentro da reserva extrativista marinha do Pirajubaé. RESEX Pirajubaé que representa a primeira reserva extrativista marinha do Brasil e a única na região sul do país. Criada para

proteger os recursos pesqueiros do local, desde o ano de 2015, o TBC vem sendo apontado como alternativa para o desenvolvimento da localidade e aprovado por conselho deliberativo, segundo o Plano de Manejo da Reserva. Dentre os diferenciais, o local é dotado de belezas naturais, tais como o Rio Tavares, que é tranquilo e contrasta com o agito do entorno urbanizado, o manguezal singular da Ilha de Santa Catarina e os bancos de areia da marinha tranquila e de águas rasas e tranquilas. Esses e outros aspectos da comunidade tradicional do local, aliado aos saberes e fazeres, são utilizados para a interpretação e educação ambiental, além de atividades de TBC. Durante o roteiro, os visitantes são recebidos por famílias locais de extrativistas. Como boa prática: o Roteiro de Turismo Comunitário dentro de unidade de conservação, no qual a comunidade, através da dinâmica local voltada para as atividades de pesca, busca uma alternativa para resguardar seu patrimônio ambiental e cultural através do turismo.

ACOLHIDA NA COLÔNIA

FLORIANÓPOLIS / SC

Abrangência: estadual

Cientes da responsabilidade com a natureza, os agricultores praticam e promovem a agricultura orgânica, focando a vivência na base do trabalho do campo, priorizando uma alimentação saudável para suas famílias e para os visitantes. Oferecem hospedagem em suas próprias residências, com objetivo de compartilhar o saber e fazer, sua cultura, paisagens, além de conservas, culinária típica e passeios pelo campo.

QUILOMBO KALUNGA

CAVALCANTE / GO

Abrangência: regional

Localizado na região da Chapada dos Veadeiros, o território Kalunga tem uma vasta gama de atrativos turísticos que compreende o sítio histórico e patrimônio cultural Kalunga, e conta com aproximadamente 39 regiões, nas quais residem as famílias. É considerado um dos maiores territórios de áreas remanescentes de Quilombo do Brasil. Com área de 261.999 hectares e população de 6.987. Trata-se de uma área com vasta riqueza de aspectos históricos e naturais, na qual, as famílias, por meio de um processo autônomo busca desenvolver atividades socioeconômicas, sem deixar de considerar sua história e cultura, como por exemplo o turismo. Os povos Kalunga são representados pela Associação do Quilombo Kalunga que promove a defesa de interesses de todas as comunidades do território e as representam em instâncias legais e administrativas. Outra grande conquista foram as aprovações de um regimento interno capaz de trazer autonomia judicial para todo o território. Como boa prática: o projeto representa um dos maiores Territórios de Quilombo do Brasil, através da Associação Quilombo Kalunga – AQK, as comunidades vêm conseguindo promover atividades produtivas contemporâneas, como o turismo, visando a emancipação social.

DOCUMENTÁRIO: “NO RASTRO DA POESIA, NO CAMINHO DE CORA”

CORUMBÁ DE GOIÁS / GO

Abrangência: regional

Conquistou o Prêmio BRAZTOA, hoje o roteiro – Caminho de Cora Coralina – encontra-se consolidado, atendendo a caminhantes e ciclistas com pousos e alimentação ao longo de todo o seu percurso. Tem uma associação formalizada com mais de 30 empreendedores e conta com mais de meia centena de colaboradores e voluntários,

que oferecem apoio em diversas áreas, cumprindo a missão de transformar o Caminho de Cora Coralina num roteiro de história, natureza, gastronomia e poesia. Um caminho de encontros. Como boa prática: o projeto turístico cultural corresponde a um trajeto de 300km pelo interior de Goiás, em municípios históricos, mostra como o percurso tem impactado a vida dos moradores com renda advinda de visitantes, no artesanato e na alimentação.

CAMINHOS RURAIS DE PORTO ALEGRE

PORTO ALEGRE / RS

Abrangência: local

Com a zona rural representando uma extensa área do município de Porto Alegre, um dos elementos que torna a iniciativa diferenciada é o fato de envolver bairros distintos, organizados através de uma associação comunitária sem fins lucrativos, para a oferta de um turismo sustentável e considerando as características naturais e culturais da região. O destino conta com diversos atrativos e ofertas de passeios que contemplam os segmentos do turismo cultural, ecoturismo, turismo rural de estudos e outros. A agroecologia, passeios a cavalo, criação de ovelhas, são alguns dos atrativos ofertados. Além disso, a integração entre o espaço rural e urbano através das trocas de experiências entre os visitantes e os empreendedores de turismo rural, são alguns dos aspectos relevantes da iniciativa. Dentre as propriedades contempladas no roteiro, encontram-se: Grana Lia, Haras Cambará, Sítio do Mato, Cabanha Costa Cerro, Sítio Canto Rural, Sítio Santa Fé, Serra de Extrema, Granja Santantônio, Cabanha La Paloma. Como boa prática: o roteiro engloba 11 bairros da zona rural de Porto Alegre que se organizam através do associativismo e do protagonismo comunitário para ofertar experiências de turismo em propriedades de moradores locais.

PELAS TRILHAS DO QUILOMBO DOS ALPES

PORTO ALEGRE / RS

Abrangência: local

A paisagem no Quilombo dos Alpes envolve aspectos rurais e urbanos, com elementos sagrados, mas ao mesmo tempo mundanos, que contribuem para a promoção do turismo. A iniciativa promove a luta antirracista e o respeito em relação aos elementos históricos e culturais da comunidade. Promove o saber e sabores emanados da terra e registra as lutas e os marcos estratégicos da resistência enfrentada pelo território. Além de ser o maior Quilombo da cidade, a localidade possui reconhecimento desde 2005, pela Fundação Cultural Palmares. Como boa prática: o projeto de turismo comunitário do Quilombo dos Alpes, desenvolve caminhadas educativas e incentivam a troca de saberes a respeito da história da localidade, envolvendo a formação política, pedagógica e vivências gastronômicas.

BELEZAS DO PRATA – COMUNIDADE DO PRATA, JALAPÃO, SÃO FÉLIX SÃO FÉLIX DO TOCANTINS / TO

Abrangência: local

A comunidade está localizada perto da Cachoeira do Prata, do Fervedouro de São Félix e de rios de águas cristalinas que correm em meio as veredas, moradia de inúmeras aves e plantas como o capim dourado. Mantém viva as tradições e manifestações culturais presentes na gastronomia, no artesanato e no dia a dia das famílias. Possui estilo de vida pautado na natureza e a partir do turismo busca inserir os visitantes nas atividades do cotidiano da comunidade. Para o atendimento ao turismo, a comunidade passa por capacitações e recebem investimentos de parceiros externos. Conta com 30 leitos, divididos entre 6 casas de comunitários que fazem o receptivo dos visitantes. As refeições são feitas no restaurante comunitário Sabor do Quilombo, que serve as comidas típicas da região. Além dos passeios em rios, fervedouros e cachoeiras, os visitantes ainda contam com passeios de bicicletas, que é um dos passeios ofertados

pela comunidade, utilizando-se de um meio de transporte menos poluente, outros atrativos incluem a vivência. Como boa prática: trata-se de uma comunidade Quilombola localizada em uma área inexplorada do Jalapão, que se articulou para o desenvolvimento do TBC, a partir de um conjunto de experiências autênticas envolvendo cultura e natureza.

REDE DE TBC DE SANTO AMARO DO MARANHÃO

SANTO AMARO DO MARANHÃO / MA

Abrangência: local

Diversas atividades são realizadas, tais como palestras, rodas de conversas, oficinas, mapeamento turístico ambiental e participativo e formatação de rotas/roteiros. Assuntos como associativismo, cooperativismo, hospitalidade, precificação de produtos, organização e planejamento de roteiros, comercialização de artesanato, boas práticas de alimentação, meio ambiente, diversidade e sustentabilidade, cooperação, TBC, e áreas protegidas. Já os alunos bolsistas e voluntários recebem treinamento prévio em todas as missões realizadas. No que tange aos serviços de alimentação ofertados pelas comunidades, esses constituem-se como carro-chefe de seus empreendimentos, sobretudo pela variação do cardápio regional, quantidade e sabor das refeições; os relatórios oferecidos também constituem um diferencial pelo zelo com que o enxoval é ofertado, a hospitalidade também é um ponto forte. Como boa prática: o projeto de extensão com interface na pesquisa e inovação que desenvolve ações para fortalecer e promover o território de Santo Amaro do Maranhão, como referência em TBC no estado, aproximando a Universidade Federal do Maranhão (UFMA), nas comunidades.

TOUR DO MORRO

VITÓRIA / ES

Abrangência: local

O Tour do Morro é uma iniciativa desenvolvida e gerida pela própria comunidade local. As torres (principal atrativo do roteiro) se encontram a 100m acima do nível do mar e no seu entorno está situada a comunidade margeada pela Baía de Vitória, limitadas por uma das principais avenidas da Ilha da Capital. O local dispõe de uma das melhores vistas panorâmicas da região. Para chegar até as torres, os visitantes passam por ruas, becos, escadarias e vielas, sendo possível conhecer o dia a dia dos moradores que se deslocam diariamente no espaço. Seja para trabalhar, estudar ou se divertir. Além disso é possível conhecer diversas expressões culturais e o comércio local que fazem parte da formação da comunidade. Essa iniciativa busca promover, em parceria com diversas instituições, a educação ambiental e a valorização do comércio local, do artesanato, da gastronomia, e das expressões culturais da comunidade. Para chegar ao ponto mais alto nas torres, o turista guiado por condutor local, primeiramente passa pela praia. Como boa prática: trata-se de um roteiro da comunidade de Jesus de Nazareth em Vitória – ES, que surgiu em 2013, pelo fato de as pessoas do bairro acompanharem amigos de fora até o ponto mais alto do local, onde existem duas torres de energia, iluminadas durante a noite.

REDE TUCUM – REDE CEARENSE DE TURISMO COMUNITÁRIO

ICAPUÍ / CE'

Abrangência: regional

Respeitando os modos de vida e os ambientes locais, os grupos comunitários a partir da Rede Tucum planejam e promovem trocas culturais, constroem uma forma de turismo que valoriza a diversidade cultural e fortalece atividades tradicionais como a agricultura

familiar, a roça artesanal e o artesanato. O movimento amplia a mobilização pela garantia dos territórios tradicionais das populações costeiras com justiça socioambiental e autonomia econômica. A depender do destino escolhido, quem visita as comunidades da Rede Tucum, tem a oportunidade de entrar em contato com o trabalho de pescadores em alto mar, as pescas das mulheres nos manguezais, o cotidiano da agricultura familiar, as manifestações artísticas populares, a artesanaria da renda, palha, madeira, conchas e as histórias de resistência comunitária na busca por direitos coletivos. Logo, dentre os destaques, pode-se citar o conhecimento a respeito das comunidades que resistem pelo território há décadas, criar laços de amizade e parceria entre as comunidades. Como boa prática: com articulação fundada em 2008 por grupos de comunidades da zona costeira do Ceará. Viajar pela Rede é uma oportunidade de conviver com ambientes preservados, conhecer modos de vida de comunidades e realizar intercâmbios culturais e sociais.

REDE DE TURISMO CULTURAL CONSCIENTE

BRASÍLIA / DF

Abrangência: nacional

A rede atua articulando a construção de políticas públicas e de ações que promovem a qualidade e a diversificação das experiências, vivências e produtos do turismo rural, com responsabilidade, consciência e acolhimento. A proposta é oferecer um turismo rural consciente, que luta pelo resgate da cultura local, da gastronomia regional e da identidade familiar. Reconhece os valores como patrimônio histórico e social, ao mesmo tempo em que oferece atrativos turísticos, meios de hospedagem, agências de turismo, opções para alimentação e artesanato local. Como boa prática: é uma Rede formada por empreendedores e entidades do setor de turismo responsável que participam de

forma colaborativa atuando para contribuir com o desenvolvimento do turismo rural no Brasil.

REDE CAIÇARA DE TURISMO COMUNITÁRIO

PARANAGUÁ / PR

Abrangência: local

A Rede nasceu do programa de educação ambiental do Terminal de Contêineres de Paranaguá (TCP), em 2013, e é constituída por moradores das comunidades vinculadas que desenvolvem o turismo ao mesmo tempo em que preserva o modo de vida e complementa a renda da população local. As comunidades estão localizadas na área da Baía de Paranaguá, e os principais diferenciais são as praias com orlas de extrema beleza e elemento naturais. Esses aspectos possibilitam o desenvolvimento de passeios entre trilhas em diferentes níveis de dificuldades dentro de uma mata exuberante, além de passeios de canoagem. Em determinados pontos é possível conhecer sobre a história da cultura do povo caiçara, além de tradições de pescadores da área. Aventuras e degustações da gastronomia local, também fazem parte dos atrativos ofertados nestas comunidades. Como boa prática: a Rede é formada por comunidades caiçaras que fomentam o turismo através de roteiros que mostram aspectos culturais e naturais da localidade. Envolve as comunidades da Ilha dos Valadares, Eufrasiana, Piaçaguera, Ponta do Ubá e São Miguel.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

“Portanto, o solo é um microcosmo de infinitas (membranas) e formas de vida rezam em uma direção e reza em outra direção harmonizando as energias de acordo com os ciclos biogeoquímicos (Sol), onde a diversidade microbiológica é a biofábrica camponesa natural em seu solo. Essa é a sua arte máxima em agroecologia; elas são ‘células-tronco’ para curar a leucemia do agronegócio.” (Pinheiro, 2021, p.126)

Certamente sem ter a ideia antecipada, mas formando uma visão geral, uma *Weltanschauung* desta interseção entre a economia solidária e o turismo rural resultaria, primeiramente, em cultura rural. Evidentemente, em suas diversas camadas. Conforme dito por Santaella (1986, p. 4), “a finalidade deste trabalho, no entanto, é penetrar por entre malhas do visível, mergulhar na busca de um desenho subjacente que se plasma na dimensão da cultura”. Desde sua introdução bilateral, passando pela exploração de tecnologias sociais interdisciplinares, a descrição das convergências filosófico-científicas e utópicas, até a ‘realização’ do turismo de base comunitária, como fator coletivo de proteção social e ambiental. O roteiro desta pesquisa trouxe, sobretudo, um resultado de extensa cultura rural, artesanal, coletiva, camponesa, ambiental e solidária em geral. Ainda o registro de importantes fatores ligados ao desenvolvimento rural sustentável.

Desta forma, para buscar representar este tema interdisciplinar e complexo, a tese seria subdividida em três partes que expressam o título da obra *Espaço hedônico: convergências utópicas entre a economia solidária e o turismo rural*, ainda que a ordem desta divisão tenha sido invertida por motivos metodológicos. E, *Resultados e discussões* estarão ligados a cada parte em separado, para melhor esclarecimento e direcionamento das considerações finais. Primeiramente, uma pequena síntese das partes trabalhadas para seguir com os resultados e discussões pertinentes.

A PARTE I: *Solidariedade da economia e ruralidade do lazer*, mostra as evidências da interseção entre as tecnologias sociais da economia solidária e do turismo rural, questão exposta no final do título da tese. A PARTE II: *Convergências utópicas*, apresenta as evidências conceituais, histórico-filosóficas ou mesmo utópicas, que aconteceram na pesquisa da interseção entre princípios e conceitos da economia solidária e do turismo rural, elementos da segunda parte do título. E, enfim, na PARTE III: *Espaço hedônico*, além de alguma utopia no desenvolvimento rural sustentável, esta seção também apresenta o que poderia ser o resultado, mas melhor, o encontro profícuo entre a economia solidária e o turismo rural no interior dos projetos de turismo de base comunitária. Configurando assim, o espaço hedônico que dá início ao título da tese.

No entanto, antes de apresentar o resultado destas partes, é preciso abordar a 'resolutividade financeira' dos projetos na interseção da economia solidária, ou mesmo falando de econômica solidária, turismo rural e turismo de base comunitária, separadamente. Num primeiro momento, é importante lembrar o significado de 'melhoria', para a utopia de qualquer ciência. A melhor resposta vem da sua característica de luta e resistência contra forças hegemônicas do governo, do estado, prefeituras e mesmo a desfaçatez de qualquer vizinhança não afeita às ações solidárias. É mesmo na diferença dos conceitos de *ideologia* e *utopia* de Manheim, trazidos por Silva, que se pode verificar que a resolutividade financeira não passa da luta diária de cada comunidade por seu espaço de diferença e diversidade. Porque, pode-se imaginar, que o espaço hegemônico e ideológico está garantido pelo comando militar americano das tropas da OTAN.

Poder-se-ia dizer apenas que quem faz economia solidária ou turismo rural, o faz por desemprego, êxodo rural, complementaridade de renda e empoderamento de gênero, dentre outros. Não o faz para assegurar rentabilidade, lucro ou acumulação financeira. Pois essa solidariedade, na cultura rural, é encampada por segmentos familiares, movimentos sociais e pequenos produtores, com aspirações maiores e

melhores, em relação ao seu espaço familiar e ambiental. No entanto, como expressado em qualificação. Se ainda colocar-se a questão da dificuldade financeira em se levar adiante um projeto de economia solidária, turismo rural, ou mesmo na interseção de ambos, que constrói o turismo de base comunitária, pode-se refletir.

Ademais, não é questão desta tese. Esta tese é uma construção teórica, de cultura rural no espaço de interseção entre economia solidária e turismo rural. Não há momento algum do trabalho em que essa hipótese foi levantada, abordada, ou ainda que seria um tema obrigatório a ser tratado nesta interseção. No entanto, falando em ‘resultados e discussões’, Ladislav Dowbor em seu texto *O dreno financeiro que paralisa o país: a farsa do déficit*. Texto que pode ser encontrado, em sua completude, no site do *Le Monde Diplomatique*, no site da *Auditoria Cidadã da Dívida* ou mesmo no site pessoal do professor *Ladislau Dowbor*. É citada a presença da Auditoria Cidadã da Dívida, para mostrar que a competente economista Maria Lucia Fattorelli, também possui um outro material que explica esse mesmo ‘dreno financeiro’, que impossibilita projetos sociais. No entanto, para se ter uma ideia geral do que estes professores apresentam, no final de seu texto, Dowbor (2023, p. 7), faz uma síntese do que importa.

“Somando os drenos, pelos juros sobre a dívida pública, a evasão fiscal, a agiotagem bancária, as renúncias fiscais, isenção de lucros e dividendos, a isenção de exportações primárias (lei Kandir), e o não pagamento da ITR, e mesmo considerando que uma parte dos ganhos financeiros volta para a economia real (os 10 a 15% mencionados acima), o fato é que o conjunto inviabiliza a economia do país. Hoje apenas funcionam o setor de exportação primária e o mercado financeiro, cujos números mascaram a paralisia econômica.”

Quer dizer, a grande fatia do bolo dos impostos e taxas vão direto para o mercado financeiro, o pagamento da dívida e para os milionários financeiristas que se aproveitam dos juros praticados no país. É o tipo de conluio globalizado que traz dificuldades à economia solidária, ao turismo rural, para o turismo de base comunitária ou a qualquer outro serviço social necessário ou urgente. Em grande parte dos países

com economia liberal ou neoliberal, é impossibilitada a estruturação de políticas públicas eficazes, como as conseguidas pelos países usurpadores e colonizadores. Que, de qualquer forma, retiram até 85% dos recursos de toda a população, para financeirização, impondo que investimento é gasto e, a solidariedade, a ruralidade ou a ancestralidade, margeiam pelo precariado.

SOLIDARIEDADE DA ECONOMIA E RURALIDADE DO LAZER

Resulta desta primeira parte da tese, um certo envolvimento com ‘neologismos’, que buscam tornear o já bem posto. Como denotar a economia solidária por solidariedade da economia, turismo rural por ruralidade do lazer ou inferir este espaço hedônico, que reflete sobre convergências sociotécnicas ou espaciais entre estas duas ciências. Talvez tenha sido um primeiro esforço teórico de horizontalizar, ao menos aplainar essa interseção que se mostrara viável, acessível e replicável.

Desde a introdução da primeira parte até o primeiro capítulo, procura-se evidenciar certos conceitos e fatos que estão na base desse encontro interdisciplinar. Assim, esta seção, propriamente dita, traz o resultado conjunto e original da economia solidária e do turismo rural, que nascem ancorados em propósitos sociais, dado a situação alarmante da pauperização da época pré-industrial, chegando à época da revolução industrial.

Ainda que este propósito esteja geminado à contestação social, contra o individualismo, contra a acumulação, ou o alcoolismo, flagelo de tantas épocas, como sintoma da pauperização e da exclusão social. Como dito ao final do capítulo, a falta de observação e cuidados, coletivos e políticos, agora cobram climática, política e economicamente, a todo instante, a conta mal feita e mal paga do capitalismo, da acumulação e do individualismo, desde então. O individualismo, citado algumas vezes, constrói imaginariamente oposições entre as pessoas, ao que Freud (1997, p.71)

chamaria com muitíssimo mais propriedade, em seu majestoso *Mal-Estar da Civilização, de narcisismo das pequenas diferenças*.

CONVERGÊNCIAS TECNOLÓGICAS

A partir do segundo capítulo resultam projetos alternativos que resistem frente ao neoliberalismo necropoliticamente genocida, extrativista e escravocrata, hegemônico nas telas de lítio. Assim, o primeiro capítulo mostra tecnologias sociais da primeira cooperativa inspiradora da economia solidária, que poderiam ser utilizadas atualmente, em qualquer cooperativa de turismo rural ou turismo de base comunitária. O segundo capítulo inicia explicando a diferença entre certas tecnologias, para se ter uma melhor ideia do que é uma *tecnologia social*. Isto feito, na continuidade do segundo capítulo desta primeira parte, com três capítulos, são expostos projetos que falam sobre esta interseção, iniciando pela síntese de projetos executados no oeste paranaense, relacionados, sob algumas formas, ao PPG.DRS.

Desta forma, além de reclamar o lugar de fala, o reconhecimento único e, portanto a formação da disciplina da economia solidária, dentro do programa. O estudo deste projeto de turismo rural regional organizado pela UNIOESTE, de forma intersetorial, evidencia a necessidade da implantação de uma incubadora de empreendimentos de turismo rural baseados na economia solidária, que hoje em dia formam os projetos de turismo de base comunitária atuantes, através de políticas públicas acessíveis. Dado que, como já dito, mesmo intersetorialmente, se o estado não ajudar, como o faz com os abastados, não serão professores, pesquisadores ou empreendedores familiares, que conseguirão, sozinhos, ter sua sustentabilidade financeira, a partir de sua sustentabilidade socioambiental. E, de qualquer forma, as tecnologias sociais relacionadas neste projeto, foram simplesmente sumariamente encerradas. Restando apenas cadastros mercantilistas de agências de turismo, sem compromisso com preservação cultural ou ambiental.

Web of Science

Antes de apresentar os quatro artigos resultados da busca referencial, foram dadas explicações sobre os parâmetros sistêmicos, como uma forma de se utilizar das *ciências da complexidade* para a interpretação de fenômenos inter, multi e transdisciplinares, de acordo com o afirmado por Dijkum (2001, p. 291), no subcapítulo 2.2 *Economia solidária e turismo rural intercontinental*, “early researchers who were influenced by those ideas and who tried to practice an interdisciplinary social Science were associated with System Theory”⁹. E, complementando a metodologia, Dijkum (op. cit., p. 298), expõe sua proposta do uso de uma ‘linguagem intermediária’ para melhor interpretar fenômenos interdisciplinares. Da mesma forma que foram usados os ‘parâmetros sistêmicos’, para dar conta da interseção entre a economia solidária e o turismo rural, na interpretação dos artigos colhidos na WOS.

“The first task is to enable the transfer of information and understanding between different disciplines. For this to be successful, the language of each discipline must be understood by every participant in the communication. This can be accomplished by translating the language of each discipline into an intermediary language, such as natural language, using metaphors and artificial languages such as mathematics, logic and systems theory.”¹⁰

É nesse sentido que pôde ser trazido para a tese, o mesmo conteúdo de cada um dos quatro artigos buscados pelo *site* referencial, interpretados com o uso dos parâmetros sistêmicos, utilizados em artigo executado pelo autor *A interseção entre a*

⁹ “Os primeiros pesquisadores que foram influenciados por essas ideias e que tentaram praticar uma ciência social interdisciplinar foram associados à Teoria dos Sistemas.”

¹⁰ “A primeira tarefa é permitir a transferência de informação e compreensão entre diferentes disciplinas. Para que isto seja bem sucedido, a linguagem de cada disciplina deve ser compreendida por todos os participantes da comunicação. Isto pode ser conseguido traduzindo a linguagem de cada disciplina para uma linguagem intermediária, como a linguagem natural, usando metáforas e linguagens artificiais, como matemática, lógica e teoria de sistemas.

economia solidária e o turismo rural, sob uma perspectiva sistêmica. O que também incorre na resolução da questão da autocitação na tese. Dado que os parâmetros sistêmicos permitem uma síntese diferenciada do enunciado pelo artigo executado, em relação à sua utilização neste trabalho.

Sibateando

Parece que o mais importante na exposição deste trabalho pelo site de buscas referenciais, é que ele tenha uma estrutura semelhante em espaço rural a outro empreendimento colhido por essa busca e com os empreendimentos do oeste do Paraná. Não muito diferentes nas suas possibilidades, mas muito diversos na gestão e resolutividade coletiva. Neste sentido Sibateando é uma comunidade indígena rural bastante comum, enquanto espaço rural. Pois periférica de um grande centro urbano, no caso, sua capital colombiana, Bogotá. No entanto, é uma comunidade que absorveu a possibilidade do turismo de base comunitária baseado nos princípios da economia solidária para a apropriação coletiva de seu espaço histórico, cultural e natural.

Desta forma, mantendo oficinas e capacitações, mostrando a inclusão social na atividade turística, fazendo um manejo adequado ao território, confiando na estrutura cultural local. Sibateando preza pela preservação de sua autenticidade local, com distribuição equitativa de utilidades ou excedentes. E, enfim, tendo sido trabalhada esta questão ainda no segundo capítulo da segunda parte, é importante manter a prioridade dos interesses coletivos sobre os individuais. Sibateando garante seu espaço rural turístico com uma excelente gestão coletiva. O qual reconhece suas faltas de fontes renováveis de energia, uso de materiais de construção sustentáveis e a busca por deixar de usar combustíveis contaminantes.

Parroquias rurales

No Equador existem 1.399 comunidades, sendo que 609 são urbanas e 790 estão na área rural, como no caso de Sibateando, situadas nas periferias de grandes centros urbanos. Encontrando-se em proximidade à sudoeste de Quito, capital do país. Mas as semelhanças com o projeto colombiano param por aí. De forma diversa da comunidade indígena colombiana, nessas comunidades rurais do Equador, há pouca oferta de atrativos turísticos e profundas carências de tecnologias sociais coletivas. O artigo mostra as dificuldades econômicas do lugar, como o subemprego e a grande quantidade de desempregados. Sendo que apenas menos de 2% dos empreendimentos locais oferecem atividades de passeios turísticos, aproveitando a beleza natural, suas cascatas e cachoeiras da região. Uma situação diferente da comunidade indígena colombiana, mas muito parecida com as dificuldades de sustentabilidade dos empreendimentos no oeste paranaense. Ao mesmo tempo que é mostrada a dificuldade dessas comunidades de se realizarem socioeconomicamente. Por sua vez Sibateando, a comunidade indígena citada, apresenta caminhos possíveis para a construção de tecnologias e processos coletivos ou comunitários, que poderiam dar conta da sustentabilidade destes projetos de turismo rural em coletivos rurais periféricos.

Turismo voluntário

Um projeto surpreendente que não apareceu em nenhuma aula de turismo ou turismo rural que possa ter feito ou ministrado, afinal, trata-se de uma plataforma global *online* de turismo voluntário, a serviço de pequenos proprietários de produtos orgânicos, em diversas localidades do mundo. Um projeto inovador, que soma 53 anos, com a participação em 130 países, com mais de doze mil produtores anfitriões e mais de cem mil *woofers* inscritos. Além de mostrar a funcionalidade e complexidade da WWOOF – World Wide Opportunities on Organic Farms, a Professora havaiana Mary Mostafanezhad, ainda traz o conceito de ‘duplo movimento’ de Polanyi, utilizado na sua obra *A grande transformação*. A Professora o traz para explicar movimentos orgânicos,

espirituais e educacionais que estão presentes nessa plataforma de turismo voluntário, constituindo esse movimento anti-hegemônico. A obra de Polanyi ainda traz o trabalho de Robert Owen, inspirador do cooperativismo e da economia solidária, criador da escola infantil e das creches, como exemplo do 'duplo movimento' polanyiano, anticapitalista.

Assim, no turismo voluntário, as pessoas passam até um mês, dentro da propriedade de pequenos produtores orgânicos, trocando hospedagem e alimentação por, no máximo seis horas de trabalho diário. Evidentemente, uma plataforma bastante elitista, dado que feita para jovens mochileiros ingleses ou americanos, brigados com a família, com problemas sociais, ou querendo aprender algo diferente de seu mundo. Mas, sobretudo, com alguma estrutura e dinheiro para dispor de viagens por vários lugares do mundo, a Amazônia inclusive. Ainda que também fale sobre a intenção da comunidade dos produtores criarem uma mistura social capaz de transcender o individualismo destes turistas voluntários, de primeira viagem.

Mas, sobretudo, é uma plataforma muito inovadora e acessível, com uma lição de conectividade, podendo ser executada, de forma acessível, pela universidade pública, para viabilizar a sustentabilidade de pequenos empreendimentos de turismo rural, ou turismo de base comunitária, na região do oeste do Paraná, ou Brasil afora. Porque não dizer também, para superar algumas dificuldades das comunidades rurais do Equador citadas.

Adoção de terraços

Projeto imensamente surpreendente e ousado, quando se pensa na preservação de espaços rurais diferenciados e construções históricas que são, enfim, globais. No caso, aproveitando de uma resolução da década de 90 da UNESCO, para transformar ambientes periurbanos de montanha peculiares, em Patrimônios Mundiais, foi

organizado um comitê interinstitucional, envolvendo universidades públicas, instituições municipais e sociedade civil. Instituições que se aliaram em um projeto, que não apenas dá conta do turismo, da ruralidade, do ambiente, propriamente dito, mas torna-se um verdadeiro trabalho comunitário de preservação histórica e ambiental. Na verdade, fala-se de um projeto de ‘adoção de terraços’, estruturados em pedra seca, utilizados para o plantio de tabaco desde o século XVII. Portanto, um projeto de preservação histórica que envolve um tipo de construção centenária, disposta no Vale do Brenta, próximo a Bassano del Grappa, nos chamados pré-alpes venezianos. Lugares historicamente abandonados, acarretavam problemas estruturais nas suas localidades.

Assim, o projeto de ‘adoção de terraços’ é, propriamente dito, um *empréstimo gratuito* de propriedades históricas, arranjadas com seus proprietários, para a viabilização da manutenção destas construções peculiares. Abrindo a cultivos diversificados, importantes para a região, que ajudam pessoas que não têm terra para plantio, a executarem hortas comunitárias, plantação de árvores frutíferas, e cultivos locais. No entanto, com o dever de preservar os muros, as estruturas de pedra seca que sustentam estas plataformas de plantio, há séculos. Um trabalho sempre que possível, feito coletivamente, entre técnicos, adotantes, professores, alunos e funcionários setoriais do município de Valstagna, no Vale do Brenta.

Small land ou *Piccola* (Trentini; Romano, 2012), *terra*, documentário premiado, feito sobre este projeto, evidencia o esforço histórico, acadêmico, familiar e pessoal, para a efetivação deste projeto inusitado e apaixonante. Se o projeto hiperconectivo do WWOOF para o Turismo Voluntário tem uma imensa rede global, por sua vez, esse projeto local de adoção de terraços tem uma complexidade intersetorial e histórica, que lhe dá uma posição extraordinária. Projeto que alia as possibilidades do turismo rural, dado que estes terraços são áreas rurais periurbanas, que estão sendo reestruturados a partir de princípios da economia solidária.

Enfim, para dar conta de uma síntese interpretativa dos projetos, através da utilização dos parâmetros sistêmicos, foi construída uma representação através da Tabela 1, utilizada no artigo, já citado, do autor, com ‘pontuação’ de 0 a 10, para cada empreendimento exposto nos artigos.

Tabela 1.: Parâmetros e artigos da WOS

	permanência	ambiente	autonomia	composição	conectividade	estrutura	integralidade	funcionalidade	organização	complexidade
TERRAÇOS	9	8	8	9	8	7	9	9	10	10
WWOOF	7	7	9	10	10	9	8	10	10	10
PARÓQUIAS	2	5	5	4	4	5	2	2	2	5
SIBATEANDO	7	6	8	8	9	7	7	9	9	8

Fonte: autor

Discutindo os resultados, a comunidade indígena de *Sibateando*, se não consegue ultrapassar as ‘pontuações’ de *WWOOF* e *Terraços*, que são projetos de grande estrutura e integralidade, conseguem igualar algumas pontuações devido, justamente, à funcionalidade acessível do turismo rural aliado à economia solidária. Pontualmente utilizada, da melhor forma possível, com retorno e sustentabilidade. E *WWOOF* recebe as maiores pontuações porque tem uma estrutura global em funcionamento há décadas, com uma proposta proporcional, acessível, mundialmente acessável. Com uma funcionalidade competente, que integra 130 países, ajudando mais de dez mil pequenos produtores orgânicos. Evidentemente que é possível planejar uma plataforma condizente à situação brasileira, pra desenvolver o turismo voluntário de forma solidária, mais como um troca de favores. Ou, semelhante na estrutura da plataforma americana, para reunir jovens ou adultos que queiram desestressar um pouco ajudando um projeto sustentável com um trabalho social, com algum tipo de retorno público bilateral.

Contudo, a adoção de terraços, é talvez o projeto mais inovador e instigante, envolvendo o papel de comunidades e um ambiente a ser efetivamente restaurado. Somente a intersectorialidade deste projeto pôde fazê-lo seguir adiante, dado sua complexidade, seu material humano e histórico agregado. O pequeno documentário premiado *Small Land*, o qual realizou um documentário sobre o projeto e sua história, não teria sido premiado 'à toa'. Dado que mostra, acessável pelo YOUTUBE, um projeto fascinante, executado por pessoas incríveis e mostrando tudo de uma maneira tão simples, que parece acessível realizar um projeto intersectorial e histórico, até com menor complexidade estrutural. Ao mesmo tempo em que mostra o quanto as universidades podem ir além dos próprios muros e refazer muros alheios abandonados. Desenvolver hortas familiares ou comunitárias em terrenos baldios, com cessão dos proprietários.

Enfim, as *parroquias rurales*, as comunidades rurais do Equador, evidenciam claramente as dificuldades dos projetos no nosso país, como os projetos encerrados aqui no oeste do Paraná. E, apesar da formação até de conselhos municipais de turismo rural, nenhum órgão ou entidade tem feito um trabalho efetivo para ajudar os empreendimentos desta área. Muito pelo contrário, diversos empreendimentos saem de rotas constituídas por falta de estrutura técnica própria e apoio intersectorial ou acadêmico condizente. Todos os empreendimentos da região, literalmente, agem por si mesmos. Dado que, lembrando da pesquisa quantitativa citada pelo artigo *Perfil socioeconômico e estrutural em rota de turismo rural*, certos empreendedores tiveram que sair da rota de turismo porque as prefeituras não foram capazes de fazer uma pavimentação rural adequada para receber turistas. Então além da pobreza relativa às propriedades e pessoas que vivem na área rural, há a pobreza intelectual dos governantes e responsáveis pelo turismo rural na região, que não conseguem cumprir o prometido em lei, no caso do Equador, nem o intersectorialmente e academicamente 'organizado', no caso do oeste do Paraná. Evidentemente, lembrando Dowbor, dado a uma conjuntura de maioria neoliberal na região, grande exportadora e impositora do

AGRO. Quer dizer, menos apoio municipal ou crédito rural disponível aos pequenos produtores, além das 'leis' que favorecem as culturas de commodities.

Desta forma, esta primeira parte cumpre seus objetivos ao mostrar evidências de empreendimentos na interseção da economia solidária com o turismo rural, ainda oferecendo inovadoras tecnologias sociais. E dado que são tecnologias sociais, isso deve ser bem entendido, podem ser executadas em todos os lugares, por praticamente qualquer pessoa.

CONVERGÊNCIAS UTÓPICAS

De acordo com o objetivo geral da tese, a primeira parte, a mais importante, mostra as evidências do encontro entre a economia solidária e o turismo rural, em algumas de suas diversas faces e momentos. A segunda parte, *Convergências utópicas*, é mais para dissolver, dissipar, algum peso simbólico que se poderia mostrar no enunciado *Espaço hedônico: convergências utópicas entre a economia solidária e o turismo rural*. Mais especificamente, uma exposição de interseções conceituais e pessoais, que enfim, operam o caráter utópico desta interseção, dessa convergência. Pelo menos três temas são demasiado importantes para trazer os resultados e discussões, sobre essas convergências utópicas.

É evidenciado, primeiramente, que a separação entre trabalho e lazer é um mito, com uma funcionalidade absurda e atuante. Isto pôde ser evidenciado, quando foi trazido o noticiário do movimento das estradas e aeroportos da Páscoa de 2022. Nem dá no momento pra pensar na relação Páscoa/Religião e mito, é muito para este trabalho. O que foi trazido por Owen e Feuerbach sobre a religião, já o faz. Ora, é sobre este *mito* mesmo, criado pelos 'deuses' do momento, que uns tinham que ser deuses e tratados como deuses, e, do outro lado, distantes o suficiente, teriam os 'outros'. Estes seriam os serviçais, dentre toda ideia abjeta de capacitismo, como quando Heilbroner

fala do tratamento dado às crianças, racismo e escravidão normatizadas. Familiares ou não, servem a quem detém o poder.

Já o segundo capítulo, contem achados fabulosos, sem poder desmerecer os clássicos citados. Mas, tornar evidente que, primeiro, a utopia dependia do espaço rural. Considerando que a utopia se impõe, justamente, como um protesto pela 'questão agrária', desde tempos imemoriais até o presente momento, a toda população global. Tornando a cada dia, *o real que falta*, mais alagado, distópico e pandêmico, senão apenas, sintomático.

Enfim, como o real que falta, a utopia pode ser interpretada pelo que se deixa de fazer em prol do outro ou da humanidade como um todo. De outra forma a utopia vira um almanaque luxuoso vendido em livrarias caras. Aquela coisa impossível de ter, porque impossível de pagar a mais-valia do produto. E capitalismo é o contrário de utopia, esta não paga valor algum para alguém sangrar, mas desfruta do trabalho pelo lazer do outro.

Assim como a mitologia do *Enuma Elish*, o mitopoiético Hesíodo, o romano Virgílio, o grego Platão, Robert Owen, Thomas Cook, Polanyi, Kautsky ou o londrino Thomas More, sem falar de tantos outros. Esses textos e figuras não entregaram apenas utopias, mas a verdade da transfiguração da realidade em ideologia, estipulada por algoritmos. E se, em 1888, quando escreveu sua obra sobre More, Kautsky diz que as lições de More teriam demorado mais de três séculos para serem entendidas, à época. Já se vão mais de cinco séculos sem passarem do entendimento para o planejamento público.

Mas não se pode terminar esta seção, embora de forma bastante sintética, sem mostrar a ideia geral resultante das convergências utópicas entre a economia solidária e o turismo rural, simbolicamente antecipada nas primeiras palavras do capítulo. A resultante de um material de cultura rural diverso de quaisquer técnicas do campo, mas tão assertivas e profícuas quanto. Dado que são uma composição complexa de

convergências e interseções, conceituais, histórico-filosóficas, pessoais e utópicas, constituídas nos primórdios da cultura rural. Imprescindível para o fortalecimento das tradições artesanais, coletivas, camponesas, socioambientais e solidárias em geral.

ESPAÇO HEDÔNICO

Certamente o espaço hedônico, além do ambiente natural que lhe é próprio, une duas colocações que parecem condições fundamentais, para a interseção da economia solidária com o turismo rural. Em Dumazedier (1999, p. 95), e Kautsky (2002, p. 133), respectivamente, este espaço “pode acompanhar os exercícios das obrigações sociais de base” e, então, “estabelecer objetivos que não são ociosos”.

Dado que o espaço hedônico configurado sob estes fundamentos que afirmam a obrigação do trabalho e, que o próprio lazer se estabeleça com ‘objetivos não ociosos’. Dito por Polanyi (2000, p. 18), bem no início de sua obra, na segunda página de seu primeiro capítulo, como ‘arrematada utopia’. Pode ser dito, um pouco mais claramente, que seria mesmo uma *distopia* pensar na ideia de um mercado autorregulável, e que, “uma tal instituição não poderia existir em qualquer tempo sem aniquilar a substância humana e natural da sociedade”. Obrigações sociais de base ou objetivos não ociosos não podem se conformar a um mercado autorregulável, se é que isto possa existir, dado que, sabe-se de onde vem sua ‘regulação’ ou a falta desta. E, por outro lado, obrigações sociais de base e objetivos não ociosos, são tecnologias sociais da coletividade. Ainda que se fale de ‘indivíduos’, essa elite financeirista não produz um botão. Sustentando com todo tipo de financiamento armamentício: colonização, escravização e as atuais tragédias climáticas emergentes deste novo século. Estabelecendo-se o paradigma do *Antropoceno*, pelo peso do homúnculo habitante desconexo do chão que pisa ou da terra e a natureza que lhe sustenta a vida. O Rio Grande do Sul é fato global. O Brasil é tomado por uma espécie de ‘agrototalitarismo’, que une coronelismo negacionista

com neopentecostalismo, qual arbitrária e inconstitucionalmente, compõem bancadas necropolíticas no governo, determinando falhas na segurança civil.

Esta *interdisciplinaridade ontológica*¹¹, deve ser acompanhada pelo trabalho do astrofísico capixada, professor e pesquisador do Observatório de Valongo, criado em 1881, na UFRJ, vinculado ao *Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza*. Sempre, não há quem possa dizer ao contrário, sempre hedonicamente, Jorge Albuquerque Vieira, neste sentido, era talvez uma das únicas pessoas que poderia desvelar a fórmula da entropia, da teoria da informação ou dos sistemas complexos, como se estivesse, ao quadro, desenhando uma flor. Mas expostas na alegria de uma estranha lucidez: de que a pequenez está inevitavelmente inscrita na grandeza multidimensional do universo. Ademais, ficava impossível não entender, que várias de suas partes constituintes, ontológicas então, experimentam esta mesma grandeza. E talvez o espaço hedônico expresse mesmo: o lugar da afirmação da grandeza de cada um com equidade, horizontalidade e beleza, como quando Homero, épico e guerreiro, inspirou a paz, a alegria e o lazer coletivo em poesia, pasmando deuses com água pura.

“...quatro fontes regam
de água pura, chegando-se e fugindo,
aípos e violais em moles veigas;
um deus pasmado ali se deleitava,
E o fez Mercúrio assim (...).”
(Homero. Odisseia. São Paulo: Edusp, 1996, p. 126-127. In.
Hasegawa, 2011, p. 17-18)

¹¹ Em dois textos acadêmicos, um artigo online e em um livro próprio, Jorge Albuquerque Vieira cita “autores como Mario Bunge (1977 e 1979) e Charles Sanders Pierce (1892), entre outros, adotam esta concepção de Ontologia. Sendo as ciências ontologias regionais”, ou ainda “toda ciência será uma Ontologia Regional, na medida em que trabalha com tipos de objetos específicos”. Ora, quando falamos de ciências, estamos apontando as disciplinas acadêmicas e, se cada disciplina pode ser vista como uma ‘ontologia regional’, a união das disciplinas, espelharia uma certa *interdisciplinaridade ontológica*.

UTOPIA DRS

O trabalho de Emerson Ferreira da Silva intitulado *Entre ideologias e utopias: visões do mundo dos agricultores agroecológicos do assentamento Celso Furtado em Quedas do Iguaçu – PR*. Orientado pelo excelentíssimo Prof. Dr. Alvorí Ahlert, ou mesmo o trabalho de Zanco (2022). Apesar de utilizarem algumas definições do termo, como a trazida por Manheim, os trabalhos não desenvolveriam o conceito de utopia ou sua origem, ainda figurando concepções divergentes do termo. E, dado aos resultados encontrados, parece inegável e imprescindível que o desenvolvimento rural sustentável possa se dar conta da ‘utopia’ que o formou, e a exerça com tanta expressão e coragem, quanto o ‘socialismo utópico’, fez à sua época. Porque é inevitável também arrematar que o desenvolvimento rural sustentável, se não é um *mito*, como já foi acusado, de ser então apenas ‘uma construção com interesses próprios’. O desenvolvimento rural sustentável não poderia deixar de se tomar por uma utopia, porque se não realizada, os projetos estão prontos, por pelo menos, dois mil e setecentos anos estamos patinando no pântano popperiano. Se a *utopia* não for uma obrigação do DRS, aí sim, o desenvolvimento rural sustentável se tornaria um *mito*, porque a situação do desenvolvimento rural regional é medieval e mitológica, como o são, o uso de confinamentos para animais e agrotóxicos sobre os vegetais. E, teria que ‘ser dado o braço a torcer’, a Luiz Carlos Dias (2022, p. 1), o qual estaria mais que certo, quando apresenta os resultados, no resumo de sua tese.

“Os resultados obtidos destacam que o crescimento expressivo da Região derivou de um redirecionamento produtivo calcado nos incentivos dados pelo Estado, pelo aumento da demanda externa e pelos aspectos culturais e históricos da população local. No entanto, o crescimento observado produziu efeitos adversos ao pleno desenvolvimento. Como destaque, citam-se aspectos da produção agropecuária, como a concentração produtiva nos produtos soja, milho, suínos e aves, e consequente perda de dinamismo das culturas tradicionais, concentração da posse da terra e exclusão da mão de obra rural; aspectos sociais, como baixos índices da educação e renda da população; aspectos ambientais que revelaram o péssimo grau de conservação das Bacias Hidrográficas da Região, consumo de

agrotóxicos muito superior ao observado na média do Estado, alto grau de poluição das águas e aspectos relacionados à saúde da população local, com destaque para índices elevados de intoxicações, doenças e mortes provocadas por agrotóxicos. Dessa forma, com base nos resultados apontados, evidencia-se o “mito” do desenvolvimento rural da Microrregião de Toledo.”

Evidentemente, não se retoma este discurso pelo documento da microrregião de Toledo. A devastação paranaense, ao modo posto por Dias é, numa palavra, totalitária. Numa matéria para a Folha de Londrina de dez anos atrás, para o suplemento especial de *Ambiente e sustentabilidade*, no ano de 2014, a redatora Fernanda Mazzini (2014, p. 8) expõe o seguinte:

“No início, era apenas mata. Uma exuberante floresta tropical com árvores de todos os tamanhos, dezenas de espécies de diferentes animais e aves que dominavam o céu e a terra. No final da década de 20, vem o processo de colonização e a construção das cidades. Na sequência, aparece a atividade rural, primeiramente com o café, depois com o milho e a soja, e a imigração populacional.

Nos dias de hoje, 80 anos depois do início desse processo, o Norte do Paraná é uma região que se destaca pela pujança do desenvolvimento econômico, mas também por um cenário de devastação da mata nativa, hoje reduzida a apenas 4,2% da área original, de acordo com a organização não governamental SOS Mata Atlântica.”

TBC

Tabela 2.: Etnias e coletivos do Turismo de Base Comunitária

		SP	AM	RJ	MG	PB	BA	SC	GO	RS	TO	MA	ES	CE	DF	PR	TT
1	quilombolas	2		1	2	1	3		1	1	1						12
2	comunidades locais		1		1	1			1			1	1	1			7
3	comunidades tradicionais	2	1	1													4
4	indígenas	1		1			1	1									4
5	caiçaras pescadores			1			1	1								1	4
6	ribeirinhos		2				1										3
7	comunidade rural					1				1					1		3
8	manguezal			1				1									2
9	extrativistas				1			1									2
10	jongueiros	1															1
11	comunidades vulneráveis	1															1
12	comunidade negra tradicional	1															1
13	sertanejo		1														1
14	favelas			1													1
15	camponeses				1												1
16	assentados						1										1
17	marisqueiros						1										1
18	comunidade de fundo de pasto						1										1
19	agricultura orgânica							1									1

Fonte: autor

Se não se pôde evidenciar a diversidade das culturas dos empreendedores em turismo de base comunitária, como apresentadas em seus textos originais, foi executada a Tabela 2, para mostrar essas diferenças, em sua incidência estadual, do total de quarenta empreendimentos.

Assim, são pelo menos 19 comunidades, dezenas de etnias e vários coletivos que fazem a apropriação do espaço, dentro do circuito do TBC, ressaltando a primeira

conclusão de 'respostas e discussões', quando foi enunciado que a interseção entre a economia solidária e o turismo rural, resultava, primeiramente, em imensa diversidade de cultura rural. Para essa investigação esta informação é repleta de significados pois corrobora com a tese defendida até aqui de que a união entre economia solidária e turismo rural é, primeiramente, uma união eminentemente, cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A profecia, a adivinhação são antecipativas: as coisas acontecerão da maneira prevista. A imaginação utópica é propositiva: as coisas devem acontecer daquela maneira, poderão acontecer se o homem quiser.” (Teixeira, 1992, p. 10)

Ora, quanto ao enunciado no capítulo anterior, que a resultante da interseção entre a economia solidária e o turismo rural aponta para o desejo ancestral pela cultura rural, devem ser levadas em consideração as tecnologias sociais pertinentes, desde priscas eras. Dado que essas tecnologias sociais o são, porque respeitam indivíduo, cultura e natureza. Não são técnicas formais, mas condutas, modos de agir. Ou ‘instrumentos de reanimação’, conforme Joaquim em Rodrigues (2001, p. 35), trouxe do enunciado no *Manifeste de tourisme en espace rural*, afirmando que o turismo rural é um “instrumento de reanimação dos campos na ótica da complementaridade entre a agricultura, o turismo e o artesanato, sublinhando que não deve contribuir para a colonização dos campos”. Um *instrumento de reanimação* do campo, não seria um trator ou um arado. E não só de reanimação de aspectos danificados da dinâmica da natureza, mas também das comunidades e relações sociais e comunitárias a partir das quais a vida humana com dignidade se viabiliza. Também os conhecimentos e saberes tradicionais e ancestrais encontram aí um ambiente de resistência, recuperação, atualização e fortalecimento.

A estrutura mesma desses empreendimentos mostra a composição de sua luta, resiliência e diversidade étnico-cultural. O encontro de tecnologias sociais da economia solidária, turismo rural e turismo de base comunitária, podem dar conta ou, ao menos indicar perspectivas animadoras do trabalho que as incubadoras institucionais públicas, recém-abertas, deveriam executar, numa primeira consideração, dado aos resultados apresentados dos empreendimentos regionais.

Quanto à estrutura da tese, que parte da formação da rota do projeto 'Desenvolvimento do Turismo Regional do Oeste do Paraná', nesta primeira parte, mostraram-se outras tantas evidências sobre essa interseção. A segunda parte foi mais uma exposição necessária, para deixar claro que não se tratava apenas do cruzamento de caminhos pertinentes, mas de convergências utópicas, construídas a ferro e fogo, sangue e suor. A última parte, traz uma maior atenção ao conceito de espaço hedônico, fechando a tese com o discurso original, documentado, dos empreendimentos de turismo de base comunitária, que expressam, nitidamente, as convergências 'naturalmente' utópicas e competentes, entre a economia solidária e o turismo rural. De modo que se poderia afirmar que no caso da possibilidade desta convergência e de suas reais possibilidades e oportunidades não se trata de uma utopia abstrata, mas de uma utopia concreta pois que, se ainda não é uma realidade efetiva, diversos sinais indicam que ele pode ser uma realidade histórica e social, bastando, para tanto, a intervenção e práxis social de pessoas dispostas a lutar por ela e superar as barreiras sociais e ideológica que a inda impedem e bloqueiam sua realização.

A fim de que isto aconteça, nos parece fundamental indicar os limites e contradições que ainda precisam ser superados. Por isso, além de mostrar o roteiro acima indicado, de início é necessário dar conta dos limites impostos ao trabalho, para melhor esclarecimento de sua finalização. Neste sentido, serão revisados pelo menos três temas colocados ainda na banca de qualificação dessa tese. Relativos à sustentabilidade econômica dos empreendimentos de economia solidária, turismo rural ou turismo de base comunitária, sobre o trabalho com o conceito de 'bien vivir' de Alberto Acosta e, uma questão de gênero.

Sobre a primeira questão, a sustentabilidade financeira dos empreendimentos, uma possível 'resposta', foi enunciada em *Resultados e discussões*. Trazendo o 'dreno financeiro', assinado por Ladislau Dowbor e corroborado por Maria Lucia Fattorelli. Não se poderia afirmar que este trabalho daria conta de uma explicação melhor, para um

fato que não depende de seus militantes, mas de conjunturas governamentais, interesses financeiros no dinheiro público, e a lamentável insegurança jurídica: a morte da *polis*. No sentido, como quando Platão escreve *A República* com suas utopias, pela morte do maior símbolo da sanidade de uma pólis: a generosidade do saber compartilhado, pelo *demos-crático*, socrático.

Sobre o conceito de '*bien vivir*' em Acosta, apesar das citações necessárias à tese, não foi possível fazer uma ligação direta com a economia solidária, ou com a questão da sustentabilidade expostas, dado que fugiria do roteiro do encontro da economia solidária com o turismo rural, que sempre foi o tema principal da tese. E, sabe-se que esta associação entre economia solidária e '*bien vivir*', tem sido abordada a contento. O que não tornou imprescindível a participação especial do conceito neste trabalho, tendo aparecido ainda na *Introdução*. Certo é que a tese aqui defendida tem em vista antes o bem-viver dos seres humanos e da natureza envolvidos quando comparada com a racionalidade do lucro que rege de modo quase absoluto a maioria das relações econômicas e sociais de nossa sociedade. Dado sua conotação bivalente, trazendo aspectos da solidariedade da economia e da ruralidade do lazer. No entanto, pode-se concluir essa questão trazendo Tadeu Breda, tradutor para o português da obra de Acosta (2016, p. 15), que apresenta o termo '*bien vivir*'.

“Bom Viver’ é a tradução que mais respeita o termo utilizado pelo autor (Buen Vivir) e também o termo em kichwa (sumak kawsay), língua da qual nasceu o conceito e sua versão equatoriana. De acordo com o Shimiyukkamu Dicionario Kichwa – Español, publicado pela Casa de Cultura de Ecuador em 2007, sumak se traduz como hermoso, bello, bonito, precioso, primoroso, excelente; kawsay, como vida. Ou seja, buen e sumak são originalmente adjetivos, assim como ‘bom’ – seu melhor sinônimo em português, no caso. Vivir e kawsay, por sua vez são sujeitos.

Contudo, em atenção ao termo utilizado há alguns anos por movimentos sociais brasileiros, decidimos traduzir o título do livro como O Bem Viver, considerando ‘bem’ como advérbio e ‘viver’ como verbo.”

E, sobre a questão de gênero, este parágrafo não seria executado para exprimir as dificuldades no DRS. Este autor sofreria sete meses de insegurança alimentar por restrição calórica, por ter que abandonar a bolsa de estudos e evitar problemas com o programa. Sendo que, ao mesmo tempo, com tudo isso, ainda sofria homofobia da minha família, tentativas de agressão e uma dolorosa separação de uma relação de 15 anos.

Retomando as considerações com o texto de Tadeu Breda. Fica a pergunta: se fosse tomada apenas essa sequência lexical, '*hermoso, bello, bonito, precioso, primoroso, excelente*', exposta acima pelo tradutor de Acosta, para explicar e expandir o termo 'bien vivir': Acosta seria acusado de romantismo, esteticismo ou idealismo? O que se poderia perceber, é que grandes autores não têm problemas neurológicos com o uso das palavras que lhes vêm à cabeça. Porque talvez saibam que estão tratando em um nível simbólico, popular ou acadêmico, algo de uma complexidade que, poderia ser dita, intraduzível, lacianamente falando, 'o real'. Ou em palavras wittgensteinianas: 'do que não se pode falar, deve-se calar'. E como é difícil calar com o poder na mão, difícil superar *o narcisismo das pequenas diferenças*, exposto em *Resultados e discussões*. Porque é, evidentemente, um problema para as formações coletivas e complexas. Ora, esses autores como Acosta, Coraggio ou Singer expressam camadas profundas demais, tal sua complexidade, tais suas assintoticidades. Mesmo assim procuram fazer o melhor de si, utopicamente, para explicar seus argumentos de forma acessível, sofrendo entropia e dissipação, inevitavelmente.

Da mesma forma, a economia solidária pareceu sempre militante e formadora o suficiente para dar conta da realidade e, neste sentido, traz-se, no Quadro 3, um conjunto de conceitos afeitos à economia solidária, não dispostos anteriormente.

Mas que mostram uma soma de conceitos, donde se pode pensar em economia solidária, em outras amplitudes, que as dadas pelos resultados deste trabalho, mas

como uma consideração final sobre o conceito de economia solidária, também para futuros trabalhos interdisciplinares.

Quadro 3.: Conceitos espelhados na economia solidária

Acessibilidade	Agricultura familiar	Agroecologia	Ancestralidade	Arranjo produtivo local	Articulação em rede	Autogestão
Aval solidário	Banco comunitário	Banco de horas	Bem-Viver	Certificação participativa	Circularidade	Clube de trocas
Consumo consciente	Consumo solidário	Cooperativismo social	Cotas	Cultura e direitos humanos	Diferença e diversidade	Doação
Economia circular	Economia de proximidade	Economia endógena	Economia informal	Editais socioculturais	Educação ambiental	Educação cooperativa
Educação e lazer infantil	Empoderamento e protagonismo	Empreendimentos de economia solidária	Empresas recuperadas	Empréstimo solidário	Esmola	Finanças solidárias
Fundo solidário	Gênero	Gestão coletiva	Gestão participativa	Horário de trabalho reduzido	Horizontalidade	Hospedagem solidária
Inclusão cultural	Inclusão produtiva	Inclusão social	Incubadoras de EES	ITCP	Juro fixo	Lugar de fala e voto
Maternidade	Microcrédito	Moeda social	Mutirão	Ocupar, resistir e produzir	Oralidade	Artesania
Organizações permanentes	Participação popular	Planejamento estratégico	Porta aberta / Livre adesão	Produção coletiva	Produção sustentável	Produtos não adulterados
Reciprocidade	Redução de danos	Sobras proporcionais	Sustentabilidade	UNITRABALHO	Venda direta	Espelhamento

Fonte: autor

Ademais, o turismo rural, dentro do segmento do turismo alternativo, também tem suas especificidades e diversidades, expostas no Quadro 4. A maior parte destes conceitos aparecem em Tulik (2003), para dar conta dessas diferenças nas leituras do turismo alternativo.

Quadro 4.: Turismo alternativo

Turismo Alternativo	Agroecoturismo	Agroturismo	Ecoturismo	Turismo Cultural
Turismo de Aventura	Turismo de Base Comunitária	Turismo de Habitação	Turismo de Natureza	Turismo de Retorno
Turismo Diferente	Turismo Ecológico	Turismo em Áreas Naturais	Turismo Endógeno	Turismo Exótico
Turismo Interior	Turismo na Área Rural	Turismo no espaço rural	Turismo Rural	Turismo Verde

Fonte: autor

Esta exposição de conceitos e tipologias afins, tanto da economia solidária quanto do turismo alternativo, mais especialmente denotando o turismo rural e o turismo de base comunitária. Encontra espelhamento nos conceitos de hospedagem solidária, arranjo de produtores locais, autogestão, circularidade, cooperativa social e, dentre outros, a inclusão produtiva. Em suas considerações finais, economia solidária e turismo alternativo rural, aparecem sob variadas formas, para futuras interseções.

Diferença, espelhamento, diversidade e distributividade afeitas à complexidade sistêmica, trazida pelos parâmetros sistêmicos, através do trabalho do astrofísico Jorge de Albuquerque Vieira, formariam as 'chaves' de leitura de fenômenos interdisciplinares neste trabalho. Conforme enunciado por Cor van Dijkum (artigo exposto na disciplina do PPG.DRS, *Teorias do desenvolvimento rural*), no segundo capítulo da Parte I e em *Resultados e discussões*. Na verdade, a intenção de trazer os parâmetros adveio dos *indicadores* normalmente usados no programa, que pareceram limitados para a leitura de fenômenos complexos. Fenômenos que não podem ser reduzidos a pontos fortes ou fracos, vantagens ou desvantagens, por trazer mais uma leitura que acomoda o fato ao termo, do que, organicamente, a efetivação da construção da representação simbólica de sistemas complexos, humanos ou ambientais, que se pretendeu executar utilizando os parâmetros sistêmicos.

Impor impedimentos ou limites metodológicos, profissionais ou linguísticos em trabalhos no desenvolvimento rural sustentável, não parece garantir a diversidade e as cores que se busca. Dados os parâmetros do programa, denotadamente não obrigatórios, esta não é uma tese somente de capítulos ou somente de artigos. Como já explanado, é uma tese monográfica, que se utiliza das pesquisas realizadas durante o doutorado, que foram transformadas em artigos. Sendo que até neste sentido, os parâmetros permitem evitar a questão da autocitação. Nem aparecendo o texto destes artigos.

Talvez para reivindicar alguma diferença, deve-se agir, citado por Silva (2018, p.40), como “intelectuais livremente flutuantes”, que segundo Mannheim, não estão amparados em ideologias parciais e, sem representar uma classe específica, reúnem melhores condições para representar trabalhos coletivos, comunitários e solidários.

O título da tese configurou sua estrutura e a metodologia seguida e, todas suas três partes foram contempladas neste estudo. No entanto, as considerações finais ajudam a esclarecer questões pertinentes que, infelizmente, não caberiam ser expostas no texto da tese. E, talvez o único conceito do título não tratado separadamente, foi a figuração do termo ‘convergências’, em lugar de ‘interseção’, também usado neste trabalho com significados semelhantes. Na semiótica essas convergências e interseções são fundamentais em questões nitidamente inter ou transdisciplinares. Mas, para esta tese, o termo ‘convergências’, adveio do uso do termo dado pela excelentíssima Profa. Dra. Lucia Santaella (1986, p. 4), em seu livro *Convergências: poesia concreta e tropicalismo*, onde expõe em *Algumas ressalvas*: “em primeiro lugar, enfatizemos aqui que não se trata de demonstrar uma ligação direta e linear entre esses dois movimentos”. No caso da poesia concreta e do tropicalismo, como entre a economia solidária e turismo rural. Afinal, as diferenças são nítidas.

Conforme Santaella (op. cit., p. 10), “não obstante, os processos culturais não têm ‘uma eficácia meramente instrumental, indispensável para a produção dos meios

de subsistência, mas intervêm decisivamente na conformação da luta entre agentes coletivos”. Portanto, a utilização do termo ‘convergências’ vem corroborar com a assertividade da representação do tema neste trabalho interdisciplinar. Santaella (1986, p. 10) complementa: “A conjugação do político e cultural opera assim por complementaridade dialética, distinta da determinação por dominância tal como ocorre nas relações de quase absorção do cultural pelo econômico”. Portanto, Santaella evidencia o aspecto *complementar* do conceito de convergência. E, para explicar essa convergência no caso da poesia concreta e do tropicalismo, mesmo que suas denominações mostrem uma nítida oposição, traz Santaella (op. cit., p. 127):

“Se a Poesia Concreta fez emergir, no âmbito da produção poética, matrizes ou protótipos sígnicos passíveis de materializarem em linguagens outras (plásticas e sonoras) que não a verbal (produção centrípeta em movimento centrífugo), o Tropicalismo, por seu lado, amalgamou, no âmbito da música popular, procedimentos e estruturas de outros códigos e linguagens (produção centrífuga em movimento centrípeta).”

Assim como os diversos movimentos da economia solidária, em diferentes contextos, podem se aliar a elementos do turismo rural, não por uma visão superficial, mas pelas entranhas socioambientais e políticas de suas tecnologias sociais e serviços públicos oferecidos.

Em síntese, esta tese apenas tentaria evidenciar a interseção da economia solidária e o turismo rural, dado uma primeira experiência real. As evidências mostraram que suas tecnologias sociais se encontram latentes e emergentes nas mais variadas formas de projetos, ainda que esta ‘união’ não seja enunciada como tal. No entanto, numa primeira visão geral das duas ciências. Apesar das diferenças sociais (o narcisismo das pequenas diferenças), o caráter compartilhado de complementaridade de renda, combate ao êxodo rural e a associatividade no campo, trouxeram as

evidências dessas convergências utópicas do espaço hedônico, dentro do turismo de base comunitária.

Mas deve-se pontuar outros achados dessa convergência: a característica rural da utopia e, que a característica rural, os conteúdos utópicos, dessa utopia advém de questões agrárias milenares, como a própria reforma agrária. Portanto, também pode-se concluir que *a utopia é o real que falta*, “aquilo que ainda não é mas que pode ser”, como diria Ernst Bloch, assim como pode ser compreendido que reforma agrária é um real em falta. E faltando, podemos reconhecer atualmente, todo o desastre advindo do uso arbitrário da terra. E encontrar essas convergências utópicas entre a economia solidária e o turismo rural no espaço hedônico do turismo de base comunitária, através do próprio discurso do TBC, conclui também a necessidade de se pensar na interseção de suas tecnologias sociais aparentadas ao socioambiental.

Enfim, se se perdoa o salto, talvez, tenha-se ficado ‘em falta’ com alguma informação, apesar de devidamente citado, não foi possível trazer muito da obra paradigmática de Platão, *A República* (2019, p. 9 e 16), sua cidade ideal, a *Kallipolis*, ‘a cidade bela’, sua utopia.

“A REPÚBLICA: O segundo mais longo dos diálogos (o mais longo é *As Leis*). Apresenta vários temas, mas todos determinados pela questão inicial, fundamental e central, e a ela subordinados: o que é a justiça (δίκη [dike])?...Ou melhor, *qual a sua natureza, do que é ela constituída?* Nesse diálogo Platão expõe sua concepção de um Estado (comunista) no qual a ideia de justiça seria aplicável e a própria δίκη realizável e realizada. O título *A República* (amplamente empregado com seus correspondentes nas outras linguagens modernas) não traduz fielmente Πολιτεία [*Politeia*], que seria preferível traduzirmos por “A Constituição” (entendida como *forma de governo de um Estado soberano* e não a Lei Maior de um Estado). Há quem acene, a propósito, para o título alternativo, que é *Da Justiça*, Περι δικαίον (Peri dikaíoy), literalmente *Do Justo*. *A República* é a obra de Platão mais traduzida, mais difundida, mais estudada e mais influente, tendo se consagrado como um dos mais expressivos textos de filosofia de todos os tempos.”

Livro, este, que na nota do tradutor traz a seguinte expressão sobre esta obra platônica, dizendo que “prevalece o empenho humano, que transcende o individual, que é coletivo e solidário, de retificar, aperfeiçoar e reformular sempre”. A ‘sociedade melhorada’ reiterada por Claeys, a solidariedade o empenho humano.

Mas o que fica também evidente neste texto de Tadeu Breda é que, além da diversidade cultural, étnica e ambiental, tecnologias sociais e o TBC, que aparecem dessa convergência interdisciplinar. Essa convergência não pode prescindir de justiça pública e da justiça social. A acepção de bem comum da república platônica, em que traz Kallipolis, a cidade bela (Botelho, 2021, p. 26). Justiça pública como bem comum, talvez, seja a única coisa necessária, até para *desviar o dreno financeiro*, dado que o ministério público paranaense mormente legisla em causa própria, criminalizando pequenos produtores rurais. Mais que lhes oferecendo condições de acessarem as políticas públicas que são pertinentes a estes produtores, que somam à gondola do mercado, mas não pertencem ao AGRO.

Desta forma, a insegurança jurídica no país, espelhando uma face fascista global, deixa acontecer o que Ladislau Dowbor chamou de ‘dreno financeiro’. Já Maria Lucia Fatorelli, perde a voz, explicando que, se a justiça fosse feita neste país, estaríamos *par a par* com a economia chinesa, ainda podendo ter mais liberdade individual e pública. Enfim, apesar da China estar em pleno empenho no desenvolvimento do turismo rural, estabelecendo novos modelos de casas rurais e acomodações para visitantes em hospedarias comunitárias. Seria um artigo vietnamita, o qual, além da simplicidade metodológica que não lhe retira a grande quantidade de elementos e informações. Artigo que reforça as considerações finais sobre o turismo de base comunitária, como considerado, o espaço hedônico de luta e resiliência coletiva, que une princípios e tecnologias sociais da economia solidária, com as demandas do lazer no espaço rural.

Como este artigo não fez parte de nenhuma pesquisa executada no corpo da tese e, ou buscas referenciais mas, foi uma pesquisa própria do autor, de um artigo que traz com uma linguagem simples, importantes considerações sobre os elementos fundantes do turismo de base comunitária, que também podem enriquecer pesquisas posteriores. Dado que são elementos importantes, que até espelham o discurso do TBC, mas muito mais sistematizados.

É um artigo que quase estabelece uma conclusão pessoal sobre os aspectos mais relevantes da construção dos empreendimentos de turismo de base comunitária, o que faz sentido para uma tese. Por isso mesmo são elementos que foram deixados para as considerações finais. Dado que, além de apresentarem sínteses importantes para a interpretação desses empreendimentos, também estabelecem conexões decisivas com as evidências, tecnologias e parâmetros, utilizados no corpo da tese. Ainda que, evidentemente, serão expostos sem demasiado conteúdo, devido à acessibilidade dos termos e dado que fazem parte das últimas considerações.

O artigo *Community-based tourism and destination attractiveness: from theory to practice*¹², escrito pela Professora de economia Vo Thi Quynh Nga, da Universidade de Danang, no Vietnã. Pode ser dividido em quatro aspectos principais: *esfera da comunidade e viabilidade, modelos participativos e atributos turísticos, partes externas e manifestações físicas*.

Assim, a professora vietnamita da Universidade de Danang traz, na *esfera da comunidade e viabilidade*, uma exposição de aspectos de empoderamento comunitário, reforçando três pontos em relação ao TBC: a comunidade deve ser a principal beneficiária do projeto; a comunidade deve ser coprodutora de seu legado; a comunidade deve ser a planejadora de seus eventos e atrativos. Assim, buscando, viabilidade sustentável, acessibilidade de investigação (segurança jurídica e

¹² Turismo de base comunitária e atratividade do destino: da teoria para a prática.

intersectorial) e definição assertiva do destino. Sendo que a *viabilidade* do projeto dependerá de três fatores:

- A definição do *atributo principal*, do foco turístico do lugar;
- Que o projeto, dado que é comunitário, seja *socialmente viável*;
- E, que depende da *eficiência humana*, definindo estratégias de empoderamento, sistemas de formação e educação, da exposição da própria voz, da apropriação do espaço e, das manifestações físicas da comunidade de operar sistemas de conhecimento.

Nesta esfera, além de todas as outras semelhanças, foi importante encontrar o conceito de 'apropriação', irmanado com o mesmo conceito usado no artigo *Sibateando*, colhido no trabalho de revisão sistemática, executado na WOS.

Artigo apresentado no primeiro capítulo da interseção entre a economia solidária e o turismo rural. Em seguida Quynh Nga (2020, pg. 27), enumera os sete níveis de participação comunitária nos empreendimentos de TBC, conforme a Professora vietnamita traz de J. Pretty:

1. Participação passiva;
2. Fornecimento de informação;
3. Participação por consulta;
4. Participação por incentivo material;
5. Participação funcional;
6. Participação integralizada;
7. Automobilização.

Ora, quanto a participação chega à 'automobilização', ela chega à 'autogestão', que seria o maior nível de participação comunitária para o TBC, mas também um princípio fundamental da economia solidária. Mas também lembra as questões de

organização e auto-organização que Jorge Albuquerque Viera (2000, p. 20), trouxe na sua elaboração de parâmetros sistêmicos para interpretar fenômenos complexos: “Quando lemos trabalhos de autores tão importantes como Ilya Prigogine ou ainda Heinz Von Foerster, caros ao conceito de *auto-organização*, vemos que eles mesmos trabalham com termos como ordem quando na verdade falam de *organização*.”

No entanto, as comunidades não podem abrir mão do que a professora Vo Thi Quynh Nga (2020, p. 28), chamou de *partes externas* do TBC, que seriam as organizações governamentais federais, estaduais e municipais, as organizações não governamentais e o setor privado, os quais podem promover alguma forma de sustentabilidade aos empreendimentos. Levando em consideração mais o dever dos governos ou sua falta, em relação aos projetos de TBC.

E, num outro sentido, Quynh Nga (op. cit., 29-30), divide seis grupos de atrações do turismo de base comunitária, expondo:

1. Fisiografia;
2. Cultura e história;
3. Laços com o Mercado;
4. Atividades;
5. Eventos;
6. Superestrutura turística.

Seguindo com cinco modelos de atributos expostos nos empreendimentos:

1. Um evento único;
2. Uma rota especial;
3. Uma aldeia artesanal/agrícola;
4. Área de conservação ou preservação;

5. Paisagem e estilo de vida.

Finalizando, com a professora ressaltando os *sentimentos nostálgicos* do lugar, as *atividades comunitárias*, bem como os *rituais e festas indígenas*. Sendo que é da maior importância a *manifestação física* das populações, seus sistemas de conhecimento e a *apropriação* do espaço. De novo, lembrando do termo usado no artigo de Sibateando, na Colômbia, que faz a *apropriação* do espaço se utilizando da economia solidária em um empreendimento de turismo rural de uma comunidade indígena, como as 30 comunidades indígenas pesquisadas no Vietnam.

E essas são as últimas considerações buscando contribuir com o espaço hedônico representado no turismo de base comunitária, este que não pode prescindir dos preceitos da economia solidária no espaço do turismo rural. Trazendo além dessas considerações no espelhamento de textos e contextos do corpo da tese, desempenhando a distributividade de materiais para futuras pesquisas nesta profícua área interdisciplinar.

“A história utópica imagina um mundo melhor e mais feliz e não faz presença na realidade. Por 24 séculos, pelo menos os homens têm contado histórias utópicas, e todas são histórias que surgem do descontentamento e escapam para a terra dos sonhos. Todos eles expressam um certo apetite pela vida – ‘se ao menos’.” (WELLS, H. G., 1982, p. 01)

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Trad. Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária / Elefante, 2016.
- AFONSO, Cintia Maria. **Sustentabilidade: caminho ou utopia?** São Paulo: Annablume, 2006.
- ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2004 (1986).
- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. São Paulo: Expressão Popular/ AS-PTA, 2012.
- ANDRADE, Oswald de. **A marcha das utopias**. Brasília: Departamento da Imprensa Nacional, 1966.
- BRAGA, Ruy. **A angústia do precariado: trabalho e solidariedade no capitalismo racial**. São Paulo: Boitempo, 2023.
- BRASIL, Manuela Salau. **A produção social das utopias: uma análise a partir da economia solidária**. Tese. Curitiba, Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2011.
- CAMPANELLA, Tommaso. **A cidade do sol**. São Paulo: Editora Escala, 2008 (1602).
- CARRERA, Francisco. **Cidade sustentável: utopia ou realidade?** Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2005.
- CHICARELLI, Ricardo. **Cidades pujantes, mata devastada**. Eis o legado da colonização. Londrina: Folha de Londrina, Especial Ambiente e Sustentabilidade, 10 de setembro de 2014.
- CLAEYS, Gregory. **Utopia: a história de uma ideia**. Trad. Pedro Barros. São Paulo: Edições SESC SP, 2013.
- COELHO, Teixeira. **O que é utopia** (v.12, Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.
- COLTRE, Sandra Maria. **Metodologia de pesquisa e análise de dados**. Marechal Cândido Rondon: Unioeste, 2021.
- CORAGGIO, José Luis. **Economía social y solidaria: el trabajo antes que el capital**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2011.
- CORBARI, Fábio. **Transição agroecológica: um estudo de experiências no Brasil e no México**. Tese em Desenvolvimento Rural Sustentável. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2020.
- CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes (Org.) **O turismo de inclusão e do desenvolvimento local**. Fortaleza: FUNECE, 2003.
- CULTI, Maria Nezilda (Org.). **Incubadora universitária de empreendimentos econômicos solidários: aspectos conceituais e práxis do processo de incubação**. Maringá: MDS/PRONINC, UEM/Núcleo/Incubadora/Unitrabalho, 2011.

- DAGNINO, Renato (Org.). **Tecnologia social: ferramentas para construir outra sociedade**. 2 ed. Campinas: Komedi, 2010.
- DAVIES, R. E. **The life of Robert Owen: philanthropist and social reformer**. London: Robert Sutton, 1907.
- DENIS, Henri. **História do pensamento econômico**. Lisboa: Livros Horizonte, 1982 (1966).
- DE ROTTERDAM, Erasmo. **Elogio da loucura**. Trad. Maria Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2019 (1511).
- DOWBOR, Ladislau. **A reprodução social, política econômica e social: os desafios do Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Editora Perspectiva/SESC, 1999 (1974).
- ECO, Humberto. **Como se faz uma tese**. Trad. Gilson C. C. de Souza. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007 (1977).
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Trad. Ciro Mioranza. São Paulo: Editora Lafonte, 2017 (1884).
- ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. São Paulo: Editora Moraes Ltda., 1970 (1880).
- FERREIRA, José Aderaldo de Medeiros. **Tradições ruralistas: marcas de gado, 'experiências', clima e outras histórias**. João Pessoa-PB: Editora Universitária/UFPB, 1999.
- FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Campinas: Papyrus Editora, 1988 (1841).
- FONTANA, Rosislene de Fátima. **Turismo Rural**. Campo Grande: Portal Educação, 2014.
- GUTERRES, Ivani. **Agroecologia militante: contribuições de Enio Guterres**. São Paulo: Expressão popular, 2006.
- HASEGAWA, Alexandre Pinheiro. **Os limites do gênero bucólico em Vergílio: um estudo das éclogas dramáticas**. São Paulo: Humanitas, 2011.
- HESÍODO. **Trabalhos e dias**. Tradução e Introdução de Christian Werner. São Paulo: Editora Hedra, 2013 (700 a.c.).
- HESPANHA, Pedro; SANTOS, Aline Mendonça dos. **Economia Solidária: questões teóricas e epistemológicas**. Coimbra: Edições Almedina, 2011.
- IRVING, Marta de Azevedo; AZEVEDO, Julia. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002.
- KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Editora Aleph, 2001 (1984).
- LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça e outros textos**. Lisboa: Editorial Estampa, 1977 (1880).

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da Filosofia**. Trad. Fátima Correia. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LASSANCE, Antonio et all. **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.

MAZZINI, Fernanda. **Cidades pujantes, mata devastada. Eis o legado da colonização**. Londrina: Folha de Londrina, Especial Ambiente e Sustentabilidade, 10 de setembro de 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica, biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. São Paulo: n-1 Edições, 2022 (2018).

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (1580).

MORE, Sir Thomas. **Utopia, sobre a melhor forma com que se constitui uma república, e sobre a desconhecida ilha de Utopia**. Trad. Márcio Meirelles Júnior. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019 (1516).

MORUS, Thomas. **A utopia**. Trad. Luís de Andrade. São Paulo: Editora Escala, 2000 (1516).

PINHEIRO, Sebastião. **Biopoder camponês: território, questão agrária, agroecologia, espiritualidade e a nutrição ultrassocial**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2021.

PINTO, João Roberto Lopes. **Economia Solidária: de volta à arte da associação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

PIRES, Mário Jorge. **Raízes do turismo no Brasil: hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX**. Barueri, SP: Editora Manole, 2002 (2001).

PLATÃO. **A república (ou Da justiça)**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2019.

POLANYI, KARL. **A grande transformação: as origens da nossa época**. Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Campus, 2000 (1944).

POPPER, Karl. **Lógica das ciências sociais**. Trad. Estevão Martins, Apio Filho e Vilma Moraes e Silva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Universidade de Brasília, 1978.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. Trad. Roberto Ferreira. São Paulo: EDUSP, 1996.

RAWORTH, Kate. **Economia donut: uma alternativa ao crescimento a qualquer custo**. Rio de Janeiro, Zahar, 2019 (2017).

RICHARDSON, Roberto Jarry (e colaboradores). **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo, Editora Atlas S.A., 1999.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). **Turismo rural**. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2019 (1755).

RUSSEL, Bertrand. **O Elogio do lazer**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957 (1935).

SANTAELLA, Lúcia. **Convergências: poesia concreta e tropicalismo**. São Paulo: Nobel, 1986.

SANTOS, Luís Miguel Luzio dos; BORINELLI, Benilson; PITAGUÁRI, Sinival Osório (Orgs.). **Economia solidária numa pluralidade de perspectivas**. Londrina: UEL, 2011.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo, 2020 (1996).

SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SCHÜTZ, Rosalvo. **Religião e capitalismo: uma reflexão a partir de Feuerbach e Marx**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SHÜTZ, Rosalvo et all. **Desafios da economia solidária**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

SÊNECA. **A tranquilidade da alma / A vida retirada**. São Paulo: Editora Escala, 2005.

SÊNECA. **A tranquilidade da alma / Sobre o ócio**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2001 (60 a.c.).

SERRA, Neusa; FARIA, Hamilton. **Economia solidária da cultura e cidadania cultural: desafios e horizontes**. São Bernardo do Campo, 2016.

SILVA, José Graziano. **O que é questão agrária** (PP.18). São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. I ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

TEIXEIRA, Luiz Gonzaga. **Utopia: manual do militante**. São Paulo: IBRASA, 1983.

TEIXEIRA, Sabrina Stieler; GAIGER, Luiz Ignácio. **As faces da economia solidária no Brasil**. São Leopoldo: OIKOS/Grupo ECOSOL, 2014

TULIK, Olga. **Turismo rural**. São Paulo: Aleph, 2004 (2003).

VARRÃO. **Das coisas do campo**. Trad. Matheus Trevizam. Campinas: Editora da Unicamp, 2012 (80 a.c.).

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. Trad. Ísis Borges. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

VERONESE, Marília Veríssimo. **Psicologia social e economia solidária**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.

VIEIRA, Jorge de Albuquerque. **Ciência: formas de conhecimento - arte e ciência, uma visão a partir da complexidade**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.

VIEIRA, Jorge de Albuquerque. **Teoria do conhecimento e arte: formas de conhecimento – arte e ciência uma visão a partir da complexidade**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.

VIRGÍLIO. **Bucólicas**. Trad. Raimundo Carvalho. Belo Horizonte: Editora Crisálida, 2005 (40 a.c.)

VIRGÍLIO. **Geórgicas**. Manuel Odorico Mendes (Org.). Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2019 (29 a.c.).

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Cultura e valor**. Lisboa: Edições 70, 1996 (1951)

ZART, Laudemir Luiz; SQUAREZI, Sandro Benedito; LUCONI JR., Wilson; LAFORGA, Gilmar. **Educação e socioeconomia solidária: processos organizacionais socioeconômicos na economia solidária**. Cáceres-MT: Editora Unemat, 2009.

ZEIFERT, Luiz Paulo. **A exclusão social na Grécia clássica e a postura dos sofistas: repercussões nos processos emancipatórios contemporâneos**. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

ZIMMERMANN, Rainer E.; SCHÜTZ, Rosalvo. **Crítica e utopia: perspectivas brasileiras e alemãs**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

ZONIN, João. Wilson. **Transição agroecológica: modalidades e estágios na região metropolitana de Curitiba**. Tese em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Curitiba: UFPR – Universidade Federal do Paraná, 2007.

KINDLE BOOKS:

OWEN, Robert. **Uma nova sociedade: ensaio sobre a formação do caráter humano**. Portuguese Edition. Tradução de Flávio Gomes da Silva Lisboa, 23 de março de 2021 (1817), eBook Kindle.

REGINO, Sueli Maria de. **Enuma Elish: o poema mesopotâmico da criação**. Goiania: UFGO, 2019 (séc. XVI a.c.) e.book Kindle.

WEBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Olga Maria de Azevedo. **Utopias realizadas: da New Lanark de Robert Owen à Vista Alegre de Pinto Basto**. Dissertação. Porto: Universidade do Porto, 2010. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/55238?locale=pt>> Acesso em 23/06/2021.

ARAÚJO, Alessandro Faria. Owen e Cook, um pequeno ensaio sobre a origem da economia solidária e do turismo rural. Mal. Cândido Rondon: **III Seminário Internacional de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável & IV Workshop Internacional Pesquisa e Resiliência Ambiental**, novembro de 2022. Disponível em: < https://server2.midas.unioeste.br/-/sgev/eventos/IIISIPGDRS/anais?-fbclid=IwAR1hN5ejQ-dUU0HtZmXKe8-13Aa2xeq6jxV8xNSmvQRF_n-YJ2aZx48uQ67rw> Acesso em 13/01/2023.

ARAÚJO, Alessandro Faria; FONTANA, Rosislene de Fátima. Convergências utópicas entre a economia solidária e o turismo rural: uma revisão sistemática. Londrina: **I Congresso Internacional de Turismo Rural e Ruralidades, XII Congresso Brasileiro de Turismo Rural, III Congresso Brasileiro da Guerra do Contestado, XXXVII**

Semana de Geografia da UEL – “Tempos de pouco pasto e muito rastro no meio rural”, Universidade Estadual de Londrina, novembro de 2021. Disponível em: <<http://anais.uel.br/portal-/index.php/turismorur-al/article/view/1505>> Acesso em 24/12/2021.

ARAÚJO, Alessandro Faria; FONTANA, Rosislene de Fátima. Utopian convergences between solidary economy and rural tourism: a systematic review. Recife: **International Journal of Management – PDVG**, v. 2, n. 2, pg. 1-12, set-2022. Disponível em: <https://ijm-pdvg.institutoidv.org/index.php/ijm/article/download-d/3-3/29>.> Acesso em 07/11/2022.

ARAÚJO, Alessandro Faria; HANZEN, Márcia; FONTANA, Rosislene de Fátima. Perfil socioeconômico e estrutural em rota de turismo rural: uma pesquisa quantitativa. Mal. Cândido Rondon: **III Seminário Internacional de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável & IV Workshop Internacional Pesquisa e Resiliência Ambiental**, novembro de 2022. Disponível em: <https://server2.midas.uni-oeste.br/sgev/eventos/IIISI-PGDRS/anais?fbclid=IwAR1hN5ejQdUU0HtZmXKe813Aa-2xeq6jxV8xNSmvQRF__nYJ2aZx48uQ67rw> Acesso em 13/01/2023.

ARNAUT, Luiz. **Petição cartista, Inglaterra (1838)**. Belo Horizonte: Departamento de História e Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, fonte 1976. Disponível em: <<https://www.fafich.ufmg.br/~luarnnaut/cartism.PDF>> Acesso em: 17/02/2023.

BELEMA, Luis Armijo A.; BRAVO, Elsa Flor O.; CUESTA, Patricio Alejandro S.; VELÁSQUEZ, Alex Vladimir; ORDÓÑEZ, Álvaro Andrés. Los emprendimientos gastronómicos en las parroquias rurales de ecuador, a través de la economía popular y solidaria. Caso de estudio. **ESTUDOS DEL DESARROLLO SOCIAL: CUBA Y AMÉRICA LATINA**, Vol. 7, N. 3, sep-dec, Universidade Estatal Amazonia, Puyo, Pastaza, Ecuador, 2019. Disponível em: <<http://www.revflacso.uh.cu/index.php/EDS>> Acesso em: 20/06/2021.

BERMEJO, José Carlos. Mitología clásica y antropología. Sevilla: **Revista Habis**, Universidad de Sevilla, v.29, 1998, p. 335-347. Disponível em: <<https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/30173/Mitologia%20clasica%20y%20antropologia.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 05/02/2024.

BOTELHO, José Francisco. Prometeu, o inventor da humanidade: o mais sábio dos titãs foi também o mais visionário. Criou o homem a partir do barro, presenteou-o com as artes e as ciências – e pagou caro por isso. São Paulo: **Abril-Superinteressante**, 2019. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/prometeu-o-inventor-da-humanidade>> Acesso em: 23/02/2024.

CAPITALISMO INDUSTRIAL. In **Wikipédia – A enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo_industrial> Acesso em: 27/04/2023.

CGN. Turismo rural é a grande aposta pós-pandemia. Cascavel: **CGN**, 20/05/2021. Disponível em: <<https://cgn.inf.br/noticia/424754/turismo-rural-e-a-grande-aposta-pos-pandemia>> Acesso em: 03/07/2021.

CONTI, Bruna Ranção; ANTUNES, Diogo de Carvalho. Turismo e economia solidária: uma aproximação relutante. **Revista Rosa dos Ventos: Turismo e Hospitalidade**, Universidade de Caxias do Sul, vol. 12, n. 1, p. 106-128, 2020. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/4735/473563286008/html/>> Acesso em 17/05/2022.

CORBARI, Fábio. **Transição agroecológica: um estudo de experiências no Brasil e no México**. Tese em Desenvolvimento Rural Sustentável. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2020. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/5334/2/F%c3%a1bio_Corbari_2020.pdf> Acesso em: 14/03/2023.

DA LUZ, Jéssica Becker; FARIÑA, Luciana Oliveira de; FONTANA, Rosislene de Fátima. O potencial turístico das agroindústrias no meio rural do município de Cascavel/PR, Brasil. Índia: **International Journal of Development Research**, v. 10, ed. 12, p. 43008-43011, dezembro de 2020. Disponível em: <<https://www.journalijdr.com/sites/default/files/issue-pdf/20469.pdf>> Acesso em: 13/03/2021.

DAGNINO, Renato. **Tecnologia social: ferramentas para construir outra sociedade**. 2.^a Ed. Campinas – SP: Komedi, 2010. Disponível em: <https://cdt.unb.br/images/CEDES/2010_FERRAMENTA_TEC_SOCIAL_LIVRO.pdf> Acesso em: 26/05/2021.

DAVIES, R. E. **The life of Robert Owen: philanthropist and social reformer**. London: Robert Sutton, 1907. Disponível em: <<http://ia802703.us.archive.org/34/items/lifeofrobertowen00daviuoft/lifeofrobertowen00daviuoft.pdf>> Acesso em: 13/10/2022

DIAS, Luiz Carlos. O “mito” do desenvolvimento rural da microrregião de Toledo no oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon: **Unioeste/PPG.DRS**, 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/Luiz_Dias_2022.pdf> Acesso em: 27/03/2024.

DIJKUM, Cor van. A methodology for conducting interdisciplinary social research. Utrecht: **Elsevier – European Journal of Operational Research**, vol. 108, p. 290-299, 2001. Disponível em: <[file:///C:/Users/user/Downloads/A_methodology_for_conducting_interdiscip%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/A_methodology_for_conducting_interdiscip%20(1).pdf)> Acesso em: 12/04/2020.

ENDLICH, Angela Maria. Sobre a Utopia: uma resenha. Barcelona: **REVISTA BIBLIOGRÁFICA DE GEOGRAFÍA E CIENCIAS SOCIALES**, Vol. XXI, Nº 1.165, 15 de

julho de 2016. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-1165.pdf>> Acesso em 25/04/2021.

ENUMA ELISH. **Wikipédia – A enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Enuma_Elish> Acesso em: 18/01/2024.

FONTANA, Rosislene de Fátima. **Desenvolvimento do turismo rural no norte do Paraná: estudo de caso da Fazenda Ubatuba, Apucarana, PR**. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade). São Paulo: Universidade Anhembi/Morumbi, p. 25, 2005. Disponível em: <https://portal.anhembi.br/wp-content/uploads/202-2/05/rosilene_fontana.p-df> Acesso em: 15/12/2022.

FONTANA, Rosislene de Fátima; DENCKER, Ada de Freitas Maneti. Turismo rural na Fazenda Ubatuba: panaceia ou utopia? Rio de Janeiro: **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/Intercom**, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, setembro, 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/606040031-53773768258-65994032921410-161.pdf>> Acesso em 05/04/2023

FONTANA, Rosislene de Fátima; SANTOS, Jean Carlos Vieira. La hospitalidade com patrimônio del turismo en el espacio rural. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, vol. 1, n. 4, p. 86-100, abril de 2021. Disponível em: <<https://www.eumed.net/es-/revistas/contribuciones-ciencias-sociales/abril-2021/patrimonio-turismo>> Acesso em: 15/03/2022.

FONTANA, Rosislene de Fátima; SANTOS, Jean Carlos Vieira; FONTANA, Alan Charles. Hotel fazenda enquanto contributo para o desenvolvimento rural sustentável: um ensaio teórico. **Revista TURIDES: Turismo y Desarrollo**, n. 28, p. 251-264, junho de 2020. Disponível em: <<http://anais.uel.br/portal/index.php/sinagget/article/view/381/364>> Acesso em: 15/03/2022.

GALVÃO, Cláudia Ferreira; NASCIMENTO, Flávio Martins. Hedonismo e lazer: considerações sobre a busca do prazer na atividade turística. Buenos Aires: **ACADEMIA.EDU/Universidade de Buenos Aires**, 2005. Disponível em: <HEDONISMO E LAZER: CONSIDERAÇÕES SOBRE A BUSCA DO PRAZER NA ATIVIDADE TURÍSTICA> Acesso em: 23/05/2021.

Karl Popper. The logic of scientific discovery. In. Popper, Karl. Quotes. In. Goodreads, 2024. Disponível em; <https://www.goodreads.com/author/quotes/349707.Karl_Popper.> Acesso em: 15/03/2222.

Goodreads, 2024. Karl Popper. The logic of scientific discovery. In. Popper, Karl. Quotes. In Disponível em; <https://www.goodreads.com/author/quotes/349707.Karl_Popper.> Acesso em: 15/03/2222.

GORRESIO, Zilda. Da natureza e do inconsciente coletivo. São Paulo: **Junguiana**, v. 35, n. 2, 2017. Disponível em: < [HEILBRONER, Robert. **História do pensamento econômico**. Trad. Therezinha e Sylvio Deutsch São Paulo: Círculo do Livro, 1996. Disponível em: <<https://www.projetos.unijui.e-du.br/economia/files/HPE.pdf>> Acesso em: 15/07/2021.](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252017000200007#:~:text=Para%20ele%20n%C3%A3o%20h%C3%A1%20um,invis%C3%ADvel%22%20(1797%2C%20pp.> Acesso em 06/03/2016.</p>
</div>
<div data-bbox=)

HOMÚNCULO. **Wikipédia – A enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Hom%C3%BAnculo>> Acesso em: 18/04/2024.

KAUTSKY, Karl. Thomas More and his Utopia. 1888. Trad. Henry James Stenning in 1927. Transcribed by Ted Crawford for **Marxists.org**, may, 2002. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/kautsky/1888/more/index.htm>> Acesso em: 26/07/2023.

KORSTANJE, Maximiliano. El Covid-19 y el turismo rural: una perspectiva antropológica. **Dimensiones Turísticas**, v. 4, número especial: Turismo y Covid-19, p. 179-196, setembro de 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47557/CKDK5549>> Acesso em: 23/03/2021.

LEAL E SILVA, Rafael Egídio. Sobre a crítica dialética da Utopia de Thomas More: um livro proibido? **Revista Espaço Acadêmico**. V. 16, n. 186 (2016). Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index-.php/EspacoAcademico/article/view/34087-17828>> Acesso em 23/09/2020.

LIRA, David Pessoa de. O mito de Θεύθ [theuth]: estudos mitopoiéticos do diálogo platônico de Phaedrus. Recife: **Eutomia**, n. 16, v.1, p. 22-45, 2015. Disponível em: <file:///C:/User/u-ser/Downloads/amandaborges,+CONEX%C3%95ES_David+Pessoa+de+Lira_p.22-45.pd-f> Acesso em 04/04/2024.

MATTOSO, Kátia M. de Q. **Textos e documentos para o estudo de História Contemporânea**. São Paulo: Edusp, 1976. Disponível em: < <https://www.fafich.ufmg.br/~luarnaut/cartism.PDF>

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Mapa brasileiro de turismo responsável**. Brasília: MinTur/Detur-UFRJ, 2022. Disponível em: <<https://paineis.turismo.gov.br/sense/app-/6c7ee682-c424-4b78-b98a-5bf04e66309f/sheet/344fb0ee-776d-44f6-94e5-405c3c62-5638/state/analysis>> Acesso em: 17/01/2024

MITOLOGIA GREGA. **Wikipédia – A enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mitologia_grega> Acesso em: 14/03/2024.

MORA-FORERO, Jorge Alexander; NIETO-MEJIA, Alvelayis Nieto. Analysis of the solidarity economy in rural tourism. Universidad Nacional da Colombia: **Revista DYNA**, 90(228), pp. 74-82, Gerenciamento de Projetos Especiais, setembro de 2023. Disponível em: <[file:///C:/Users/user/Downloads/Dialnet-AnalysisOfTheSolidarityEconomyInRuralTourism-9081136%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/Dialnet-AnalysisOfTheSolidarityEconomyInRuralTourism-9081136%20(2).pdf)> Acesso em: 05/09/2023.

MORA FORERO, Jorge Alexander; MEJIA, Alvelayis Nieto. Economía solidaria y apropiación del turismo rural comunitario: estudio de caso Sibateando. **LA RAZÓN HISTÓRICA**, Revista hispano-americana de Historia de las Ideas, Vol. 56, p. 194-208, 2002. Disponível em: <[file:///C:/Users/user/Downloads/LRH%-2056.11%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/LRH%-2056.11%20(2).pdf)> Acesso em: 24/08/2023.

MOSTAFANEZHAD, Mary. Organic Farm volunteer tourism as social movement participation: a Polanyian political economy analysis of World Wide Opportunities on Organic Farms (WWOOF) in Hawaii. Havaí: **Journal of Sustainable Tourism**, 24:1, p. 114-131, 2016. Disponível em: <[file:///C:/Users/user/Downloads/Organic_Farm_Volunteer_Tourism_as_Social%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/Organic_Farm_Volunteer_Tourism_as_Social%20(1).pdf)>

NEW HARMONY INN. **Find your way back to quiet**. New Harmony, Indiana, abril de 2006. Disponível em: <<https://newharmonyinn.com/pdf/NHIPressKit.pdf>> Acesso em: 23/04/22.

PANDORA. **Wikipédia – A enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandora>> Acesso em: 04/11/2023.

POPPER, Karl. Popper quotes. **GOODREADS**, 2024. Disponível em: <https://www.goodreads.com/author/quotes/349707.Karl_Popper?page=4> Acesso em: 04/03/2024.

PROMETEU. **Wikipédia – A enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Prometeu>> Acesso em: 07/11/2023.

QUADRATURA DO CÍRCULO. **Wikipédia – A enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Quadratura_do_c%C3%A9rculo#Refer%C3%Aancias> Acesso em: 07/02/2024.

QUYNH NGA, Vo Thi. Community-based tourism and destination attractiveness: from theory to practice. Danang, Vietnam: University of Danang, **Journal of Tourism, Hospitality and Sports**, 2020. Disponível em: <<https://iiste.org/Journals/index.php/JT-HS/article/view/52675/54437>>

ROSALEN, Karina. Agroecologia: o que é, como surgiu e qual a importância para a agricultura? **i.fope/EDUCACIONAL**, 2022. Disponível em: <<https://blog.ifope.com.br/-agroecologia-2/>> Acesso em: 10/05/2024.

SALVADORI, Sergio Luiz. **Potencial turístico de agroindústrias familiares como opção de desenvolvimento rural sustentável no município de Guaraniaçu, PR**. Marechal Cândido Rondon: Unioeste, dissertação, 2019. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/h-/tede/578/simple-search?query=&sort_by=score&order=desc&rpp=10&filter_1=subject&filter_type_1>equals&filter_value_1=Sustentabilidade&filter_field_2=advisor&filter_type_2>equals&filter_value_2=Fari%C3%B1a%2C+Luciana+Oliveira+de&etal=0&filtername=subject&filterquery=Agroind%C3%BAstrias&filtertype>equals> Acessado em: 13/07/2022.

SANCHES, Fernanda Cristina. **Turismo rural sustentável: uma análise das práticas de sustentabilidade ambiental de empreendimentos do oeste do Paraná**. Dissertação. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus de Toledo, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, 2015. Disponível em: <<http://tede.unioeste.br/bitstream/tede-1815/1/Fernanda%-20Cristina%20Sanches.p-df>> Acesso em: 15/11/2021.

SANDARS, N. K. Enuma elish. Tradução. **mkmouse.com.br.**, 2013. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12648779/enuma-elish-mito-babilonico-da-criaç-aopdf-mkmousecombr>> Acesso em 03/04/2023.

SANTOS DA SILVA, Francisca de Paula (Org.). **Turismo de base comunitária e cooperativismo: articulando pesquisa, ensino e extensão no Cabula e entorno**. Salvador: Eduneb, 2013..

SCHMIDT, Carla Maria; TOMIO, Marialva; ALVES, Demko; JOSMARY, Karoline; ROSSI, Flaviana. O empreendedorismo coletivo no contexto do turismo rural sustentável: uma experiência no sul do Brasil. **PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. Vol.14, N. 5. Tenerife: Universidade de La Laguna, 2016 (p. 1161-1174). Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/881/88147717007.pdf>> Acesso em 15/11/2021.

SERI, Andrea. The role of creation in Enuma Elish. *Journal of Ancient Near Eastern Religious*, v.12, 2012, p. 25-26. In. **Airtonjo.com**. Blog Observatório Bíblico, 14/11/2019. Disponível em: <<https://airtonjo.com/blog1/2017/10/imp-ortancia-das-varias-criacoes-no.h-tml>> Acesso em: 05/03/2024.

SILVA, Cláudio Rodrigues da; DAL RI, Neusa Maria. Princípios educativos comuns e transcendentais em movimentos sociais de trabalhadores: owenista, cartistas britânicos e movimentos dos trabalhadores rurais sem-terra. São Paulo: PUC-SP, **e-Curriculum**,

2019. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/3708-9>>.

SILVA, Emerson Ferreira. **Entre ideologias e utopias: visões de mundo dos agricultores agroecológicos do assentamento Celso Furtado em Quedas do Iguaçu-PR**. Dissertação. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, PPG.DRS, 2018.

SINGER, Paul. **Economia solidária contra o desemprego**. São Paulo: Folha de São Paulo, 11 de julho de 1996. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/7-/-11/opiniaio/9.html>> Acesso em 07/05, 2015.

STRINGFIXER.COM. **Robert Owen**. Stringfixer.com, 2021. Disponível em: <<file:///C:/Users/us-er/Documents/APRIMEIRO%20semestre%202021/a.OWEN/Robert%-20Owenmh-tml>> Acesso em: 10/05/2022.

THOMAS COOK. In: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Thomas_Cook&oldid=-61754836>. Acesso em: 11/09/2022.

TRENTINI, Michele; ROMANO, Marcos. **Small Land/Piccola terra**. Soggetto e ricerca de Mauro Varotto e Lucas Lodatti. Padova: Università de Padova, Trozdem, 2012. Disponível em: <https://www.goodreads.com/author/quotes/349707.Karl_Popper> Acesso em: 14/08/2022.

TOMIO, Marinalva; SCHMIDT, Carla Maria. Governança e ações coletivas no turismo regional: e experiência dos empreendedores da região oeste do Paraná. **Revista TURISMO: VISÃO e AÇÃO**. Vol. 16, N.3. Camboriú: UNIVALI, 2014 (pg. 710-739). Disponível em: < <https://siaiap32.univali.br/seer/index-.ph-p/rtva/article/view/7747>> Acesso em 10/11/2021.

UHLMANN, Günter Wilhelm. **Teoria geral de sistemas, do atomismo ao sistemismo: uma abordagem sintética das principais vertentes contemporâneas**. Versão pré-print. São Paulo: Instituto Siegen, 2002.

VAROTTO, Mauro; LODATTI, Luca. Novos agricultores familiares para terras abandonadas: a adoção de terraços nos alpes italianos (Vale do Brenta). **MOUNTAIN RESEARCH AND DEVELOPMENT**, Vol. 34, Ed. 4. Universidade de Pádua, Departamento de História e Geografia, Ciência e Mundo Antigo, Pádua, Itália, pg. 315-325, 2014. Disponível em: <<https://bioone.org.ez89.periodicos.capes.gov.br/>> Acesso em: 20/06/2021.

VIEIRA, Jorge de Albuquerque. ORGANIZAÇÃO E SISTEMAS. **Informática na educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, 2000. DOI: 10.22456/1982-

1654.6363. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index-.php/InfEduc-TeoriaPratica/articlle/view/6363>. Acesso em: 7 maio. 2022.

ZANCO, Alcidir Mazutti. Da utopia a realidade: oportunidades e desafios do cooperativismo solidário no Brasil na perspectiva dos associados. Marechal Cândido Rondon: **Tese do PPG.DRS, Unioeste**, 2020. Disponível em: <[https://](https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/7217/2/Alcidir_Zanco_2022.pdf)> (SANTOS DA SILVA, 2013, p. 33)Francisca de Paula (Org.). Turismo de base comunitária e cooperativismo: articulando pesquisa ensino no Cabula entorno. Salvador: EDUNEB, 2013, p. 33.)tede.unioeste.br/bitstream/tede/7217/2/Alcidir_Zanco_2022.pdf> Acesso em 14/06/2024.

WELLS, Herbert George. Utopias. Indiana: **DEPAUW University. Science Fiction Studies**, n.27, v. 9, part. 2, julho de 1982. Disponível em: <<https://www.depauw.edu/sf-s/d-ocuments/wells1.htm>> Acesso em: 22/03/2021.